



Silvio Meira

O ouro do Jamanxim

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

357

ism Instituto
Silvio Meira

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O *Ouro do Jamanxim*, de Silvio Meira, é um marco da literatura amazônica e da denúncia social no Brasil. A obra mergulha na violenta corrida do ouro no sudoeste do Pará, expondo o impacto da mineração sobre a floresta, as populações locais e os trabalhadores empurrados para um sistema de exploração implacável. Ao entrelaçar ficção e realidade, Meira revela as engrenagens de uma economia predatória e suas consequências sociais e ambientais.

Premiado pelo Instituto Nacional do Livro e pela Academia Brasileira de Letras, o romance se destaca pela força literária, pelo olhar crítico e pela atualidade do tema.

Esta nova edição, lançada no contexto das discussões da COP 30, reforça a relevância de uma narrativa que permanece urgente: a luta pela Amazônia viva, justa e respeitada. Uma leitura essencial para compreender as raízes da devastação e os caminhos possíveis da resistência.

O ouro do Jamanxim



Senado Federal

Mesa

Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre

Presidente

Senador Eduardo Gomes

1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa

2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro

1ª Secretária

Senador Confúcio Moura

2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato

3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira

4º Secretário

Suplentes de secretário

Senador Chico Rodrigues

Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus

Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues

Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque

Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flavia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Caichiolo

Esmeraldina dos Santos

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Vaz Chervenski

Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

Silvio Meira

O ouro do Jamanxim



Edições do Senado Federal
vol. 357

Brasília, 2025



Edições do Senado Federal, vol. 357

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Arquivos cedidos pelo Instituto Silvio Meira (ISM)

Organização e revisão: Cristiano Ferreira

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

Secretaria de Editoração e Publicações

Capa: Leonardo Matoso

Imagem da capa: *Rio Jamanxim*, Felipe Werneck, Ibama, 2017

Projeto gráfico: Eduardo Franco e Leonardo Matoso

Diagramação: Eduardo Franco

Revisão: Marília Coelho

Revisão técnica: Bárbara Tavares

© Senado Federal, 2025

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

Meira, Silvio A. B., 1919-1995.

O ouro do Jamanxim / Silvio Meira. — Brasília : Senado Federal, 2025.

256 p. — (Edições do Senado Federal ; v. 357) (COP 30)

ISBN: 978-65-5676-670-6

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Literatura, Brasil. 3. Romance, Brasil.
I. Título. II. Série.

CDD 333.72

A
FERNANDO e
HENRIQUE
meus filhos

Eu me voltei para outras coisas,
e vi as calúnias que se passam debaixo do sol,
e as lágrimas dos inocentes
e que ninguém os consolava;
nem eles podiam resistir à violência dos que os vexavam,
destituídos de todo o socorro.
E louvei mais os mortos do que os vivos.

Eclesiastes, IV, 1-2

Apresentação da Coleção COP 30



A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP 30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede dessa conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP 30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nosso povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça



social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatem memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação, de forma justa e equitativa. Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP 30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP 30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra*, *30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Náufragos do Carnapijô*, *O Ouro do Jamanxim* e as versões adulta e infantil da *Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. Inclui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazonidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP 30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

Nota da edição de 1974



Publicando este romance, *O Ouro do Jamanxim*, Silvio Augusto de Bastos Meira não o faz como um desconhecido nas letras. Ao conquistar em 1970 o Prêmio Odorico Mendes, da Academia Brasileira de Letras, pela tradução direta do alemão do clássico *Guilherme Tell*, de F. Schiller, Silvio Meira já evidenciava o escritor que nele vivia, ao lado do jurista que sempre foi na cátedra universitária, no exercício da advocacia ou ainda em seus numerosos trabalhos de especialista em Direito, publicados em livro. Traduziu também diretamente do alemão *o Fausto* de Goethe, já em 2ª edição, recebendo, por suas obras germanísticas, a mais alta comenda do Governo da República Federal da Alemanha (*Verdienstkreuz*).

Nascido em Belém do Pará a 14 de maio de 1919, filho do casal José Augusto Meira Dantas e Anésia de Bastos Meira, fez estudos primários, secundários e superiores em sua cidade natal, bacharelando-se em Direito em 1942. Obteve o título de laureado por suas notas distintas em todo o curso jurídico. Foi orador da turma. Ingressando no magistério superior em 1947, como professor de Direito Civil e depois de Direito Romano (1955), Silvio Meira passou a desenvolver desde então intensa e constante atividade intelectual no campo específico do Direito, tendo sido consultor-geral da Prefeitura de Belém, diretor da Junta Comercial, deputado à Assembleia Legislativa paraense (líder da maioria) e consultor-geral do Estado, além de participar de cursos de aperfeiçoamento na Alemanha e na Itália, onde estagiou em 1957 e 1962, respectivamente. Contribuiu como líder de bancada, aos 28 anos, para a elaboração da Constituição Política do Estado, de 1947, e, depois, para a redação da Constituição de 1967.

Advogado militante, mas sem abandonar o cultivo criador das letras jurídicas, Silvio Meira conta com extensa bibliografia nesse campo básico de sua formação, destacando-se principalmente valiosas contribuições ao estudo do Direito Civil e Romano, em que é considerável seu renome de especialista, a revelar a perspectiva altamente erudita de seu espírito e



saber. Homem profundamente integrado na vida amazônica, sobretudo paraense, no que ela tem de específico, de regionalista, de características próprias, Silvio Meira conhece a região como poucos, inclusive nos seus aspectos sociais de relações entre o homem e o meio, fruto não só de sua passagem pela vida política do estado como ainda de sua já longa militância profissional de advogado.

Membro de numerosas instituições brasileiras culturais e jurídicas, portador de vários diplomas e condecorações (entre elas o Prêmio Teixeira de Freitas do Instituto dos Advogados Brasileiros, a Palma de Ouro da Universidade Federal do Pará, o diploma Al Mérito Acadêmico da Universidade Nacional Autônoma do México e a Cruz do Mérito em 1ª classe da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha), Silvio Meira é ainda diplomado pela Escola Superior de Guerra (1970), orador da Turma Rodrigues Alves, e exerce atualmente as funções de membro do Conselho Federal de Cultura e da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, além de ter participado de vários congressos e seminários no Brasil e exterior.

É membro da Academia Paraense de Letras, Academia Acreana de Letras (correspondente), Academia Norte-rio-grandense de Letras (correspondente), Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Sociedade Brasileira de Romanistas, Academia Médico-Social de São Paulo, Associação Interamericana de Direito Romano (Presidente), Instituto dos Advogados do Pará (Presidente).

A Assembleia Legislativa do Pará, a Câmara Municipal de Belém e a Municipalidade de Petrópolis lhe concederam diplomas de “Honra ao Mérito”. Foi agraciado com as medalhas culturais “Ruy Barbosa” (Governo Federal), “Pedro Teixeira” (Instituto Histórico e Geográfico do Pará), “Alfredo Chaves” e “Augusto Montenegro” (Universidade Federal do Pará), “Olavo Bilac”, “Oswaldo Cruz”, “Paulino de Brito” e “Pedro I” (Conselho Estadual de Cultura) e comemorativas da Justiça do Trabalho, do Tribunal de Contas, do Tribunal de Justiça do Estado do Pará e do Ginásio Paes de Carvalho.

Jornalista, acompanhou todo o Concílio Ecumênico Vaticano II em 1962, escrevendo para o jornal *Folha do Norte* numerosos comentários, que pretende reunir em livro, intitulado “Ecos do Concílio Ecumênico”.

Possui ainda o diploma do Conselho Municipal de Paris, Hommage de l'Acueil de Paris - Ami de Paris - recebida na Prefeitura de Paris, 1956, como

Presidente da Aliança Francesa em Belém e o título de Professor do Ano da Sociedade Paraense de Educação, 1959.

Este romance, que a rigor não constitui estreia na ficção, porquanto Silvio Meira é autor de dois outros de ficção histórica, *A Conquista do Rio Amazonas* e *A Epopeia do Acre*, já publicados, obteve menção honrosa no concurso de romance do Instituto Nacional do Livro em 1972.

Rio, dezembro de 1973

Silvio Meira romancista



Nesse momento em que estamos, todos, de atenção e olhos voltados para a Amazônia e para o que nela e à volta dela se passa de extraordinário, de inédito na História de nosso país, oferece singular interesse o romance de Silvio Meira, *O ouro do Jamanxim*, recentemente galardoado com uma significativa menção honrosa no concurso de ficção do Instituto Nacional do Livro. Ao lado do romance que vale como obra em si, há o documentário sobre a Amazônia, a que a particularidade do momento histórico que vivemos empresta uma significação toda especial.

Aliás, digamos logo, um aspecto não chega a se diferenciar do outro, porque o romance absorveu amplamente o documentário que, convenhamos, pela sua importância acidental e momentânea, poderia bem tê-lo empalidecido, senão limitado. E a conclusão da leitura de *O ouro do Jamanxim* é que o Silvio Meira que conhecemos, escritor, jurista, emérito tradutor de Goethe e de Schiller, apaixonado pelas coisas do espírito e pelas normas do Direito, laureado por inúmeras Universidades e professor de várias Faculdades, autor de trabalhos notáveis sobre o Direito Romano e suas fontes, sobre a Amazônia e seus problemas, sobre Economia e Política, também é um romancista – um autêntico romancista.

Assim ele o prova em *O ouro do Jamanxim*, em que nos conduz através da epopeia de seus personagens, principalmente do casal Cassiano e Rita, acompanhados de vultos próximos e amigos, como Juvêncio, Belmiro, Florêncio, Arminda, Bento e outros, enfrentando na sua busca de garimpeiros de ouro, primeiro, o drama da mata, da imensa floresta amazônica com seus perigos e segredos, sua força e sua traição, suas chuvas arrasadoras, seus índios hostis, suas feras à espreita, depois, na cidade de Santarém (à margem do Amazonas, na confluência do Tapajós, de que o Jamanxim é afluente), a busca febril, dantesca, de um hospital onde Rita, grávida, possa ser atendida de urgência, de modo a se salvar e à vida em perigo que traz dentro de si – façanha banal (uma simples cesariana), mas que os rigores



burocráticos, a insensibilidade de alguns homens e as asperezas da sorte tornam impossível, letal. A fatalidade, voltada contra os sonhos de Cassiano, não se detém nesses rigores e vai além, derrubando-o até mesmo em seus pequenos empreendimentos financeiros, devorados pela ambição e pela velhacaria de terceiros.

Em síntese, *O ouro do Jamanxim* é um duelo terrível entre o homem e a Amazônia ainda por se civilizar, narrado em cores vivas, quentes, sem adornos inúteis. Os fatos, os acontecimentos em si, pouco importam. O que pesa, realmente, é o ambiente, a mata hostil, a incompreensão de uns, a deslealdade de outros, o destino adverso. Mas o homem é forte, lendariamente forte – e aqui, mais uma vez, vale o testemunho de Euclides da Cunha. Obstinado, invencível em sua decisão de não se deixar abater, ele prossegue. E Silvio Meira conclui a história-gesta de seu derrotado e espoliado garimpeiro Cassiano: “perdera todas as benfeitorias, perdera as terras, perdera quase tudo, só lhe sobravam a canoa, o motor, e uns restos de dinheiro e de ouro que salvara do cofre, à última hora. Dariam ao menos para a passagem de volta. A volta, sempre a volta, para a casa, para o sertão, a morada dos ancestrais, acolhedora e generosa. O sertão, no seu peito quente, haveria de aconchegá-lo”.

Otávio de Faria
Rio, 10 de outubro de 1973

A Amazônia reconstituída



No salão de recepções do antigo Ministério do Trabalho, ao tempo em que o Ministério do Trabalho tinha sede na Guanabara, havia duas telas – provavelmente ainda lá estejam – que chamavam muito minha atenção. Eram da autoria do pintor Vicente Leite e representavam, uma, desoladora paisagem do Nordeste comburido pela seca, a outra, não menos desoladora paisagem da Amazônia acossada pela inundação. As duas telas como que se completavam contando a mesma história, ou estória, como dizem agora: a estória pungente dos nordestinos que emigram para a Amazônia fugindo ao flagelo das secas, para acabarem derrotados na Amazônia acossados pelo flagelo da inundação.

Sempre encontrei neste contraste enorme força de sugestão: a sugestão de transferir para o plano da literatura, numa obra de ficção, o drama a um tempo humano e telúrico que as duas telas me estavam contando em termos de pintura. Mas onde a garra para enfrentar o tema? Claro está que não topei o desafio. Consolava-me, porém, a circunstância de que a provocação ainda não fora aceita por ninguém. Eis senão quando aparece-me alguém que, por efeito da sugestão das telas de Vicente Leite, ou por efeito de suas próprias vivências no Nordeste e na Amazônia, topa a provocação e aceita o desafio. Este alguém, cujo nome convém ser guardado e memorizado, porque ainda dará muito a falar de si, chama-se Silvio Meira. É meu colega no Conselho Federal de Cultura, onde ambos exercemos a função de conselheiros, e consta ser também advogado, procurador do Estado do Pará e professor de Direito Romano. Mas, depois que li os originais do romance de sua autoria, *O ouro do Jamanxim*, sei de ciência certa, com um saber “todo de experiência feito”, que o que ele é mesmo é um notável romancista. O que, francamente, constituiu para mim a maior das surpresas.

Eu esperava encontrar no meu colega Silvio Meira como homem de letras uma continuação do advogado, do catedrático de Direito Romano, do relator de brilhantes pareceres no Conselho Federal de Cultura, talvez até um excelente ensaísta, nunca um ficcionista, nunca o romancista ágil e



descontraído que no seu modo macio e envolvente de narrar faz esquecer o conselheiro, o procurador, o professor.

O professor? Não, não é bem assim. O professor não desaparece de todo. Aparece vez por outra nas explicações didáticas de alguns fenômenos regionais da Amazônia e do Nordeste que, de outro modo, não seriam compreendidos por leitores não iniciados nos mistérios das duas regiões. Aqui, porém, não há as tiradas retumbantes dos que se desentranham em contorcionismos estilísticos à Euclides da Cunha, sem ter o talento de Euclides da Cunha. Nada disso. Aqui os relâmpagos e trovões, os mil ruídos da selva, a terrível orquestração dos mosquitos são mesmo produzidos pela natureza e não pelos clichês em que é fértil a literatura produzida na Amazônia e sobre a Amazônia. O único excesso em que talvez incorra o autor, que evita a ênfase a todo transe, é o de repetir as explicações. No mais, a comovente história, isto é, a estória de Cassiano e Rita, personagens centrais do drama, assim como a de Juvêncio e Arminda e as de todos os egressos do Nordeste e de todos os recantos do mundo que vieram tentar vida nova na Amazônia – garimpeiros, castanheiros, pescadores, regatões, aviadores, banqueiros, trapaceiros, árabes, alemães, gregos, turcos, americanos – flui como igarapé de verão em leito de cascalho. Por isto é um livro que prende de ponta a ponta e que se lê de uma assentada, sem poder parar. Para mim pelo menos a sua leitura valeu por um verdadeiro retorno à Amazônia que eu vi.

Sim, *O ouro do Jamanxim* deu-me cenas soberbas da região do Tapajós. Mais do que isto: devolveu-me à retina da lembrança quadros que o tempo ia esmaecendo. Porque Silvio Meira não é apenas narrador: é também pintor. As barrancas do Tapajós, os seus garimpas, os gaiolas, os regatões, as montarias a deslizarem de bubuia rio abaixo, os vaticanos a arfarem rio acima, os catraieiros à chegada dos navios, *Luz do Dia*, *Esperança*, intermináveis paredões de verdura a balizar o curso das águas, os caboclos e os curumins da beira do rio, olhos carregados de ternura humana, como nunca os vi mais impregnados de humanidade em nenhuma outra parte, enfim, toda a Amazônia vem reconstituída em *O ouro do Jamanxim*, de um autor chamado Silvio Meira, notável romancista e perfeito amazônida.

Vianna Moog

Rio, 25 de novembro de 1973

Prefácio

Como se fosse prefácio: O ouro do Jamanxim



Há quase cinquenta anos, Silvio Meira, jurista e literato brasileiro paraense, diria Gilberto Freyre, oferecia-nos um romance genuinamente amazônico. E, portanto – hoje, como ontem – global também.

Um caminho para o Brasil conhecer a si próprio. Retratos pungentes da Amazônia brasileira por meio das aventuras e desventuras pelo ouro do Jamanxim. Esperança e sina.

O ouro do Jamanxim leva leitores diferentes a perceberem brasis diferentes. Em um só. O romance revela, na escrita e na história, o contraste de regionalismos, percursos históricos, sotaques, falares e culturas.

O leitor cruza a fronteira entre brasis ao lado do próprio protagonista, Cassiano. Vai de um Brasil seco para um Brasil úmido. Ambos implacáveis. Partem Cassiano, sua esposa Rita e o bebê Riomar, que esperavam. Vêm do sertão do Seridó, embarcam no Recife, chegam a Santarém em busca de esperança por dias melhores. Descendentes de vidas secas.

“O sol tostara tudo no sertão do Seridó”. “Como um incêndio larvado, permanente, meses seguidos destruindo cada dia uma resistência e uma esperança”.

Toda noite, Cassiano interagiu com amigos que queriam emigrar. A maioria, para o sudeste. Para poucos, a missão de “encher os olhos”: explorar o ouro, o garimpo. No saquinho de ouro em pó nas mãos de um amigo de infância de seu pai, Juvêncio, Cassiano viu uma via de acesso à vida digna.

“Mudar de terra não é difícil. Difícil é a decisão.” Foram.

A coragem de Cassiano deve ser também a coragem do leitor. Silvio Meira, mesmo cinquenta anos depois, captura desde os nossos brasis urbanos – hoje da informação e da conexão instantânea – até o Brasil amazônico. Penetrar nele é questão sobrevivência solitária.

O romance revela a sina do ouro do Jamanxim. Descoberto no seio da impenetrável floresta. Indomada e indomável. Alcançável apenas mediante longa



jornada. Mantimentos eram despejados de avião, que não tinha espaço para aterrissar. Na solidão, buscavam o ouro sonhado – chave para vida melhor.

É também história de esperança. Cassiano representa o brasileiro invível, honrado, que “não era de farras, nem de bebedeiras”. Queria sair do garimpo com economias, melhorar de vida. “Ser gente”. Silvio Meira conduz o leitor ao lugar de Cassiano. As angústias de um jovem adulto, precocemente amadurecido pela rudez do sertão, casado, perseguindo vida digna para seu futuro filho.

A aventura que realiza com Juvêncio e seus companheiros é a companhia do leitor.

O leitor se envolve com Cassiano. Torce pela sua prosperidade, a de seus companheiros, de sua esposa e de seu bebê. Destrói-se qualquer maniqueísmo entre floresta e garimpo, pois o romance coloca o leitor na alma de quem vive a realidade daquele Brasil profundo.

Como ver vileza naquele que busca sua sobrevivência pelo trabalho? Não são dadas alternativas. Não existe nenhum senso de justiça. “Cada homem era ao mesmo tempo legislador, juiz e executor.” O jurista se encontra com o literato. Revela a sobrevivência pela autofagia. Perde a floresta. Perdem os amazônidas. Perdem os brasis. Perde o Brasil.

Tornar-se garimpeiro é equivalente à promessa que movia, por exemplo, o vaqueiro sertanejo. Desamparado, conquistava alguns bezerros, tornava-se fazendeiro e garantia uma vida melhor.

Formou a personalidade nômade, desapegada e individualista que marca um pouco do brasileiro hoje. Cassiano buscava o mesmo com o garimpo. Juntar um mínimo para alcançar sua liberdade existencial.

“Quero fazer um pé de meia e cair fora daqui. Morar em Santarém. Comprar uma propriedade no Baixo-Amazonas e viver em paz. Tenho mulher e já vem aí um filho.”

Hoje – como diz a exposição Vaqueiros do Museu da Cultura Cearense – o vaqueiro “é um assalariado como outro qualquer, e sua possibilidade de ascensão social é quase impossível. De pastor e cavaleiro do sertão, tornou-se sedentário ‘cuidador’ de gado.”

Assim como os vaqueiros, garimpeiros tornaram-se assalariados quaisquer.

Grandes mineradoras venceram o garimpo aventureiro do ouro com o passar dos anos. Resultado do que Cassiano já vinha notando antes: “não via nenhum garimpeiro rico. Todos pobres, miseráveis, morando em casa de madeira, coberta de cavaco, conforto nenhum.”

“Ricos eram os intermediários.”

Nos anos 70, assim como hoje, a Amazônia experimenta o que Roberto Mangabeira Unger chama de “primitivismo produtivo”. A ausência de estado real impede quaisquer possibilidades de crescimento e desenvolvimento sustentável. Políticas erráticas de ocupação e distribuição equivocada de renda aceleraram o desmatamento pela plantação da soja, pecuária e exportação de madeira ilegal.

Cinquenta anos depois, os garimpeiros deixaram de ser desbravadores. São funcionários de uma economia ilegal, paralegal, que assola a Amazônia.

São vistos como ameaças. O ouro do Jamanxim, nesses cinquenta anos, viu, além da sina de garimpeiros pobres, a morte de Chico Mendes, Dorothy Stang, José Cláudio Ribeiro, Maria do Espírito Santo e, mais recentemente, Dom Phillips e Bruno Pereira. Mártires que viram no garimpo descontrolado e na falta de estado uma ameaça para o Brasil e para o mundo.

A história de Cassiano revela que a solução não está em desconsiderar a alma dos brasileiros que lá vivem. Mas garantir-lhes a condição de viver em harmonia com a floresta.

Duas últimas observações finais. Ou melhor, duas recomendações.

Para ser grande jurista como foi, Silvio Meira teve que conhecer não somente as leis e as artes da advocacia. Mas também a realidade social que lhe cercou, com seus pés encharcados no Pará-Brasil. Direito é o conhecimento do ser, antes do dever ser.

Além disso, juristas, advogados, professores, magistrados, estudantes precisam ler mais. Ler além dos manuais. Ler além das ideologias e formalismo jurídicos. Ler analógica e digitalmente. Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, até de olhos fechados, ler.

Foi assim Silvio Meira.

Joaquim Falcão
com a colaboração de João Carlos Cochlar

Nota do Instituto Silvio Meira



Apresentar esta magnífica obra *O Ouro do Jamanxim*, escrita pelo meu avô Silvio Augusto de Bastos Meira, é, ao mesmo tempo, tarefa fácil, mas também tarefa difícil, pela ligação familiar e, ainda, profissional. Um agradecimento especial ao Conselho Editorial do Senado Federal por ter abraçado este projeto e este sonho com tanto carinho.

Este livro, que recebeu Menção Honrosa no Prêmio Nacional de Ficção pelo Instituto Nacional do Livro (INL), em 1972, faz parte da trilogia de romances amazônicos do autor, retratando, nesse caso, os problemas oriundos dos rios da Amazônia.

O autor desta obra é o saudoso professor Silvio Augusto de Bastos Meira, nome literário Silvio Meira, advogado, professor Catedrático e Emérito da UFPA, jurista, jurisconsulto, humanista, germanista, romancista, escritor. Homem de todas as letras. Filho do senador Augusto Meira com Anésia de Bastos Meira, nasceu em Belém do Pará no dia 14 de maio de 1919. Em 1924, iniciou os estudos primários no “Instituto Vieira”, concluindo em 1929. No ano seguinte, aos 11 anos, ingressou no Gynásio Paraense (Colégio Paes de Carvalho), onde organizou um jornal intitulado “Nihil”, com seis exemplares. Em 1935, aos 16 anos, termina o curso ginásial e realiza o curso pré-jurídico, quando inicia os estudos na língua alemã com a professora Otilia Müller Schumann. Aos 18 anos escreve seu primeiro livro, “A conquista do Rio Amazonas”, em que conta a história do navegador Pedro Teixeira e, aos 19, escreve seu primeiro romance “Mato Grande”, inédito até hoje, quando, também, teve publicado no importante “Jornal do Commercio” um trabalho sobre Frederico Schiller, de sua autoria. Em 1937, ingressa na Faculdade de Direito do Pará. Em 1940, ainda acadêmico de direito, realiza concurso para o Ministério do Trabalho, conquistando o primeiro lugar entre 400 candidatos, assumindo como secretário do Tribunal Regional do Trabalho. Gradua-se em Direito no ano de 1942, com o título de “laureado”, sendo o orador oficial da turma. Em 1943, desliga-se do Tribunal do Trabalho e é



nomeado diretor da Junta Comercial do Estado do Pará. Inscrito na OAB-PA sob o nº 305, foi advogado militante por mais de 30 anos. Completou seus estudos humanísticos com uma bolsa de estudos na Alemanha, na França e na Itália, nos anos de 1957 a 1962. Em todas as missões ao exterior manteve contato pessoal com eminentes romanistas, tendo várias de suas obras traduzidas para vários idiomas.

Projetou-se no Pará como legislador (constituínte de 1946), presidente da Comissão que elaborou o projeto da Constituição Política do Estado em 1947 e membro da que elaborou a de 1967; presidente da Comissão de Constituição e Justiça, contribuiu para a redação do Código Civil de 2002; presidente do Instituto dos Advogados do Pará (IAP) e vice-presidente da OAB-PA na gestão de Daniel Coelho de Souza e Egydio Salles. Silvio Meira também foi deputado estadual (líder da maioria), consultor-geral da Prefeitura de Belém, consultor-geral do estado, membro do Conselho Estadual (desde a sua fundação em 1969) e do Conselho Federal de Cultura (1971 a 1977), bem como 1º suplente de deputado federal e de senador da República.

Além dos inúmeros cargos que exerceu, era membro de várias entidades culturais, nacionais e estrangeiras, tais como a Academia Brasileira de Letras Jurídicas (fundador, na cadeira nº 5), Academia Brasileira de História, Instituto dos Advogados Brasileiros (em que foi Orador Oficial por muitos anos), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (e de vários estados, como o do Pará), Academias de Letras (Carioca, Pará, Acre, Paraíba, Alagoas e outras), Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, Sociedade Brasileira de Romanistas. Foi presidente da Associação Interamericana de Direito Romano, bem como membro honorário da Academia Paraense de Letras Jurídicas. Possui mais de cinquenta títulos e diplomas honoríficos, entre eles o diploma “Al Mérito” da Universidade Autônoma e da Universidade Veracruzana do México, “Palma de Ouro” da UFPA, “Ami de Paris”, do Conselho Municipal de Paris, “Medalha do Mérito” da Universidade Federal de Pernambuco, “Medalha Osvaldo Vergara” da OAB-RS, “Medalhas do Centenário de Rui Barbosa”, do Centenário de Plácido de Castro, Cidadão Carioca, pela Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, “Medalha José Veríssimo” da Academia Paraense de Letras, “Medalha Cultural Augusto Meira”, do Conselho Estadual de Cultura, Diploma de Cidadão Petropolitano e “Prêmio Clio” da

Academia Paulista de História (1991), entre tantos outros. Recebeu quatro prêmios da Academia Brasileira de Letras (Odorico Mendes, Aníbal Freire, Alfredo Jurzikowsky e a mais alta comenda cultural brasileira, a “Medalha Machado de Assis”, pelo conjunto da obra). Nas Letras Jurídicas, é o único paraense a receber as três maiores comendas do país: o “Prêmio Pontes de Miranda”, da Academia Brasileira de Letras Jurídicas (1980), o “Prêmio Teixeira de Freitas”, do Instituto dos Advogados Brasileiros (1971, indicado por 36 juristas) e o “1º Prêmio Brasília de Letras Jurídicas”, do Clube dos Advogados do Distrito Federal (1977). Nos anos 70, cursou a Escola Superior de Guerra, sendo orador da turma.

Como professor, em 1947 foi contratado para lecionar Direito Civil e, em 1955, começou a lecionar Direito Romano, conquistando a Cátedra da disciplina em 1958 com a tese “A Lei das XII Tábuas – Fonte do Direito Público e Privado”. Em 1989, foi elevado a professor Emérito da UFPA. Silvio Meira, sobretudo, era um germanista. A convite do governo alemão estudou e visitou as universidades de Bonn, Hamburgo, Berlim, Munique, Bochum, Heidelberg, Constanz, Instituto Max Planck, entre outras. Traduziu, do original, a obra-prima “Fausto” de Goethe, em versos rimados (5 edições), merecendo por essa tradução os aplausos de eminentes homens de letras brasileiros. Traduziu, também, o drama “Guilherme Tell”, de Frederico Schiller (2 edições), sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras. Sobre a cultura tedesca, ainda publicou a bela obra “Estudos Camonianos e Goethianos”. Pelas suas realizações no campo germanístico recebeu a mais alta comenda cultural alemã, a medalha “Verdienstkreuz”, a Cruz do Mérito da antiga República Federal da Alemanha, em 1ª classe. Sobre a tradução do Fausto feita por Silvio Meira, escreveu o saudoso Carlos Drummond de Andrade: “Não preciso dizer-lhe do interesse que me despertou a recriação, em vernáculo, da obra-prima alemã, interpretada com tanto escrupúlo intelectual e conhecimento de particularidades literárias, que tornam esse trabalho realmente digno de admiração”.

Silvio Meira publicou inúmeras obras nas áreas do Direito, nas da Literatura, como poesia, ensaio, biografia, tradução e romance, mais de duzentas monografias, artigos e conferências por todo o mundo e mais de quinze mil pareceres jurídicos. **Já tratamos**, por exemplo, das obras germanistas,

abordando a tradução do “Fausto” de Goethe e o drama “Guilherme Tell”, de Schiller, ambas premiadas como a melhores traduções para a língua portuguesa. Aliás, sobre o caráter germanista de Silvio Meira, assim pronunciou-se a saudosa escritora Racquel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um goethiano, cultor e tradutor do Poeta. Isso se compreende, pois as afinidades entre ambos são evidentes, como a multiplicidade de facetas intelectuais, que no paraense descobrimos na cátedra, na ciência, na linguística, na poesia, no romance. E cada qual tão merecedora de aplausos quanto a obra”. Mas Silvio Meira era, também, um romancista. Sua famosa trilogia “Os Náufragos do Carnapijó”, “O Ouro do Jamanxim” e “Os Balateiros do Maicuru”, que retratam a vida na Amazônia, eram obras obrigatórias nas escolas públicas do país pelo INL – Instituto Nacional do Livro. Aliás, sobre “O Ouro do Jamanxim”, pronunciou-se o grande Carlos Drummond de Andrade: “...belo e vigoroso romance O Ouro do Jamanxim. Ele nos permite visualizar, de forma dramática, a terra e o homem amazônico, através de uma história que cativa o interesse do leitor. Ficção que reflete a vida em movimento, e que por isso, a par do mérito literário, tem o valor de documento social e humano”.

No campo da história, Silvio Meira escreveu “A Conquista do Rio Amazonas”, “A Epopeia do Acre”, “Fronteiras Sententrionais: 3 séculos de lutas no Amapá”, “Fronteiras Sangrentas”, “Meditações sobre o Fausto de Goethe” (separata) e “Mato Grande” (inédito). Sobre a obra “Fronteiras Sangrentas”, assim comentou o saudoso intelectual Gilberto Freyre: “...o erudito admirável, cujo alto saber nunca se desprende das coisas mais nacionais do Brasil, que é o Prof. Silvio Meira”. No campo da poesia, publicou “Antologia Poética”, “Antologia de Poetas Alemães” (26 poetas), e os ensaios “Estudos Camonianos e Goethianos” – em que faz uma profunda análise comparativa entre o pensamento de Goethe e Camões –, “Andrés Bello e Teixeira de Freitas” e “A missão do orador”. Sobre as Antologias Poéticas, assim escreveu o saudoso escritor Octávio de Faria, imortal da Academia Brasileira de Letras: “Silvio Meira é um ser vivo e pulsante, ao mesmo tempo um romancista, e um poeta, um jurista e um ensaísta, um ser que vibra como todos ante tudo o que existe e se faz sentir no tremendo mundo em que vivemos. Apenas, e antes de mais nada, é um ser voltado para o que há de mais belo e de mais

nobre, para o passado mais clássico em cujo culto foi educado – e, digamos assim, esplendidamente educado”.

Na área do Direito, foi autor de inúmeras obras, artigos, conferências e trabalhos científicos ao longo da vida, especialmente na área romanista, os quais destacamos: “Curso de Direito Romano” (reeditado em 1996 pela LTr em edição comemorativa), “História e Fontes do Direito Romano”, “Instituições de Direito Romano” (um tratado, reeditado em 2017 pelo IASP), “Direito Tributário Romano” (reeditado em 2013 pela Ed. UFPA), “A Lei das XII Tábuas – Fonte do Direito Público e Privado” (sua tese de Cátedra), “Novos e Velhos Temas de Direito”, “O Direito Vivo”, “Noções Gerais de Processo Civil Romano”, “Processo Civil Romano”, “Temas de Direito Civil e Agrário”, “A vocação dos séculos e o Direito Romano”, “Alguns Casos Forenses”, “Direitos de ontem e de hoje”, “Rui Barbosa na Constituição de 1988”, “O Brasil e o Direito Romano”, “O Tribunato da Plebe em face do Direito Romano”, entre tantos outros. Suas obras foram publicadas pelas melhores editoras do Brasil e do exterior. Notabilizou-se com o lançamento das biografias dos dois maiores juristas do Brasil: “Clóvis Beviláqua – Sua Vida, Sua Obra” e “Teixeira de Freitas – O Jurisconsulto do Império”, ambas premiadas, deixando, ainda, a obra “Couto de Magalhães, o último bandeirante” (inacabada). Sobre a biografia de Teixeira de Freitas, assim escreveu o saudoso Afonso Arinos de Melo Franco, titular da cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras: “Agora, com este livro monumental sobre Teixeira de Freitas, o humanismo de Silvio Meira adquire nova dimensão, a de biografia, no seu sentido abrangente de ensaio jurídico, pesquisa histórica, reflexão social e compressão humana”. Silvio Meira compôs inúmeras bancas de mestrados, doutorados, cátedras e livre docências em diversas universidades da Europa e da América Latina, muitas delas na USP. Em 2017, a Universidade da Amazônia batizou a biblioteca do curso de Direito com o seu nome.

Silvio Meira casou-se com Maria José Martins Meira (*in memoriam*) e teve sete filhos, Aluisio, Maria Silvia, Arnaldo (*in memoriam*), Heloisa, Celso (*in memoriam*), Fernando (*in memoriam*) e Henrique. Dedicou-se também à arte, especializando-se em pintura na França. A música, que ele tão bem retratava no piano “Essenfelder” de cauda longa, também fazia parte dos seus *hobbies* desde a infância. Falava e escrevia fluentemente mais de oito

idiomas, entre eles o latim, alemão, francês, espanhol, italiano, inglês e grego. Silvio Meira faleceu no dia 31 de dezembro de 1995, em Londres/Inglaterra, depois de retornar de uma conferência em Bruxelas. Foi toda uma vida dedicada à cultura, ao trabalho, à família e à pátria.

André Augusto Malcher Meira

Presidente do ISM – Instituto Silvio Meira. Titular da Cadeira nº 2, ex-presidente e presidente honorário da ABD – Academia Brasileira de Direito. Titular da Cadeira nº 27 da APLJ – Academia Paraense de Letras Jurídicas. Mestre e doutor em Direito. Membro do IAP – Instituto dos Advogados do Pará. Professor Adjunto da Unama – Universidade da Amazônia. Advogado no Brasil e em Portugal.

Este romance se situa,
no tempo, na década de 1950.

Ao LEITOR:

Lembraí que este livro é um romance.

A ficção permitiu ao autor conceber figuras, fatos e localidades às vezes inexistentes na vida real.



As águas do rio Amazonas começam a crescer, a subir, alagando baixios, alargando paranás, penetrando nos furos, cercando tesos. Todos os anos repete-se, à mesma época, o fenômeno da luta desigual entre as águas e as margens planas, recobertas de verde, circundadas ao longe pelas matas densas. Ilhas ameaçam desaparecer. No Baixo Amazonas a enchente toma proporções imprevisíveis. Não tem a contê-las barrancos estáveis, em alguns lugares. Pelo contrário, por vezes a terra parece afundar, quase no mesmo nível do rio ou abaixo dele. Qualquer reforço arrasta a correnteza para várias direções nos locais mais pantanosos.

Cassiano, à porta de sua pequena casa de madeira, construída sobre esteios, contempla aquela massa líquida, amarela, lisa, às vezes encrespada pelo vento, e recorda os dez anos de vida na Amazônia, para onde viera em plena mocidade. As águas correm, correm sempre, sobem, ameaçam, nuvens se acumulam, ventos prometem tempo pior. Tudo bem diferente de sua terra natal, sempre presente na memória. Há também uma tempestade na sua alma, tempestade que vem de longe, muito longe, com mais de um decênio de progressão e furor.



Foi num dia de desgraça que resolveu deixar a terra em que nascera. O sol tostara tudo no sertão do Seridó, ressecando o solo, liquidando algodoais, eliminando roçados. Era um braseiro. Os últimos fios de esperança pareciam romper-se. Muitos emigravam. Ludovico para São Paulo, Bernardo para Minas Gerais, Cícero para o Rio de Janeiro, Afonso para a Bahia, Jacinto preferira Londrina, atraído por algumas reportagens coloridas que lera numa velha revista. Todos saíam. Os solteiros, os casados com as mulheres, os filhos. Só ficavam os velhos que não podiam locomover-se. O sol de repente se transformou no grande inimigo a causticar roçados e consciências.

O último laço que o ligava à gleba acabara de romper-se. Morreria a mãe, quase de inanição. O pai há muito não existia. Vários parentes se haviam retirado também. Para que ficar? Guardava na memória palavras ouvidas na infância, de um tio, Gregório, que viera para a Amazônia e aí enriquecera no comércio da borracha. Água, muita água, verde, muito verde, era o seu sonho. Haveria de alcançar um lugar no mundo em que não precisasse de ficar dias inteiros olhando o céu à procura de nuvens ou vasculhando o horizonte onde só raramente se abria um relâmpago.

– Vamos embora, Cassiano! – parecia ouvir o eco da voz do tio defunto, quando, há muitos anos, o incentivava a deixar o sertão. – Vamos embora, que o sertão não dá mais nada, não!

Não dá mais nada, não! Que poderia dar-lhe mais aquela aridez total, estranguladora, asfixiante, um mapa de desolação e tristeza?

Tão novo ainda, já casado, Rita era o seu único arrimo, que não deixava a alma desabar de todo. Sustentava-lhe o ânimo como se fossem esteios vivos, protetores. Ela era os esteios de sua alma. A companheira que encontrara naquele sertão, olhos claros, voz macia, sempre resignada, misturando tristeza com alegria. E assim recordava tudo, como se diz que ocorre com os afogados antes de morrer. A infância distante e remediada. O pai com pequeno comércio, o irmão no seminário, as primeiras aulas na escola de

Dona Teca. As letras se embaralhando nos olhos, os números se superpondo no porão da memória, os colegas, os bons e os maus, um barulhento e agressivo, provocador de lutas na rua, a cara partida, o sangue escorrendo, a compaixão de uns, a vociferação de outros. A infância. As pitombeiras devastadas. As férias no vale do Ceará-Mirim, o “rio azul” nada azul, de águas sujas e amarelas, a lagoa, a mata verde no inverno, a mesa farta, as corridas de cavalos, o engenho, os cambiteiros pelo “corredor” em fila chinesa, a casa de purgar, o açúcar. Tudo passava pelos olhos da imaginação rapidamente, mas sem deixar lacunas, fiel, firme, colorido. Tudo como se estivesse vivo. As pessoas, os animais, as próprias árvores da sua infância. O pé de jucá de tronco raspado, a casca medicinal transformada em chás. As madeiras-novas cobertas de ninhos de xexéus. As azeitoneiras carregadas de frutos roxos, balançadas pelo vento. O umbuzeiro de sombras largas. Como era bom recordar tudo aquilo! Um quadro perene, indestrutível...

A volta para o sertão marcava-lhe sempre na alma o vinco do contraste. Areia, só areia, xique-xique, cardeiros, mandacarus. Ora seco, como um Saara, ora verde, arremedando os vales, sem êxito. Ouvira falar, na infância, de grandes secas. A memória popular, julgava, devia exagerar a narração. Gente comendo carne de cachorro e raiz venenosa ou, segundo contavam, alguns casos de carne humana devorada pelo bicho-homem. Não, não acreditava no que diziam os mais velhos. O pai e o avô haviam vivido o drama. Seca total. Morte. Desolação. Gatos e cães sacrificados, tudo devorando tudo. Corpos chagados, disenterias provocadas pelo mau alimento, doenças terríveis. Nada de médicos, pois não havia. E os enfermeiros participavam do banquete funesto. Comensais sempre presentes.

Chegou um dia em que a história virou realidade. Um estio diferente dos que assistia todos os anos se apresentou sem qualquer cerimônia. Como um incêndio larvado, permanente, meses seguidos destruindo cada dia uma resistência e uma esperança. Primeiro venderam o jumento de carga, depois a vaca de leite, os restos de roçado comidos com voracidade. A mesa, antes farta, se ressentia de tudo, espelhava a ruína. Caminhões transportavam os desertores da luta. De nada adiantava procurar os vales úmidos, Ceará-Mirim, Maxaranguape, São José de Mipibu, zona açucareira, empestada toda ela de pobreza, inundada de retirantes dormindo nos alpendres (os

mais felizes), ou em estrebarias (os infelizes), ou debaixo de pé de pau (os desgraçados). Esses se alimentavam noite e dia de esperança. Era o seu pão, o seu maná. Sonhavam com o sertão verde e se nutriam. Dois dedos de mel de furo sustentavam o corpo. Mas os vales não comportavam mais gente. E trabalho? Andar pelas estradas, como mendigos? Melhor seria procurar São Paulo, os cafezais, mas quantos o fizeram e ficaram! Ou Minas, onde se dizia que havia leilão de gente em Montes Claros! Trabalhadores vendidos a dinheiro já era um começo de vida. Serviço nas fazendas, nova paisagem, um verde diferente, horizonte ondulado, nem quente nem frio. O difícil era o trato com o homem da região das Minas Gerais, desconfiado, fingidor, comerciante nato. Para enfrentá-lo só cearense do alto sertão. Astúcia aliada à coragem. Onde perdia a primeira ganhava a segunda. Faca de ponta garantia. Mineiro corria dela. Respeitava. Era o jeito. Em negócio franco havia que perder sempre.

Foi comido o roçado. Vendida a vaca. O boi. O jumento. Sobrava a casa deteriorada. A casa, enfim, o teto, já era uma grande coisa. Um bom começo. Casa velha vinda dos avós. Restos de relativa grandeza, transformada em lenda. Exagero. Tetravô rico, pelas estórias, todos tinham. O que se via eram faces encarquilhadas, roupas de enternecer, tão pobres. Olhares vidrados. Só tinham lampejos para as estórias passadas. Um avô rico. Fazendas. Ouro guardado, bem escondido em cofres, nos chãos das casas, que nunca se acharam. Um tio tentara encontrar o tesouro. Cavou tudo. A terra se levantou dentro de casa, buracos imensos. Primeiro na sala de visitas, assim chamada. Nada de tesouro, fecha tudo. Depois na sala de jantar, afastada a mesa, os bancos longos de madeira rústica, procura que te procura, nada de cofres, nem de moedas. Cava nos quartos, buracão maior, devia estar ali o tesouro, nada. No outro quarto, dita capela, alguns santos antigos, o pequeno altar avoengo, diabo de avô desconfiado, escondeu bem o tesouro, o ouro, o maldito ouro. Nada de encontrar. Tudo isso era a infância, restos de estórias, os parentes (quantos mortos!), os amigos (quantos ausentes!), as recordações, estas sempre fiéis, presentes, amigas consoladoras em todas as horas, companheiras indestrutíveis até o último minuto. Elas, as recordações, eram o bálsamo. Fugia de um mundo para outro, quase desencarnava, como dizia o amigo Severino, espírita convicto. “Cassiano por

vez parece que desencarna! Fica pensando na bezerra desmamada e desliga do corpo!”. Desligava mesmo, esquecia as carnes, voava para o passado, revivia, ressonhava, ressofria. Tudo assim à vontade, sem procurar ordem nem rumo, tudo vinha vindo como Deus queria, sem forçar nada, sem abrir caminho. Vinha vindo como vento que abraça todas as coisas lentamente, ternamente, sem dar aviso.

A grande seca deixou como saldo um ativo de desgraças: algumas maiores, como a perda, primeiro do pai, depois da mãe, e outras menores, bem menores, como a destruição dos roçados e a falência total. Pequenas estas desgraças diante de outras tão grandes, que formam ferida funda, dessas que não saram, que fingem fechar, de malvadas, mas reabrem a toda hora. Fora-se o pai. Para onde? Tios, cunhados, e até sobrinhos, geração nova, sem direito de morrer, morria. Morria mesmo, antes da hora. Esqualidez, pobreza, miséria, fome. Morria como pinto, queda pro lado, zás! Dor nas costas, tosse, disenteria, espinhela caída, dor do lado, catarro maldito, uma porção de doenças, nomenclatura pitoresca, que até alegrava os sintomas, aliviando um pouco a dor. E a terapêutica ancestral, chás de jucá, mandacaru, joá, folhas de malvarisco para inchação, meladas de vaselina, banha de porco, sebo de carneiro, sangue de boi em cima da perna filariosa, purgante de mamona, lavagem com folhas aromáticas, mastruço pisado, mel de abelha, gengibre para a garganta, mel de furo, bosta de boi seca, tudo isso aliado à cirurgia macha, à base de faca de ponta e agulha de coser saco, bofetão, a parteira sentada na barriga da parturiente para forçar o menino a nascer. E a cura pelo rastro, pela pisada na terra, cheia de benzedadeiras e rezas estranhas. Sobravam apenas os que não eram feitos de carne, mas de aço imitando carne. Sobravam secos, rijos, fortes, mas sobravam e se espalhavam pelo mundo.

Cassiano resolveu também se espalhar pelo mundo. Foi uma decisão amadurecida. Decisão tomada de mansinho, vinha de longe, da infância talvez, quando as palavras sonoras do tio Gregório se plantavam na sua alma, em covinhas, como quem planta milho em terra fresca. O tio fora e voltara. Abonado. Bem-vestido. Arrotando grandeza, o gesto aberto, a palavra firme, a esmola generosa. Só poder viver em uma terra onde não falta água já seria uma felicidade! Onde o capim não se faz palha, nem o céu é de fogo, mas de

plumas brancas viajeiras! Não, não seguiria o exemplo dos que buscavam São Paulo, Minas ou Paraná. Nada de frio, nem de arranha-céus. Seus amigos que procuraram o Rio acabaram porteiros de edifícios ou lavadores de carros. A notícia vinha. Alguns foram embarcações, chegaram gordos, luzidios, bem tratados, a marca da maresia na pele enrugada, falando atravessado, comentando aventuras de tantos portos percorridos, ora Leixões, ora Amsterdam, ora Nova Iorque, ora Hamburgo, histórias entremeadas de fêmeas louras, molhadas em *scotch*. Nada disso o atraía. Queria paz, sossego, terra fértil, água muita, inverno sempre, colheita farta, bolsa cheia, mesa sortida. E filhos, muitos filhos. Casa grande, todos crescendo. Sucesso repartido, Rita do lado, o esteio da sua alma. Sucesso a dois. Que poderia desejar de melhor? Mudava de terra. Acabava o sofrer. O sertão já dera o que podia dar. Fizera-se deserto, em volta a paisagem nua, sem perspectivas, miséria e fome aliadas, soltas pelo campo, de mãos dadas. Já chegava de comer palmito de carnaúba, que carne não se via mais. Só faltava roer os próprios ossos para deixar viver a alma, que o corpo não se aguentava. Era demais. Socorro não era de esperar, a não ser do céu de que falava o padre, pois o céu que via, limpo de nuvens, não dava mais esperança. Nenhuma. Até a esperança cansara de esperar.

Não bastava tanta desgraça da natureza. Os homens acrescentavam as suas. Compadre Leonardo matara a mulher, filhos em penca, tudo chorando baixinho, sem saber o que fazer da vida. A causa do crime corria de boca em boca: promessa de vingança, ciúmes, verdades ou mentiras contadas em sussurro, tudo meio falso meio verdadeiro, com culpa certa no vaqueiro conquistador, ladrão da mulher alheia. Desgraça acompanhada. Nunca vem só, traz outras, atracadas, como comboio de trem. O padre tocava o sino da igreja. Tanta gente tinha fé, rezava, rezava sempre. O rumor das preces se elevava para o alto, saía pelas portas, inundava a praça, mesmo de longe ainda se ouvia, principalmente à noite, mais nas escuras do que nas de lua. Um rumor soturno de choro de todos, unidos na dor, as almas juntas, pedindo a Deus um pouco de chuva, só isso, que trabalho sabiam todos fazer. Sabiam mesmo. Para isso tinham as mãos grossas, cobertas de calos, os braços firmes, músculos endurecidos, a pisada segura, o olhar atento e a alma sempre aberta. Prece e choro se misturavam. Quando cessava a

primeira, o segundo tomava a sua vez, que parecia prece também. Prece lenta, remoída, molhada em lágrimas, mais cristã que a outra, nascida que era da fonte do sofrimento. Prece que todos sabiam sem precisar decorar, a não ser os muito machos, que nunca choraram, sofriam sozinhos, calados, o olhar firme, a impaciência remoendo a alma e curtindo o coração.

Havia tanto mendigo que não se sabia ao certo quem dava nem quem pedia. Não sobrava mais para quem implorar: as mãos estendidas, o olhar magoado, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mendicância geral.

Toda noite Cassiano se encontrava com amigos que desejavam emigrar. Alguns se foram, outros ficaram, ainda indecisos, amantes da terra, presos como se tivessem raízes. Amavam a gleba ingrata, o amanhecer, o ar seco ardendo nas ventas, o sol brilhando no ar, como se fosse de vidro fino, o canto dos pássaros sobreviventes e a esperança do verde nutrindo a alma. Vinham homens de São Paulo e Minas arregimentar imigrantes, contratar serviços, só de alguns, escolhidos como animais no lote, para carga. Apenas os fortes, os de profissão definida, mesmo trabalhadores do eito, as moças donzelas, as mais bonitas, mercadoria certa para a apanha do café, a lavra dos sertões das Minas Gerais e outros serviços. Andaram também por lá uns cearenses de Juazeiro. Recrutavam para a Amazônia, uns poucos, um negócio de encher os olhos. Falavam em ouro, garimpo, num rio de nome Tapajós, no coração da Amazônia; faziam propostas de dar água na boca. Nomes estranhos soavam aos ouvidos de Cassiano como os de uma nova Promissão: Itaituba, Aveiro, Santarém, Juruti, Alenquer, Tapajós, Xingu, Belterra, uma misturada de nomes indígenas e portugueses, tudo muito novo, diferente, como se os horizontes se abrissem para deixar passar. Se fosse escolher pelo nome, dizia Rita, queria ir para Muaná. Nome bonito, que nunca ouvira, podia até aplicar-se a gente. Minas, ricas, garimpo, ouro em Itaituba, alto rio Tapajós, ouro em pó, havia muito, dizia Juvêncio, amigo de infância do pai de Cassiano. Mostrava um pequeno saco escondido no bolso da calça, com um pó amarelo, lembrando farinha Nestlé. Aquilo era apenas amostra, dizia Cassiano, novo, forte, 20 anos, bem servia para o trabalho. Iria com alguns mais. Procópio topou, solteiro, sem futuro, gostaria. Avelino também. Os demais queriam São Paulo, Rio, Minas, nada de floresta, de Amazônia, bastava de deserto o sertão em que viviam.

Mudar de terra não é difícil. Difícil é a decisão. Ela precisa amadurecer, não adianta forçar, só vem na hora, como fruta que não convém colher verdeenga. Na alma de Cassiano a semente germinava de longe, se pondo devagar, e agora, que perdera tudo, pais, irmãos, quase todos os bens, estava com as raízes arrancadas da terra como árvore batida pela tempestade. Recordava o tempo em que andava pela escola de Dona Teca, uns versos lidos no “Cancioneiro do Norte”. Decorara como cantiga muito apreciada, e que recitava mentalmente vez por outra:

*Agora vou lhe contar
Os possuídos que eu tinha:
Uma vaca, uma bezerra,
Uma porca, uma poldrinha,
Um caixão de 12 palmos
Atestado de farinha,
Um bom cachorro de caça
Um capote, uma galinha,
Um bom cavalo de sela,
Pra servir, uma negrinha.
Mas também vou lhe contar
Minha sorte como vinha:
A vaca morreu da seca,
Deu o mal na bezerrinha,
Deu o “espiche” na porca,
Deu o “rengo” na poldrinha,
O cupim deu no caixão,
Deu o mofo na farinha,
Morre o cachorro “espiritado”,
Deu o gogo na galinha,
Estrepou-se o meu cavalo,
Deu a gota na negrinha,
Da maneira porque conto
Acabou-se o quanto eu tinha”.*

Pouco restava do tempo da escola. O saber contar. O saber ler. O saber escrever. Os versinhos decorados. A saudade das meninhas de então, de uma delas mais do que das outras. Mesmo assim fizera o primário, decora que te decora, primeiro com a santa professora, depois com mestre Marcelino, leigo, embora bom na conta e na palmatória. Espocava a madeira na mão, um choro leve, castigo de frente pra parede, uma poça de lágrimas no chão, pingando uma atrás das outras. Muitas mesmo, a cabeça baixa, Cassiano até se divertia fazendo desenho com as lágrimas, deixando pingar no lugar certo, para aumentar a marca no chão. Ficava uma poça grande, um lago, só de lágrimas. Era um modo de vingar-se. Quantas chorou, não lembra. Ressente o ardume nas mãos, cinco palmatoadas na direita, cinco na esquerda, mesmo assim parecia leve, junto do que contava o irmão, aluno de uma escola de padre: cem linhas para copiar; se reclamava, duzentas, quatrocentas se achava ruim; dobrava para oitocentas se piscava o olho; mil e seiscentas se olhava para o lado. Irmão Augusto não perdoava, não, que essa coisa de perdão é só para sermão. Ficar de joelhos em cima de milho, isso nunca fez não. Devia ser pior que copiar mil e seiscentas linhas em 24 horas, o dedo doendo, a luz da lamparina tremendo de noite; pela manhã os passarinhos cantando lá fora, uma vontade doida de correr, fugir, olhando o céu azul por uma frincha da janela, onde o vento fazia estremecerem as trancas. Tinha muita inveja dos pássaros, nessas ocasiões. Não só dos pássaros pequenos cantadores. Até dos urubus, com suas asas abertas, atravessando as nuvens. Vida ruim, mas que deixara saudades. Marcara a alma. Tinha veredas no subconsciente onde os rastros dos acontecimentos ainda não se haviam apagado, distantes embora.

Tudo vinha vindo à memória de Cassiano, devagar, sem ordem nem disciplina, trazido pelo devaneio de toda hora.

E o dia da partida, de todos o mais duro. Sentia saudade tanta, de tudo, do chão, das árvores que já existiram, os galhos retorcidos como esqueletos expostos ao tempo, do cacarejo das galinhas, todas comidas, devoradas uma a uma, no sacrifício pagão da necessidade irremediável. Saudade dos amigos, alguns agora enterrados, até do vento, que lhe parecia diferente dos de outras terras. Teria que partir, o coração aos pulos, Rita chorando

desesperada no último momento, o caminhão cheio, trouxas mal arrumadas, os restos do balanço final.

O pensamento de Cassiano devaneava. Mal percebia, agora, que não estava vivendo, mas recordando, e que em torno a água crescia, o Amazonas dizia presente em toda parte, alagando tudo, cobrindo os verdíssimos capins, transformando os furos em lagos, uns em comunicação com os outros, num rendilhado de tonalidades amarelas e verdes com variados matizes. Água, terra, vegetação se misturavam sem disciplina, um quadro novo, agitado pelo vento, ora leve, ora forte, dependendo da hora e do tempo. A massa líquida amarela crescia quase imperceptivelmente, traiçoeira, os porcos chafurdando na lama, as galinhas espantadas. Céu nublado. Vento fresco. Sinal de chuva. Chuva daquelas, de pingo grosso, de fazer zoadas na cobertura de palha ou a reboar nos telhados de zinco. Chuva boa de banho, os meninos imitando os suínos, mergulha aqui, boia acolá, vivazes, mas alegres da vida, sem preocupações nem desesperos.

Mesmo assim, com ameaça de desgraça, o caboclo não deixava de dançar, organizando o seu “boi” na costa do Tapará. Festa alegre, no meio da ameaça de tanta desgraça.

Esqueciam a enchente rondando os terreiros, cantavam alegres a estória do “boi Pingo de Ouro”:

*Domador, domador
Foi o quebranto que sua filha botou,
Coronel pague o meu boi,
Que os olho de sua filha matou.*

*Alevanta o boi, alevanta,
O coronel já te pagou,
Os olhos da tua filha
Te tontearam mas não matou...*

Na agitação da dança, o rabo do boi se prendeu num tronco e largou uns pedaços, ao que alguém gritou: “boi do rabo pelado!”

O dono do boi logo respondeu:

*Chamaram rabo pelado pro meu boi,
Por isso mesmo meu amo se zangou,
Pingo de Ouro tem uma estrela na testa
Rabo pelado é aquele que chamou...*

E assim prosseguia a farra até alta madrugada, todos indiferentes à desdita que os rondava.

Com aquele tempo seria impossível viajar de igarité, noite escura, águas agitadas, a natureza molhada, umidade em tudo, até nos ossos. E não estava com alma para festas. A enchente de surpresa, os bens ameaçados, a água subindo, subindo. E as recordações, cada vez maiores e mais pungentes. Os caboclos, ao contrário, não se apercebiam do perigo: dançavam, dançavam, bebiam até se esfaquearem ou caírem exaustos e embriagados.

Embarcara no Recife, lembrava bem, navio grande, terceira classe, mar agitado, que nunca vira igual. Sertanejo habituado às caatingas, terra quente sob planta dos pés, cabeças ao sol, gostava de contemplar o mar. Horas inteiras mirava pela vigia todo aquele azul. Primeiros dias de viagem, vertigens, enjoo, falta de costume. Estranhava o balouço, ele que se habituara à terra firme, solo duro, montaria de cavalo ou burro, às vezes na sela, outras na cangalha, desde criança, montando por trás, as mãos seguras do rabo do animal manso, os dedos dos pés bem atracados nas pernas traseiras. Subia pela anca, até a cangalha, gemendo com os caçuas carregados. Ou na temporada do vale, ajudando no corte, corridas enormes, as forquilhas dos cambitos balançando e batendo como ossos. Viagem cansativa, comida ruim, mas novos amigos que abrandavam a dureza do destino. Via coisas que jamais sonhava ver: Recife, grande cidade, as pontes, o comércio agitado, o movimento das ruas que o deixavam tonto, desacostumado de tanta algazarra e já com a saudade se infiltrando no coração sertanejo. A pensão pequena na rua estreita do subúrbio em que ficara, dois dias apenas, com Rita, à espera do navio, tempo para correr ruas, olhar lojas, percorrer o mercado São José e contemplar o que mais gostava, o mar, ora em Olinda, ora em Boa Viagem, linda de morrer. E as novas cidades, ao longe Fortaleza, sem poder sair do navio, que recursos não tinha para tanto. São Luiz, bancos de areia, também só de longe, gaivotas no ar, afoitas, e finalmente Belém, diferente

das outras, mangueiras nas ruas, sombreadas, raça cabocla, casario novo e velho de mistura, povo brando, acolhedor, sem facas de ponta, sorrisos nos lábios e a natureza nova, água muita, só verde em redor.

Acostumado à seca, ao sol sem atenuantes, tudo era surpresa no primeiro encontro com a Amazônia. Barrento o mar de água doce, que não se pode chamar de rio. Tudo diferente, as frutas, o comer regional, mas tudo como se abrisse a porta de um paraíso para deixar Cassiano e Rita entrarem. A troca de navio, o “gaiola” que os trouxe a Santarém, subindo, sempre subindo o rio, agora a foz do Tapajós, invadindo o Amazonas, água azul como um pedaço de céu, margens alvas, areia branca parecendo açúcar. Os sonhos de Cassiano haviam de se realizar. Tinha ambições. Juvêncio lhe prometera bom trabalho nas minas, além de Itaituba, e já começara a imaginar como seria o mundo em que iria viver, plantar nova existência, longe da terra-mãe. Procópio e Avelino vinham também. Mas não traziam mulher, que não tinham. Leves das pernas, contavam histórias alegres da passagem pelo Recife, em bairro que Cassiano não conhecera; era casado, e não ficava bem. Quando Rita se aproximava da roda, Avelino cortava a história, emendava outra diferente, muito séria, que os ouvidos da mulher podiam escutar. Quanta coisa nova em poucos dias! Quanta! Até a cor das águas mudara: primeiro verde, depois azul, no mar, amarela no Amazonas e agora cristalina como filtrada, azul, muito azul a escorrer. O tamanho dos barcos também diminuía à proporção que avançava para o interior. Cassiano esperava vencer. Afinal de contas tinha algumas habilidades, estudara todo o primário, entrara pelo secundário, mas fora forçado a deixar. Mesmo assim praticara um pouco no comércio, no escritório de um guarda-livros do sertão, suas noções eram boas. O diabo da vista do ouro o tentara. Juvêncio contara muita grandeza, toneladas de ouro em pó ou em barra, saíam da região. Havia meios para fazê-lo. Venda certa, no Juazeiro, Ceará ou nas praças do Rio e São Paulo. Afinal de contas a desgraça ainda não era total. Tinha a mulher que lhe enchia a vida, companheira certa, boa, simples como o próprio nome que trazia do berço. Rita achava tudo bom. Não criava problemas. Era de boa paz, de bom entender e de bom comer. Companheira para todas as horas, curtida no sertão, de família abastada, que perdera a fortuna, mas deixara os traços finos, o modo de falar, de dizer as coisas, o olhar claro, sem segundas intenções.

Santarém para Cassiano e Rita foi surpresa. Não esperavam encontrar em tais lonjuras uma cidade daquelas médias, que aos seus olhos de sertanejos parecia grande, pequena embora em proporção às capitais. Mas o movimento do porto o impressionou. Navio grande atracado ao trapiche esmirrado, barcos a motor de todos os portes, rebocadores, iates, cada qual com o seu nome típico, engraçado mesmo, como a canoa “Minha Querida”, outras “Deus me Salve”, “Coração de Jesus”, “Pátria Amada”, “Fé em Deus” e muitas mais. Velas coloridas, alegres, atracadas algumas, despejando carga, pirarucu em fardos, frutas estranhas, peixe fresco e a feira razoável, com um tudo para vender. E a raça diferente. Pelo menos na beira do rio, nas canoas, apelidadas “montarias”, (que montaria no Nordeste é cavalo de sela, nunca embarcação). A agilidade dos caboclos no uso do remo, o jacumã em vertical, as proas pontiagudas, rasgando a água, se defendendo das ondas, quando existem, nas horas de vento forte, o céu quase todo branco de nuvens, sol forte, quebrado pela umidade, frio de noite, abafante ao meio-dia, clima que não lhe pareceu mau, em comparação com o ardume nos olhos do estio sertanejo. Ouviu falar de colônias no interior de Santarém. Só nordestinos. Outra raça, amiga do chão, avessa às águas de rio, lavradora da gleba, colônias de cearenses, paraibanos e pernambucanos, de mistura com potiguares e uns raros das Alagoas. Mais cearense. Diziam que não ficavam longe as colônias. Entre Santarém e Belterra, esta construída pelos americanos, toda plantada de seringueiras, aos milhares, com casas de luxo, escolas e hospitais.

Cassiano ia colhendo informes nas conversas com novos amigos, na pequena pensão, gente de todas as procedências. Japoneses, sírios, judeus, de embrulhada com nordestinos, na hospedaria modesta. Fez logo amizade com Ikeda, nipônico magro, olhos vivos, rindo sempre, plantador de juta, que o convidou para trabalhar em Parintins, ou Alenquer. Nunca ouvira falar em juta, fibra oriental, trazida para o Brasil (explicavam), aclimatada na Amazônia, produção com venda certa para São Paulo, própria para sacos e tecidos

grossos. Não, não podia aceitar o convite de Ikeda, tinha compromisso. E lavrar a terra era coisa muito penosa, embora de seu gosto, mas o garimpo lhe parecia mais atraente, podia enriquecer depressa, pelo que lhe dissera Juvêncio. Aquele japonês miúdo que acabava de entrar, diz-lhe Ikeda, é uma grande personalidade. Não pareceu a Cassiano, à primeira vista. Pequenino, muito baixo, as carnes magras, pálido, o desconhecido cumprimentou Ikeda à moda oriental, sem apertar as mãos, o corpo firme, os braços em posição militar, a inclinação dos bustos em sinal de respeito. Trocaram palavras apenas, logo seguindo o visitante para o interior da pensão. “Um grande homem”, repetiu Ikeda, “foi um dos introdutores da juta na Amazônia: Dr. Kotaro”. Estudou em universidade do Japão, veio para o Brasil muito novo, trouxe sementes de juta, que semeou. Os primeiros pés nascidos eram de pequeno porte. Um apenas maior. Deixou crescer e retirou as sementes, que plantou. Novos rebentos, quase todos da mesma altura, alguns poucos maiores. Eliminou os primeiros e deixou crescerem os grandes. Outra apanha de sementes e nova semeadura. Assim conseguiu o tamanho ideal da juta, para plantação em massa em Parintins, Juruti e outros municípios do Amazonas e Pará. Uma grande riqueza a fibra da juta.

Um grande homem, esse Kotaro. Trabalhador, honesto e idealista. Amigo do Brasil.

Enquanto os ingleses levaram a semente da borracha, os japoneses trouxeram a da juta.

Cassiano ia tomando conhecimento daquilo tudo, tantas coisas a lhe entrarem pelos olhos, tantas palavras e narrações a lhe penetrarem pelos ouvidos, assimilava depressa, refazia conceitos, sentia que se elevava aos poucos no contacto com aqueles homens. Uma terra virgem, inexplorada, devassada por gentes de todas as partes do mundo, um encontro de psicologias diferentes, que ali se amalgamavam, quando não fossem rebeldes. O português vivia adaptado à beira dos barrancos explorando seu comércio; o libanês igualmente, de mistura com caboclos, nos seus negócios regionais; o judeu em atividade diversificada, intermediário sempre entre o extrator e o comprador internacional. O japonês enigmático, mas trabalhando a terra, embora com planos de levantar acampamento a qualquer momento e ir para São Paulo; o americano pouco comunicativo, a língua a servir de barreira

quase intransponível. Alemães poucos; franceses alguns, mais crioulos de Guiana, exploradores de ouro de São Jorge, no Oiapoque, perto de Clevelândia. Brasileiros de vários tons de voz, desde paulistas arrastando as palavras e mineiros dobrando os erres, e gaúchos falando claro e nordestinos de todos os matizes.

Uma experiência única emoldurada pelo verde da selva. Salim, o libanês, um novo amigo, precisava de empregado. Fazia “regatão”. Palavra que Cassiano nunca ouvira. Foi-lhe explicado que “regatão” era o comércio pelos rios, em barcos grandes ou pequenos, vendendo, comprando, permutando mercadorias. Trocando mais, às vezes, do que vendendo ou comprando, ou, o que dá no mesmo, vendendo, mas recebendo o preço em gêneros. Trazia o tecido fabricado em São Paulo, o açúcar de Pernambuco, o sal do Rio Grande do Norte, o charque do Rio Grande do Sul, tudo, desde a pólvora e a espoleta, até a linha, o botão e a agulha. Atracava nos barrancos, de preferência nas casas comerciais à beira dos rios ou furos, freguesia certa. Deixava a mercadoria, recebendo em escambo a seringa, a balata, o óleo de pau-rosa, o babaçu, o pirarucu salgado ou fresco, a tartaruga, a madeira, a castanha, toda sorte de riquezas que transformaria em dinheiro, mal chegado a Belém. Salim era perito no comércio de regatão, sabendo onde encontrar o comprador certo para os seus produtos e onde arrecadar o de que precisava. E no Tapajós poderia amealhar coisa melhor, o ouro em pó, isso se ele sobrasse das mãos dos que o monopolizavam, gente alta, que viajava de avião e o transportava para o Rio, São Paulo e terras estrangeiras.

A “Pensão dos Viajantes” tornou-se para Cassiano uma espécie de “bolsa de empregos”, onde se encontravam garimpeiros, juticultores, criadores, regatões, gente de toda espécie, cada qual com uma estória, vindos de todas as partes do país e do mundo. Vez por outra passava por ali um americano, aparência simples, sem dizer a que vinha, não demorava partia logo, em várias direções. Corriam boatos. Estórias contadas a meia-voz. Viu bagagem enorme, malas grandes, com endereço de Copacabana, soube ser gente de São Paulo, interessada no garimpo. Todos os anos se dirigiam para o Alto Tapajós, com um nome estrangeiro, *Morgenschein*, escrito a letras grandes em cada volume. Levavam tudo, até mosquiteiro. E era uma mulher, loura, cara sardenta, a tal Sarah Morgenschein, que se embrenhava assim pela

floresta, à procura de ouro. Mas garimpar não ia, não. Talvez comprar. Diziam ter marido rico, industrial, que ficava longe, em São Paulo, enquanto a mulher se virava nas selvas de Itaituba. Santarém se transformava assim numa nova Babel, raças de todas as procedências, cada qual na atividade de sua predileção. Os libaneses e sírios no regatão; os portugueses no comércio à beira dos barrancos; os nordestinos na garimpagem; goianos, mineiros, paulistas e gaúchos surgindo de todos os lados, alguns pensando em criatório, que a região é boa de valer para isso. E em todos os negócios os judeus, como o velho Jacob, que parecia desconhecer a competição com os árabes no Oriente Médio, e confraternizava com Salim, o regatão, e com Rachid, dono de loja de fazendas, mas comprador de ouro em pó ou em pepitas. Portugueses também, mesmo os merceeiros, além da venda e compra do pirarucu, do charque e do feijão, guardavam o ouro em pacotes de jornal, cada qual de um quilograma certo, ouro em pó, um esverdeado, outro mais amarelo, alguns mais puros, outros com ganga e pepitas, de todos os tamanhos, naturais ou fabricadas. Ouro fundido jogado em areia esfria e vira pepita, parecida com a natural, ideia de cearenses de Juazeiro, bons no comércio. Tudo isso Cassiano ia escutando, em conversas com uns e outros, nos três dias passados em Santarém, à espera de transporte, que seria de avião, não mais de barco, até os garimpos. Ele, que viera de terceira classe no navio costeiro, apanhado em Recife, e de primeira no navio amazônico “Augusto Montenegro”, sentia que a sua sorte melhorava dia a dia. Não entendia bem por que iria de avião até os garimpos, com tanta água à mostra, passagem aérea cara, que lhe prometera Juvêncio. E eram três, Procópio e Avelino mal paravam na pensão, eis que boi solto se lambe todo, ambos solteiros, gostando da cor morena das caboclas, cabelos lisos negros, olhos de amêndoas, carnes rijas, só não melhores por cheirarem a peixe, quase todas, mais ainda as moradoras da beira do rio. E falavam diferente, fechando os *oo*, pronunciando *canua*, em vez de canoa, *puvo*, em lugar de povo, um modo engraçado de dizer as coisas, como “lá vem uma canua cheia dé cúcu da pupa à prua”. E abrindo os *ee*, dizendo *dé* em vez de *de*, ora onde já se viu falar desse jeito para dizer que vinha “uma canoa cheia de coco da popa à proa” ...? Quanta diferença do seu Nordeste: água, só água, terra verde, só verde, uma babel de homens, línguas e sentimentos, tudo de mis-

tura, uma aventura nova. E Cassiano já estava aprendendo muito, pois tapado não era, tinha algumas letras e enxergava um pouco. Bons negócios poderiam surgir: juta, pau-rosa, castanha, balata, pescado, mas a sua preferência era pelo ouro, embora gostasse de conhecer as colônias tão faladas. Tinha a impressão de que em três dias vivera três anos. Tão longe já lhe parecia o sertão, a caatinga, os cajueiros esmirrados, os jaboticabais perdidos na distância, as cercas de imburanas, os xexéus cantadores, madrugadores joviais. Nova vida sentia surgir. Como que os horizontes se alargavam mostravam coisas que nunca sonhara conhecer, alargavam contadas pela boca do tio na infância e que tanto haviam marcado a sua imaginação. Quantas naturezas diferentes na natureza amazônica! Lembrava quando o navio passara em Breves, tudo muito estreito, o rio apertado e dividido em canais, ou paranás, ou furos, a mata quase roçando a amurada da embarcação e, numa das vezes, em manobra pouco feliz, a galharia entrando pelo convés e assustando os passageiros, mais as mulheres do que os homens. Depois o rio se alargando, procurava com os olhos as margens e não as via, dos dois lados. Um mar só, que ouviu chamar Rio-Mar, nome que lhe soava bem e que Rita dizia, sorrindo com os dentes à mostra, que parecia mais nome de gente do que de rio: Riomar. Sim, se tivesse uma filha levaria esse nome. Nada de Casimira nem Severina. Riomar lhe lembrava um carinho, tão terno, singelo, Riomar era nome de gente, bonito para mulher, mas podendo servir para homem, como Araci. Se fosse homem o filho seria também assim chamado, tal o gosto que lhe deu. Foram vários dias de alegria os de Santarém, com um passeio até a Ponta da Maria José, praia de areia fina como açúcar, muito alva, água azul de anil, profunda logo a dois metros da margem, capaz de arrastar qualquer um, perto da foz do Tapajós, brigando com o Amazonas, este barrento, aquele azul, encontros movediços desviados para cima e para baixo, conforme a fortaleza das águas de um e outro. Vários dias de espera. Prejuízo certo, dizia Juvêncio, mas o barco que os devia transportar não chegara, a navegação penosa, pelo rio extenso, nunca podia marcar dia. Por isso, deviam ir de avião. Tudo estava previsto para zarpar logo, trocar apenas de embarcação, até Itaituba, mas não fora possível. Os dias se passavam. Nada que fazer. Cassiano conheceu Celestino, pequeno fazendeiro em Alenquer. Vendia gado para corte vindo das terras do Lago

Grande. Tinha filho no colégio, precisava estar presente, de vez em quando. Colégio bom, padres americanos “Educação moderna” – dizia Celestino – “menino estuda mesmo”. “Mas tem uma coisa, se os alunos brigam os padres não apartam. Deixa lutarem até caírem pro lado e ver qual tem a vitória. Se algum quebrar a costela, vai para a enfermaria”. Os meninos viviam a escavar o chão do quintal à procura de objetos de cerâmica indígena. Cassiano nunca ouvira falar naquilo. Ficou sabendo que Santarém estava situada em área onde se localizara antiga tribo de índios: os *tapajós*, exímios artistas em cerâmica. Onde houvesse terra negra, aí habitara índio. Era só cavar. Encontravam machados de pedra, potes de barro, ídolos, urnas, objetos muito procurados, de alto preço para museus. Menino que levava objeto de cerâmica tinha a nota melhorada. Subia um ponto. Celestino contara aquilo, mas sem acreditar muito. Colégio bom, padres educados, homens grandes, enormes, como gigantes. Não tirava o filho, estava aprendendo a ser gente, estudando inglês e muitas letras. Aquela estória de nota melhorada não podia ser verdadeira. Celestino convida Cassiano a ir até o Hotel Morcorongo, melhor classe, gente rica por ali. Ficou assombrado. Entrava gente, saía gente. Tudo de fora, em trânsito. Ouviu conversa baixa de Celestino com um negociante, pelo jeito cearense, que oferecia ouro. Em pó. Vinte quilos. Duas latas de manteiga Real cheias dele. Cada lata pesava dez quilos, pelo que ficou sabendo que ouro pesa dez vezes mais que manteiga. E o preço oscila com o dólar. Um grama um dólar. Não tem gorogochó. Se quiser, não pode ser menos. No Juazeiro pagam mais e em São Paulo a coisa melhora de câmbio. São os compradores que vêm de longe, viajando de avião, não sofrem o garimpo. Levam e trazem. Fazem o negócio ali. Em cima da mesa, conversa baixa. Soube assim de toda uma estória nova, antes sua desconhecida, da evasão do ouro, trezentos quilos por mês, em avião, navio ou barco, de preferência o avião, que era mais fácil de levar. No sertão só se lembrava do ouro dos santos, cordões pendurados ao pescoço das imagens, ainda na infância, na casa de uma tia-avó, herança do passado. Ouro mesmo, assim, como farinha, jamais vira, nem sonhara, mesmo dormindo.

– Você compra pepita em mercearia – disse-lhe Celestino.

Comprava mesmo, e assistiu ao negócio. Cassiano ansiava por chegar ao garimpo, levado pelas mãos de Juvêncio, crendo nele, pondo todo o

seu futuro e os seus sonhos nas mãos do amigo. Era preciso ter paciência, afinal de contas nunca teria oportunidade de conhecer tudo aquilo se não fora Juvêncio, amigão de verdade. Mas a subida já demorava e certa noite Juvêncio anunciou.

– Vamos ter que viajar mesmo via aérea. Os barcos não chegam e a pressa é grande.

Só o que fora gasto com pensão já dava para pagar a passagem de avião, que os havia vários, a serviço particular, muitos aviadores sentados no Hotel Mocorongo, fazendo refeição, alguns bem-parecidos, homens importantes.

– Eram aposentados – disse-lhe Arlindo. – Muitos deles são comandantes, aviadores de curso, aposentados. Compraram avião e vêm fazer a vida por aqui, o que não é mau. Cada passagem custa cinquenta cruzeiros, avião com capacidade para quatro pessoas. Nesse vaivém há muito lucro. Sem contar o ouro, que alguns, não todos, negociam. Dizem que voam direto para São Paulo e Mato Grosso, levando ouro em pó, que por lá fica.

A estada em Santarém valia para Cassiano como um curso. Aprendeu muito e depressa. Quanta coisa nova entrava pela sua cabeça, sem precisar fazer muito força! Os negócios que ali surgiam, de todas as direções, com gente de várias raças. Começava a gostar daquele burburinho. À noite em passeio pela rua da frente, o bar do Meschede, umas e outras, e no trapiche atracado o navio “Cidade de Belém”, fazendo descarga. Lembra que, em hora avançada, passavam pessoas com embrulhos na cabeça. Mulheres, homens, crianças, cada qual com o seu pacote. “Que seria aquilo?” – perguntou baixinho a Arlindo. “É açúcar” – responde o amigo – “açúcar furtado do descarregamento do navio. Fizeram um buraco no trapiche. De combina com o controlador do guindaste, de vez em quando, rebenta uma saca, que é jogada para baixo. Ali os parentes dos carregadores fazem os seus pacotes. É açúcar, vindo da Paraíba, do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, que se esvai. Os plantadores de cana do nordeste que rebentem”. – “Não há jeito”, prossegue Arlindo. “Um fiscal que foi reclamar quase é morto. Ninguém se meta que acaba levando um tiro pelas costas”. Cassiano conhecia bem os canaviais do Rio Grande do Norte e a luta para obter produção. Ainda viu em alguns sacos vazios a marca de uma usina do nordeste.



Os dias corriam assim em Santarém, à espera do transporte. Juvêncio já avisara: iriam de avião, para pavor de Rita, que nunca andara naquilo e um receio mudo de Cassiano, com uma ponta de desconfiança. Seria a primeira vez. E em avião pequeno, tipo teco-teco, mas para atingir alguns garimpos só mesmo pelo ar, que por terra era impraticável e por água muito demorado, difícil mesmo em virtude das cachoeiras, além de Itaituba. Apesar de tudo, foram bons os dias de Santarém, deram para esquecer por momentos a desgraça maior que haviam deixado no sertão. Só à noite, antes de dormir, voltava tudo ao pensamento. Cassiano, contemplando o clarão da lua pela fresta das telhas-vãs, lembrava as noites de sua terra, os vizinhos, os amigos, os que se foram e os que ficaram, o cavalo que vendera, o boi, a vaca de leite, o jumento sobrevivente, capaz de se alimentar até de bucha de coco. Saudade da gleba áspera, mas que era o berço. Só dormia sucumbido pelo peso das recordações. Sono intranquilo, às vezes. Rita chorava, mas o fazia escondido, para que Cassiano não se aperreasse tanto, ele que já trazia na alma tantas consumições. Mas não podia ocultá-lo de todo, pois os olhos vermelhos, as olheiras escuras, eram dela toras da sua tristeza. Isso à noite. De dia o sol parecia aclarar tudo, até a alma, e as saudades se desvaneciam, só ficava o presente, o cenário novo, entrando pelos olhos, a vida nova. As economias que traziam eram poucas, restos do saldo da venda dos últimos haveres, exceto a casa, que ficara, como bem de família, que não tinha coragem de vender. Compadre Severino tomava conta dela, não deixava cair, aguardando notícias.





Cassiano desperta de seu sonho acordado. Sim, já eram passados vários anos da chegada a Santarém e estava ali, feito não sei o quê, em plena enchente, recordando tantas coisas passadas. Era preciso acudir, tomar providências, mandar alguém numa igarité à casa mais próxima, no povoado à margem do Tapará, ou do outro lado, no Ituqui, a algumas horas de viagem, à procura de ajuda, que as águas estavam subindo dia a dia, hora a hora, minuto a minuto. Delas só não tinham medo os búfalos, com as ventas de fora, gozando a delícia da correnteza fria. Além do povoado, uma venda na margem do rio ficava a meia hora de bom remar, outras havia em várias direções, mas sem recursos para auxiliar ninguém. Só se o Prefeito, que tantas vezes percorrera a região, em propaganda política, se lembrasse de mandar-lhes socorro, caso a coisa ficasse pior. Por enquanto ainda dava para ir vivendo, a água não chegara a cobrir a terra, a casa de fora, mas as galinhas assustadas eram mau agouro, que esse é um animal esperto. Quando cacarejam agitadas é sinal de cobra perto, que ninguém vê, mas elas pressentem.

Pela manhã, passara por ali Cândido, pescador do Tapará, habituado a tempo ruim, pele rija e curtida, e predissera: “Esse inverno vai ser maior que os outros. O rio está enchendo depressa demais e vem trazendo muita madeira, troncos, galhos ainda verdes, sinal de terra caída por aí a fora”. Galharia boiando era indício certo de águas altas, troncos às vezes mergulhados, malvistos, um perigo para a navegação. Felizmente a casa de Cassiano já era conhecida, com a venda sortida do necessário, desde pólvora até sal e açúcar, o pequeno depósito de madeira atrás, onde guardava a farinha em sacos, lugar predileto para a sesta dos cães e gatos. Dormiam e mijavam estendidos sobre a sacaria. Costumava abrigar-se ali o cachorro de estimação, chamado “Dunga”, amigo fiel, mais que alguns, afinado no latido noturno, mal se ouvia qualquer ruído. O cão era necessário. Mesmo à beira do rio, lugar soturno, ninguém se livrava do bicho-homem, nos assaltos possíveis, mais perigosos os estranhos do que os da terra, caboclada humilde, mansa,



honestas, só enfurecidas na hora da cachaçada, nas festas onde geralmente ocorriam crimes de morte, ou na defesa de seu patrimônio, da casa de palha, do tapiri, da canoa, ou do roçado ameaçado. No mais eram inofensivos, pacatos, serenos.

A água vinha crescendo, mas Cassiano, que nos anos anteriores nada sofrera, não acreditava pudesse atingir a cerca do quintal ou o alto da casa construída sobre estacas, palafita, à beira do rio, defendida do contacto com a terra úmida. Embaixo da casa se aninhavam galinhas e patos ou se refugiam porcos. De noite, qualquer anormalidade logo se atestava: os bichos se agitavam, despertavam Cassiano, que socorria já de espingarda na mão. As águas nunca haviam atingido sequer o assoalho, construção feita por quem conhecia a região, o velho Cursino, caboclo, experiente no trato com o rio.



Chegara enfim a hora de partir de Santarém para os garimpos. Viajariam de avião, o teco-teco do comandante Rogaciano, conhecedor profundo da terra e dos homens. Rogaciano, riso largo, acolheu como a velhos amigos os passageiros: Cassiano, Rita e Juvêncio; Procópio e Avelino seguiriam noutra viagem, mesmo destino.

Rita não queria. Tinha medo. Só vira avião voando, estando com os pés em terra, em pleno sertão, passagem obrigatória de jatos nas linhas nordes-tinas de Fortaleza e Recife. Lembrava então, e falava a Cassiano, as montarias do sertão, nos bons tempos, carro de boi puxado a quatro, os de cambão com a cabeça espichada, fazendo força, e os de coice, maiores, suportando o peso, solidariedade no trabalho e no infortúnio. Se se procurasse um símbolo para o trabalho em comum, a cooperação, a ajuda recíproca, o peso repartido na tarefa, o carro de boi seria esse símbolo. Quatro ou seis, conforme a preferência e a carga, atrelados ao mesmo carro, todos fazendo força ao mesmo tempo, num sem poder parar nem dar menos de si. “Que diferença!”, dizia Rita, acostumada ao transporte em terra firme, cavalo ou égua mansa, própria para mulher cavalgar, sela com as duas pernas para o mesmo lado, que não ficava bem andar escanchada. Agora, não, era tudo diferente. Pelo ar. Um veículo antinatural, voando como pássaro, mas inseguro, sujeito a ventos e nuvens. O carro de boi cantava, era poético; o avião roncava. Antinatural, porque a reação normal do homem, quando cai, é se segurar, se agarrar; no avião não, a ordem é se amarrar todo, usar cintos. Segurança às avessas, tem que se amarrar para morrer inteiro.

– Bobagem de Rita – dizia Rogaciano. E rematava: – Já voei tanto e nunca sofri acidente. Fiz carreira voando, tantas horas por semana, sem poder faltar, senão perdia promoção. Depois veio a reforma, para não perder o hábito aqui estou. Cassiano admirava aquele homem, já meio grisalho, ainda voando, e com coragem. De tanto estar no ar, parece que a sua fisionomia lembrava até um pássaro: os olhos vivos, o nariz afilado, a serenidade, em



qualquer hora, mesmo quando a situação parecia difícil, com ventos fortes, ou nuvens escuras por perto. Rita fez surpresa vomitando em tudo. Botou o café para fora. Cassiano com vergonha. O comandante camarada, compreensivo: “Deixa isso pra lá, acontece. Sertanejo não sabe voar”. E Rogaciano, fácil no falar, ia soltando a língua, quando passava por alguns lugares, o rio Tapajós lá embaixo, à direita, muito azul, as margens alvíssimas, depois a floresta, um conjunto de cores lindas como estampa estrangeira (pensava Cassiano), verde, branco, azul, do rio e do céu, branco da areia mais alva que já vira, lembrando açúcar de usina, e o verde, ora intenso, ora amarelado, polvilhado de algumas flores de árvores altas, desconhecidas, as copas grisalhas.

– Agora é Belterra, olhem lá embaixo.

Belterra. Bela terra, as estradas muito retas, simétricas, os seringais de cultura arrumadinhos, uns mais densos, mais antigos, outros rarefeitos, mais novos, casas de madeira estilo americano, pintadas de branco, bonitas, uma beleza, vista do alto, como se fosse maquete, encravada na floresta. Floresta indisciplinada, rude, descompassada, contemplada de longe, dos ares, a perder de vista.

– Foi construída pelos americanos – explica Rogaciano. – Faz muito tempo. Por volta de 1924, Henry Ford obteve a concessão, grande área. Queria fazer experiências na Amazônia, plantar seringueiras. Os seringais nativos ofereciam inconvenientes. Uma árvore aqui outra ali, uma longe da outra, de mistura com mil espécies vegetais, forçando a abertura das chamadas *estradas de seringueiras*, perdidas na selva. Já pensaram, ter que extrair seringa assim, percorrendo léguas na mata, deixando as tigelinhas presas aos troncos, vivendo em palhoça, expostos os seringueiros à malária e às feras? No seringal de cultura, não, ficam as árvores todas juntas, bem distribuídas; as sementes são de primeira, sacrificam as plantas fracas, tudo feito com ciência, produção alta, certa. Primeiro foi mais acima, à margem do Tapajós, em Fordlândia, a terra parecia não ser muito boa, depois passaram para Belterra. Só erraram talvez construindo isto muito longe da foz do rio Amazonas. Seria melhor perto de Belém, grande porto, terras muitas por ali dão seringueira, como na zona bragantina, gente muita para trabalhar, terra plana. Só agora a Pirelli começou a plantar por aquelas bandas. E parece

que está certa. Isto aqui é muito longe, difícil. Mas americano tinha dinheiro a rodo. Fez tudo, hospital, escola, até creche para crianças, casas lindas, pintadas a óleo, forradas, enceradas, cama com colchão de molas, janelas teladas, louças de banheiro em cor, azulejos, rouparia e talheres vindos dos Estados Unidos, tudo de primeira, podendo hospedar até o Presidente da República. E o hospital, tinha de tudo. Médicos contratados nas grandes capitais, remédios de toda ordem, enfermeiros competentes. Uma cidade, com o que havia de mais moderno. Plantaram seringueiras aos milhares”.

Cassiano arriscou:

– E agora? Dá resultado?

Rogaciano respirou fundo. Parece que esperava a pergunta. O americano fracassou. As seringueiras davam produção, mas a borracha passou a perder o seu valor, no Brasil, não podendo competir com a produção do Oriente.

– Como assim? – indaga Juvêncio. – No Oriente a produção era grande?

– O Oriente não tinha borracha alguma. A seringueira era nativa da Amazônia. Foi levada para lá. Dizem que um navio estrangeiro visitou a Amazônia, em missão de paz, a oficialidade foi bem recebida, homenageada com banquetes, recepções. Enquanto isso os porões levavam as sementes para o exterior. Foram plantadas no Oriente. Morreu a exportação nacional.

– E por que Ford quis plantar no Brasil?

– Dizem que por ser mais perto dos Estados Unidos. Ou para fazer investimentos de suas grandes reservas. Gente de má língua fala que ele não queria borracha, propriamente, mas minerais, que os há muitos por aí. A seringueira era apenas pretexto. Os aviões iam e vinham. Desciam onde queriam, mas não creio nisso. É imaginação de quem não tem o que fazer.

– E por que Belterra fracassou?

– Ford perdeu o interesse pelo investimento. Gastou milhões de dólares, derrubou a floresta, plantou três milhões de seringueiras, abriu avenidas, fez casas modernas, hospitais, escolas, tudo, milhões, ouviu? Milhões. E acabou entregando isso tudo ao governo brasileiro por apenas cinco milhões. O Ministério da Agricultura tomou conta, no começo, e a coisa foi andando assim.

Belterra já se perdia na distância, o verde espesso da mata a envolvia, surgia novamente a paisagem selvática. Rogaciano, provocado, continuava a falar, como quem tem muita coisa a dizer e encontrou a oportunidade.

– Governo tomou conta por volta de 1927. Apareceu um dos chefões com uns planos grandiosos. Uns dizem que ele é sábio, outros o julgam maluco. Resolveu cortar as seringueiras da Fordlândia, que os americanos haviam plantado. Foi chamado de doido. Diziam-no ligado aos americanos e, por isso, não queria produção das seringueiras. Outros afirmam que aquelas plantas não prestavam, produção pequena, árvores raquíticas, tudo fracassara. O mais aconselhável era derrubar mesmo. E assim se fez. Rolaram milhares de seringueiras em Fordlândia. As áreas deveriam transformar-se em pasto para gado. Rebanho Nelore, da melhor espécie, que o futuro está na pecuária e não na agricultura. Assim dizia. Até gado da índia, novo, mandou buscar, raça inexistente no Brasil, *Red Shindi*, pelo vermelho, liso, boa proporção, resistente, adaptável ao clima.

– Mas não havia tanta terra, para que cortar as seringueiras?

– De fato, isso parece estranho. A Amazônia tem mais de cinco milhões de quilômetros quadrados. Cortam-se exatamente as seringueiras plantadas com tanto sacrifício para fazer campo de criação... Estranho, muito estranho.

Quantas coisas novas iam surgindo agora na mente de Cassiano, homem do sertão, poucas letras, mas inteligência viva, capaz de aprender certos assuntos e debatê-los.

– Vamos passando por Aveiro – diz Rogaciano.

Rita e Cassiano olham para baixo, ele mais do que ela, que enjoada não queria saber de nada. Cassiano nada vê.

– Não vejo nada não, comandante.

– Não há muito que ver. Aveiro já foi cidade, sede de município, no passado. Dela, hoje, só resta uma casa. O mato tomou conta. Acabou o município. Faz parte de Santarém. Andou para trás. No tempo da borracha e do cacau, quando corria muito dinheiro, Aveiro chegou a ser município e sede de comarca. Hoje é isso que se vê. Mato só. E tem nome português, de uma cidade de Portugal. Acabou tudo. Só se vê mato.

Cassiano pensava que apenas no Nordeste poderia morrer uma cidade, com seca dura, abandono, migração, desespero. Mas, na Amazônia, tanta fartura de água, como poderia acontecer essa desgraça, uma cidade que existiu e acabou? Nordestino refaz tudo, reconstrói, replanta, renasce, revive, ressuscita. Arriscou uma pergunta:

– E o povo que morava ali, onde está?

– O povo na Amazônia são os caboclos, que se arranjam como podem, uma barraca na beira do rio, alguma pescaria, a canoa, sua montaria, que os leva a outros lugares: há muitos povoados por aqui. Vila Franca, Lago Grande, Ituqui, Tapará, Alter-do-Chão e tantos outros. Sumiram de Aveiro os caboclos. Os nordestinos vão para as colônias, terra firme, nada de muita alagação, não se misturam. Perto de Belém, na estrada de ferro para Bragança, toda a margem é povoada de nordestinos, falam igual, comem cuscuz, tapioca, pé de moleque, enquanto os caboclos ficaram em maior número no Salgado, perto do mar, ou à margem do Rio Guamá. O caboclo é descendente do índio, quase puro, gosta mais do açaí, do chibé de farinha-d'água. Até na farinha há diferença. O nordestino prefere a seca, branca, com amido e tudo; o paraense aprecia a farinha amarela, feita de mandioca posta de molho, muito torrada, boa de comer, mas sem nutrição. Todo o valor da mandioca saiu na água. Mas essa estória de dizer que caboclo é fraco e preguiçoso é conversa. Há cada um *big*.

E Rogaciano abria os braços para representar o tórax do caboclo. – “E a comida é boa, de origem indígena” – rematava. “Boa como a baiana, de origem negra. Vocês vão gostar da tartaruga”.

– Puxa, fazem de dez maneiras diferentes. Só recordo algumas: pica-dinho, paxicá, guisada, sopa... – e assim Rogaciano ia dando largas ao seu desejo de comunicação. Tinha prazer em observar, nos olhos surpresos dos ádvenas, as emoções novas, os impactos, a curiosidade do primeiro momento, de quem quer saber tudo, ver tudo, e melhor ocasião não havia do que aquela, nos ares, sem ter o que fazer, a não ser preocupar-se com o medo da queda. Roncavam as hélices no ar, o céu de brigadeiro em redor, sereno, agora que já haviam passado os primeiros sustos de nuvens negras que ficaram para trás.

Alguns minutos de silêncio davam oportunidade a Rogaciano de verificar os seus aparelhos complicados, que Cassiano jamais vira iguais. Vez por outra falava, cortava a quietude dos ares, podendo fazer as duas coisas, dirigir e conversar, como se tivesse duas cabeças pensantes, tal a experiência.

– Vou passar baixo em Fordlândia – disse Rogaciano. – Vocês vão ver o gado que aí está. É pouco, muito pouco, para tão grande sacrifício.

O avião foi perdendo altitude, controlado pelas mãos hábeis do comandante. Voou rasante, quanto pôde, apontando um pequeno rebanho de reses brancas, corpulentas, gado bom para corte. As reses se tresmalharam espantadas com o ronco do avião.

– Não há muita orientação nisso tudo – explicou. Ora se quer fazer agricultura, ora pecuária, sem um plano certo, claro, definido. O americano largou isto aqui por dez-réis de mel coado. Vem um cabra doido e bota tudo abaixo para criar gado. Amanhã vem outro que resolve plantar de novo e mata as reses. E assim continua a orquestra. Não há persistência, esforço numa só direção.

Para onde levavam Cassiano? Que destino era o seu? Que gente estranha aquela, em nova terra, novos ideais, novos hábitos? Ao longe o rio se retorcia, estreitando cada vez mais, tão longe já do seu encontro com o Amazonas. No entanto, ainda havia muito a voar até os garimpos, além de Itaituba e do porto São Luiz, o último ponto assinalável de navegação franca no Tapajós numa distância, de Santarém, de centenas de quilômetros. Que mundo verde era aquele, tão procurado por estranhas raças? Um mundo onde judeus, sírios, portugueses, americanos, japoneses, alemães, italianos e até gregos se encontravam, mas não se fixavam, cada qual carregando o seu sonho, o seu ouro ou a sua ambição? Muito faltava ainda para atingir o fim da viagem. Rogaciano continua falando:

– Esse mesmo homem que derrubou as seringueiras e mandou gado para Fordlândia quis encher o Baixo Amazonas de zebus, búfalos, sonhando sempre com a pecuária na região de Monte Alegre, Santarém, Óbidos, Alenquer. Falou em transferir toda a população nordestina da zona bragantina para o Baixo Amazonas, isso por volta de 1949. Esvaziava a bragantina. Agora parece que mudou de ideia. Dizem que defende o Lago Amazônico, com a construção de uma represa em Óbidos, que inundará tudo. Transformam o coração da Amazônia, uma das zonas mais populosas, em um lago. Toda obra feita ficará por baixo da terra: terras boas de pasto, fazendas, habitações, aquela mesma região onde, antes, quis localizar as populações da bragantina. Coisa engraçada! Ninguém entende. Não se sabe o que está por trás disso tudo. E como se muda de ideia depressa! Ora se planta, ora se corta, ora

se cria, ora se mata, ora se povoa, ora se despovoa; parece um mundo de loucos, sem sentido, sem rumo.

Cassiano não entendia muito bem, em sua plenitude, o raciocínio de Rogaciano. Mas este não parava, como se dialogasse, não com os passageiros, mas com alguém imaginário, que deveria escutá-lo.

– Uns justificam o tal lago com a finalidade de criar peixe. Outros dizem que as águas altas darão acesso a regiões de minérios. Já li até que esse lago separará geograficamente o Brasil da chamada Guiana brasileira, a parte norte do Trombetas e Jari, que ficará fora do Brasil num plano diabólico de criar uma nova nação ao norte. Aliás isso não é impossível, nem incrível, porquanto os franceses criaram uma: república no século passado em Cunani, região brasileira, do Atlântico ao Rio Branco, no estado do Amazonas, república com bandeira, hino, representação diplomática, o diabo. Só faltava gente para ocupar a terra ... Isso foi no século passado, no tempo do ouro do Cunani, que se desviava para Caiena ...

Ouro, sempre o ouro como centro dos acontecimentos. Agora mesmo raças de todos os quadrantes se encontravam naquela encruzilhada do mundo, à procura do ouro, que enriquecia, não os que o encontravam e extraíam, mas os que o compravam e revendiam. “Na Amazônia”, falava Rogaciano, “em geral quem enriquece é o intermediário: o exportador da castanha, da balata, da borracha, do óleo de pau-rosa, de couros ou sementes oleaginosas, das madeiras. Sempre o intermediário. O extrator é um pária, perdido na selva, faminto e maltrapilho”. Cassiano sentia que precisava parar um pouco a cabeça para arrumar as ideias, mas reconhecia que já estava criando uma nova mentalidade, tanto vinha aprendendo, em tão pouco tempo. Sentia-se mais importante, menos flagelado, só desassossegado à noite, pois a luz do dia não dava vez para intranquilidade.

– Os americanos traziam tudo para Belterra e Fordlândia. Comidas enlatadas, medicamentos, tecidos importavam da América do Norte, artigos novos, tudo funcionava normal. Contratavam médicos brasileiros que vinham praticar no hospital, aprender com os americanos. Era um verdadeiro curso na selva.

– E os garimpos? – indaga Cassiano. – Onde ficam?

– Ainda está longe. Falta voar um pedaço. Passamos Belterra, Aveiro, Fordlândia, o Rio Cupari, afluente do Tapajós, da margem direita, do outro lado, mais adiante fica Brasília Legal. Há muitos rios por aqui que para nós são pequenos, mas se fossem no Nordeste seriam imensos. O Igarapé São Florêncio seria um rio no Ceará. Agora vamos passar pelo Itapucurá Grande, depois do Itapucurazinho, aquele grande afluente desemboca perto de São Luiz do Tapajós, um fim de mundo. Grande mesmo é o Jamanxim, mais adiante, nosso destino. E depois o Crepori, o rio das Tropas, o Cabitutu, o Cajariri, perto de Jacareacanga, onde há campo de aviação do governo. Mas por aí tudo há garimpos, longe uns dos outros, como no Bom Jardim, no Cuiú-Cuiú, no rio Cabeça, em toda parte se pode encontrar ouro, é preciso saber procurar. Quantos séculos essa região ficou desconhecida, habitada de índios, sem que ninguém lhe desse valor! Julgava-se só haver selvagens, nada mais. Quem haveria de dizer que tal riqueza surgiria de um momento para outro, quase por acaso? Bastou um encontrar e todo mundo foi atrás.

– E as colônias de nordestinos – indaga Cassiano – onde ficam?

– Muito longe daqui. Perto de Santarém e Belterra, região alta, própria para lavoura. Garimpo e lavoura não se misturam. Por isso aqui nos garimpos tudo custa uma fortuna, os olhos da cara, quase não corre dinheiro. É ouro em pó. Transporte difícil, distâncias enormes. Vocês, viajando de avião, não fazem ideia. Em barco leva até meses, se forem pequenos e de máquina ruim. O Tapajós, até as nascentes, tem mil e tantos quilômetros, distância comparável a Recife-Rio de Janeiro. Isso só um rio, o Tapajós. Os demais afluentes do Amazonas são também de extensão semelhante, o Xingu, ainda mais com quedas-d'água em Altamira e Vitória, o Tocantins, com suas corredeiras, o Negro, o Madeira, o Napo, tudo muito extenso, meses de viagem de subida, rios sem fim. Quem vive nas capitais não faz ideia do que é a Amazônia. Olha no mapa e acha todo fácil. Que fácil que nada! Já pensou levar uma lata de leite condensado de barco durante trinta, quarenta ou sessenta dias até atingir Barra de São Manoel, leite vindo de Minas Gerais? E o sal? E a pólvora? E o charque? E a farinha? Só há que comer frutas, pesca e caça. E isso já é uma dádiva grandiosa da natureza. Mas já pensaram o que é comer peixe e tartaruga sem sal? Sem farinha? Sem feijão? Sem pimenta? Ninguém aguenta. Fica todo o mundo enjoado,

com disenteria, aquela comida rala, igual, sensaborona. Há lugares por esses matos onde nunca chegou uma galinha.

Rogaciano conhecia tudo, sabia de tudo, na região. Velho piloto, habituado à vida nos ares, dirigia a aeronave com desembaraço, gostava de falar, voz franca, alma aberta, tipo gaúcho.

– Há muitos campos de aviação aí por baixo, tantos que as autoridades nem sabem no meio da mata, quase escondidos, se é que se pode esconder um campo de pouso. Mas as distâncias são tão desproporcionadas que ninguém os descobre, a mata é imensa, ninguém acha, a não ser por acaso. Só mesmo os aviadores experimentados. Esses sabem de tudo. Vão aonde querem. Para eles o céu não tem segredos. Mesmo assim é perigoso voar certas horas, quando as nuvens estão negras, nimbos, cemitério de aviões. Cair nessa mata é morte certa. Difícil até de encontrar, as folhagens cobrem tudo. Salvo se o avião plana e monta na copa de alguma árvore grande. Já tem acontecido.

Rita se apavora, o medo nos olhos, as mãos agarrando a ferragem do banco incômodo.

– Credo cruz!

– Não precisa ter medo. É menos perigoso o avião pequeno, plana, desce bem, se acomoda em qualquer lugar. Avião grande não, vai rasgando a mata, estrondo enorme, explode logo, morre todo mundo, salvo um ou outro protegido de Deus ou com fôlego de gato. E há o perigo dos índios, pois há muitos por aqui, alguns enormes, gigantes, ainda bravios, ou feras, onças, gatos-maracajás, por vezes cobras, muitas venenosas. Fiz treino para a selva, sei tirar água de cipó e comer cobra assada. É ruim, mas diverte. Tenho saudade dos bons tempos, vida dura, mas aberta, sadia, muito exercício, ar livre, boa camaradagem. E se aprende a amar a Pátria. Isso é preciso, para todo homem, desde a infância. Há muita gente que se esquece dela, da Pátria, nas melhores horas. Aqui mesmo vocês vão topar muitos deles, é preciso cuidado. Gente que faz contrabando de tudo, traz mercadoria estrangeira para vender por preços exagerados, leva ouro de volta. Lá isso eu não faço, contrabando não, nunca fiz nem farei. Mas não tenho meios para evitar que outros façam. Não deixam rastros, são espertos e afinal de contas hoje em dia não tenho nada com isso, ganho a vida honestamente, e é tudo. Propostas

já tive, mas não aceitei. Não quero encrencas. A irregularidade não está em comprar ouro. A lei permite. Não é proibido. Já foi, antigamente, quando o Banco do Brasil mantinha o monopólio. Mas o governo acabou com esse monopólio e hoje em dia qualquer pessoa pode comprar ouro, como quem compra feijão ou arroz. Eu mesmo, vez por outra, compro um pouco. Algu- ma pepita para presentes, um pouco de ouro em pó, mas tudo legal, com imposto pago. A bandalheira está é no não pagamento dos impostos. Há gente que chega aqui, compra dos garimpeiros, vinte, trinta quilos de ouro e vai embora, não paga o imposto da nação, que é de oito por cento. Nisso é que está a irregularidade. E outra: levam para o exterior. Isso ainda é pior, ou trocam por dólar. Não recebem cruzeiros, só dólar, um grama, um dólar. Ouro de mina. Isso todo o mundo sabe, não é segredo. A nação fica pobre, sai o ouro e sai o dólar. E há fortes compradores no Sul, em São Paulo, gran- des casas, no Rio, firmas internacionais, negócio ligado com Nova Iorque, Londres, Paris e Hamburgo. Isso é uma engrenagem muito complicada que vocês não entendem. O garimpeiro mesmo, esse, coitado, nunca fica rico. Começa que quase não pega em dinheiro. A grana dele é o ouro. Mas ouro, no meio da mata, que valor tem?

Assim falava Rogaciano...

Cassiano começava a ficar preocupado. Fora convidado para trabalhar nos garimpos, esperava sair dali rico. Tinha alguma prática de comércio, experiência ganha no sertão, na venda paterna, desde a infância. Negociara com jagunço, gente esperta, dissimulada, quando quer comprar finge que não gosta da mercadoria, destrata, pergunta preço de três coisas na frente, a quarta é a da preferência, para ver se tira mais barato e ainda pede desconto. Assim só Arão, judeu de cabelo ruivo, que pedia o primeiro desconto per- guntando qual seria o menor preço; depois o segundo desconto indagando qual o valor com o pagamento à vista; e o terceiro desconto, afinal, com a mão no peito:

– “E para mim? quanto custa?” Sim, levava sempre barato. O menor preço, à vista e “para mim”, essa última saída encostava qualquer um na parede. “Para mim, seu amigo”. Negócio com ele só pedindo mais caro, era a defesa do vendedor. Se custava vinte pedia cinquenta, para fazer os três descontos e dar os vinte certos. Sim, sertanejo não ia na conversa de judeu,

por isso havia poucos por lá, quase nenhum, enquanto aqui na Amazônia estavam por todos os lados, de mistura com os turcos, portugueses, caboclos, nordestinos, italianos, confraternizando, como se a região fosse uma nova Babel, onde todos, embora falando línguas várias, se entendessem.

Rogaciano toma a respiração, olha o relógio, contempla o céu e recomeça:

– A garimpagem não é proibida. Qualquer um pode fazê-la sem precisar de licença do governo. A lei já dispôs assim porque o negócio é para gente corajosa, cheia de dificuldades e surpresas. Se não facilitar ninguém procura. O ouro está aí, mas para encontrá-lo é preciso suar muito, expor-se à malária, passar mal, viver no meio de gente ruim. Arrisca-se a vida a toda a hora, até mesmo quando se encontra o ouro e o traz para casa. Pode ser baleado pelas costas. O governo autoriza a pesquisa, a lavra, coisa diferente. Há necessidade de um processo, uma autorização do presidente da República. A garimpagem não. Quem quiser que meta a cara. O campo é livre. Mas coragem não é sífilis, que todo o mundo tem. Coragem é coisa rara, no verdadeiro sentido. Meter-se por essa mata adentro não é tarefa para qualquer um.

Cassiano sempre ouvira seu tio descrever a Amazônia em cores vivas. Esperava não ter muitas surpresas. O tio fora para um seringal na época de fastígio, se sacrificara no início, mas logo vira ser impossível sobreviver na floresta. Resolveu fugir, tentar outra vida, mais ligada ao comércio do que à produção. O regatão enriquecia. Por isso os turcos viviam cheios de dinheiro, subindo e descendo rios, as canoas repletas de quinquilharias. E os judeus, que não se viam nos seringais? E os portugueses, comerciantes de beira de barranco, donos de mercearias ou serrarias, vivendo em cima d'água, mas contando dinheiro à noite, alguns até com filho estudando na universidade de Coimbra? Enriqueciam no interior, ora no regatão, ora no comércio fixo, comprando dos caboclos a castanha, a balata, a seringa, a oleaginosas, em geral, um negócio da China. Enquanto viajavam pelos rios, ou se endinheiravam nos barrancos, compravam imóveis em Belém, Rio, São Paulo, e muitos portugueses aplicavam em Portugal. Ninguém dava nada por eles, no meio da selva, casas de madeira, telha-vã, construções sobre tábuas, pontes de acesso para atracação de barcos, tamancos nos pés, adaptação completa em franca confraternização com os nativos. Muitos se

arranjavam com as mulheres da região, as mais bonitas, acabavam suas, se não perante o Juiz ao menos perante a sociedade, com filhos estudando na capital; alguns se formando e se transformando em profissionais liberais. Caboclos doutores, e bons, às vezes, nem sempre.

Esse o panorama que se descortinava no espírito de Cassiano ante as descrições que tanta vez ouvira, do tio que enriquecera na Amazônia, não em garimpagem, nem nos seringais, mas no comércio, na compra e venda, no troca-troca de mercadorias, levando sal e trazendo borracha, vendendo açúcar e recebendo caucho, pau-rosa, castanha e outros gêneros.

Mas ao que estava observando, no rio Tapajós, além de Fordlândia, só havia mata cerrada.

O avião sacoleja um pouco, algumas nuvens, céu ligeiramente turvo, ao longe, com prenúncios de mau tempo. Começa a descer.

– É Itaituba – diz Rogaciano. – Mais ao sul fica Jacareacanga. Uma base da Aeronáutica, não chegaremos lá. Mas não podemos demorar aqui. Só alguns minutos, para abastecer e depois seguir voo.

A aeronave desce aos poucos, segura de si, manobra bem, vê-se o rio de águas claras, praias, depois mata, só mata, todos os tons de verde reunidos, uma pista, construções pequenas, deserto, solidão.



Viver aqui tão longe, muito heroísmo, estar naquelas lonjuras, distante do mundo sim, do mundo, que aquilo não é lugar em que se viva, tão isolado de tudo. Mas deve ter o seu sabor, para os que gostam, silêncio, paz, solidão, solidão mesmo, atingível só pelo ar, em pouco tempo, pois pelo rio a navegação é difícil, nos barcos lerdos, o motor roncando, roncando, rio acima, ecoando na mataria, deixando o rastro da hélice na água lisa e cristalina.

O tempo se modificava, maus prenúncios, nuvens acumuladas em velocidade, arrastadas pelo vento, o ar frio, diferente, como se escurecesse cedo demais. Rogaciano falava com todos, conhecia muita gente, batia nas costas, grandes abraços, era uma festa o encontro com amigos. A solidão do verde deserto como que aproximava mais os homens, estimulava neles a solidariedade, a fraternidade, os sentimentos afetivos. Naquele deserto até inimigos da cidade, ou indiferentes, que se encontrassem, talvez fossem incitados à paz, à confraternização.

Rogaciano explica:

– Fui forçado a descer aqui. O tempo não vai ficar bom, é perigoso viajar assim. Além do mais vocês devem repousar um pouco, fazer uma refeição, vamos ter que pernoitar.

Em poucas horas Cassiano e Rita se viram num quarto pequeno, mas limpo, com o mínimo necessário, cama modesta, um pequeno banheiro, mas com chuveiro. Sua cabeça rodava, tudo rodava, a terra, as árvores, as casas, as pessoas, os aviões, a viagem lhe deixara um gosto amargo na boca, restos de vômito, o enjoo persistente, andando trôpega, sem equilíbrio nas pernas.

Desceu a noite rapidamente, muito escura, densa, coaxar de sapos, grilos escondidos em lugares não identificáveis, lá fora o vento, a chuva grossa, dando lambadas no telhado, varrendo as janelas, como se tivesse raiva. Eram os elementos em fúria naquele deserto verde, o verde solidão, sem esperança. Refeição grossa, mas sadia. Noite longa, a mais longa de todas as noites, alta madrugada, a chuva amainara, chuvisco persistente pinicando o



telhado, as biqueiras ainda escorrendo, fazendo poça, gritos espaçados de aves que os ouvidos dos nordestinos jamais haviam escutado. Cansado da viagem Cassiano dormira firme até às tantas da madrugada, quando acordou, ruídos fora, o chuveiro, e dentro, no quarto, como que um soluço, algo estranho, diferente. Era Rita acordada, chorava baixinho, interrogada dizia que não, sentia nada, estava bem, gostava da viagem, mas no íntimo chorava mesmo. Saudades da terra, do sertão, da casa, dos amigos, até dos bichos, das vacas que foram vendidas, todas com nomes que ela mesma colocara, mal nascidas, “Baezinha”, “Malhada”, “Dourada”, “Manacá”, “Corumbá”, das próprias galinhas, algumas com nomes, que as crianças gostavam de apelidar. Sim, o carinho dos sertanejos também se estende aos animais. Todos com apelidos, nomes engraçados, “Bonitinha”, “Marreca”, “Sinhazinha”, até o papagaio, o louro, “Gastão”. A seca devorara tudo, vendidos, mortos, devorados, foram-se todos. Rita tinha saudades das menores coisas, mesmo de fatos que, ao ocorrerem, não seriam capazes de lhe despertar grande atenção. Voltava tudo, de madrugada, ao seu pensamento, tomava conta de seus nervos, espantava o sono, se via novamente no sertão, tórrido embora, mas o sertão, seu berço.

– Você está chorando, Rita? – indaga Cassiano.

– Estou não, homem. É dor de dentes.

Cassiano conhecia a mulher, sabia que estava mentindo. Só não queria amargurá-lo, ela a companheira, o esteio de sua alma.

– Não chora não, mulher. Está para terminar. Amanhã estará tudo bem. Juvêncio garante que a vida aqui é boa, lucro certo. Depois se volta, com dinheiro no bolso, compro a venda do Seu Luiz, no Seridó.

Era o velho sonho de Cassiano comprar a venda do Luiz, uma casa de negócios afreguesada, muito maior que a outra, que fora de seu pai, herança sua, levada na desgraça da seca.

Cassiano acende a luz, Rita tinha os olhos vermelhos, olheiras negras, cabelos desgrehados, mesmo assim lhe parecia bela, como de fato era, em qualquer situação.

Manhã cedo levantam, abrem a janela, tudo molhado, frio úmido, verde por todos os lados, menos na alma, inundada de desesperança.

Rogaciano sempre franco, falando muito, se despedindo dos amigos, antigos colegas, um deles negro, dentes alvos, figura simpática.

– É o comandante Diniz, explica Rogaciano, um pioneiro. Foi da ativa. Agora está na reserva. Organizou uma companhia de aviação. Conseguiu o registro, mas só tem um avião. Um Catalina velho. Faz miséria com ele, rasgando esses ares, tudo muito honesto, homem direito, precisa de empréstimo dos Bancos para ampliar a sua Companhia, mas não consegue o dinheiro. Se fosse negócio de esperteza já tinha conseguido. Mas com ele a coisa tem que ser às direitas, nada de propinas, nem de dez por cento. Este é o país dos dez por cento. Com eles tudo se consegue. O que nos salva são as exceções, os homens bons, honestos, trabalhadores, como esse negro de alma branca que vocês viram ali. Quer agora comprar um outro Catalina. Avião usado, batido, mas o melhor para a Amazônia, tanto desce em terra como na água, anfíbio, voa bem, bom de carga, é o aparelho ideal para a região. Não sei por que não fabricam mais. O perigo está apenas quando topa algum tronco dentro d'água. O aviador não chega a ver o obstáculo, vem mergulhado o galho de árvore, ou o tronco grosso, que se desprende de algum carregamento. Às vezes é ramo largado em terra caída. A água barrenta, não dá para perceber. É o único inconveniente, mas não tenho notícia de acidentes dessa natureza. A gente sobrevoa bem antes de pousar, escolhe o melhor trecho do rio e plana bem, o casco da aeronave batendo com estrondo na água, os passageiros com medo. Pois o Diniz conseguiu fazer uma empresa aérea com um avião só. Corta toda a Amazônia. Um herói nacional desconhecido, ninguém dá valor, é pena.

Em poucos momentos todos no ar, manhã clara, nuvens ao longe, a terra e a mata ainda molhadas da chuva noturna. Mata espessa, a perder de vista, tonalidades de verde, cortada apenas por numerosos cursos d'água, uns finos longos, como serpentes recurvas, outros mais largos, desertos, só muito raramente perturbados por pequena canoa, como um verme a deslizar, vista do alto.

– Há muitos campos de pouso perdidos nessa mata – exclama Rogaciano. – Mas só desce avião pequeno. Servem os garimpos. Vamos a São Domingos, no Jamanxim.

Rogaciano explica, a fim de evitar confusões:

– Há um outro povoado São Domingos, mais acima, no próprio Tapajós, entre os Igarapés Periquito e Traíra. Além do lago das Piranhas. Vamos a outro São Domingos, no Jamanxim, mais perto, passando o Urubuquara.

Sempre a paisagem monótona enche os olhos de todos.

As águas do Amazonas se mostravam indóceis, atingindo altura não alcançada em anos anteriores. Subiam mesmo, alagando quintais, roçados, só respeitando as casas. A da beira do rio, na altura calculada pelo experiente construtor, sobre estacas de maçaranduba, assoalho de paxiúba, de mistura com piquiá, madeira forte, esteios e ares de acapu, em anos anteriores ficara como se estivesse boiando, vista de longe, as águas lambendo as suas bases. Comunicava-se com o armazém por uma ponte larga de estacas e tábuas, as demais construções todas de madeira.

Não muito longe a mata, logo atrás dos armazéns, a alguma distância da vila, que se podia avistar debruçada sobre o rio, parte n'água, parte em terra. No verão, quando desce o nível, veem-se as armações dos trapiches altos, como esqueletos fantásticos, o madeiramento escuro e rijo, embaixo o tijuco mole, pegajoso, onde se refastelam os porcos e por vezes brincam as crianças.

O caboclo recebe a enchente com serenidade, a montaria sempre a postos. Corta madeira na mata para as obras de emergência, levanta aqui, amarra acolá, compra tábuas, levanta o nível do assoalho à proporção que a água amarela vai entrando em casa.

Cassiano ainda não se conforma com aquela calma, que lhe parece pouco normal. Habitado que fora no Nordeste, e apesar dos anos de Amazônia, ainda trazia no íntimo os complexos que adquirira na terra natal. Como podiam aqueles caboclos tocar banjo a noite inteira, bebendo cachaça, dançando, enquanto as águas subiam, como se não estivessem ameaçados?

Tomou as primeiras providências, mandando buscar madeiras grossas, fortes; afinal de contas o rio era muito largo, não enchia depressa, a sua luta era lenta, embora eficaz e devastadora, mas custava a recuar. E haveria tempo de defender-se, subir o soalho, passar as mercadorias, que não eram muitas, de um lugar para outro, fazer estrados. Açúcar, farinha, charque,

tudo o que pudesse estragar em contacto com a água, trocava de lugar, mais meio metro de altura, que fosse, era muita coisa para a enchente atingir.

Lembrava agora os tempos de garimpo, duros dias, duras noites, olhos acesos, morte perto.



O avião de Rogaciano desceu levemente, sem problemas. Em breve estava em terra, parado. A mesma natureza bruta em redor, um acampamento com pequenas casas, de madeira, palha e cavaco, cercado de verde por todos os lados.

Um povo estranho, misturado, raças diversas, comércio pequeno, um bar exótico, casas precárias, tudo dominado pela instabilidade das horas vividas naquele ermo. A mata espessa parecia impenetrável, indomável, uma barreira do demônio contra o homem. Não, não era possível vencer aquela cerração de galhos, folhas, troncos, tudo compacto, muito alto, virgem ainda, cortado pelos rios que se estreitavam pouco a pouco, acabando por tornar-se filetes de água barrenta, quase inavegáveis, mesmo em igarité. Os homens se aventuravam, não tinham mais o que perder, longe de tudo, de todos, sentiam suas forças crescerem, multiplicarem-se, eram os guardiães de si mesmos, porquanto polícia e justiça ali não apareciam. Nem mesmo o fisco, tão longe estavam. Para alcançar aqueles desertos só mesmo o minúsculo avião de Rogaciano, pousando como um passarinho em plena selva, em campo de pouca visibilidade, pequenas proporções, terra batida avermelhada, cheia de seixos na orla da mata. Pista feita a braço, que ali não chegavam veículos, nem animais, nem máquina alguma a não ser a pequena aeronave, conquistadora de espaços, capaz de tal aventura.

A casa precária, madeira lavrada, bruta, coberta de palha de ubuçu, poucas mulheres, defendidas a muque pelos maridos, ou amantes, um perigo permanente, para ambos.

– Não se preocupe não – dizia Juvêncio – o lugar aqui é bom. É questão de se acostumar, quando ganhar a grana vai embora para a cidade. Pelo menos não tem seca.

Os mantimentos vinham pelo ar. Tudo pelo ar. Nunca homens estiveram tão escravos do ar, embora aparentemente escravos da terra. Só voava quem os comandantes quisessem, o controle dos patrões, o ouro fino circulando



como moeda, ou em pepitas, de todos os tamanhos. Sua vista dava a Cassiano uma sensação de consolo por meter-se em tal aventura.

Os primeiros dias foram de adaptação ao meio, aos homens, ao desconforto. Rita sempre enjoada, como se estivesse ainda no avião, mas já eram os primeiros sinais, a gravidez mal percebida, desde Santarém, um filho a nascer naquela selva. As preocupações aumentavam, mas a esperança alimentava a alma. Em torno tudo áspero. A morada rude, a mata densa, árvores variadas, arbustos de mistura com palmeiras, açazeiros, a alimentação diferente e as longas ausências. Cassiano no garimpo, subindo o rio estreito, em canoas, sol mal nascido, à procura do ouro. Longas caminhadas pela mata. Num pequeno braço de rio, em plena floresta, já meio explorado, a tabatinga branca, a água esbranquiçada de lama rala, o aclive da margem, logo depois a mata, mais adiante as elevações do terreno irregular, semimontanhoso, com pedras enormes à mostra. Muitos dias de viagem a pé pela mata. A terra visguenta é lavada aos pedaços, em armação de madeira, à margem, ou coada em bateias, aos poucos aparece o ouro fino, que se deposita em outra peça de madeira rústica, feita de tronco de árvore. Trabalham de calção. As pernas mergulhadas na água, peito descoberto, a faca à cinta, dias inteiros, uns mais felizes, com colheita razoável, outros aziagos, quase nada, dependendo do veio encontrado. A natureza escondeu o ouro que escorre de mistura com a terra, trazido pelas águas de algum lugar onde a quantidade deve ser imensa. Alguns colhem pepitas, às vezes em rochas, que quebram, vendo-se ali incrustadas, faiscantes, de todos os tamanhos.

Procópio e Avelino trabalham em outra região, mais distante, perdidos naquela floresta, de mistura com homens vindos principalmente do Nordeste e alguns caboclos da região. O grande inimigo ronda a todos, o invisível, que dá sinal de presença pelo canto, como violino desafinado, o mosquito, transmissor de malária, principalmente no inverno. O homem luta contra tantas adversidades, os adversários embuçados, às vezes de difícil identificação, na mata: os insetos, as onças, as cobras, os índios, e os próprios civilizados. Percentagem da produção, grande parte, fica com o dono do garimpo, o que abriu o campo, fundou o acampamento. Ali ele governa, não admite protestos, nem fiscais, nem autoridade alguma. Numerosos garimpos são assim explorados, distantes uns dos outros, os mesmos processos, o ouro é a

moeda corrente, de preferência, para a comida e a bebida. Os compradores, que de vez em quando surgem no local, não só dinheiro trazem, mas também gêneros, de toda espécie, desde os de alimentação aos de indumentária. Artigos grossos, variedade enorme, tudo vindo de avião, por preços nunca vistos, justificados pelo frete. Efraim gosta de comprar o ouro, quanto lhe ofereçam. Vem de São Paulo, não se sabe como, surge, compra, desaparece, é visto ora em Itaituba, ora em Santarém, mas evita Jacareacanga, que é base de governo e prefere passar longe. Leva o ouro na mala, como coisa à toa, embrulhado em jornal velho, cada pacote de um quilo, ou em latas de manteiga, que, cheias de pó, pesam dez vezes mais. Como o dólar estava a um cruzeiro, uma lata dessas continhas nada menos do que dez milhões de cruzeiros antigos, dez mil novos equivalentes a dez quilos. E uma lata, para os de sorte, que topassem bom veio, podia ser colhida em pouco dias, tudo uma questão de estrela. Mas o ouro saía, os compradores não faltavam, mais judeus e cearenses, numa competição de igual força, cada qual com a sua astúcia. Levavam tudo, sempre de avião, para Santarém, Rio e São Paulo, de preferência, alguns por conta própria, para revenda, outros como emissários de grandes firmas, embaçadas, que não aparecem, soltam o viajante a comprar ouro em pó como quem compra farinha.

– Mais de trezentos quilos por mês voam nos aviões – dizia Umbelino, cabra meio revoltado, enquanto penetrava na água, até a cintura. E continuava: – Estou aqui faz dois anos, não sobra nada, pois quem é que pode viver sem comer? Os judeus e os cearenses levam tudo. Vão para Juazeiro, terra de muita ourivesaria.

Não há fiscalização. Sai tudo. Dizem que vai também para o estrangeiro, via Rio e São Paulo.

As noites são mais longas do que os dias, Rita sempre dizendo a Mara, amiga dedicada, que está bem, que não tem nada demais. As noites em claro lhe marcam olheiras escuras sob os olhos claros. Tomou susto, logo nos primeiros dias, três rapazes doentes, um deles mais que os outros, febre alta, batendo queixo, olhos vermelhos, aos gritos: “eu quero a minha mãe, eu quero a minha mãe”. Vinte anos talvez. Pedia a mãe, sempre distante, morta talvez, em desabalada carreira, louca, inconsequente, o calor da febre, lança-se na água, mergulha, desaparece, ninguém mais o vê. Correm todos

para a margem, nenhum conseguira alcançá-lo, tão repentino o gesto, tão veloz a carreira, tão incompreensível, para os que não têm febre, aquela loucura. Comido por jacarés vorazes, ou arrastado pelas águas, no fundo, até boiar no dia seguinte, já longe, ou encalhar à margem, na galharia das árvores debruçadas sobre a correnteza, e aí ser devorado pelos urubus, se os peixes deixarem saldo. Rita viu tudo, quis gritar, não veio a voz, ouviu o baque do corpo na água, de cima do barranco alto, depois o silêncio, nada mais. E os comentários, os diz-que-diz-que, foi mandinga, foi falta de benzeção, foi mau-olhado, foi malária, foi qualquer coisa que virou a cuca do caboclo, vinte anos apenas, coitado, falta de remédios, de enfermeiro ao menos, esperando que estava o transporte para Itaituba ou Santarém. Vez em quando morria um, malária braba, calafrios, dentes rangendo, olhos esbugalhados, retardo do avião para levar, que hospital só em Santarém e posto em Itaituba, nem sempre com remédio. Vez por outra um enfermeiro da base, inspeção no pessoal do governo de Jacareacanga, ajuda aos de perto, da mesma vila, nunca possível correr todos os furos, principalmente os garimpos, alguns deles até escondidos na selva, para não serem vistos nem procurados. Mulheres quase que só prostitutas, vindas de todas as partes, caboclas, bolivianas, por lá ficou uma estrangeira, que se dizia grega, Pomona, que a muitos servia. A pensão da Pomona era ponto de diversão e brigas, avermelhadas quando corria sangue e muita cachaça, nos dias de festa, ou quando havia produção maior. A farra, quando a cana subia para a cabeça, era paga em ouro. Pepitas mesmo, ou em pó, fino ou grosso, mesmo o impuro, com ganga e tudo. Corriam estórias estranhas a respeito de Pomona. O marido Damulakis a largara no mundo, depois de flagrada em adultério, caíra na vida livre e fora dar ali, enriquecendo. Havia poucas mulheres honestas, como Rita, vindas como ela na ilusão da riqueza, da novidade, da nova vida, da promessa colorida, tudo pintado a cores vivas, faiscando os olhos, tanta era a ambição. E Rita seguia o marido, para onde fosse, mesmo no maior inferno, não o deixava nunca, que assim fora educada no sertão. Mansa de alma, afeita à desventura, capaz de resistir, coragem encoberta, que só se mostrava em horas extremas. E assim foi quando Ernestino tentou abusar, sabendo Cassiano ausente, no garimpo. Criou forças novas, vindas não sabe de onde, a faca pontiaguda na mão, pronta para furá-lo; grito de

socorro, Avelino por perto, defende Rita, bota para fora Ernestino, bêbado, pouco dono de si. Corre gente de todos os lados, que foi que não foi, o povoado se agita, depois passa. Já estão habituados, não há mais surpresa, agressões, invasão de casas, morte vez por outra, enterra logo, todo o mundo se esquece do ocorrido. Cassiano não simpatizara com Ernestino, tinha que precaver-se, pensava na mulher, no filho que ia nascer, a barriga ainda não mostrava, mas já estava gerado, o cabra estava bêbado, dizia Avelino, que desculpasse, pior seria arranjar um caso de morte, naquelas lonjuras. Felizmente Juvêncio amparava Cassiano, era amigo real, tivera boa intenção, chama Ernestino, depois de curado da bebedeira, dá conselhos, que evite encrenca, enquanto é tempo. Perdoava por estar bêbado.

Segue a vida assim. Dias inteiros as pernas na água barrenta de argila branca, o ouro faiscando na mão e nos olhos, entregando a parte do patrão, guardando um pouco, para evitar desperdício. E Cassiano podia guardar, não era de farra, nem de bebedeiras, queria sair dali com economias, melhorar de vida, ser gente. Tinha medo dos índios, os caiapós, ferozes inimigos, que, segundo diziam, atacavam de surpresa, sem piedade.

Longos dias e mais longas noites, ouro crescendo, mas despesa muita, Juvêncio procurando ajudar, Rita longe apavorada com tudo, os índios, os homens, a ameaça de malária, que andava no ar. Vez por outra um arriava com impaludismo, transportado às pressas, pois o acesso vinha de repente, quando menos se esperava. A não ser o avião, nada mais os comunicava com o mundo. Domingo, Rita tinha saudade do sertão, habituada a ir à igreja, à missa da manhã, sentia falta até do repique do sino, os meninos pendurados na corda, badalando, a mando do sacristão, na velha torre. Tudo agora se fazia diferente e embora cercada de vegetação não havia nenhuma produção agrícola. Apenas a castanha, em algumas, áreas, exploradas por extração, embrenhados os homens na mata, com perigo de vida, uma árvore aqui, outra adiante, difícil de transportar pelo rio, cheio de corredeiras antes de Itaituba e só francamente aberto dessa cidade até a foz.

Cassiano passava grandes temporadas em um novo garimpo, muito longe, em plena selva. Perto da margem do pequeno Igarapé o tapiri, madeiras grossas, coberto de cavaco, dava para ir vivendo. Alguns, de garimpos mais próximos, assim permaneciam a semana inteira, regressando sábado. E o

pagamento não era dos melhores: três gramas de ouro por dia, cerca de noventa gramas por mês, à razão de um dólar o grama, não era grande coisa. Mas a morada e alimentação eram por fora. Cassiano, no entanto, ganhava mais, entregava a produção a Juvêncio e recebia logo a sua parte. Tinha dias de fazer vinte a trinta gramas. Guardava-os com cuidado, no fundo da maleta que trouxera do sertão, trancada a chave, só retirando o indispensável. Depois colocava em um vidro ou lata, para esconder. Juvêncio prometera melhora de situação, passar Cassiano a capataz, dirigir o serviço. Os primeiros tempos seriam de aprendizagem, saber pegar na bateia, cavar no lugar certo, lavar a lama grossa, adaptar-se ao serviço novo, em que tudo lhe era estranho. Muitos homens trabalhavam naquele garimpo, só de Juvêncio, pois o dono era o que encontrava primeiro. Havia vários por longe, de outros proprietários, mas por vezes surgia desavença, dois disputando o mesmo, cada qual alegando precedência no achado, brigas, rancores, facadas e tiros, pois cada qual não esquecia a sua espingarda. Em cinco meses de trabalho Cassiano ganhara alguns quilos de ouro, muito pouco, tipo salário-mínimo, com despesa pequena, economia forçada, pouca roupa, mesmo assim já tinha reserva razoável, três quilos guardados com ciúmes e atenções. Não havia quase em que gastar, não era de farras, e Juvêncio garantia a comida, embora ruim, e a morada, precária embora. Uma casinha coberta de cavacos, madeira talhada, mas que dava para viver, ou sobreviver. Avelino estava noutro garimpo, não muito longe, e Procópio num perto de Creporizinho, de boa produção. Todos três garimpos de Juvêncio, que primeiro chegara, encontrara o ouro, tomara conta, pelo direito e pela força, ninguém entrava. Havia um código de honra entre todos, nem sempre respeitado, eis que a lei estava muito longe. A primeira comarca, a mais perto, só em Itaituha, centenas de léguas de distância, separada pela mata e pelo rio encachoeirado. Lei ali não chegava, nem mesmo de avião. Uns tinham que respeitar os outros e vez por outra surgia desavença, por motivo os garimpos ou mulheres, resolvida a bala, com crimes de morte. A boate da Pomona se transformava em teatro de lutas, quando não ocorriam nas matas quase impenetráveis, um tiro pelas costas, ou mesmo de frente. Estava resolvido o problema. Foi assim com o maranhense Januário, como muitos, querendo à força disputar um garimpo de outro, no Rio Cuiú-Cuiú,

levou bala na boate, de noite, ninguém sabe quem matou, nem adianta saber, o corpo rolado no chão, a cabeça sangrando, depois levado em rede. Rita viu passar o corpo, a rede transportada por dois homens, com a vara nos ombros, que ali não havia luxo de fazer caixão, nem cemitério legal. Uma cova no lugar afastado, onde já havia outros, começo de cemitério, algumas cruzeiros toscas, mal pregadas, porquanto até prego era difícil e caro. Rita dia a dia via crescer a barriga, o filho que tanto esperava, preocupações, nem médico, só parteira prática, sem experiência, remédio de farmácia caro, vendido na bodega do Eufrosino, que se dizia farmacêutico. Uma sala na casa de madeira, prateleiras rústicas com remédios, alguns de amostra, que eram vendidos de mistura com latas de conservas. Para chegarem até ali custava muito, naquele fim de mundo nada poderia ser de graça. Rita sonhava com o filho ou filha, imaginava como poderia ser, se a cara era redonda, como a do pai, nariz pequeno ou grande, a cor dos olhos, pretos como os de Cassiano ou verdes como os dela, e os cabelos, lisos como os do pai ou cacheados, castanhos, como os maternos. Por vezes colocava a mão sobre o ventre para sentir a pulsação, um coraçãozinho dando sinal de vida, um ser que haveria de ver a luz do mundo, logo ali, naquele ermo, longe de tudo, nem sequer parentes, médico ou hospital. Queria ir para Itaituba ou Santarém, esta de preferência, que Itaituba não tinha grande coisa. Santarém possuía hospital, em inauguração, grande, bonito, a sua esperança. Juvêncio prometia recomendação para o prefeito, havia de sair tudo bem, se Deus fosse louvado.

E assim seguia a vida, sobressaltada embora, mas com dias de calma, silêncio, a não ser à noite, na boate barulhenta, bebedeira, música, dança, mulheres da vida livre vindas de Santarém, muitos garimpeiros pagando cerveja e cachaça a ouro fino, sua moeda corrente.

Muitos gastavam tudo, nada de economias, perdiam numa noitada o trabalho acumulado de vários dias. Não pensavam no futuro, em geral solteiros, ou abandonados das mulheres, só queriam viver a hora presente. Outros, com mais sorte, quando a produção se fazia boa, iam a Santarém, ou Itaituba, vender ouro aos compradores do sul ou do nordeste, os traficantes, gente esperta, que até no quarto do hotel fazia negócios.

Cassiano ainda não pudera se afastar do garimpo, a fase de adaptação exigia a presença, a necessidade de fazer economia, tudo o prendia ao meio,

cada vez mais absorvente. Só vez por outra, aproveitando um domingo – que até nesses muitas vezes garimpava – poderia embrenhar-se na mata, depois descer em direção do povoado. Não imaginava sequer que poderia haver tanta gente perdida por aquelas matas, em garimpos numerosos, tudo em franca produção, despejando riqueza para o mundo, pelas mãos calosas de maranhenses, cearenses e outros nordestinos. Riqueza para os cofres dos comerciantes nacionais e internacionais. O Tapajós, seus afluentes e subafluentes, se povoavam com penetração incessante. Nasciam povoados mal definidos, sempre ao lado de um campo de pouso para pequenos aviões e não muito longe da zona aurífera. Rio Cajari, Rio das Tropas, Cabitutu, Crepori, Jamanxim, Igarapé Bacabal, Joarizinho, Barra-Branca, Mutuca, Pacu, Terra-Preta eram nomes que se tornavam familiares. O tempo melhorara. Menos umidade. As manhãs de sol do verão, refletindo no verde da mata, nuvens, muitas nuvens no alto, tudo isso ia aos poucos penetrando na alma de Cassiano e Rita, que já se adaptavam à natureza tão diferente da que haviam deixado no sertão. No Jamanxim havia bons garimpos, produção larga, muito aventureiro. Outros surgiam em vários rios. Dependia da coragem de cada um em se aventurar à procura do ouro, no meio da mata, dias seguidos, até encontrar o maldito. Usavam métodos empíricos, a experiência só, o exame da terra, os cascalhos, ouro de aluvião. Nas regiões em que começam as montanhas e os blocos de pedra, encontravam às vezes pepitas encravadas, que só os experientes sabiam localizar. Vez por outra, vindo de avião, surgia um forasteiro usando processos diferentes, aparelhos próprios para sondar a terra, modernos, à procura de minerais de qualquer natureza, não só ouro, que lá também havia outros, como a cassiterita, o diamante e possivelmente a bauxita e o manganês.

Desvendava-se aos olhos de Cassiano um outro mundo. Dentro daquelas selvas havia tanta riqueza como não podiam imaginar os que viviam nas cidades. Ouro escorrendo da terra, de mistura com lama. Estanho, manganês, os vegetais, oleaginosas, madeiras de lei por todos os lados, a castanha, que muitos desprezavam, preferiam a busca ou o comércio do metal, mais atraente e lucrativo. Precisava vencer as dificuldades, agora que Juvêncio iria cumprir a promessa, fazê-lo capataz, dirigente de garimpo, quase um sócio, com maior ordenado, pago em ouro. Tinha o pensamento sempre

voltado para a mala, a chave bem escondida. Comprara nova espingarda, vinda de Santarém, a pedido de Juvêncio. Era preciso manter a segurança, tudo seria possível naquelas brenhas. São Domingos estava sempre muito procurado, a fama corria mundo, diziam que o ouro dali era melhor, mais puro, menos ganga, cor de gema de ovo, não se parecia com o do Rio Cabeça, meio esverdeado, com tonalidades outras e muito sujo. Juvêncio melhorara a remuneração de Cassiano, dando-lhe alguns encargos de vigilância, para evitar furtos. A toda hora surgiam encrencas, era preciso ter alguém de muita confiança e só amigos de longa data, amizade vinda de longe, seriam capazes de exercer fiscalização real, sem traição. Lembrava ainda o caso de Felisberto, garimpeiro piauiense, que teve a casa assaltada, alta hora da noite, roubaram-lhe tudo, sem rastro. Havia muita gente falsa por perto, provinda de toda parte, até criminosos de justiça condenados, sem identidade, que, acossados do mundo, ali encontravam o seu último refúgio.



Os primeiros meses foram duros. Poucos homens casados, assim mesmo deu para Rita fazer amizades: Mara, vinda da Paraíba, e Januária, cearense, ambas casadas com garimpeiros. Mara queria voltar para Patos, sua terra, e não falava noutra coisa. Januária, mais conformada, possuía filhos ali nascidos pelas mãos da parteira Anastácia, cabocla velha, que mais parecia uma feiticeira.

– Não tenha medo não – dizia Anastácia para Rita – menino vai nascer bem.

Usava mezinhas de todo tipo, extraídas de raízes ou infusões de folhas colhidas na mata. Beberagens estranhas, gosto amargo, remédio para tudo, melhor que o da farmácia, dizia ela. Anastácia era uma forte concorrente ao farmacêutico, assim chamado, vendedor de remédios vindos de Belém, rotulados, drogas que faziam efeito logo, quando não matavam. Rita ansiava pela hora definitiva, o nome já escolhido, fosse homem ou mulher, Riomar. Nasceria em plena selva, já sonhava com o filho ou filha crescendo, viajando de igarité, de mistura com os caboclinhos morenos da região, aprendendo a manejar o jacumã, a virar tartaruga na margem do rio, a cavar buracos para colher os ovos, perseguir jaboti na mata, caçar anta, não ter medo das cobras, tão numerosas e variadas. Queria sair dali, mais cedo ou mais tarde, voltar à terra natal, ou encontrar um outro lugar onde pudesse viver tranquila, sem custodiar inquieta noite e dia, um punhado de ouro. O ouro do Jamanxim era sua maldição. E agora que Cassiano passaria a ganhar mais, ficaria mais preso ao serviço, quanto maior fosse a colheita melhor percentagem, talvez até enriquecer. Mas não via nenhum garimpeiro rico. Todos pobres, miseráveis, morando em casa de madeira coberta de cavaco, conforto nenhum. Também não via castanheiro rico, os extratores, todos pobres. Ricos eram os intermediários, e os atravessadores que vinham a Santarém ou Itaituba comprar ouro, castanha, seringa, e depois exportá-los, revendê-los, por alto preço, nem se sabe por quanto. Sopro de governo não chegava lá, nem



mesmo trazido pelo vento. Longe demais, e isolado do mundo pela selva e pelas cachoeiras, barreiras quase intransponíveis.

Juvêncio propôs a Cassiano mandá-lo a Santarém vender ouro. Juvêncio desta vez não podia ir, preocupado com sondagens no Rio das Tropas, onde havia vestígios de muito mineral. Precisava mandar alguém de confiança, e o homem era Cassiano, seu amigo, já provado várias vezes. Difícil seria convencer Rita de que ficaria sozinha por uns dias. Mara tomava conta dela. Não havia perigo. Além do mais estava grávida, a barriga à mostra, espantava qualquer investida. A gravidez era uma segurança, a sua defesa contra os homens, pois se não fosse esse estado Cassiano não a deixaria naquele ermo. Mara e as outras amigas, solidárias no infortúnio, se uniam, em cooperação mútua, contra a devassidão do meio. Espingardas penduradas nas paredes, de cano para baixo, eram também uma garantia. Cassiano devia viajar no avião do dia seguinte, outro piloto, um jovem comandante, ares de estrangeiro, mas brasileiro do Sul, meio alourado, sangue de alemão ou de italiano do norte. Juvêncio ensinou tudo. O ouro em pó ia na maleta de mão, trancada a chave, em latas de manteiga, bem fechadas, envoltas em alguma roupa leve, para despistar, em cima uma toalha de banho, protegendo. Vinte quilos nas duas latas, preço de venda um dólar o grama, isso só se alcançava em Santarém, pois no garimpo os compradores queriam pagar menos. Receberia em cruzeiro ou em dólares. Juvêncio prestou outras informações. No Hotel Obidense seria melhor de hospedar, nele apareciam muitos forasteiros. Não confiar em todos. Comprador certo só Umbelino, de Juazeiro, nordestino moreno, meio cabra, cabelo cortado rente, olhos vivos, perigoso em negócio. Ou o judeu Efraim, sempre estava por ali, quando não viajava para São Paulo ou Nova Iorque. Pagava em dólar. Era preciso cuidado. O dólar podia ser falso. Tinha que examinar as cédulas. Molhar a ponta com saliva, principalmente as de cinquenta e cem dólares, e esfregar num papel branco. Se ficava marca de tinta verde sem borrar, a cédula era verdadeira. E ver se aparecia alguma com a indicação especial “Silver Certificate” em vez de “Federal Reserve”. Valia mais. As cédulas grandes, boas de transportar, cabiam em qualquer buraco, mas podiam ser falsas. As menores, embora fizessem volume, geralmente eram verdadeiras. Ninguém perde tempo falsificando as de pouco valor. Não largar a maleta era a ordem, a mão presa sempre na

argola de couro duro. Olhar atento. Revólver na cintura, bem disfarçado. Não conversar com pessoas estranhas. Cuidado com os marreteiros. Chegando no hotel procurar logo o proprietário, Valeriano, de ordem de Juvêncio, com carta de apresentação. Pedir quarto com tranca na porta e cadeado, toda a segurança. Vinte quilos, um dólar o grama, ao preço da época, um cruzeiro o dólar, vinte milhões! Se recebesse em dólar traria o dinheiro vivo, bem amarrado, no fundo do bolso da calça, garantida por um botão e mais um broche de segurança, que Juvêncio entregou a Cassiano, mostrando como se prendia. Se fosse pago em cruzeiros transportaria tudo na mala grande, com a mesma precaução, protegido pelas roupas, para não dar na vista. É negócio seguro, feito no quarto do hotel, os compradores traziam balança, fácil de pesar, dinheiro na hora, nada de promessas, nem fiados ou promissórias. Cassiano prestava muita atenção para todas aquelas recomendações. Ia levar também do seu, talvez um quilo, apurar algum cobre, comprar roupas novas para Rita, que as precisava, e o enxovalzinho de Riomar, homem ou mulher, como Deus quisesse. Traria também pepitas, amarradas em lenço, umas trinta, que Juvêncio confiou, com muita recomendação, dando preço total para facilitar o negócio, ou caso vendesse de duas ou três vezes, cada grupo de dez bem amarrado, separadamente, para evitar mistura. Pepitas grandes umas, pequenas outras, algumas compridas, outras arredondadas, mas todas irregulares, esburacadas, como haviam sido retiradas da pedra branca e dura, onde se achavam encravadas. As pepitas seriam bem vendidas no comércio, não de ouro, aparentemente, mas nos armazéns, mercearias, só as recomendadas, como a do português Olegário, filho de Freixo de Espada à Cinta, com quarenta anos de Brasil e boa conversa. Podia receber em escudos, moeda forte, fácil de câmbio, em qualquer lugar.

Cassiano nunca se vira metido em aventura igual, mas começava a gostar. Vivera no comércio no sertão, do Seridó, vendo o pai comprar e vender de um tudo, desde algodão, feijão, farinha, queijo de coalho, sisal, frutas vindas dos vales do Ceará-Mirim e Maxaranguape, para revenda. Crescera fazendo negócios, ajudando o pai a pegar na balança, a carregar às vezes os pesos enormes de 10 e 20 quilos, gemendo todo, a balança de madeira com as correntes de ferro presas à haste poderosa. Nunca fora enganado por jagunço, sabia despistar, comprar barato e vender caro, olhando nos olhos do freguês

para adivinhar os pensamentos. Por isso não lhe foi difícil aprender a lição de Juvêncio e este, quando o foi buscar no sertão, sabia o que estava fazendo. Conhecia a honestidade de Cassiano, o seu rigor no trato do dinheiro alheio. Podia ir tranquilo, dizia Juvêncio, não há fiscalização. O comprador depois que se arranje, leve o ouro de avião, pelo litoral, para o Rio de Janeiro ou pelo sertão, voando em teco-teco, para São Paulo, Mato Grosso, Goiás e outros lugares, onde diziam haver campos de pouso disfarçados, até em fazendas. São Paulo era o melhor mercado, depois Rio de Janeiro na frente, nada de fiados. Cassiano embarcou a muito custo, chovera à noite, chuva de verão, o campo de pouso, pequenas proporções, estava escorregadio, a tabatinga lisa oferecia perigo, era preciso jogar cascalho em cima, o que levou algum tempo. A mata em torno cercava o campo, mais adiante as casas, algumas enfileiradas, aparecendo do alto apenas o cavaco ou as palhas de ubuçu das coberturas, encravadas na mata, em redor tudo verde, selva, árvores altas, açaizeiros e cipós de todos os tamanhos. Rita chorou muito, como sempre fazia, não era a primeira vez, mas ficar sozinha naquele ermo era duro, só contava com o consolo de Mara, dedicada amiga, pronta sempre para tudo. “Viagem de pouca duração”, dizia Cassiano. No avião passava rápido. E assim foi, pois logo chegava a Santarém.

A mala bem segura com as mãos, o olhar atento, Cassiano se sentia como se carregasse o mundo. Mais de vinte milhões de ouro em pó e ainda as pepitas, tinha receio, não dos agentes do governo, que naquele tempo ainda não se apercebiam da situação, mas de assaltantes, gente vinda sabe Deus de onde, nordestinos, japoneses, franceses, gringos de todas as espécies por ali misturados, na nova Babel.

Juvêncio confiava em Cassiano, não só porque o conhecia de muito, também ficava Rita em São Domingos, era sempre garantia, melhor que documento. Cassiano teria que regressar, nem era homem para fugir com o alheio. Sertanejo de têmpera, raça forte, bom deveras.

Tudo feito como recomendado: mal chega ao aeroporto, Cassiano toma passagem na camionete com outras pessoas, para estar sempre acompanhado. Muitos se destinavam ao mesmo Hotel Obidense, de Valeriano. Quarto isolado, tranca nas portas, cadeado, o revólver debaixo do travesseiro, que “seguro morreu de velho”. Perguntou logo por Umbelino, o comprador de

ouro. Ainda não chegara, era esperado para o dia seguinte. Havia outros, mas Juvêncio recomendara Umbelino, seu conhecido velho, ou então o judeu Efraim, vindo de São Paulo. Mas Efraim custava muito a fechar negócio, ainda mais dia de sábado, pedia para esperar, queria pagar parte com cheque, embora de dólar, não era seguro, dizia que podia confiar, eram cheques comprados a padres ou pastores americanos, gente honesta, que havia muitos por toda a Amazônia, em missões de vária natureza. Efraim se entendia bem com os de outras religiões, principalmente em negócios. Havia tantas missões, de Igrejas diferentes, por todos os lados. Eles precisavam trocar os seus dólares, um lucrozinho a mais não abria a porta do inferno, que todos somos filhos de Deus e feitos de carne e osso, diziam. Um deles quando acabava de trocar o cheque costumava benzer-se como que a pedir perdão a Deus. E se entendiam bem, pois ficava logo tranquilo, como se tivesse recebido a resposta imediata do Criador, liberando-o. E os pastores preferiam fazer negócio com o judeu a com os nordestinos, estes muito sabidos, gostavam também de regatear e se se aborreciam havia perigo de faca de ponta, tiros, crime de morte por qualquer coisa à toa, tudo isso muito contra a religião. Missões por todo lado, a palavra sagrada aos índios, às crianças, aos pobres, com recomendação de limitar a natalidade, não por processos condenados, que eram pecado, mas tomando certos medicamentos, ou bebendo leite em pó com uma droga qualquer misturada, que não deixava engravidar. Era o que o povo dizia, mas nem todos acreditavam. E nem estava provado. Mas a troca dos cheques, não, essa era real, bons de verdade, nunca voltou nenhum dos Estados Unidos, todos tinham fundos. Por isso o português Fragoelas, com ponto no mercado e filho estudando em Coimbra, gostava de vender ouro a troco de dólar, mesmo em cheques. Fácil de transacionar em Portugal, não havia problema.

Efraim, sabendo ser Cassiano novo no comércio de ouro, não queria pagar um dólar por grama. Negaceava, argumentava, ouro estava caindo de preço, tinha muito à venda, além do mais ouro impuro, muito sujo, cor esverdeada, só queria dar 90 *cents*, nem mais nem menos. Cassiano não tinha ordem, o preço era um dólar o grama, esperava para o dia seguinte, ia chegar Umbelino, levava tudo. Aproveitaria para repousar um pouco, que carregar duas latas de manteiga Real cheias de ouro em pó não era brincadeira: vinte

quilos, mais alguns embrulhos para despistar, o tempo todo atracado com a maleta, mais outra maior com algumas roupas, quase vazia, para voltar cheia. Daria uma volta pela cidade, a ver as lojas, as vitrines, poucas aliás, as casas de eletrodomésticos, uma bem sortida, na primeira rua, cheia de aparelhos de todas as marcas, nacionais e estrangeiros. Gostava de Santarém, um porto alegre, a água azul do Tapajós brigando com a água amarela do Amazonas, todo o dia naquela inconstância, para cima e para baixo, sem haver vencedor nem vencido. Gostou da igreja, a matriz, um crucifixo enorme com inscrição que não entendia bem, de um tal Martius, sábio alemão, que escapou de morrer afogado e fez promessa, caso se salvasse, de ofertar aquela cruz à igreja, que lá está hoje, dominadora.

O cavaleiro Carlos Fred. Phil. De Martius, membro da Academia R. das Ciências de Munich, fazendo de 1817 a 1820, de ordem de Maximiliano José, Rei da Baviera, uma viagem científica pelo Brasil, e tendo sido, aos 18 de setembro de 1819, salvo por misericórdia divina do furor das ondas do Amazonas, junto à Vila de Santarém, mandou, como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso erigir este crucifixo nesta igreja de Nossa Senhora da Conceição, no ano de 1846.

Não sabia quem era aquele doador generoso, mas admirava o Cristo de grandes proporções, feito especialmente para pagar a promessa, inspiração da hora do perigo nas águas agitadas do Amazonas. Cassiano aproveitava o resto do dia para conhecer alguma coisa de novo, as praças, o mercado, as igrejas, os colégios, só vistos por fora, mas já pensando em Riomar quando crescesse, o belo hospital, acabado de construir, como nunca vira igual no sertão. Sentia que estava se adaptando bem à terra, até às comidas, pirarucu frescal, perema, tucupi, tarubá, bebida de mandioca fermentada, muito usada nas festas e nos puxiruns. Enquanto esperava a chegada de Umbelino ia aproveitando o tempo, uma volta pelo trapiche, o porto movimentado, o iate “Coração de Jesus” atracado, deitando carga, um barco “Ipixuna” carregado de bois, pronto para subir o rio, o bar do Meschede cheio de gente, uns bebendo, outros conversando, enquanto caía a noite. Fizera logo amizade com Valeriano, dono do hotel, e seu irmão, mais moço, Clementino, que o

convida para saírem juntos, à noite, percorrer o lado alegre da cidade, onde não havia muito a ver, mas pelo menos valia a pena conhecer a Pensão da Milonga, cheia de forasteiros e mulheres importadas, de mistura com o produto da terra. “Não”, respondeu Cassiano, “não ficava bem, era casado de novo, deixara a mulher aflita, não ia se divertir estando com o pensamento em Rita”. Além do mais não fora habituado no sertão a ir a boates, vida austera, o pai era duro, nove horas estava todo mundo dormindo. Insistiu Clementino, deixasse de besteira, a mulher não ia saber de nada e homem é homem, não pega nada. Cassiano estava só, não tinha o que fazer à noite, afinal de contas não custava nada conhecer a boate da Milonga. Estrangeiros entravam e saíam, alguns negros, crioulos das Guianas, peritos em garimpagem, franceses, nordestinos, uma música estridente, fumaça, pares dançando desavergonhadamente, mulheres seminuas, de vários tipos, caboclas algumas, outras brancas, bolivianas e peruanas de preferência. Clementino conhecia todo mundo, abraçava Milonga, apresentava Cassiano, um amigo, chegado de novo, crioulos queriam saber muita coisa, perguntavam de onde vinha, qual o seu garimpo, a fim de colher informações. Mas Cassiano estava prevenido. Falasse pouco. Cuidado com os crioulos, negros vindos de Caiena, de Paramaribo ou de Georgetown, habituados à faiscagem e garimpagem, eram homens perigosos. Traziam contrabando de tudo: rádios de pilha, entorpecentes, relógios, ventiladores, perfumes franceses, vinhos e uísque de todas as marcas, alguns falsificados, com o fundo da garrafa remendado e o gosto forte de iodo na beberagem adulterada. Ali estavam alguns, abraçados com caboclas de sua preferência, de cabelos longos e lisos, caindo pelos ombros, olhos pretos, dentes fortes e alvos, eram elas as atrações maiores para os negros. Os nordestinos procuravam as bolivianas e peruanas, ou a polaca, muito conhecida de todos, alguns já embriagados, os olhos vermelhos, lançados no dançarás pela noite adentro, sem darem mostras de fadiga. No ambiente penumbroso, cheiro da fumaça no ar, música ininterrupta, Cassiano se sentia sem ambiente, saudade de Rita, àquela hora, no meio da floresta, na vida dos confins do Tapajós. Reagia como podia às insinuações de Clementino, aos abraços da primeira mulher que se acercou, em requebros de serpente, o braço sensual a envolvê-lo e as mãos macias a deslizarem pelos braços e pernas. Resistiu o que pôde, mas as bebidas

foram-lhe à cabeça, aos poucos, a tristeza começou a dar lugar à alegria, uma nuvem passou pela memória, encobriu a visão de Rita, esqueceu tudo, até de madrugada. Nem tempo teve para se aperceber da luta que se travara à porta da boate. Robert, crioulo da Guiana, a faca na mão direita, em luta com um cearense, luta que durou muito, o povo em volta querendo apartar, mas sem coragem, e ao mesmo tempo era distração, nada da polícia chegar, corpo a corpo, o nordestino mais ágil feriu fundo Robert, que caiu sobre a terra úmida. Ferimento grave, mas não de morte. Cassiano estava lá pra dentro, só ouviu os gritos das mulheres quando o crime já consumado, alta noite, tudo escuro, nenhuma estrela ao menos naquele deserto. Apenas os cães ladravam no escuro, cães de todos os lados, em todas as esquinas, em todos os quintais, alguns soltos, correndo pelas ruas e latindo, outros presos, nos terreiros, o focinho nas cercas, farejando, assustando os transeuntes notívagos. Noite avançada regressa ao hotel, cai exausto no leito e dorme. Não se embriagara, mas ficara alegre, algo triscado, o pensamento em Rita entrando forte, de novo, como se ela o recriminasse por voltar para o hotel àquelas horas da noite, em má companhia.

Antes de nascer o sol, acorda sobressaltado. Batem à porta. Quem seria, tão cedo, sem o dia clarear?

– Quem é? – pergunta, desconfiado.

– Sou eu, Sr. Cassiano, o Efraim. Quero falar-lhe urgente.

Que desejava Efraim, tão madrugada ainda, ele que recusara comprar o ouro pelo preço normal de um dólar, só oferecendo 90 *cents* por grama? Efraim entra apressado e vai logo falando:

– Procurei-o a noite toda, onde você andava, homem? Tenho um bom negócio para você. Resolvi comprar o seu ouro todo. Os vinte quilos. Levo já.

Ante o olhar surpreso de Cassiano Efraim explica:

– Tenho que viajar logo mais, não posso demorar-me. Resolvi levar o seu ouro. O avião sai às oito horas, tenho que apanhar a condução, sem demora.

– Mas agora eu estou esperando Umbelino. O senhor não quis pagar um dólar por grama ...

– Não importa, meu querido. Eu pago o seu preço. Faço uma proposta melhor. Dou-lhe um dólar e cinco *cents* por grama, cubro o preço do Umbelino. Nunca ninguém pagou tanto, pode perguntar a quem quiser.

A oferta de Efraim era tentadora. Na verdade Juvêncio fixara o preço em um dólar o grama, à razão de um cruzeiro cada dólar, corrente à época. Vendendo a 1.05 oferecia margem de lucro para Juvêncio. Em vez de vinte, seriam vinte e um milhões. Juvêncio exultaria. Não, não esperaria Umbelino, com tal proposta na mão.

– Dinheiro vivo? – pergunta Cassiano.

– Sim, à vista. E em dólar.

– Moeda ou cheque?

– Moeda.

Enquanto isso Efraim tira dos bolsos um embrulho em papel de jornal, que abre. As notas verdes bem arrumadas, todas de cem e cinquenta dólares, para não ser grande o pacote.

– Ainda tem uma vantagem. As notas grandes não fazem volume. Você leva no bolso com facilidade.

– Negócio fechado.

– Vamos pesar o ouro, gosto sempre de fazê-lo. Você compreende. Isso é muito caro, se faltar um pouco que seja rebenta na minha costa. O comprador em São Paulo não quer desculpas.

Efraim já trazia na maleta de mão uma pequena balança, própria para a pesagem. A pouco e pouco realiza a operação, quilo por quilo, que envolve em jornal, separadamente. Vinte quilos, vinte pacotes de jornal, pequenos, amarrados com fio comum. Resolve embrulhar novamente todos os vinte pacotes noutro grande, em papel de presente da “Loja Esperançosa”, para despistar.

– Esse papel bonito – explica – é para não dar na vista. Se for obrigado a abrir a maleta dá a impressão de um presente de aniversário, um corte de fazenda ou coisa parecida. Nunca tive problemas, o diabo é o peso.

– Pesa pra cachorro. – completa Cassiano. – Vai de ombro vergado. Não vá andar gingando.

– É preciso cuidado com a fiscalização em Belém, aeroporto de trânsito. Aqui em Santarém nunca ninguém criou caso. Mesmo o comércio do ouro é livre, legal, apenas falta pagar o imposto, de oito por cento, para o governo federal.

– E por que não paga? – pergunta Cassiano, ainda meio ingênuo.

– Aqui em Santarém não há quem receba. Vá à Mesa de Rendas e pergunte se tem talonário para pagar imposto de ouro. Acham até graça. Não têm talão, nem sabem como se cobra. É a verdade. O perigo é Belém. Mas conheço um fiscal que pega mole. Ele quebra o galho e controla os honestos.

Em poucos minutos Efraim saía, eufórico, comprando por US\$ 1.05 o grama de ouro que, na véspera, deixara de adquirir por apenas um dólar.

– Judeu burro! – pensa Cassiano. – É o primeiro que encontro.

Cassiano não entendia a atitude de Efraim, mas estava alegre, fizera um excelente negócio, além do mais em dólares, notas verdadeiras, pois se dera ao trabalho de testar uma a uma, com um pouco de saliva, esfregando as cédulas em papel branco. Trancou bem as cédulas, com uma chave que valia por sete, na maleta, e passou a tranca da porta, reforçada por um cadeado. Só assim pôde novamente dormir, agora mais tranquilo, o revólver debaixo do travesseiro, pensando ainda, semiacordado, como poderia Efraim ser tão mau comerciante, apesar da idade e da experiência e ainda mais sendo hebraico! Sobraram apenas as pepitas, que reservaria para Umbelino. Cassiano procurou com sofreguidão, entre as cédulas, alguma que tivesse a inscrição “Silver Certificate”, que valia o dobro, conforme lhe ensinara Juvêncio. Pura ingenuidade, porquanto Efraim, afeito ao negócio, não deixaria passar uma nota dessas.

Sono tranquilo, ajudado pelo bom negócio e pelo uísque, só deixou Cassiano despertar já sol claro, dia aberto, manhã de ventos, as águas do Tapajós e do Amazonas nos seus abraços infindáveis, as embarcações em balouço, o ruído dos motores cortando a distância, o verde das matas ao longe, do outro lado, emoldurando o amarelo do rio, tudo coberto pelo azul do céu, sem estrelas e manchado de nuvens. E Cassiano associou ideias. Aquelas cores eram as mesmas da bandeira brasileira, como aprendera na escola: o rio amarelo barrento, a moldura verde, o azul. Apenas a professora lhe dizia que o amarelo representava o ouro das nossas minas, mas o ouro ele o tinha, ali, em pepitas brilhantes e parte o levava Efraim, em pó, para São Paulo ou, quem sabe, para a Europa, para países da América ou para o Oriente. Era como se levasse pedaços da pátria clandestinamente.

Aprendera com Efraim mais uma lição, que não sabia: o imposto a pagar era de oito por cento. Juvêncio não lhe falara nisso. Recomendara cuidado

com os ladrões, não com os fiscais. “Não seria melhor”, pensava Cassiano, “pagar esses oito por cento, mesmo que o lucro fosse menor um pouco? Seria venda mais segura, tranquila... ou então subir um pouco o preço, descarregando o imposto no comprador?”

Fez as perguntas mais tarde a Clementino.

– Não adianta – explica Clementino. – Nem todo ouro sai por Santarém. O grosso vai direto de teco-teco para Rio, São Paulo, Minas, ninguém sabe como nem quando. Esse país é muito grande, um colosso, um gigante. Pois quem vai fiscalizar um avião que voe, por exemplo, de São Luiz do Tapajós, do meio da mata, para a Bolívia, para o Peru, para o Paraguai, para São Paulo, para Londrina, para Iguaçu? Como, quando e onde? Ninguém paga não. Só pagam o tal imposto os bestas.

Cassiano não concordava com as palavras do amigo, mas o que poderia fazer? Seguia as ordens de Juvêncio, era novo no negócio, não conhecia todos os seus meandros, além do mais devia ser grato, recebera boa formação, frequentara escola, via sempre a imagem do pai toda a vez que lhe surgia uma tentação. Parece que o pai o acompanhava pela vida a fora, repreendendo-o quando se inclinava a fazer algo errado, com ele sonhava, acordava meio confuso, como se estivesse mesmo ouvindo a voz paterna, de madrugada, bem no ouvido, uma sensação de presença, de realidade, de vida. Uma voz como um sopro. Afinal de contas, se a Mesa de Rendas não fazia questão de cobrar o tributo, nem sequer sabia como fazê-lo, não era ele quem iria ser mais realista do que o rei.

Ainda com esses pensamentos Cassiano desce para a sala de café, mesas já desarrumadas, era muito tarde, entravam e saíam pessoas estranhas, uma alegria incomum, algumas gargalhadas, discussões em voz alta, embora amistosas.

Clementino, mal o avista, vai logo dando as novas:

– Sabe da última notícia, Cassiano?

E antes de obter resposta:

– Subiu o dólar. O rádio ontem à noite transmitiu a nova, pouca gente escutou. Só vim a saber agora de manhã, pelo Efraim, antes de partir. Chamou-me ao canto da sala e me confidenciou ao ouvido:

– Compra ouro, meu querido, que o dólar subiu e aqui ninguém sabe. Subiu no oficial, no paralelo vai para 1.300 ou 1.500, vai subir mais. Sei que estou dizendo.

Cassiano se assustou com a notícia. Num segundo compreendeu por que Efraim foi acordá-lo de madrugada, oferecendo 1.05 por grama, ele que na véspera só queria pagar 90 cents.

Juvêncio iria ficar zangado. Mas tivera a culpa. Não esclarecera a Cassiano todos os aspectos do negócio com dólar. Mesmo que fosse pago em cruzeiros o resultado seria o mesmo, Efraim daria um conto de réis ou um conto e cinquenta por grama, moeda antiga, um cruzeiro e cinco centavos, dinheiro novo.

Umbelino iria pagar a diferença, nas pepitas. Custou a aceitar, mas a notícia da alta do dólar já circulara, o alto-falante do bar do Meschede anunciara, o comércio todo ciente, até os caboclos, sem entender, de olho atento e ouvido afinado, tomaram conhecimento da novidade que Efraim, orelha colada ao rádio de pilha, escutara, de noite, no programa da Hora do Brasil.

– Sabia que vinha o aumento. – dizia ele. – Quando saí de São Paulo já pressentia. Há meios de se informar, como não?

Seu sócio Moisés lhe confidenciara: “compre que dólar vai disparar!” Pois não pulara rapidamente, em poucos meses, de 300 cruzeiros para 400, 600 e 1.000, com frações de permeio? Os cálculos de Efraim se faziam na base do paralelo, não no oficial, com as suas frações. No paralelo não havia muitas frações. Arredondava-se a conta. Eram 600, 800, 1.000 agora, possivelmente, 1.200 ou 1.300, dependendo da ocasião, da cara do freguês, da necessidade, do mês do ano. Sim, porque no verão dava mais, com tanta gente querendo viajar para o exterior e a comprar dólar nas casas de turismo, boas freguesas.

Cassiano não podia esquecer a expressão de Efraim ao se despedir, os olhos cintilantes, pálido como sempre, um riso de boa paz, pancadinhas na costa, a delicadeza em pessoa:

– Senhor bom negociante. Vendeu mais caro que Juvêncio... Vai longe, senhor...

Longe, sim, ia, àquela hora, Efraim, com a maleta e o ouro, o ombro vergado ao peso do metal, que carregar vinte quilos não é coisa fácil. Desdobraria

em duas maletas, explicara Efraim, uma na mão direita e outra na esquerda... E às vezes mais seguro é misturar com roupa e despachar como bagagem.

Ou mandar direto, em teco-teco, havia conhecidos por todos os lados, e regressar de mão leve, só recebendo em São Paulo, lugar seguro, nem que fosse de helicóptero no alto de edifício, pois morava em cobertura.

Umbelino teve que pagar pelas pepitas um pouco mais, mesmo as pepitas também se vendiam por unidade, um preço melhor. Podiam ser usadas como joias, assim mesmo, sem precisar fundir nem fazer liga. E eram todas verdadeiras. Não havia nenhuma artificial. Alguns joalheiros no garimpo fabricavam pepitas, muito parecidas com as naturais, ouro fundido jogado na areia, logo resfriado, com anfractuosidades e tudo. Juvêncio ensinara Cassiano a distinguir para não cair em logro; assim como reconhecer dólar falso e moeda fria, fabricada na Itália eu no Rio, libra principalmente, da rainha ou do rei. Ficou sabendo que na Itália se fazia muita falsidade, desde libra de ouro a caneta-fonte que só funcionava uma vez.

Realizado o negócio com Umbelino, em cruzeiros, Cassiano se sentia mais leve, só com a preocupação da chave do cadeado no bolso, a tranca bem segura na porta do quarto, sempre o revólver disfarçado na cintura, ou dentro da pasta, quando a portava. Dinheiro em cédulas grandes, pequeno volume, bom de transportar. Vendera o seu ouro também, um quilo apenas, para fazer compras, já por um preço melhor, para Umbelino, pois Efraim julgava só ter Cassiano vinte quilos, senão ia querer levar tudo. Cassiano, quer por estar cansado, ou por desejar ver-se livre de Efraim, nem sequer lhe ofereceu as pepitas e o seu quilo de ouro. Não queria receber dólar, tinha que fazer compras e evitava o trabalho de cambiá-lo, sujeito a prejuízo. Guardou o seu para Umbelino e se julgava satisfeito. Realizaria compras. Uma mala nova de couro cru, camisas e calças, pois andava bem precisado delas e para Rita cortes para vestido, que ela mesma sabia costurar, um sapato com a medida do pé tomada num pedaço de barbante, sabonetes “Phebo”, que há muito só se banhava com sabão grosso, marca “Borboleta”, próprio para chão. E o enxoval de Riomar, felizmente encontrou casa com tudo, desde babador, a sapatinho de croché, pipo, lençoizinhos, com bordados, recobertos de cheiro-cheiroso, uma caixa, não muito grande, eis que tudo era de pequenas proporções. Alegre da vida Cassiano voltou para o Hotel, de

tarde, carregado de embrulhos, a mala nova o esperava, mandada pelo dono da loja Malheiros, não muito longe. De tudo o que menos ocupava espaço era o enxoval de Riomar. Ainda devia levar duas redes do Ceará, queria a “Filomeno”, três vezes recomendada pela mulher, que delas gostava muito e há tempo não via. Tinha que controlar o peso e o tamanho, que avião de quatro pessoas não podia levar muita carga e devia pagar extra. Cassiano comprou também um broche, para prender no bolso da calça onde levaria os dólares de Juvêncio, os cruzeiros das pepitas e o saldo do seu, já bem desfalcado. Começava a ver claros os horizontes, a vida sorrindo, começo de prosperidade, lembrava os tempos da infância, bem farta, o pai comerciante, os irmãos nos colégios, o cavalo de sela, as vacas leiteiras, os banhos no açude, uma vida de tranquilidade que deixara perfumes na alma. A seca levaria tudo de arrastão, e a vida, na sua movimentação constante, roubara-lhe o pai, mãe, muitos parentes, outros tresmalharam-se pelo mundo, como se fossem grandes pecadores, merecedores de castigo.

Precisava aproveitar as últimas horas, tratar o avião para o dia seguinte, já tinha alguns conhecidos, não ainda amigos, mas pessoas com quem conversava na loja, no mercado, no trapiche, na farmácia, nas mercearias. Santarém lhe parecia uma cidade hospitaleira, vida sossegada, pelo menos aparentemente. Mal cai a noite, sai com Clementino. Não, não queria mais ir à boate da Milonga, outro crime poderia ocorrer, lembrava ainda o que vira na véspera, o braço de Robert sangrando, o negro de olhos vermelhos, feroz, o povo apartando, nordestinos segurando um e outro para evitar crime de morte, a fuga precipitada, a chegada da polícia depois de tudo consumado, o criminoso longe do encalço, o ferido a vociferar em francês, que ninguém entendia. E a consciência depois castigando.

– Fora culpa de Robert – explicava Clementino. – Quisera acabar com a festa. Tinha a mania de chegar na boate com um saco de ouro na mão, jogá-lo em cima da mesa e mandar sair todo o mundo, menos as mulheres. Tomava conta de tudo. Montava banca. Milonga concordava porque queria o ouro. Era muito.

– E para que ele monopolizava todas as mulheres?

– Isso é problema dele – respondeu Clementino. – Se virava como podia. Estava embriagado, talvez emacanhado, cheia a cachola, queria agredir todo mundo. Um perigo. E foi logo meter-se com cearense, bom na faca e no golpe de vista.

E prevenia Cassiano:

– Cuidado com os caboclos daqui quando estiverem embriagados. Curados são muito bons, não matam uma mosca, mas bebidos são perigosos. Estripam qualquer um com a peixeira.

A noite se fazia escura. As ruas mal iluminadas e esburacadas, grandes valas produzidas pela erosão, na praça da matriz um imenso alarido: comício político, palanque de madeira armado, cartazes por todos os lados, foguetes, o povo dava pulos, gritava, urrava, mulheres, homens, crianças, como

históricos, dando vivas e mais vivas a não sei quem. E o orador se inflamava, tufava o peito, estrondava com a voz atroante, insultando os adversários, que eram “ladrões”, “inimigos do povo”, que eram mais isso, mais aquilo. Cassiano parou por um momento, não sentia atração pela política, mas gravou bem algumas palavras do orador quando falava em salvar o Brasil, e que o Tapajós representava o futuro da Amazônia, e prometia um cais do porto, mais estradas, mais colônias, fazer baixar o preço da carne verde, meter na cadeia os desonestos, a voz cortava a escuridão e ecoava nas paredes da igreja, como se fossem pedaços de metal. A assistência, maioria de caboclos, mulheres morenas, cabelos lisos compridos, algumas magras de pernas finas, roupas ralas, outras com filhos pequenos no colo, todas gritando, voz estridente, fechando os *oo*, “Viva o puvo”; “Viva o uradur”. As eleições se aproximavam, Juvêncio pedira os títulos eleitorais de Cassiano e Rita, não sabia que destino haviam tomado, dizia que era para fazer transferência. – “Não há problema” – sossegava Juvêncio – “o delegado do Partido providencia tudo. Levo o título velho e trago o novo.”

Vendedores ambulantes se aproveitam da aglomeração para dar saída nos seus mingaus, arroz-doce, bolos, tarubás e outras guloseimas regionais.

Pensamento de Cassiano estava em Rita. Tinha que levar uma espingarda nova, ou duas, uma para ele e outra para a mulher. Compraria de manhã cedo, antes de partir, de preferência Winchester, e mais um revólver *Taurus* 38 duplo, daqueles que estrondam na mata fazendo tremer os cipós e as folhas das palmeiras.

Espocam foguetes na praça, o orador acabara o seu discurso. Saía quase carregado, como se fosse um enviado, o povo a gritar histérico, vivas e mais vivas, foguetes, bombas, o ar repleto de fumaça, alegria e esperança de mãos dadas.

Cassiano pretendia voltar cedo para o hotel, ficar perto do dinheiro, acordar de madrugada, antes do nascer do sol, como sempre foi do seu agrado e costumava fazer no sertão. Que Clementino fosse para a boate da Milonga, mas o deixasse em paz!

No hotel surgiram outras amizades. Havia hóspedes novos, um capataz de estradas de rodagem, empresa particular. O engenheiro Walfredo estava noutro hotel, o capataz no Obidense, falava muito, dizia inconveniências, convidava Cassiano para trabalhar na rodagem, melhor do que garimpo,

dizia ele. O engenheiro Walfredo tinha influência junto à política, ganhava sempre as concorrências, sabia a quem dar mole. Já estava com um grande equipamento, desde motoniveladoras até escavadeiras de vários tamanhos. Uma fortuna. As máquinas rasgavam a mata como quem corta legumes, uma frota de caçambas transportava a piçarra vermelha, o rolo comprimia, esperava consolidar e passava o asfalto. Uma tintura apenas, asfaltada para a inauguração, muito discurso, retrato em jornal, churrasco, os chefes políticos a vociferarem no microfone que aquela era uma realização do Partido, uma nova estrada. Mas o principal – explicava o capataz Jerônimo piscando um olho – o principal é que na hora da medição os que iam atestar o serviço mediam a ida e a volta. Os medidores, ninguém sabia, eram sócios secretos do Dr. Walfredo, e daí? A estrada saía pelo dobro. O asfalto em pouco tempo a chuva levava, era preciso renovar, havia outra empreitada, outra medição, afinal de contas quem é que ia reconferir tudo de novo, os papéis arquivados nas secretarias e as contas aprovadas? Walfredo não trabalhava em Santarém, estava em trânsito, sua zona era outra, mas levava o capataz, pretendia pegar serviço novo no Acre e no Amazonas, o capataz inspirava-lhe confiança, não deixava os operários roubarem material, muito severo, e ladrão com ele não tinha vez.

– É a raça que mais odeio – dizia Walfredo – é ladrão. Por mim estavam todos na cadeia.

Cassiano bem poderia trabalhar na rodagem, o mesmo que cavar ouro sem estar no meio de indesejáveis, como nos garimpos. A rodagem lhe parecia um garimpo grã-fino, onde se cavava ouro sem sujar as mãos, Jerônimo possuía casa própria, sítio na estrada, dinheiro no banco, uma porção de coisas. O chefe não sabia o que fazer de dinheiro ganho com tanto sacrifício. “O campo é vasto” – dizia Jerônimo – “a gente semeia e colhe, como diz na Bíblia” (Ele se dizia crente). Às vezes também se colhe sem plantar e isso acontece na hora da medição: mede a ida e mede a volta. Uma estrada de dez quilômetros é paga como se tivesse vinte, pois não é justo perder a viagem de volta. O preço é por quilômetro. Sai tudo macio, papéis em ordem, laudo assinado, verba orçamentária, concorrência pública, arquivo, esquecimento, fato consumado.

– Mas como pode ser isso, Seu Jerônimo? Havendo concorrência, com muitos candidatos?

– Ora, moço, os candidatos são todos da mesma panelinha. Eles resolvem assim: esta ganha eu, aquela ganha tu, a outra concorrência ganha Sicrano, a da estrada tal Beltrano, é tudo combinado, até as propostas eles acertam antes, sabendo quem vai ganhar e quem vai perder. E quem julga também faz parte da sociedade, leva o seu pedaço.

Cassiano, nas suas modestas letras, lembrou-se de uma frase que lera ainda na escola do Seridó e que a professora mandou escrever na pedra: “Governar é abrir estradas”. Foram palavras, dizia a preceptora, de um presidente da República velha. Leu também que a Revolução de 1930 iria consertar o Brasil. Cassiano era menino. Hoje Cassiano mudava apenas o verbo para: “Enriquecer é abrir estradas”. E honestamente, trabalho duro, difícil, risco de vida, cobras, índios; águas, acidente, falta de peças, de combustível, um trabalho para homem, mas homem mesmo, não para gente nanica.

– O chefe quebra qualquer galho – dizia Jerônimo. – Há um graúdo aí que não queria dar uma concorrência para ele. Sabe o que fez? Embrulhou um milhão em jornal, tudo em nota de conto de reis. Foi sendo recebido no gabinete, tudo fechado, ar refrigerado, só os dois. Colocou o pacote em cima da mesa e falou na concorrência, que precisava, tinha que trabalhar, além do mais comprara muitas máquinas, etc. e tal, num dado momento exclamou: “Dentro desse pacote eu tenho um milhão, seria capaz de dá-los a quem me arranjasse esse serviço”.

O chefe riu amarelo, se emocionou, não disse nada. Olhou o pacote, abriu a gaveta, puxou o bicho para dentro. Sempre sem dizer nada. Fechou a gaveta, o dinheiro já estava dentro. Respondeu:

– Vou pensar.

Todo mundo sabia que quando ele dizia “vou pensar” é porque ia conceder. Já estava ganha a parada. Homem inteligente esse Dr. Walfredo. E bom, ajuda todo mundo, dá esmolas grandes, é muito caritativo. Deus o ajude. Um santo homem.

Cassiano ouvia tudo muito calado, não podia aceitar a proposta de Jerônimo. Não entendia nada de rodoviarismo, abrir estradas, num tempo de dólar a um cruzeiro, isso não. E essa estória de medir a ida e a volta não era com ele. Preferia cavar ouro, como homem, na raça, no meio da floresta, a um negócio que mais tarde podia dar cadeia. Além do mais abrir estradas

no Brasil era de pouco tempo, estava começando, muita gente com fome em cima do cocho. Falavam em ligar Belém a Brasília. Um projeto. Quem está bem não se muda. Ia aguentar mais um pouco pelo garimpo e depois dedicar-se a comércio mais limpo, talvez uma casa na beira do rio. Vender e comprar na margem é negócio da China.

Jerônimo, diante da reação de Cassiano, desviou a conversa, ficou mais discreto, disse que tudo aquilo era brincadeira, imaginação, gostava muito de “maginar” as coisas, mas não tinha provas de nada e tudo não passava de potoca. Além do mais, Dr. Walfredo não abria estradas no município de Santarém, trabalhava em outro estado, e o Brasil era muito grande, não se lembrava bem da cidade, nem do ano. Homem de imaginação brilhante, esse Jerônimo.

Manhã cedo Cassiano se prepara para o regresso, aurora clara, vento friorento vindo do lado do Tapará, as águas ligeiramente agitadas, motores, sempre motores martelando as consciências, mercado movimentado, a cidade desperta, movimento inusitado na praça da igreja, crianças, muitas crianças, todas com uniformes dos colégios, blusa branca, saia azul as meninas, blusa branca, calça azul os meninos, alguns de mescla, fardas multicores, bandeiras brasileiras de papel nas mãos, uma banda de música, o mesmo palanque da véspera, onde se fizera o comício, agora ali as autoridades, era o desfile do 7 de Setembro. Sargentos dirigiam a meninada, auxiliados por professoras, uns meninos pequeninos, caboclinhos morenos, pernas finas, franzinos, subalimentados, mas empunhando a bandeira auriverde e dando vivas ao Brasil. A banda de música. Funcionários também formados, engravatados alguns, os preparativos do desfile por altura, uns colégios com prioridade.

– Em Belém – fala um passageiro – ano passado, bem no meio do desfile ia um automóvel enorme, novo, americano, último modelo, rabo-de-peixe, as cores vermelho e branco brilhando ao sol.

– Automóvel bacana aquele, eu estava lá – comentou outro passageiro.

– É do Seu Tufic, comerciante em Belém, chegara da América não fazia muito tempo. Dizem que era cutia...

Cassiano ficou intrigado com o apelido. Por que cutia? Nome de bicho, que vive na mata e arisco, difícil de pegar, se esconde debaixo das folhas, desaparece e ninguém sabe de onde vem nem para onde vai.

– Que quer dizer cutia? – pergunta Cassiano, ingenuamente.

– Cutia, seu trouxa, é automóvel de contrabando. Desembarca nas ilhas, em Breves, na margem do rio, em qualquer lugar, fica escondido na mata. Por isso chamam cutia. Já houve um até que pegou fogo. Caboclo foi fazer roçado, tacou fogo no mato e não reparou que ali estava escondido um automóvel, contrabando brabo.

O carro do Tufic fora atração do desfile em Belém, cheio de moças de um colégio de freiras.

A conversa teve pequena trégua.

A camionete de praça se afastava aos poucos, em direção do aeroporto, desviando dos buracos, valas laterais imensas provocadas pela erosão. Santarém ficava para trás. Para alegria de Cassiano o avião era o de Rogaciano, riso aberto, palavra franca, sempre alegre, falando pelos cotovelos. Um bom homem, humano, sincero.

A alegria da volta. As saudades aplacadas. Os sorrisos renovados. Os abraços há tanto desejados, tudo isso esperava Cassiano. Juvêncio compreensivo, contas em ordem, Cassiano recompensado, mas tinha que ajudar noutro setor, mesmo em São Domingos, mais para dentro da mata, onde Juvêncio localizara um filão de ouro, razão de não ter podido viajar. Há muito vinha suspeitando. Localizara um barranco profundo, o barro denunciador de ouro de aluvião, descobrira por acaso, durante uma caçada. Mas era muito longe, para cima das cabeceiras do Rio Pacu, bem no meio da mata, uma solidão. Mandaria alguns homens pela floresta, a bússola na mão, rifle a tiracolo, revólver na cintura, faca do outro lado, armados todos, por causa das feras e dos índios. Se fossem mundurucus não havia grande importância, índios mais mansos, de pequeno porte e fácil domínio. Perigoso se surgissem caiapós, homens gigantes, ferozes, inimigos dos civilizados, infensos a qualquer acordo. Estranhou que tão perto vivessem tribos diferentes, na proporção física, nos hábitos e na ferocidade.

Poucos homens sabiam da empreitada, apenas os de mais confiança de Juvêncio, com Cassiano fazendo as vezes de capataz. Não só armas levavam. Facões, enxadas, pás, ferro de cova, bateia, uma bagagem estranha, a que não faltava azougue francês para depuração do ouro, aparelhos para garimpagem e o saco de lona ou couro a tiracolo, para guardar balas e ouro.

Depois, muitas horas de penetração, dia claro, cortando paus, abrindo caminho no cipoal entremeadado de folhagens e espinhos. Repouso noturno. Sabiam que os índios os seguiam, mas não davam sinal, os índios tudo viam, tudo escutavam, compreendiam a língua portuguesa, mas não se mostravam. Juvêncio, com sua experiência, falava bem alto para que os índios, se estivessem perto, ouvissem, dirigindo-se a Cassiano:

Os índios escutavam, escondidos não se sabia como, os da expedição os pressentiam, mas eram incapazes de perceber onde estariam disfarçados os filhos da selva. Deviam ser mundurucus, não metiam medo.

Precisava fazer tudo em surdina, com cuidado para não ser percebido pelos silvícolas e pelos civilizados, ambos perigosos, cada qual à sua maneira. Juvêncio contratara com Rogaciano o transporte de gêneros de avião, jogados do ar, por falta de campo de pouso. Seria mais fácil assim. Por terra tornar-se-ia impraticável, dada a longa distância a percorrer na mata, já realizando, aqueles homens, sete ao todo, mais do que prometia a força humana. Juvêncio, Cassiano, André, Belmiro, Ernestino, Zé Fidélis e Bento, este de 19 anos, apelidado Bibito, novato naquela vida, mas de confiança de Juvêncio. Chegaram estafados da caminhada, dois dias a rasgarem a mataria espessa, sujeitos a picadas de cobra e assaltos de gatos-maracajás. Não tra-

ziam gêneros, apenas cabaças de água; apesar da abundância de igarapés, a região, ali semimontanhosa, não apresentava muitas nascentes. E ainda mais a ladeira, dentro da floresta, carregando espingardas, revólveres, facões, o indispensável. Juvêncio combinara com Rogaciano dar-lhe a localização através de fogueira, e dela foi logo cuidando, que não havia tempo a perder. Deviam ir cortar paus, armando barracas improvisadas, cobertas de palha de ubuçu, ou de folhas e galhos, antes que chegasse a noite. Os trabalhos de garimpo só poderiam começar no dia seguinte, ou no subsequente, depois de instalada a aparelhagem para lavagem da terra, cavado o “poche”, montado todo o dispositivo, inclusive o fogo para queima do azougue. Na sua cuia de exploração, Juvêncio testara a terra da grota e ficara eufórico. Uma das maiores minas da região. Numa segunda escavação, depois de lavada a terra e despescada a dala, conseguira trezentos gramas. Acenderam a fogueira, começaram o corte da mata para preparação da clareira, início de um futuro campo de pouso. Em breve viram roncar no ar o motor do pequeno avião, bicolor, o prefixo bem visível, dada a pequena altitude. Todos se abrigaram sob uma grande árvore, defendendo-se dos volumes lançados do alto, sacos de feijão, arroz, caixas com enxadas, pás, facões, medicamentos, cobertores grossos, uma barraca de campanha, aos poucos, em cada manobra do avião iam sendo lançados os volumes, uns caindo em lugar certo, perto da fogueira, outros mais adiante, um deles pendurado num galho de árvore, seria preciso retirá-lo. Logo Bibito se apressou em subir pelo tronco grosso, atingindo ramos, a fim de projetar o volume preso. Formigas, de todos os tamanhos, mosquitos, piuns, mutucas dificultavam o trabalho e prometiam noite infernal, zunindo, picando. O avião, cumprida a missão, desapareceu no horizonte. Rogaciano olhando para baixo, fazendo sinal com a mão, aviso de que tudo estava em ordem. Voltaria mais tarde. Mal desaparece o avião, Ernestino, inadvertidamente, ao tentar cortar um cipó grosso, recebe ferimento na mão esquerda. O sangue escorre. É preciso atender logo e para isso os medicamentos já serão úteis. Felizmente não havia gravidade, poderia ainda trabalhar com a mão direita, fazer serviços mais leves, acender fogueira, cozinhar, transportar água e realizar outras tarefas menos pesadas. Pouco a pouco abre-se a clareira, o sol penetra, a água impura, cheia de folhagem, estagnada, recebe a luz pela primeira vez, o barranco todo, pronto

para ser devassado pelos conquistadores. Nos primeiros dias, o trabalho é todo de preparação. As noites longas, escuras, em plena mata, cheia de ruídos de toda natureza. Grilos, pássaros, cigarras, sons indefinidos, que só índios conhecem. A barraca de lona poupou trabalho para a construção de morada, mas necessário era fazer a armação, precária embora, coberta de palhas ou cavacos, uma para habitação e outra para os trabalhos de queima do azougue, ao ter de despescar a dala para a bateia, no processo empírico de isolar o ouro das impurezas. Cada qual com a sua sacola ao lado, a faca na cinta, sempre na cinta, o revólver também, a espingarda à mão, à espreita de uma anta que passasse, de um veado, de um gato-maracajá, de uma onça ou dos índios traiçoeiros, peritos no ataque de surpresa. Naquele trato de terra nunca pés civilizados haviam pisado. Era a primeira leva humana que ali chegava, trazida pela ambição do ouro, o grande fanal a atrair populações de todas as partes do mundo. Juvêncio penetrava em área ainda desconhecida dos exploradores, que preferiram outros garimpos, mais perto de São Domingos, à margem do rio, de onde se devem andar três horas até atingir os garimpos, muitos deles isolados, como o Inferno Verde, do Araújo, o do Come-Vivo, o do Baixão do Santino, o Buritizal, o Assaizal, o Cantagalo, a Grota do Joventino, e outros, em região já montanhosa.

O que Juvêncio acabava de encontrar, ainda em terras do Jamanxim, era um lombo de pedra mole, fácil de cortar a ferro e depois levar à dala para lavagem. Para isso estava bem preparado, trouxera do melhor azougue francês, muito branco, pesado, próprio para a queima do ouro, em lata de querosene. Depois de queimado cobriria com folha de arumã ou de embaúba, para separar o azougue do ouro puro. Juvêncio se sentia absoluto, dono da situação, a mata o protegia. Rogaciano não diria a ninguém onde lançava carga, tinha interesse, ganhava bem, com promessa de pagamento com ouro em pó. Era quase um sócio. Não havia a concorrência do Come-Vivo, onde cerca de duas mil pessoas se acumulavam, não só brasileiros, como franceses, ingleses, crioulos das Guianas, holandeses, judeus, portugueses, sírios, tudo de mistura, cada qual mais esperto. Há de tudo. Homens bons, mas ambiciosos, e criminosos de muitas mortes, escroques internacionais, foragidos da justiça, prostitutas, bolivianas, italianas, polacas, concentradas na Boate Mundo Azul, onde aos sábados se reúnem os garimpeiros, vindos

das selvas, trazendo cada qual a sua bizaca abastecida de ouro. Sábado e domingo é dia de festa em Porto Rico, de festa e de desordens. Vez por outra, à noite, estrondam tiros, cai um morto, a cachaça estimula ao crime, o defunto é enterrado por amigos e sua história finda ali. Alguns são vingados. Segunda-feira regressam os garimpeiros às montanhas, ou aos grotões na selva, fonte de sua riqueza, alguns levam consigo as mulheres com quem se divertiram no fim de semana, para trazê-las de volta no sábado seguinte, pagas em ouro. Para Porto Rico o transporte se fazia pelo rio, em barcos motores, que atracam nos trapiches, nas *corutelas* ou *carbes* ribeirinhos. Muitos compradores se aventuram até Porto Rico, vão de barco, outros, mais desconfiados ou abastados, preferem o avião. O lucro cobre todas as despesas. Dia de sábado é bom para negócios, mal chegados os garimpeiros, ansiosos por bebidas e mulheres. Não lhes amedronta a sorte, nem as doenças. Temem os índios caiapós, de difícil trato, sempre agressivos, mesmo quando parecem pacificados. As mulheres se vestem como homens, as honestas. Não receiam a mata. Andam às vezes sós, armadas de punhal, espingarda, cartucheiras de balas à cintura, chapéu de couro, calças compridas, à distância e mesmo de perto, parecem homens. Na bravura também, talvez mais ferozes ainda. Fazem caçadas, à noite, quando os bichos ficam estonteados, sonolentos, e é fácil surpreendê-los.

Juvêncio não queria que o seu garimpo se transformasse num novo Porto Rico, povoado demais, corrompido pelas bebidas, mais uísque escocês *White Horse* do que propriamente a cachaça. Mais barato seria comprar uma garrafa de *scotch*, bom, vindo das Guianas, trazido pelos traficantes de todas as raças, do que beber a cachaça de Abaetetuba, cara, e às vezes batizada. Por isso Juvêncio fazia-se prudente na escolha dos homens que o auxiliavam, chegando ao extremo de ir buscar Cassiano, Procópio e Avelino no Seridó. Não confiava muito nos caboclos nem nos aventureiros estrangeiros que por ali apareciam. Naquela solidão verde, cercado de mata por todos os lados, somente o céu azul é branco no alto, lançava as bases de um novo garimpo que iria surpreender a muitos. Em vários dias de trabalho a clareira já estava bem ampla, grande parte da área destocada, sendo esse o serviço mais penoso, arrancar os troncos com as raízes, usando ferramentas comuns, enxadas, ferros de cava, pás, serrotes, picaretas, tudo com muito custo e sacrifício.

Rogaciano uma vez por semana voltava a sobrevoar, trazendo mercadorias, com um *walktalk* tentava comunicar-se com Juvêncio, às vezes com êxito, outras não. O trabalho progredia. Ernestino sarava da mão, usando madeira ralada, pó de jenipapeiro, que os remédios não estavam dando resultados; a clareira aumentava, Juvêncio, Cassiano e Belmiro começavam a cavar o grotão, o “poche”, tirando blocos de terra e pedra mole, lavados na dala, escorrendo, passando para a bateia, um trabalho minucioso que findava com o ouro brilhando nas mãos, a sacola se recheando.

Noites e dias assim passavam. Convinha apressar a obra. Armara o barracão de madeira, palha e cavaco.

A construção assegurava a posse da mina, o domínio da terra, como sinal de ocupação efetiva. A barraca de lona, de fácil desmonte, não gerava nenhum direito. Os paus fincados, a cobertura, embora de palha de ubuçu, firmavam nos demais habitantes da região um conceito de ocupação, nem sempre respeitado, como aconteceu no garimpo do Praxiúba, para o lado do Rio Cabeça, assaltado por garimpeiros, o dono morto a pauladas, os demais expulsos, a mina ocupada e as terras divididas pelos numerosos assaltantes. Um massacre contra o qual não podia a força humana. Disso tinha receio Juvêncio. De uma emboscada. De um ataque de surpresa, quer dos índios, quer dos “civilizados”, gente de toda espécie, filhos de um submundo. Escolhera os seus homens de confiança. Rogaciano dava cobertura aérea. De noite um ficava em vigília, o olhar atento, a espingarda engatilhada para qualquer surpresa, a faca na cintura, em guarda sempre, pois naquele ermo não havia que confiar.

Cinco sóis eram passados quando Ernestino foi buscar água na nascente, encontrada em plena mata. A água do garimpo era poluída, barrenta, misto de terra lavada e resíduos da garimpagem, os homens com as pernas mergulhadas os dias inteiros. Para beber, só indo buscar fora, na floresta, onde às vezes se encontravam boas nascentes. O dia escurecia cedo. Quatro horas da tarde já parecia noite, as altas copas das árvores e a folhagem densa encobriam os ardores do sol, os cipós longos pendurados como se fossem cobras imensas davam à selva um aspecto estranho. Ernestino cumpria sua missão, a lata na mão, afastando galhos e folhas, a fim de romper a mataria, apesar de um começo de vereda se insinuar na

folhagem, pela passagem frequente dos garimpeiros. Mais de cem metros deveria percorrer na floresta até atingir o manancial. Inclina-se para retirar água e de cócoras mergulha a lata até o meio. Súbito ouve estranho ruído, um galho que se projeta sobre a nascente. A seguir um grunhido, já seu conhecido, com um esgar de boca aberta. É um gato-maracajá, amarelo e preto, em posição de ataque, vez por outra abrindo as mandíbulas, o bafo, as pernas dianteiras estiradas, as unhas a rasparem a madeira, agachado, na preparação do pulo, que não tarda. Ernestino sente as patas do animal em seus ombros, ainda de cócoras e no desespero da surpresa larga a lata e cai, entremolhado, no instinto da defesa, procurando com a mão direita nervosa o punho da faca. Não sente dor, mas sua camisa se estraçalha e se tinge de vermelho. Tenta levantar, escorrega, cai de novo, até que em lance feliz consegue brandir a faca, atingindo o animal. Este resfólega, volta ao ataque, recua, avança, sangrando, mas vivaz, instantâneo. As patas e unhas ágeis. O cheiro do sangue parece estimulá-lo. As unhas penetram. Aguçadas, rasgam o braço esquerdo de Ernestino, na sua investida irracional atingem o rosto, busto, pernas, como se todo o corpo do homem fosse um monte de trapos ensanguentados. Lúcido e calmo, Ernestino segura com vigor a faca, não deve perder o golpe, e rapidamente crava a arma até o cabo no ventre da fera, que solta um uivo e se arrasta, vencida, despejando sangue, e penetra na folhagem verde, quase morta. Ernestino se levanta. É sangue só, arranhões de superfície, como talhos de sangria, nos braços, na costa, no rosto. Penetra na água límpida, que logo se avermelha, tenta lavar as feridas, começa, só agora, o ardume generalizado. Precisava voltar. Nem sequer pudera fazer uso da espingarda, que deixara a pouca distância ao agachar-se para colher água. A surpresa do ataque não lhe dera tempo. A faca fora suficiente. Segue o rastro de sangue e encontra a fera, já morta, estripada, deitada sobre as folhas. Ernestino, com a mão direita, segura a cauda do animal, arrasta-o trôpego, sangrando, por entre folhas e cipós, até atingir o pequeno acampamento. Cai exausto, aspecto terrível, enquanto é socorrido por Juvêncio e Cassiano.

Juvêncio examina rapidamente o amigo e tranquiliza:

– Muito sangue, mas nenhum ferimento grave. Felizmente.

Ernestino é recolhido à barraca. Logo são usados os medicamentos disponíveis, com a experiência que cada um possuía da vida na selva.

– É melhor retirar a roupa e ficar nu sobre folhas. Por aí há muito malvarisco. Braços e pernas eram os mais atingidos. Juvêncio retira da caixa de medicamentos o aparelho de injeção, usa logo um dos antibióticos.

– É bom atalhar por todos os lados. Se não tiver febre a coisa será mais fácil de tratar. Não teremos que mandá-lo de volta. E pela mata é difícil.

– As águas do igarapé são boas para esses casos – aconselha Bento. – Lavam tudo. Evitam a infecção. Vocês já não repararam que índio não tem ferida? As suas peles são limpas. É o banho dos rios, faz bem.

Juvêncio e os demais companheiros sãos tiveram que redobrar de atividade. Felizmente Ernestino não teve febre, não houve infecções, em plena selva, ao encontro com aquela natureza primitiva, era estranho que os ferimentos cicatrizassem tão depressa, às vezes com o uso de serragem de troncos de jenipapeiro ou de mucuracá. Os hábitos assimilados dos índios inspiravam mais confiança do que os medicamentos vindos da cidade.

Rogaciano semanalmente trazia o seu socorro aéreo, o abastecimento, o medicamento, tudo que fosse necessário para a abertura da clareira, para o sustento dos homens, e para o trabalho de garimpo, em franco desenvolvimento. Viajava de Santarém, via Itaituba, descendo por vezes em São Domingos, a fim de colher correspondência para Juvêncio e seus amigos. Veio carta de Rita, preocupada, chorando saudades, pedindo a Cassiano não se demorasse muito, que não aguentava. A saúde ia bem – dizia – o nenê crescendo, no ventre, dando sinais de vida. Mara muito boa, estavam sempre juntas, dormiam às vezes na mesma casa, as portas trancadas, rifle à vista, faca presa à cintura, dispostas para o pior.

De noite o pavor aumentava, especialmente nas noites escuras, um breu só. Nessas ocasiões redobrava a vigilância de Juvêncio no acampamento. Sempre atento, a arma pronta para qualquer surpresa. Noites cortadas de ruídos estranhos na mata, galhos que se quebravam, estalos perto e longe, grilos, golpes de luz no ar com pirilampos numerosos, e a inferneira dos mosquitos, os piuns, a música a cantar nos ouvidos, apesar da proteção da fogueira, própria para espantar feras e insetos na mata. Mas o fogo atraía al-

guns animais, como as cobras, os morcegos, que imensos, negros, voejavam sobre as chamas e desapareciam no mato, pendurando-se nas embaubeiras.

Não poucas vezes tiveram que despertar, inquietos, os olhos estremunhados, ante o estrondo de um tiro, disparado por quem estivesse de plantão, tiro com alvo certo, em cobras imensas, como o fez Belmiro, ao atingir na cabeça uma surucucu, altamente venenosa, que se insinuava sorrateiramente, em direção da barraca. Todos pulavam tontos, esfregando os olhos, ainda sem saber do que se tratava, as mãos nervosas apertando o rifle, desejosos de atirar, mas sem saber em que e nem por quê. Belmiro tranquiliza:

– Não é nada não. Foi uma cobra. Já está morta. Uma surucucu. É pico-de-jaca, venenosa, das piores. Se ferra é preciso socorrer logo, fazer sangria no lugar, botar o sangue envenenado para fora, do contrário o cristão vai embora. Um pouco de óleo de copaíba faz bem.

Naquele desespero viviam todos, só sustentados pela expectativa de riqueza, o garimpo bom, a produção razoável, o patrão camarada, incapaz de qualquer maldade.

Cada dia que surge renova as esperanças, o sol penetra com mais amplitude pela mata, a clareira toma maiores proporções, cheia de tocas, galhos secos e verdes, mas com o sol à vista. É trabalho lento, penoso. Falta arrancar troncos, aterrar, nivelar, deixar consolidar com as chuvas, colocar cascalho.

A produção melhora, pelos testes realizados dará cerca de quatro quilos de ouro por barranco, uma das maiores percentagens da região, só tendo notícia de outra maior, que alcançou cinco quilos por barranco, a do garimpo do João Francisco, no Igarapé São Francisco, afluente do Jamanxim, descoberto por Abel e Otávio. Tanto era o ouro, naquele, que despertou a ambição de aventureiros. Abel e Otávio foram mortos, suas terras repartidas, o garimpo a produzir quantidades espantosas. Outro, de alta produção, fora o do Rio Novo, também afluente do Jamanxim, com três a quatro quilos por barranco. Seu descobridor acabou assassinado em Itaituba. O de João Alves dava apenas dois quilos por barranco e assim mesmo tomaram-no à força, um bando de facínoras, capazes de todos os crimes. Também o de Mário Francês, descobridor do garimpo Nova Aurora, no Rio Pacu, a sete horas de caminhada do mesmo rio. As latas e as garrafas se enchiam de ouro em pó, levado para longe, outras terras, para o exterior talvez. As grotas ficavam

exploradas, vazias, devassadas, como mulheres estupradas. E assim outros mais, como o Surumbim, dos irmãos João e Valdomiro Rodrigues.

A preocupação maior de Juvêncio, agora, era preparar um campo de pouso. Só com financiamento e muita gente para trabalhar. Melhor seria do que abrir estrada ou picada para a margem do rio. Pela estrada chegariam aventureiros, estariam sempre em perigo. Com o campo de pouso somente viria quem Rogaciano trouxesse, de comum acordo com Juvêncio. Não haveria possibilidade de invasão, nem de assalto. Dedicam-se vez por outra ao preparo do terreno. Enxadas, pás, picaretas são utilizadas, troncos arrancados, os mais finos, alguns incendiados, com um pouco de combustível, o fogo lento a levantar fumaça, à noite a tocha de brasa brilhante na escuridão, nos troncos secos, enquanto os mais verdes são cortados a machado. Mas os braços não podem ser desviados do garimpo para a destocagem. Os homens trabalham desesperadamente, sabem que a saída aérea lhes daria oportunidade de fugir daquele inferno com mais facilidade, o companheiro ferido, em franca recuperação, mas combalido, deitado sobre folhas, as feridas ainda vivas, embora sem infecção. Os homens às vezes se revezam nas tarefas, três na garimpagem, três na construção do barraco. Ernestino ainda sem condições de ajudar. O preparo da clareira teve que parar. Trabalho de sol a sol, preocupações noturnas, a vigília, os olhos bem abertos, a atitude de guarda contra a natureza e os homens. Felizmente Rogaciano não tem faltado, alimentos e medicamentos não escasseiam, embora caros, pagos a peso de ouro. O garimpo produz o suficiente para tanto sacrifício, é preciso despescar a aparelhagem com rapidez, usar o azougue, lavar, apurar o máximo possível, aproveitando as vantagens que a sorte proporciona, mesmo acompanhadas de desgraças. A fase pior já está para passar: a da adaptação, a da luta contra os elementos brutos, a natureza começa a ser domada na pequena área do acampamento, a água disciplinada para a lavagem da terra, a queima do ouro com bom saldo, tudo em fase de desenvolvimento. A baixa de um só homem era o mínimo de infortúnio que poderia ocorrer. Em tarefas desse porte há sempre feridos, mortos, doentes, a malária poupara o grupo, só as feras não permitiam que tudo corresse às mil maravilhas. Alimentação razoável. Caça muita, por perto. Uma anta abatida fornecia carne para muitos dias. Carne gorda, boa para assar, ou

comer no tucupi, se houvesse. Veados muitos, do vermelho, havendo sal e fogo ninguém passaria fome. O principal era preparar a clareira e aumentar a produção, cavando os “poches”, penetrando as entranhas da terra, o ouro rebrilhando aqui e ali, escorrendo na lama, pulverizado ou em pepitas, nas massas rochosas, de mistura com argila dura. O terreno logo adiante se elevava, para tornar-se relevo e planalto na direção do sul, montanhas que encobriam da vista, mas não impediriam o pouso futuro de aviões, por ser plano em direção do norte, aberto, apenas obstruído pela floresta. Juvêncio tinha condições de enfrentar as despesas, muito ouro já extraíra em outros garimpos, comprara outro tanto, ganhando na revenda principalmente nas altas momentâneas do dólar, vindas de surpresa, como um jogo de azar. Mantinha as suas reservas na cidade, em Santarém, onde se estabelecera anos antes, possuía também uma vila à margem do Tapajós, conta nos Bancos, comerciando com compradores no Rio e São Paulo, podendo, em qualquer dessas cidades, manter bons contatos e realizar ótimos negócios. Tudo começara devagar, com poucos recursos, mas fora vencendo, rompendo caminho, aprendendo na dura experiência, até ganhar tudo aquilo: bons garimpos, terras, casa em Belém e Santarém, propriedades várias com projetos de compra de fazenda no Lago Grande. Situação estável, sólida, que permitia aventuras como aquela do Jamanxim, para ganhar ou perder.

Juvêncio também viera jovem do Nordeste e aprendera depressa a áspera lição da vida. Caminho reto, probidade que parecia trazer do berço, bom de criar amigos e conservá-los. Fazia-se respeitar, com força moral ajudada pelo tiro certo e o punhal. Só os usava em casos extremos, nunca em provocações inúteis. Sua aversão a bebidas lhe oferecia condições especiais de sucesso, em lances graves nos quais se vira envolvido, mesmo sem o de-sejar. Não confiava nos homens da região, os desconhecidos que surgiam de toda parte. Daí ter procurado em Seridó os conhecidos de infância, e assim mesmo escolhidos. Nem todos mereciam fé. Alguns outros desejaram vir. Casimiro, já metido em encrencas desde novo, fora amigo de infância, companheiro de brincadeiras, mas não lhe merecia crédito. Cassiano, Procópio e Avelino tinham sido provados na amarga lição que a vida oferece a todos. E esperava não se arrepender de ter-lhes estendido a mão.

À proporção que a escavação do garimpo avançava, era preciso fazer algumas obras de proteção. Elevando-se bruscamente o terreno, formando barreira, logo depois planalto, devia haver defesa contra desabamentos ou pedras, que poderiam rolar do alto, pondo as vidas em perigo.

Mais uma semana é decorrida. Dia certo da vinda de Rogaciano, que já tardava um pouco, nascendo a preocupação no coração de todos. Começavam a rarear alguns gêneros, tudo em quantidades não muito grandes, dadas as limitações do avião, as sacas ou caixotes jogados do alto, com boa pontaria às vezes, noutras se estraçalhavam pelo chão. Rápida, a aeronave passava sobre as cabeças dos garimpeiros, habituados a esse espetáculo uma vez por semana. Apostavam mesmo, entre si, onde iria cair tal fardo, ou tal caixote; ou o que continha o primeiro a cair, se feijão ou munição; se ferramentas ou remédios. Os mais afoitos avançavam logo para o volume, a fim de conferir, pelo tato, quando fossem sacos, o que se encontrava dentro, cantando vitória muitas vezes. E cobrando a aposta.

Já se aproximava do meio-dia quando surgiu, roncando nos ares, espantando as aves em sua passagem, o pequeno avião, o prefixo à mostra, as duas cores brilhando ao sol ardente. Há muito tempo não se fazia tão quente o dia, tão seco o ar, tão vivo e refulgente o sol. Poucas nuvens, num céu de verão, a aeronave a romper rapidamente a distância, a primeira manobra no alto. Rogaciano, bem visível, a sinalizar com a mão, numa atitude usual, correspondida pelos de terra firme, em plena atividade. Nova volta, manobra normal, e o teco-teco passa, muito baixo, jogando ao solo dois volumes. André julgando ser toda a carga já lançada, dado o tamanho dos sacos, corre logo, ansioso por vencer a aposta. No primeiro saco que caíra, dizia, vinha charque e arroz. Não era oportuno, porém, acudir, o avião volta, sem dar tempo de pensar, e novo volume é lançado do alto, projetando-se sobre André, em pleno ombro, baque surdo, fulminante. O homem cai em terra, a massa pesada deposita-se com estrondo a seu lado. O corpo estremece, um

grito geral de pavor dos companheiros, que correm; aflito, Belmiro faz sinal para o avião. Sem dúvida Rogaciano não percebeu o acidente na rapidez do lance. Juvêncio, Cassiano e Belmiro transportam nos braços o garimpeiro trêmulo, agônico, estertores da morte no rosto macilento, e depositam-no à sombra, sobre a relva abundante. Socorrem-no como podem. Borrifam-lhe água no rosto. Tiram-lhe a blusa rude, nenhum ferimento, o pescoço túmido, as faces arroxeadas, estertores, mais estertores, como quem resiste, não quer morrer antes do tempo. Pouco mais de vinte anos. A selva contempla o corpo agora já sem movimentos, inerte, totalmente morto. Juvêncio não esconde seu desespero. É forte, mas chora, como choram os demais, cabeças descobertas ao sol, o sol mais quente e fúlgido dos últimos tempos, naquelas paragens. Moscas e mutucas zunem em redor. Pousam algumas sobre o peito forte e inerte. Choram os quatro companheiros, enquanto Ernestino, na barraca, suspeita do ocorrido, ante os rumores, as exclamações. A dor que rompia os ares nos gritos de desespero.

Vida-luta. Vida-morte. Vida-inferno, angústia, desespero.

Por mais robustos que fossem, de corpo e alma, duro lhes seria resistir. A mensagem da vida trazida pelos ares se transmudava em morte. O fim. Uma vida em começo, esperanças, ilusões, enleios, mesmo num homem rude e na selva. Mas era um ser humano. Humilde, singelo, embora rude, bom. O próprio apelido “Meninão” tinha algo de carinhoso, de afetivo, de nada selvagem, como se ele fosse sempre uma criança, com apelido tão infantil. Rogaciano regressou, pressentira no alvoroço de terra algo de anormal, todos correndo na direção dos volumes, depois gestos com as mãos, manifestava a sua angústia do ar, sem poder aterrissar. Voltou o avião, voando baixinho, o suficiente para ver-se do alto toda a extensão da tragédia. Rogaciano dá outra volta sobre a clareira, examinando-a. Via bem o corpo estendido na orla da mata, relva em redor, mais adiante o cascalho. Os que estavam perto poderiam julgá-lo a dormir na sombra, enquanto em torno o sol brilhava com intensidade. Juvêncio sentou sobre um tronco, as mãos ambas segurando a cabeça, o olhar baixo fixado no chão, nenhuma palavra mais a dizer, ante a brutalidade da perda. Cassiano procura uma vela para acender junto ao corpo e à sua falta acende uma lamparina, a da barraca, um lume também, diferente embora, mas um lume, que é preciso respeitar

o morto. Impossível transportar o corpo. Por terra seriam três dias inteiros de marcha pela mata obscura. Muitas léguas. Pelo ar tornava-se impraticável a aterrissagem.

Pouco se sabia da vida de André. Viera do Maranhão, sozinho, aventurar nos garimpos, com sonhos de enriquecer. Confidenciara certa vez a Belmiro que brigara com o pai, abandonara a casa paterna, queria correr mundo, obter meios para uma vida melhor. Em São Domingos, Itaituba e Santarém não tinha conhecidos. Viera do Maranhão atraído pelos garimpos e ali se fixara, conhecendo Juvêncio numa viagem de barco de Jacareacanga a Porto Rico. Ficaram amigos. Juvêncio empregou-o num dos garimpos do Rio das Tropas, depois o transferiu para outro no Creporizinho. Gostava das suas maneiras francas, a vontade de vencer, um ar de independência que irradiava confiança, apesar do pobre modesto aspecto. Conduzir o cadáver por terra era tarefa árdua, e ainda mais, para entregar a quem? O corpo não tinha dono. Nenhum parente. Via aérea seria impossível ainda, a clareira sem condições de pouso. Era enterrar ali mesmo, a homenagem das matas, do vento sussurrando nos galhos retorcidos, o sol a pino, uma sepultura servida pela natureza. Os homens se levantam! A decisão é uma só, cavam sem parar, até ter pronta a cova. Uma tosca cruz de galhos ainda verdoengos, amarrada com cipós, assinala o termo daquela vida. Ali fica, como tantas outras, perdida.

Nada mais seria possível fazer. Diante do impossível as consciências se entregam. A bravura mesma não tem forças. Tudo o mais seria fraqueza. Enterrado André, restava continuar a luta, para a frente, em vez de sete, seis homens, Ernestino já melhorado, os ferimentos cicatrizando com a ajuda dos antibióticos disponíveis e as ervas, pós de madeira ralada e emplastros de plantas medicinais. Rogaciano voltou, o motor do avião espantando as aves na mata, voando baixo, a preocupação no olhar inquieto, impotente diante dos obstáculos da natureza. Era preciso retirar um toco maior em meio à clareira em preparo. Os homens o atacam com força. Machado nas mãos de Belmiro. As lascas voam longe, a enxada em poder de Cassiano, que cava em torno, descobrindo raízes, ainda verdes, amontoando a terra em redor; a pá com Juvêncio, que trabalha como os demais. A picareta, violentamente empunhada por Bento, que tenta arrancar as raízes, rasgando-as,

aos pedaços, de mistura com terra e lama. São cinco a destroçar o tronco rebelde, de grandes proporções, mas aos poucos vai sendo eliminado, as raízes à mostra, exuberantes e verdes, arrancadas com violência. É preciso remover os pedaços, encher o buraco com terra e pedra, socar bem. Os troncos menores vão sendo extirpados. A mão do homem vai aos poucos dominando a natureza rebelde. Nada resiste à sua investida. Extermina florestas, drena pântanos, desvia cursos d'água, fura barrancos. Todos os sacrifícios feitos em trabalho, dedicação, exposição ao sol e à chuva, tudo seria compensado pela produção já iniciada, acima do comum. À proporção que os dias passavam, a terra descobria as suas entranhas, a barreira bem protegida, a escavação em ordem, indo buscar o filão às vezes em profunda escavação e explorando-o em todas as direções. Rogaciano, o único de fora a saber daquilo tudo, guardava segredo. Nem mesmo aos companheiros, antigos colegas, confidenciava assuntos de garimpo. Não era de confiar em ninguém. Molestava-o a morte de André, sua figura vinha-lhe sempre ao pensamento, gostaria de procurar os parentes, dar-lhes alguma ajuda, mas onde? Difícil localizar no Maranhão a família do garimpeiro. Quantos por ali nas mesmas condições, sem se saber ao certo de onde vinham! Alguns de Caxias, outros de São Bento, vários de Turiaçu e Carutapera, homens do sertão e do litoral, também piauienses, alagoanos, de mistura com pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e paraibanos. Só às vezes, através de um apelido, se sabia a origem exata: o "Paraíba", o "Ceará", o "Potiguar", o "Baiano", o "Gaúcho", o "Mineiro", o "Francês", o "Crioulo", o "Italiano", o "Alemão". O homem que penetrava no garimpo desligava-se do mundo e do registro civil. Só os proprietários, como Juvêncio e outros, enricados, conseguiam retirar o pé da terra, graças aos aviões, bem pagos, que os conduziam a qualquer região do país. Alguns se aventuravam à Bolívia, ao Paraguai, ao Peru ou às Guianas. Voo cuidadoso, conhecendo as rotas, os acidentes geográficos, fugiam pelos céus, em busca de outros pousos.

Rogaciano jogou do alto novo embrulho, dentro um bilhete para Juvêncio. Lamentava o ocorrido e prometia ajuda à família do morto, se fosse localizada. A inquietação do aviador parecia transmitir-se para as asas e o motor da pequena aeronave, roncando sinistra através da floresta. Traria novos medicamentos, uma barraca de lona maior, prevendo doenças e acidentes.

Mas não esquecesse também a munição, que a ali existente estava no fim, tantos os tiros, de dia ou de noite, em antas; veados, cobras, gatos-maracajás, ou em sombras, julgando tratar-se de feras ou de índios. Felizmente nenhuma onça aparecera. Contavam estórias de onças-pintadas naquela região. Por enquanto só gatos-maracajás, e era sorte. Porque se fosse com onça a luta de Ernestino, talvez não estivesse vivo. Num corpo a corpo, era difícil dominar a fera, muito grande, patas pesadas, unhas como agulhões. Só mesmo vista à distância, derrubada a tiros, no momento do pulo, caía com estrondo, se estorcia, às vezes corria um pouco, dependendo da gravidade do ferimento, deixando rastro de sangue na folhagem verde. Até que Cassiano achava divertida aquela vida, certas horas, quando não havia desgraças. Em alguns momentos desaparecia a preocupação, principalmente pela manhã, sol risonho, vento fresco varrendo e agitando as copas das árvores, a natureza parecia pulsar com todas as suas energias, em plena brenha. E agora que o campo fora alargado, a terra batida, embora ainda sem a consistência desejada, mas socada de cascalhos, a clareira era como uma janela aberta para o mundo, cercada de verde e tenebras por todos os lados. Sol! Muito sol a pele queimava, escurecia, capaz de transformar até os franceses, italianos, holandeses e americanos em caboclos disfarçados. Depois de muito tempo de permanência na Amazônia, a pele tostava e ressecava; visto de longe, um alemão parecia um caboclo. Só de perto os olhos azuis denunciavam a origem europeia. O próprio cabelo parecia mudar de cor, queimado e requeimado, o amarelo de ouro desbotava, como se tivesse sido lavado por todas as águas da região. A alimentação talvez concorresse também para isso. Kurt, o alemão de uma vila da margem do Rio das Tropas, já parecia amazônida, tantos os anos de vivência, interessado nos índios, seus hábitos, sua cerâmica, comia de tudo, capaz de devorar um tucumã sem sujar a boca, bravata de que só os autênticos nativos se vangloriavam. Contavam estórias desconhecidas dele: que era professor de universidade, um sábio, diziam uns; um espião, assoalhavam outros, mas espião de quê? Das matas, dos insetos, do ouro? Mas o ouro estava ali para todos. Era só cavar. Quantos franceses o exploravam à vontade, franceses da França e franceses de Caiena, os crioulos de São Jorge, das margens do Oiapoque, que se deslocavam para o Rio Tapajós e seus afluentes à procura de minas!

Algumas pessoas julgavam Kurt um sacerdote, embora nada o revelasse. Sua atividade era dentro da floresta, quase solitário, procurava contacto com os índios mundurucu, mais fáceis de trato, e vivia como um eremita longe de tudo e de todos. Por vezes o tomavam por americano, mas os americanos nunca andavam sós. Sempre em grupo, nem se comunicavam com os caboclos. Falavam pouco, quase nada, só o indispensável. E assim mesmo em inglês. Nada de muitas amizades... Transportavam sempre aparelhos, caixotes numerosos, uma bagagem de encher os olhos, em que havia de tudo, desde mosquiteiro a carne em conserva. Kurt não poderia ser americano, falava português e a língua dos indígenas, vivia só, vez por outra desaparecia, uns diziam que fora à cidade, Belém ou Manaus, outros o julgavam entre os índios, nas suas estranhas atividades. Uma singular figura de europeu, a pele alva já curtida pelo sol, a barba ruiva a denunciar a origem racial, uma grande mansidão no olhar azul. Todos o conheciam e por ele manifestavam respeito sem precedentes, provocado talvez pelas lendas em torno de sua figura, ou pela atitude pacífica, falando a língua dos índios como se fora um da tribo. Seu tapiri modesto, muito limpo, apresentava um pouco de tudo: instrumentos para uso de emergência, rádio, máquina de escrever, cartas geográficas, papéis, muitos papéis, livros, como se fora uma miniatura de instituto científico em plena floresta.



Impraticável qualquer aterrissagem. Juvêncio e seus homens, isolados na mata, só podiam contar com o socorro vindo pelo ar. Uma vez por semana. Era preciso preparar tudo, prever as coisas com cuidado, relacionar, para não esquecer, a lista dos gêneros a receber. Uma omissão qualquer, por mais simples, poderia acarretar aborrecimentos. Esquecer a munição, por exemplo. Ou o sal. Comer carne insossa. O feijão que ajudava a manter os homens rijos. Cobertores para o frio noturno, frio de cortar a carne, penetra até os ossos, em certas épocas do ano. Juvêncio precisava de mais gente, sete homens apenas eram insuficientes. Um morrera. Outro doente, recuperando depressa, mas enfermo. Seis restavam vivos, Cassiano longe da mulher, os garimpeiros todos sentiam falta de mulheres. Era preciso dar uma folga, sábado, mandá-los a São Domingos, não todos, que o garimpo não podia ficar abandonado. Cassiano e Belmiro iriam no primeiro sábado. Juvêncio, Zé Fidélis, Bento e Ernestino ficariam no garimpo. Ernestino, quase curado, não podia adentrar-se pela mata, três dias de viagem a pé, por entre paus, cipós, folhagens, urtigas, a ameaça de cobras e feras, deviam sair de manhã cedo. E o rumo a seguir não era fácil. Juvêncio deixara marcas nas árvores, a fim de facilitar a volta. Galhos cortados, talhos em troncos, um começo de vereda aqui e ali, mesmo assim trouxera bússola, para, em caso de dúvida, tomar sempre o rumo sul na vinda, devendo agora o trajeto ser no sentido norte. Procópio e Avelino seriam procurados, eles que tinham ido para outros garimpos. A tarefa era maior do que pensara Juvêncio, a produção do “poche” também. E nada de muita conversa em São Domingos, nem em Porto Rico, se fosse preciso procurar os amigos por lá. Os aventureiros queriam sempre sondar novidades. Saber se havia garimpo novo. Onde era, onde não era. Depois surgiam de surpresa ataques, emboscadas, crimes. Todo cuidado era pouco. Até o ouro encontrado guardava-se com prudência, mesmo havendo alguma confiança recíproca, como era o caso de Juvêncio com os seus homens. Logo depois de apurado se guardava em latas de leite



Ninho ou de manteiga Real, bem escondidas, ou em garrafas, enterradas em lugares que ninguém poderia descobrir, de preferência junto ao tronco de árvores. Um não sabia onde estava o ouro do outro. Tudo com muito sigilo. A única testemunha era a selva. Se o garimpeiro morria subitamente, ficava o seu ouro perdido, enterrado em lugar não identificado, para a eternidade. Só raramente algum felizardo, por obra do acaso, localizaria o frasco, ou a lata, tão cuidadosamente sepultados.

Já muito cedo Cassiano e Belmiro se deslocavam, bem armados, facão firme na mão direita, espingarda carregada, faca de ponta à cintura, rumo a São Domingos. Cada qual trazia a sua percentagem do ouro recolhido, a duras penas. Viagem a pé, estafante, a boia preparada de véspera, guardada em lata na sacola, a alegria nos olhos, que fácil era sempre a volta ao lar, mesmo na selva. Manhã de sol, felizmente. Com chuva a caminhada seria mais difícil, pensava Cassiano. Muitas horas a cortar folhagens, facilitando a passagem, vadeando pequenos igarapés, aqui e ali, água amarelada, cobertos de folhas e cheios de paus. Era preciso cuidado, o perigo estava em toda a parte. Cobras se escondem sob as folhas, se confundem com o colorido da mata. Atacam de surpresa, quando menos se espera o bote está preparado. Traziam por isso contraveneno, uma precaução apenas. Trechos mais fáceis, árvores imensas a terra sombreada, pouca vegetação rasteira; outros de densa selva, arbustos e cipós enrodilhados, como formando barreira contra o invasor. Difícil seria a estranhos penetrarem até o garimpo, só mesmo Rogaciano sabia da descoberta. Não falava a ninguém. Guardava segredo. Tinha interesse também. Juvêncio reservava uma parte da produção para pagar o aviador, dividia o ouro aos sábados, tudo bem pesado, na presença de todos, cada qual guardando a sua cota num vidro ou numa lata e logo escondendo não se sabe onde. Cassiano era portador da cota de Rogaciano.

Prosseguem a caminhada, a pele grossa já habituada ao contacto das folhas e dos espinhos. Os pés enrijecidos, afeitos ao chão duro do Nordeste, pisam na folhagem como um tapete, o olhar atento, o ouvido afinado a qualquer ruído, a alma em guarda todo tempo.

Algumas paradas. Um pouco de repouso. Beber água. Comer um pouco. Iludir o estômago ao menos. Prosseguir jornada, atentos no rumo, para não se perderem. Um desvio qualquer seria de consequências terríveis em meio

àquele desesperado mundo verde. Depois do meio-dia muda o tempo, nuvens negras surgem tangidas pelo vento, o ar esfria, sinal de chuva, que logo dá os seus primeiros avisos. À proporção que avançam na floresta a chuva parece aumentar de intensidade. As copas das árvores balançam, estalam, alguns troncos apodrecidos desabam, reboam trovões, os clarões dos raios iluminam a mata, assustadoramente. Era preciso proteger-se dos galhos secos, que caíam de surpresa, ou de ouriços, quando passavam sob castanheiras. Alguns de tamanho incomum, os ouriços, se atingissem a cabeça, o golpe seria mortal. Outros, de sapucaia, espocavam no alto, espalhando castanhas.

A viagem de volta fez-se dura, perigosa, requeria atenção para evitar desvio de rumo. Qualquer engano na rota importaria em perda na selva, marcha para o desconhecido, possivelmente a morte; a floresta não tem fim, seu ventre túmido atrai homens para devorá-los, destruí-los sem piedade. Exerce influência nas mentes dos homens, cada vez mais fascinados, esquecidos da civilização só querendo aventuras. Cassiano, no entanto, possuía espírito forte. Não esquecera a mulher, um só momento. Despertava à noite, muitas vezes, intranquilo. Via-a em sonhos, semiacordado, chorando, tão real como se estivesse presente. Era meio “espiritado”, dizia Rita muitas vezes, o Cassiano despertando assustado, tinha falado com um amigo distante, em São Paulo, vinha vindo alegre, os braços abertos para abraçá-lo. Dias depois chegava a notícia da morte, tudo aquilo só acontecia de madrugada, pelas quatro ou cinco horas, quando o mundo se achava em solidão. Dias antes Rita lhe aparecera chorando, a barriga grande, muito grande, como se já estivesse no tempo, no entanto ainda era cedo, quatro meses apenas de gravidez mal disfarçada.

À chegada Rita abraçava Cassiano como nunca, chorando muito, que as saudades acumuladas se faziam enormes naquele ermo. Mara fora a sua fortaleza. Não a deixara um só momento. A barriga aumentara. As precauções de Cassiano não foram poucas com o ouro que trazia. Melhor seria enterrá-lo logo, em latas ou caixas bem fechadas, defesa contra ladrões. Não faltavam falsos amigos a convidarem para bebedeiras, festas no Porto Rico ou na boate Céu Azul. Belmiro não perdia. Era solteiro. Cassiano não tinha jeito, e ainda mais com Rita naquele estado. Em altas horas da noite

funcionava a boate, entrava pela madrugada, até o amanhecer, especialmente de sábado para domingo, quando garimpeiros cheios de ouro regressavam da faiscação.

Cassiano não tinha tempo para essas farras. Devia dar atenção à mulher. Melhorar um pouco a palhoça, fazendo goteiras por todos os lados, a cobertura de cavaco em estado precário. Comprara com dificuldade algumas tábuas grossas, a preço alto. As laterais não ofereciam segurança.

Dia seguinte, manhã cedo. O povoado está em alvoroço. Mal raiava o sol já Belmiro batia à porta de Cassiano para dar a notícia: haviam encontrado um garimpeiro morto, assassinado a facadas. O criminoso lhe arrancara a pele do rosto a fim de impedir a identificação. Estava o corpo na orla da mata, completamente despido. Ninguém poderia reconhecer aquele cadáver disforme, as faces mutiladas, terríveis, apenas os olhos inchados a pularem das órbitas, com restos de pavor. Latrocínio em plena selva, sem possibilidade de apuração de responsabilidades. Na localidade não havia polícia, nem legista. Ninguém a socorrer a vítima ou seus parentes, se é que possui a parentes na região. Nem mesmo cemitério para enterrar, ou capela para ser-lhe rezada missa. Morria como um animal qualquer, um cão, as carnes cortadas, o rosto esfolado, o criminoso deveria ser uma fera humana, não um homem. Seria a vítima maranhense ou cearense, que regressasse do garimpo, o ouro bem guardado, mas mal defendido, ante o ataque solerte. Dias e noites de trabalho desapareciam assim, num segundo, ante o crime brutal. De onde viera a vítima? Ceará? Seria algum sertanejo como Belmiro, Cassiano, Juvêncio, um sertanejo que deixara a terra natal, cheio de esperanças, em busca do ouro do Jamanxim ou do Rio das Tropas? Viera atrás da miragem. Deixara parentes, pais velhos, talvez mulher desolada e filhos pequenos. Ou seria um aventureiro qualquer, sem eira nem beira, sem pais, sem mulher nem filhos, mas de qualquer forma um ser humano, feito à imagem de Deus, que desejava melhorar de vida? Se enveredara pelo crime, ninguém poderia afirmá-lo. Isso mesmo seria por certo o resultado de uma existência áspera, sem céus nem horizontes, esmagada ao peso das necessidades insatisfeitas e das desgraças irremediáveis. Um ser humano, ali jogado ao chão desfigurado, com a pele do rosto arrancada, os olhos, só os olhos a revelarem o homem, o pavor a pular das órbitas sangrentas.

Ninguém conseguia identificá-lo. Era preciso enterrar o morto. Ali mesmo teria a sua sepultura. Não havia cemitério. Nem padre. Nem igreja. Nem nada. Só a boa vontade de algumas almas e alguns braços para cavarem a cova rústica, logo recoberta de terra, uma cruz tosca de madeira verde a indicar a presença do morto. Não havia condições para agir de outra forma. Polícia, legistas, escrivães, justiça estavam muito longe, a centenas de quilômetros de distância, sem transportes, sem meios de apuração de coisa alguma, antes com o risco de vida para quem se atrevesse a impor lei naquelas brenhas. Rita apavorada. A notícia do assassinio correra célere, de boca em boca, pelas palhoças, pelas vendas precárias, pelos bares, pelas boates noturnas e bordéis improvisados, correra para espanto apenas das mulheres, e muito poucas, as honestas, porquanto os homens e as prostitutas já estavam habituados a horrores iguais. Quase todos os dias havia notícia de morte, quer natural, de malária, quer pela mão do homem. Os crimes ficavam impunes. A lei do mais forte, ou do mais ágil, imperava. Cada qual cuidava de si. Sorte tinham aqueles, como Mundico, que havia saído sem uma orelha, mas com vida, num acampamento do Cuiú-Cuiú. Descia o rio, quando encontrou vários garimpeiros em farra, bebendo uísque Cavalinho Branco, a bebida de todos, e fazendo churrasquinho. Restos de carne, com uma cuia de farinha, os homens já bêbedos, quando chega Mundico. A carne estava no fim. Come-Vivo não teve dúvida, propôs que se fizesse churrasco das orelhas de Mundico. A embriaguez tudo justifica. Os maiores desatinos, acobertados pela distância e pela irresponsabilidade. Eram cinco contra um. Luta inglória. Mundico ainda resistiu o que pôde, cortaram-lhe uma das orelhas, logo a da direita, que levaram sangrando às brasas. Mundico saiu correndo, o sangue a escorrer, pulou na igarité às pressas e deu de remar, enquanto os comensais assavam a sua orelha, para comer com farinha. E as gargalhadas ecoavam pela mata. Todos eles muito alegres, irresponsáveis, selvagens, comendo churrasquinho de orelha humana, em plena mata. Cenas como essa se passavam amiúde. Não havia para quem apelar. Nem lei, nem polícia, nem justiça. Mundico poderia vingar-se um dia, arrancar duas orelhas dos seus adversários, ou matá-los de emboscada na selva, ou envenená-los. A sorte oferecia sempre uma oportunidade, cedo ou tarde, para vingança, aonde quer que fosse. Por isso aparecia de vez em quando um

homem morto, jogado na mata, aos urubus, sem se saber quem fora o autor do delito. Nem valia a pena investigar. O fato estava consumado e ninguém se atrevia a revolver aquelas cinzas. Todos viviam e todos morriam sob a lei do perigo. A vida era um fio que podia ser cortado a qualquer momento. Vigor, juventude, alegria de viver não contavam. O isolamento gerava tragédias. A toda hora. Sem ninguém prever. De surpresa. Tragédias terríveis.

Os aviadores se limitavam ao papel de espectadores, absorvidos em sua atividade, o transporte de passageiros e cargas, ganhando o seu dinheiro e o seu ouro, que levavam para longe. Alguns faziam a linha direta para os sertões, em busca de Goiás, Mato Grosso e São Paulo, de preferência São Paulo, fonte de todos os grandes negócios. Como os aparelhos eram de pequeno porte e com raio de ação limitado, costumavam adaptar um tanque de gasolina auxiliar, que aumentava o raio de voo. Iam longe assim, com dois tanques. Nem todos faziam isso. Muitos se limitavam ao tráfego garimpo – Santarém, outros preferiam garimpo – Itaituba – Santarém, às vezes uma parada em Belterra. Alguns, no entanto, voavam diretamente para São Paulo, os que não se interessavam pelo frete de pessoas, as passagens, seu lucro era maior, traziam mercadorias de fácil venda e levavam ouro em pó longe dos olhos do fisco, sempre indiscretos. Deixavam de lado Santarém e as grandes cidades do litoral, tornara-se perigoso passar por Belém e Recife, e preferiam cortar direto sobre a selva do sul do Pará, norte de Mato Grosso, em direção da meca dos negócios brasileiros: São Paulo. Lucro certo, o grama um dólar, nada de perder tempo com passageiros e cargas miúdas. O ouro ocupava pouco espaço e oferecia grande vantagem. Conheciam os garimpos. E os nomes dos garimpeiros, de todos os rios e afluentes. Os do Jamanxim, os do Rio das Tropas, os do Crepori e Creporizinho, os do Cuiú-Cuiú, e aqueles que se concentravam aos sábados em Porto Rico ou nas outras vilagens na margem do rio. Já iam na certa, dinheiro vivo no bolso, de preferência em notas pequenas, que faziam volume, mas eram de fácil utilização, por falta de troco. Eram aos milhares, os garimpeiros. De todas as raças. Mário Francês, muito branco, criado na França, deslocara-se para a Guiana Francesa e daí para o Tapajós. Dizia-se que negociava diretamente com Caiena, através de um velho aviador, Agnano Pedroza, apelidado de Capitão. Por que o chamavam de Capitão ninguém sabia. Nunca fora

militar. Era civil. Mas tinha “jeito” de capitão, diziam. E era duro. Voava em avião de seis passageiros, tanque auxiliar para longa distância. Apregoavam que transportava toda a produção de Mário Francês para Caiena, via Tiriós, na fronteira com a Guiana holandesa. Quem poderia pegá-lo? Só mata e água. Embaixo feras e índios. O céu aberto para voar, voar como um pássaro, levando o seu ouro e trazendo o seu dólar. Diziam-no muito amigo de um tal Quincas Bernardes, que negociava com diamantes para os lados do Roraima. Corriam estórias pela boca dos garimpeiros, contadas em voz baixa, ninguém se atrevendo a perguntar-lhe nada. Afirmavam que Pedroza e Bernardes possuíam casa em Nova Iorque, Paris, Roma e Rio de Janeiro. Eram os donos do negócio. Os únicos que não se submetiam aos compradores de São Paulo, Jacob e Elias, comerciantes internacionais de ouro, ligados aos Klugenstern & Bergstein, especialistas no ramo. A verdade é que o ouro saía da terra virgem pelas mãos rudes daqueles homens, hábeis manejadores das estranhas engrenagens, próprias para extração do ouro, com uso de azougue quente. Faziam a despescagem com maestria, o ouro fino ou grosso, amarelado ou esverdeado brilhando no fundo das latas e se escoando depois pelos ares, nos aviões, para São Paulo, Rio, Bolívia, Caiena, Nova Iorque, Londres, Paris. Entrava o dólar clandestino. O governo não poderia controlar nada. Pois nem sequer a Mesa de Rendas de Santarém sabia o que fazer, naqueles tempos! Itaituba não possuía fiscalização, nem agência de Banco do Brasil, nem nada. Um ermo, todos os que vinham de fora enricando na sombra e a espalharem a notícia de que o ouro do Tapajós era muito pouco, quase nada, e só a fiscalização custaria mais cara do que o produto! Essa a versão oficial daqueles tempos, que os grandes de boa-fé repetiam, acreditando ser assim mesmo, quando nos subterrâneos do garimpo a coisa era bem diferente. Nunca menos de trezentos quilos de ouro saíam por mês, arrebanhados por mais de três mil garimpeiros, isolados do mundo, escravos dos aviadores, dos franceses, americanos, ingleses, crioulos e judeus, hábeis em negociar. O garimpeiro não tinha outro jeito senão entregar a sua produção pelo preço que lhe era oferecido, ou trocá-la por gêneros alimentícios ou bebidas.

E gastá-la também nas boates, com mulheres duvidosas vindas da Bolívia, do Peru, da França e até da Polônia e da Grécia, como a velha Pomo-

na, caftina amada de todos. Grande parte da produção trocavam-na por alimentos, leite em pó, carne em conserva, leite condensado, arroz, feijão, farinha, charque, nada de frutas nem de legumes; ou por confecções, nem sempre perfeitas, mas caras, calças e camisas grossas, sapatos e alpercatas, ou ainda por armas e munições de todos os tipos, de preferência as estrangeiras. Mr. Brown, americano, contrabandeava armas, de preferência revólver *Smith & Wesson*, calibre 32 e 38, cano longo, muito procurados, ou rifles *Winchester*, que entregava pelos olhos da cara, a troco de ouro em pó. Aparecia de tempos a tempos, vindo não se sabe como, nem de onde, mas trazia as suas armas bem protegidas, disfarçadas em bagagem com roupas, como se fora um traficante de armarinhos e miudezas. Dentro de cada blusão estava um revólver, e a respectiva munição, nem sempre; ou em embalagens disfarçadas, os rifles que se desdobravam em dois pedaços, formando pequeno embrulho. Fácil seria montar a arma, um parafuso a prender o cano à coronha, logo pronta para disparar. Donos de garimpo, não muitos, às vezes apareciam com *parabellum*, adquirido não se sabe onde, talvez ao americano. Cassiano vira um deles sem querer, a arma reluzente, e ali gravada uma inscrição: fora de um naufrago, dizia Mr. Brown, estivera na guerra do Pacífico, era arma individual, podia ser vendida, não havia problema. O *parabellum* estrondava na mata, era o terror dos índios, disfarçados por trás da folhagem, como se não existissem. Não se vendiam apenas armas contrabandeadas. A bebida normal, mais que a cachaça, o uísque escocês, autêntico, de preferência o *White Horse* – o Cavalo Branco apreciado pelos garimpeiros. A bebida escocesa competia com a aguardente brasileira, era mesmo encontrada com mais facilidade em toda parte. Milhares de garimpeiros constituíam um mercado bom e seguro para qualquer negócio, com oferecimento de dois lucros, o da venda do produto e o do recebimento em ouro, que seria posteriormente revendido, à fora, com preço pago em dólar. Desciam faiscadores de numerosos garimpos, como o do Carneirinho, o do Cuiú-Cuiú, o das Piranhas, o do Creporizinho, o do Baixão do Patrocínio, o de Porto Alegre, o de Marupá, o do Tabocal, o do Miquiles, o de São Domingos, o do Mamoal, o do Surubim, o de São Raimundo, o de Tauari, o do Pacu. Não só esses, muitos outros focos surgiam, cresciam, agigantavam-se, outros desapareciam com a produção reduzida. A região era devassada por

gente vinda de todas as procedências. Assim foram nascendo os garimpos do Surubim, do Rio Novo, afluente do Jamanxim, do João Francisco, no Igarapé São Francisco, o do Inocêncio, em Nova Aurora, o do Justino, no Rio Tocantins, afluente do Jamanxim, o do Mário Francês, no Rio Pacu, a sete horas da margem, o dos Sudários, no Rio Marupá, afluente do Crepori, o do Inferno Verde, o do Araújo, o do Come-Vivo, o do Santino, o do Buritizal, o do Assaizal, o do Cantagalo, a Grotta do Joventino, estes últimos em região montanhosa, de difícil acesso, mas bons filões, em lombos de pedra mole, que os faiscadores quebravam em pilão de ferro, depois lavavam na dala. Usavam de preferência o azougue francês, muito branco, pesado, para a queima ao ouro em latas de querosene. Utilizavam ainda folhas de arumã e embaúba, colocadas sobre o azougue quente, para separar o ouro. As mercadorias, transportavam-nas em motores ou em aviões pequenos, de várias maneiras. Nas aeronaves o transporte se fazia em sacos de serapilheira de vinte quilos cada um, a fim de facilitar o descarregamento, do alto, quando o campo de pouso não permitia aterrissagem. E assim iam surgindo as habitações rústicas, precárias, de madeira, cavacos de palha, as *corutelas*, *carbês* e *vilagens*, palavras de origem estrangeira, adaptadas e deturpadas pelo linguajar dos faiscadores. Por vezes topavam com os índios, os mundurucus, os candiriris, os ferozes caiapós. Mais para o sul habitavam os canoeiros, assim chamados porque se transportam em canoas, da tribo dos piacás.

Diziam os bons conhecedores da região que todos aqueles garimpos nada mais eram do que florações de ouro aluvional, vindo de terras mais distantes, onde a quantidade seria fabulosa. A matriz estaria na Serra do Cachimpo, a centenas de quilômetros de distância. Pelo que rebentava na margem dos rios ou na encosta das montanhas podia-se calcular a quantidade imensa de ouro depositado. A produção mensal da região já se calculava em mais de trezentos quilos. O ouro saía por várias maneiras, ora de avião para o sul, ora para Caiena, ora para o Ceará especialmente Juazeiro, terra de muitos ourives.

Assim corriam os dias no Jamanxim.

Cassiano precisava cumprir a missão a que viera e logo regressar ao garimpo. Juvêncio o aguardava com ansiedade. Precisava ir a Porto Rico falar com Rogaciano para efetivar o pagamento dos serviços prestados, em ouro em pó, vender parte do seu, se por ali mesmo encontrasse comprador. Muitas horas de viagem, o motor de popa estourando e acordando o silêncio da mata, o rio aos poucos se alargando, às vezes sinuoso, as águas limpas brilhando ao sol, dias claros de verão. Porto Rico fervilhava, sábado, dia de farra, encrencas, bebedeiras e talvez mortes. No bar do Rozendo Januário, o Come-Vidro fazia das suas. Costumava tomar doses grandes de uísque puro e ao final quebrava o copo com os dentes e mastigava o vidro, defendendo-se como podia. Cuspia vidro, às vezes sangrando, ninguém se aproximava. Tornava-se perigoso quando bebia. Só mastigava copo fino, casca de ovo, os olhos esbugalhados, a neurose a tomar-lhe conta da mente. Come-Vidro aterrava a todo mundo, o enorme *Taurus* à cintura, do lado direito, a faca do lado esquerdo, sempre pronto a atirar ou a cortar, bastava que o mirassem muito. Com ele, quando bebia, era passar longe, evitar conversas, nem sequer olhá-lo. Quem o fizesse seria logo agredido. No entanto, tudo isso só aconteceria se estivesse embriagado. Normalmente mostrava-se homem pacato, inimigo de arruaças, de boa paz. O álcool o perturbava completamente: transformava-se em fera. Acabava com qualquer festa. Esvaziava um bar em minutos. E se encontrava algum outro valentão a briga seria feia, de rolares pelo chão. Acusavam-no de várias mortes. Todas impunes, por falta de polícia e de justiça.

Cassiano evitava confusões. Seu pensamento estava longe. Rita o esperava. Cada vez que dela se separava era aquele sofrimento. Um abraço que parecia não terminar nunca. Ela tinha um jeito de segurar-lhe a mão com força e não largar, como se tivesse medo de perdê-lo para sempre. E

ainda mais a preocupação com o ouro enterrado, os vizinhos, as saudades do sertão, a gravidez, tudo aquilo a se embaralhar no pensamento.

Porto Rico, no sábado, era só confusão. Cassiano conversou com Rogaciano, num quarto isolado, junto à venda de Ludgero, amigo de Rogaciano e pessoa de sua confiança. Convinha ter cuidado em tudo, principalmente na entrega do ouro. Os olhos dos ladrões atravessavam as paredes. Rogaciano conferiu as contas, pesou o ouro em pó na pequena balança, a quantia exata, quinhentos gramas, propôs comprar a produção de Cassiano, que este guardara às escondidas, em casa. Não, Cassiano não queria se desfazer de tudo, apenas de uma parte, o necessário para comprar coisas para casa, roupas para a mulher, alimentos. Nada de andar com muito dinheiro, no meio de tanta gente estranha e perigosa. Cassiano trazia relação dos artigos necessários, tudo custando os olhos da cara, desde remédios para febres, vitaminas, xaropes, purgativos, esparadrapos, algodão, curativos, antibióticos, tudo cuidadosamente relacionado, para que não faltasse nada, e os comestíveis, charque, açúcar, café, conservas de toda sorte, bolachas e ainda instrumentos para trabalho como pás, enxadas, picaretas, facões, machados, foices, cartuchos de munições de calibres 16, 20, 32 e 38, botas de borracha meio-cano, fósforos, isqueiros, roupas diversas, calças coringa, camisas grossas, algumas para trabalho, outras esporte, shorts, sandálias e ainda cigarros e fumo em rolo. Era preciso não esquecer nada. Uma só mercadoria que faltasse transtornaria tudo. De que adiantariam tantas compras se esquecesse os fósforos ou as balas para os rifles e revólveres?

Rogaciano lançaria do avião muita coisa para o acampamento, mas Cassiano levaria logo para São Domingos muitos artigos, que deixaria com Rita. Ela lhe pedira fazendas para enxoval de recém-nascido. Difícil de encontrar. As crianças do Jamanxim nasciam sem enxoval, amparadas por mãos de parteiras improvisadas, envolvidas em um pano qualquer, lavadas em bacias de enxaguar roupas, que assim era a sua sorte. Nada de higiene, nem de conforto. As mãos grossas da parteira ajudavam o trabalho de parto, pressões sobre a barriga distendida, os remédios, xaropes vulgares ou infusões de folhas silvestres, óleos vegetais, drogas com resultados surpreendentes, como o copaíba para as inflamações e a andiroba quente em aplicações variadas. Cassiano não deixaria Rita ter filho ali, naquele ermo, longe de tudo,

como um bicho. Haveria de transportá-la para Santarém, no devido tempo. Falou logo a Rogaciano, fazendo reserva de dois lugares, quando estivesse perto. Ainda faltavam alguns meses, o suficiente para apurar mais ouro, crescer a reserva e enfrentar as despesas.

Para aumentar as preocupações surgiu um homem estranho se dizendo sargento, autorizado a fiscalizar a produção do ouro, exigia relacionamento de tudo, em várias vias, com indicação dos nomes dos garimpeiros, local de trabalho e produção. Os donos dos garimpos não gostavam daquela novidade, tudo feito sob ameaça, sargento Portela não inspirava confiança a ninguém, dizia que a relação era só para facilitar o negócio dos amigos, que o protegiam e pagavam. Ficara enfurecido com Alípio, que lhe vendera ouro em pó de mistura com peso de metal ralado. Um peso de meio quilo, bem ralado, misturado com o ouro de mina, dava para iludir os incautos e o lucro seria grande. Alípio já se habituara a essas fraudes, inventando outras, com gênio, como a da mistura de ouro em pó com cera, para pesar mais, a cera muito fina, imperceptível, mas dando peso na delicada balança. Eram truques que a imaginação engendrava, sempre para ganhar mais sem nenhum escrúpulo ou comiseração. Tal sentimento não penetrava no coração de alguns homens, prontos a dar prejuízo, a matar, a burlar. Depois desapareciam, ninguém mais ouvia falar em seus nomes. Iam para as cidades? Recuperavam o conceito, nos grandes centros, com o dinheiro ganho? Ou morriam por ali mesmo, alguns fuzilados pelas costas, outros esfaqueados e irreconhecíveis.

Cassiano devia regressar. Cumprira a missão. Pagara Rogaciano em ouro, a mando de Juvêncio. Fizera as compras necessárias, apenas as que poderia transportar. As demais seriam lançadas do avião no acampamento. Levaria o de que precisava Rita, desde os mantimentos até as roupas, redes e o mais que fosse útil. Cassiano não se sentia bem no meio de tantos garimpeiros, gente de toda espécie, aventureiros prontos para tudo. Teria que subir o Jamanxim, felizmente num trecho navegável. Rio bonito, águas claras, algumas praias, mas cercado de selva e em muitos trechos encachoeirado. Do Jamanxinzinho, seu afluente da margem direita, navega-se bem até a Ilha Castro. Depois começam as quedas-d'água, algumas pequenas, como corredeiras, outras maiores, obstruindo a navegação, como a Cachoeira

do Jaburu, a Maria Velha, a Tucunaré, perto do Igarapé Ararizinho, pouco além do afluente Valentins. Passando o Igarapé Vitória começam muitas cachoeiras como a Portão de Baixo, a Água Fria, a Cuxiú, a do Sangue que inicia uma série contínua de quedas, completada pela Capivara, a dos Patos, a Trovada, a Portão de Cima, a Salto Grande, a do Coco, esta um pouco antes da Ilha do Coco. Provém o Rio Jamanxim da floresta espessa, de onde desce de terras mais altas, suas cabeceiras se alongam nas proximidades do Iriri e do Xingu, num mundo de verde selva onde jamais se atreveu o homem civilizado.

Dezenas de corredeiras continuam a surgir, de surpresa, mais além, em plena brenha, todas elas ainda sem nome apenas assinaladas, não conhecidas, nem investigadas. Muito longe, nas proximidades do Xingu, na confluência do Igarapé Fagundes com o Jamanxim, um pequeno barraco, no lugar que recebeu o nome de seu primeiro ocupante e explorador: Fagundes.



Cassiano regressou a São Domingos. As mesmas cenas de Rita, o abraço longo, o aperto das mãos em seus braços como garras, difícil separação. Precisava regressar ao acampamento. Juvêncio esperava. Belmiro também se apressara. Ambos regressariam pelos mesmos caminhos e dariam oportunidade a que Juvêncio e outros garimpeiros voltassem a São Domingos por uns dias.

A volta. A mata, sempre a mata. A chuva, sempre a chuva. À noite os ruídos estranhos, vindos não se sabe de onde. Uivos, estalos, gritos que atravessam a noite. Aves, répteis, vez por outra. A ameaça permanente das cobras enrodilhadas nos galhos das árvores e identificadas com o verde da selva ou rastejantes e macias, quase imperceptíveis. A volta é sempre a volta, mesmo quando se vai para o inferno da floresta, para o obscuro destino dos desesperados. Os caminhos parece que se aplainam, o tempo como que se reduz, o coração bate no peito com mais ímpeto. Voltar para o acampamento, para Belmiro, era como voltar para casa; mesmo para Cassiano, apesar das saudades que mordiam o seu coração a toda hora, Rita no pensamento de dia ou de noite, abrindo caminho com as mãos e o facão afiado. Os sinais que haviam deixado nas árvores, nas duas viagens anteriores, ainda estavam bem visíveis. Não mais se enganariam, pensavam os homens, confiantes na experiência já adquirida. Mas o destino arma ciladas imprevisíveis. Noite tenebrosa, muito densa, dormiram como sempre intranquilos, uma fogueira para espantar os carapanãs e as feras, morcegos voejando em torno, enquanto um dormia, outro velava, rendendo-se vez por outra, a fim de dividir o sono e o repouso. Surge o sol filtrado pelas folhagens molhadas, Cassiano procura nos arredores o sinal na mata, um galho partido, uma picada aberta, um vestígio qualquer que assinalasse o rumo a seguir. Havia acampado já à noitinha. O ventre da mata sombrio, os sinais se haviam escondido, razão da parada, na esperança de, no dia seguinte, reencontrá-los. Talvez alguma tempestade houvesse derrubado árvores, alterado a disposição da floresta



e prejudicado a sinalização precária. Tudo militava contra os garimpeiros, perdidos na selva, quase desesperados. Nos planos de Cassiano estava prevista a passagem por um pequeno igarapé de águas amareladas, cheio de troncos podres. Viajaram toda a tarde do dia anterior sem encontrá-lo, mal perderam de vista os sinais das árvores. Behniro sugeriu que dessem tiros para o alto. Chamaria a atenção. Mas de que adiantaria, naquele deserto, atirarem a esmo, gastando balas, espantando as araras e os macacos? Seria preferível conservar a munição, para alguma surpresa. Felizmente havia muita caça, alimentação assegurada, vez por outra encontravam castanheiras, o que lhes proporcionava pelo menos a certeza da obtenção de alimento. O farnel que traziam, embora não grande, daria apenas para dois dias mais, pois toda a viagem se fizera, da primeira vez, em três dias. Já eram decorridos quatro e Cassiano começava a se alarmar ante a insegurança e o vazio que se abria em seu destino.

Belmiro servia-se da bússola. Juvêncio lhe recomendara sempre seguir o rumo sudeste. Na véspera, com a penumbra do entardecer, desviara-se um pouco, sem querer, no sentido leste. Presumia, por isso, ter passado além das nascentes do igarapé visado, rumo à floresta bruta, totalmente indevasada. Abriam caminho com facões, golpes certos, ora desviando a cabeça das chicotadas de galhos maiores ou evitando os espinhos e as folhas de certas plantas, afiadas como navalhas. Cipós, muitos cipós, projetavam-se das árvores maiores como serpentes. Vez por outra a surpresa de macacos em disparada ou de cobras traiçoeiras.

– Só tenho medo dos índios – dizia Belmiro. – Dizem que os caiapós são ferozes.

– Fé em Deus, homem – consolava Cassiano.

Consolava, mas só ele sabia como lhe ia a alma. Rita permanentemente no pensamento. A barriga crescendo. A criança, pulsando o coraçãozinho, já dava sinal de vida no ventre materno. Quanta vez Cassiano deixara a mão pousada sobre a pele lisa, sentindo o tique-taque daquele coraçãozinho marcando o tempo. De que tamanho seria o coração de Riomar? E imaginava um coração pequenino, do tamanho de uma pitomba, maior talvez, como um tomate, não, mas era preciso arranjar coisa mais bonita, talvez fosse como uma pequena maçã, ou uma manguinha rosa, bem pequenino, pulsando,

pulsando sempre, na certeza da vida. O pensamento divagava em plena mata. Forças Cassiano as possuía para resistir. Os alimentos minguavam. A cabaça d'água se esgotava. Em pleno celeiro a fome os ameaçava e em plena Amazônia a sede os perseguia. Havia água, sim, muita água, mas seria aconselhável bebê-la?

– Toma rumo do sul, Belmiro, como quem retrocede. Pode ser que assim a gente encontre o igarapé – sugeriu Cassiano.

O conselho era razoável. Se haviam seguido para leste, em vez de sudeste, a retificação viável seria procurar o rumo sul ou sudoeste.

– Só muita sorte, Cassiano – observava Belmiro. – Talvez fosse melhor regressar.

Pelo menos havia essa garantia de um possível regresso, observando os sinais que deixaram na passagem recente. Mas quantos dias levariam? Mais cinco, seis ou oito? E o desespero de Juvêncio, em pleno acampamento, aguardando notícias, necessitando do trabalho dos dois homens de confiança, isolado do mundo? Juvêncio ficara em companhia de três homens, um em recuperação, possivelmente agora já curado. A lavagem da terra e a coleta do ouro exigia trabalho contínuo, perseverante. Naquele deserto como encontrar o rumo exato? Cassiano e Belmiro ajustaram a bússola e tomaram a direção sul. Todo um dia levaram naquela batida feroz, sem quererem acreditar na derrota. A mata sempre homogênea, terreno acidentado, elevações, de difícil acesso. Desce a noite sombria, lentamente. Cassiano não quer desesperar. Confia em alguma coisa, sua alma é tranquila, sente como que os seus passos guiados, algo lhe diz que tudo sairá bem afinal. Belmiro não contém sua angústia. Seus movimentos são apressados, transpõe obstáculos, corta galhos, afasta folhagens, sempre na esperança de retomar o rumo perdido.



Noite. Permanece a mesma monotonia. Os mesmos sons. Os mesmos gritos estranhos, vindos através da mata, ora parecendo de animais, ora assemelhando os de seres humanos, índios talvez. A monotonia do terror que se mistura com mil manifestações sensoriais da floresta, em suas mais rudes entranhas. Cassiano pensa na ironia da sorte. No sertão os caminhos ásperos da seca, da aridez, do deserto sem chuva e sem esperança; na Amazônia, o outro lado do desespero, verde deserto, a face medonha da exuberância natural que esmaga e aniquila. Quanta vegetação! Quanta força natural rebentando, aqui e ali, nas folhas densas, com tonalidades numerosas de verde, enroscadas em cipós! O chão úmido, de penetrar nos ossos, principalmente à noite. Sente falta de Rita, do seu conforto, do seu aconchego, do seu abraço acolhedor e daquele aperto com as mãos quase crispadas, como se fossem garras, a segurá-lo, ferindo as carnes. É preciso não desesperar, mas o negror da floresta apavora até os mais audazes. Sente necessidade de falar a alguém, só Belmiro com seu pessimismo, seu nervosismo, dificultando a empreitada. Dormem ao relento, se é que se pode chamar dormir a momentos de sonolência atribulada, semiacordados, um dos dois em vigília, o fogo aceso, os gritos da mata, a ameaça das feras. Galhos estalam, algo cai ao solo, ouriços talvez que espocam e se espalham, uma orquestra silvestre desafinada, mas constante, terrível, lança aos ares os seus sons. As roupas estão sujas, apesar de grossas apresentam rasgões, porquanto é difícil evitar os afiados espinhos. Com a aurora surge a esperança, sempre a esperança, primeiro a luz a dourar levemente a copa das árvores imensas, depois a filtrar-se timidamente pelas folhagens, projetando os seus raios retilíneos no seio da mata. Pedacos de céu azul se veem no alto, recomeça a marcha depois de iludir o estômago com alguma comida. Ouvem ronco no ar. Um pequeno avião que passa. Quem seria? Talvez Rogaciano. Cassiano tenta chamar a atenção, a mata o impede. Dispara alguns tiros para o ar. O roncar do motor não permitiu ao aviador ouvir os disparos. O avião segue na direção



do sul, sinal de que, se fosse Rogaciano, estaria certo o rumo tomado com ajuda da bússola. Prossegue a caminhada, o chão úmido a molhar as alpercatas grossas, a sacola nas costas, o facão na mão, a espingarda a tiracolo, a faca à cintura, prontos para qualquer emergência, numa luta de todos os minutos pela sobrevivência. Pela manhã está tudo molhado, mesmo não tendo chovido à noite. Orvalho, neblina, a umidade da mata contra a carne, o corpo indefeso, dormido ao relento, exposto à avitaminose e ao beribéri. Besouros, carapanãs, mutucas enormes concorrem também para perturbar a marcha e o repouso. A mata se defende como pode, quer com suas feras, quer com insetos, numa orquestração diabólica aos ouvidos, a toda hora. O dia avança, o sol avança, os garimpeiros avançam, rompem a mata como podem, numa luta desesperada pela sua salvação. A experiência já lhes ensinou a serem calmos nas horas difíceis, mas a angústia contida se estampa nos olhos, olhos acesos, só eles a revelarem o vulcão que inflama a alma.

– Aquele avião não era o de Rogaciano – pondera Belmiro.

– Como pode saber?

– As cores. Reparei bem. O de Rogaciano é branco é azul. Aquele é branco e vermelho. As letras também...

– Ah, o prefixo... Não havia notado isso. Mas de qualquer forma é avião que vai para garimpo. Talvez para o Rio Crepori ou o das Tropas, mais ao sul.

Surge um pântano. É preciso transpô-lo ou contorná-lo. Os pés afundam na terra mole, a água poreja, entre folhas secas, insetos se espantam, carapanãs sempre presentes, a sua música afinada a ressoar nos ouvidos.

– Porcaria de vida! – pragueja Belmiro.

– Calma, Belmiro. Tem fé em Deus, vamos vencer a parada.

– Cuidado com jacaré. Vi movimento por aí.

Roçando a folhagem levemente e logo depois se precipitando na lama, passa ao largo um jacaré, a seguir outro. Belmiro e Cassiano recuam, prontos para defesa, mas os animais se distanciam, sem oferecerem ataque.

– Deve haver muitos aqui. Onde há dois pode contar que o ninho é grande.

Mais ao longe se veem apenas as cabeças de numerosos jacarés, em grupo, a água a borbulhar, a mistura viscosa de lama, répteis e folhas.

– É preciso desguiar. Vamos arrodear o pântano.

Os homens retrocedem, procuram outro rumo na mata, para o lado direito, contornando as terras moles.

– Deve haver rio por perto – diz Cassiano. – O pântano recebe água de algum igarapé.

Os cipós se enroscam, descendo das copas, como cobras retorcidas. As mutucas e piuns perseguem os dois homens. Felizmente a floresta aos poucos se torna menos compacta, embora com árvores enormes, que oferecem sombra acolhedora e poucos obstáculos à caminhada. Só o chão é frio, úmido de entranhar nas pernas. O sol por vezes desaparece, tão altas são as árvores, copas unidas, como um bosque domado e disciplinado pela ação humana. A altura da vegetação, as sombras impedem a germinação de mato rasteiro. Não há capoeiras. Só troncos, grossos alguns, imensos, árvores seculares, e no solo o tapete de folhas secas, uma camada regular de húmus formado por folhagens apodrecidas. Castanheiras-sapucaia descomunais lançam seus ouriços no ar, que espocam como granadas, lançando as sementes em várias direções.

– Vamos aproveitar as castanhas – aconselha Belmiro.

– São frescas e boas de comer.

Os dois homens depositam as sacolas no chão enquanto colhem castanhas, alguns ouriços ainda inteiros, que terão de abrir a terçado. Ruídos estranhos surgem.

– Olha as antas, Belmiro.

Algumas antas, não longe, o lombo luzidio, umas enormes, outras menores, comem algo.

– Vamos matar uma, Cassiano. Precisamos de comida forte. Este lugar é bom para fazer uma parada, repousar um pouco, distrai as ideias...

Um tiro espoca na mata. As antas se assustam e correm, pesadas, em fuga; uma apenas, atingida pelo projétil, se arrasta, sangrando, caindo mais adiante, morta. Em poucos minutos o animal, ainda novo, de pequenas proporções, é esfolado, os dois homens com a faca amolada a retalharem as carnes ainda trêmulas, como se tivessem restos de vida.

– É um filhote – diz Belmiro. – Prepara o fogo, Cassiano.

O episódio foi uma trégua no desespero. Bem alimentados poderiam prosseguir a jornada com mais otimismo, embora com intervalos de angústias

e recordações. Angústia que penetrava de mansinho, sem aviso, destruindo as fortalezas da alma. Recordações da vida antiga. Mesmo as desgraças do Nordeste lhes pareciam amenas, a seca, a fome, a sede no sertão estiolado. O sertão que lhes vinha à memória não era o do estio, mas o do inverno, os roçados verdejantes, o gado gordo, os cavalos de sela, as feiras movimentadas, as festas ao luar, os primeiros tempos da existência despreocupada e mansa. Rita àquela hora, que estaria fazendo? Cozinhando? Costurando talvez para o filho que ia nascer? Homem ou mulher? Riomar, nome que servia para qualquer sexo, a esperada. E ouro que deixara em casa, bem enterrado, a reserva razoável, certeza de um recomeço de vida que haveria de ser feliz. Escolheria outra terra para morar, Santarém talvez, ou compraria alguma gleba à margem do Amazonas, como as que vira de passagem, boas para agricultura, nos tesos, e para criação, no baixio. Criação de porcos, patos e até búfalos, bichos que gostavam de água e fáceis de sustentar. Vira muitas propriedades assim para o lado do Ituqui e do Tapará, a casa à beira d'água, como palafita, sobre estacas vigorosas, embaixo a lama, o tijuco, cercada de tajás, a mata ao longe, aos fundos, mais adiante o cercado, a roça, o feijão, o milho, a macaxeira, um depósito só para frutas, tantas há na região. Tudo isso imaginava Cassiano, ter um dia uma propriedade assim, uma casa assim, um cercado assim, com as economias do ouro do Jamanxim. E vez por outra iria ao Nordeste, ao seu sertão, matar saudades, comer carne de sol com feijão-de-corda e rever os amigos, se não estivessem espalhados pelo mundo. Que seria feito daquilo tudo, da casa antiga, do roçado trabalhado e pronto para nova seara, a cidade pequena e alegre, sob o sol ardente, o ar seco e às vezes perfumado? Rita chorava mansinho, escondida, tinha saudades, dizia, até do umbuzeiro grande onde brincara em criança, saudade de tudo, da casa, dos parentes, dos amigos, da vaca leiteira e até das galinhas, cada qual com um apelido, que as livrara da morte. Na hora de matar, só às escondidas. A choradeira era grande. A Mimosa, não. Ninguém lhe cortaria o pescoço. Nem a Pedrês, Rita se abraçava com as galinhas de estimação, a mãe aflita se enternecia, soltava a bichinha, num gesto largo de indulto. Rita ainda conservava muito de criança, a voz temperada de ternura, o abraço longo, as mãos como garras. Cassiano embaralhava tudo aquilo no pensamento. Em volta a mata. O verde permanente. Verde-escuro, verde-claro, verde-amarelo,

verde-azul, verde sempre, em qualquer direção. Que fazer naquela situação? Marchar, andar sempre, quebrar galhos, roçar mato rasteiro, evitar pântanos, vadear pequenos igarapés, defender-se dos insetos e das feras.

Prosseguem a caminhada, o dia avança, mais uma noite na selva, os mesmos gritos repentinos, o ruído indefinido, a orquestra selvagem com estalos estranhos, perto e longe. Fogueira acesa, a melhor defesa contra os bichos, chama a atenção na mata, que se ilumina como uma catedral rústica.

Manhã cedo nova caminhada, a floresta se torna rarefeita, menos assustadora. Encontram alguns objetos que revelam presença humana, uma enxada velha, mais adiante uma panela de alumínio. Achados bizarros, inesperados, em plena selva, à longa distância da civilização. Que seria aquilo? Qual a origem? Vestígios de haver passado alguém nas imediações, galhos partidos, algo de anormal. Macacos agitados causam alvoroço na copa das árvores, seus gritos acordam a floresta, estridentes, acompanhando a marcha dos garimpeiros, inquietos, como se tivessem algo a dizer.

Sim, um corpo humano, veem com espanto um corpo humano, terrivelmente mutilado, uma flecha cravada no peito, a boca aberta como se tivesse morrido a gritar em desespero, as roupas quase andrajosas. Um garimpeiro por certo, eliminado pelos índios, talvez os caiapós, os mais ferozes da região. Cassiano sente o frio terror tomar-lhe conta do corpo, jamais sofrera pavor, sempre fora um homem tranquilo, bravo nas horas de perigo, mas o aspecto do morto era qualquer coisa de terrificante, em plena floresta. Veio-lhe logo ao pensamento Rita, a criança que ia nascer, o perigo que estava correndo, naquele deserto verde, povoado de índios. O cadáver já começava a decompor-se, o mau cheiro penetrava nas narinas provocando náuseas. Só agora Cassiano divisa mais ao longe numerosos urubus, ruidosos, nas copas das árvores, nos galhos, no ar.

– Parece haver mais mortos adiante – diz Belmiro. – Olha ao longe quantos urubus.

– Uma chacina. Foram os índios. Algum acampamento.

– Não se pode ao menos revistar, ver se têm algum documento, horrível, ou qualquer valor, talvez ouro.

– Não creio, garimpeiro não anda com ouro no bolso. Deve estar enterrado em algum lugar.

Os dois homens resolvem caminhar mata adentro em direção do local onde o maior número de urubus voeja sobre as copas altas. À proporção que avançam, o mau cheiro aumenta, divisam entre as folhagens um barracão de madeira e palha, ao lado uma clareira, outro barracão menor, um cão esquelético a ladrar contra os urubus, espantando-os. Mas os urubus, pelo seu número, dominavam o cenário. Vários corpos já desfigurados, alguns de mulheres, companheiras dos garimpeiros, talvez prostitutas trazidas de Porto Rico ou de outra localidade da margem do rio. Mais adiante o pequeno garimpo, ainda em começo de exploração, desconhecido dos milhares de aventureiros que povoam a região. Muito longe, em plena mataria, à considerável distância das margens, seria impossível localizá-lo a não ser por acaso e fora o acaso que guiara Belmiro e Cassiano àquelas paragens. Os cadáveres, ao relento, ainda expressavam, na sua rigidez, a resistência na luta, um de mãos crispadas, outro abraçado ao rifle, a flecha nas costas, recurvo de dor, outros com a faca ao lado, a mão em atitude de busca, o braço estendido.

Cassiano dispara um tiro sobre os urubus. O estampido acorda a floresta. Uma revoada se levanta, as asas batendo, gritos estranhos, as copas das árvores cheias das aves negras, tendo por fundo o céu azul e branco, mais branco que azul, recoberto de nuvens. O cachorro famélico se aproxima de um dos cadáveres e abocanha a mão disforme de uma das vítimas, já parcialmente destruída. O cheiro é insuportável. Cassiano e Belmiro desejam entrar no barracão, novos tiros para espantar os urubus, os latidos do cão. Pela porta e janelas, surgem mais urubus espavoridos; dentro há defuntos, sem dúvida. À força de tiros e pedradas, Cassiano e Belmiro conseguem espantar as aves e penetrar no barracão rústico, as paredes de palha e madeira mal trabalhada, a cobertura de cavaco, uma sala ampla, chão de tábuas grossas, mal lavradas, objetos pelo chão, restos de comida, tudo de mistura. Os índios costumam saquear levando alimentos e armas. O que sobra, por impossibilidade de transportarem, é inutilizado: farinha, feijão, arroz, tudo misturado, molhado com querosene, uma papa infernal. Dois cadáveres na sala, ambos de homens, mais conservados do que os que se acham ao relento, a fisionomia reconhecível, tipos nordestinos, tez morena, as mãos crispadas, a cabeça sangrenta, rifles pelo chão, resto de munição,

sobras de comidas, panelas amassadas, restos, só restos de gêneros, latas de conservas e objetos domésticos, pois o que havia de melhor foi levado pelos índios. Náuseas. Revoar de asas lá fora, grunhidos de urubus famintos. Um longo gemido vem do interior do quarto, gente viva ainda. Belmiro empurra a porta de madeira tosca e sobre um jirau enxerga um corpo humano, deitado de lado, as mãos amparando a cabeça sangrenta, os olhos acesos, os gemidos aumentam, tenta levantar-se, sem sucesso.

– Ainda está vivo, Belmiro.

– Este escapou, embora ferido na cabeça. Muito sangue. O cabelo está empapado.

Cassiano se aproxima. O homem tenta mais uma vez levantar, sem êxito. Geme, a muito custo estende os braços como quem pede ajuda. E quase num sussurro exclama:

– Foram os índios. Os caiapós.

E cai para o lado exausto.

– Cuida dele, Belmiro. Tira água da cabaça, molha a cabeça. Vê se lava o ferimento, parece não ser grave.

Pelo chão tudo se apresenta em desalinho. Uma tosca mala de couro cru aberta, roupas, que sobraram ao saque repentino, pelo chão. Pouca coisa. Uma calça usada, duas blusas, um chinelão. Adiante um rifle, o mais os índios levaram.

Enquanto Belmiro socorre a vítima, Cassiano rapidamente revista o resto do barracão. Mais dois cadáveres ao fundo, um de índio crivado de balas, a pele brônzea pintada de vermelho, o rosto disforme, os beiços imensos, penas de arara tintas de sangue. Possivelmente havia outros índios mortos, ou feridos, que se arrastaram para a mata, tantos eram os urubus a voejarem lá fora. O outro cadáver de garimpeiro, perto do índio, ao certo se empenhara em luta, a arma de fogo ao lado, a cabeça aberta ao golpe da borduna, debruçado sobre si mesmo na queda final.

Seis cadáveres de garimpeiros, um de índio, dois de mulheres, um sobrevivente, foi o primeiro balanço.

– O homem melhorou com a água – diz Belmiro. – Bebeu um pouco. Está mais sereno. O ferimento não é grave. Só por fora, por isso tem muito sangue. Foi só na pele, o mais é cansaço e cagaço.

Cassiano penetra no quarto escuro. O garimpeiro o fita atentamente e exclama:

– Foi uma desgraça. Os índios. Chegaram de surpresa, não deram tempo para defesa. Levaram o que puderam. O que sobrou foi tudo misturado. Eles costumam fazer assim, estragam o que não podem transportar. Aproveitam apenas as latas.

O homem, que antes tentara levantar, relaxa o corpo ainda exausto, a mão direita amparando a cabeça, com ferimento visível.

– Seu caso não é grave – consola Cassiano. – Não tem nenhum ferimento no corpo, só na cabeça e no couro, por fora. Isso sara logo.

– E os mortos? – indaga o desconhecido. – Que fazer com eles? Não vão ao menos sepultar?

Cassiano olha para Belmiro. Não haviam pensado nisso. Afinal de contas eram seres humanos devorados pelos urubus. Seria justo dar-lhes sepultura. O perigo era geral e permanente. Os índios poderiam voltar.

– Não, não voltam – afirmou o garimpeiro. – Quando eles devastam tudo não voltam mais. Pensam que não há sobreviventes. Veem os urubus de longe. Estão com a missão terminada. Vão atacar outro acampamento, bem longe daqui. Já os conheço bem.

– Como é a sua graça? – indaga Belmiro.

– Florêncio, de Quixadá. Cearense. O garimpo era de Claudiano, deve estar morto lá fora. O moreno, Fornido.

Belmiro lembrava o primeiro corpo visto, os olhos fora de órbita, os urubus a arrastarem com os bicos restos de intestinos. Mau cheiro. Revoada. Era o pobre Claudiano.

– Homem bom, o Claudiano – diz Florêncio. – Valente, amigo, estimado. Morreu lutando.

A voz de Florêncio estanca, travada pela emoção, as mãos tremem, o corpo todo parece vibrar, ainda sob a influência do trauma. Sorve um gole d'água que lhe oferece Belmiro e continua:

– Claudiano era paraibano de Sousa. Sertanejo, alma aberta. Deixou mulher e filhos em Santarém. É uma desgraça.

Ouvem-se grunhidos de urubus em luta pela carniça. Batem as asas negras.

– Repousa um pouco mais – diz Cassiano. E dirigindo-se a Belmiro: – Vamos dar um jeito nos cadáveres.

Voltam à porta, o dia é claro, ventilado, o céu azul algodoado de muitas nuvens movediças, o sol ardente parece aumentar o odor dos corpos putrefatos. Disparam tiros para o alto a fim de espantar as aves.

– Vamos fazer uma fogueira. É melhor. A fumaça afugenta os bichos.

Em poucos minutos os dois homens amontoam cavacos, pedaços de madeira, galhos secos, e acendem enorme fogaréu. O cachorro se acomodou embaixo do tapiri, a cabeça estendida, os olhos abrindo e fechando na modorra do sono doentio e da digestão difícil.

– Quanta desgraça, meu Deus! – exclama Belmiro. – Mas esses corpos não podem ficar assim. Ouro creio que não deixaram à mostra. Deve estar escondido. Depois se pergunta a Florêncio.

Enxada velha e pá retiradas do barracão servem para a abertura do fosso, derradeira morada para os infelizes.

– Era melhor tocar fogo nos corpos – aconselha Belmiro. – Dá menos trabalho. A terra é dura e tem muita pedra aqui. Está perto da montanha.

Cassiano aceita a sugestão, sem antes ponderar:

– São cristãos, Belmiro. É melhor enterrar. Colocar uma cruz.

– Dá pé não, Cassiano. Não há tempo a perder. Já li num jornal que no estrangeiro não se enterra mais ninguém. É tudo incinerado. Deus leva a alma.

Os homens procuram um pano qualquer, uma camisa velha no barracão, que rasgam em tiras largas com que envolvem o rosto, como máscaras protegendo as narinas.

– Fede pra cachorro. Horrível. Dá engulhos.

Em poucos momentos aumentam a fogueira, onde colocam gravetos, galhos secos.

– Não se pode arrastar os corpos com as mãos. Pode pegar doença, fede demais.

– Só de longe com umas varas.

Belmiro corta um galho, uns dois metros de comprimento, a extremidade em gancho, passa-o a Cassiano.

– Experimente. É só puxar. Vou cortar outro.

Cassiano encosta o gancho no cadáver de Claudiano e com força arrasta

o corpo para perto da fogueira. A massa humana se desloca pesada, bichos voejam, moscas e mutucas zunem, urubus contemplam do alto. Nova tentativa. O gancho prende no sovaco do cadáver, com o impulso um braço se destaca, podre, mole e é arrastado, enquanto o corpo fica preso ao solo, atracado a algum obstáculo.

Cassiano recua. As moscas o cercam, mutucas picam-lhe o corpo. O braço direito sobre a testa.

– É terrível Belmiro. Nunca pensei que haveria de ser coveiro. É difícil arrastar os corpos. Já estão podres.

– Tive uma idéia, Cassiano. Não há querosene ou gasolina lá dentro?

– Creio que sim, os índios misturaram um bocado com a comida, mas deixaram uma lata embaixo da mesa.

Belmiro se precipita para o barracão. O cão, desperto, ladra, recua, rosna. Urubus mais atrevidos espreitam do alto, prontos para a investida. Belmiro penetra na sala, chama por Florêncio, que dorme, mais refeito, embora agitado.

Embaixo da mesa havia uma lata, na verdade, mas não era de querosene. Continha restos de farinha.

– Florêncio, Florêncio, não tem mais querosene?

– Lá dentro. Procura embaixo do jirau. Deve ter duas latas escondidas. Eram três. A que estava aqui na frente em uso os índios misturaram com a comida. São uns malvados.

Belmiro procura o lugar indicado. Duas latas intactas. Com a faca de ponta fura uma, rasga-lhe a tampa e a transporta no ombro para fora.

– Dá um tiro nesses bichos, Cassiano. Pra acertar.

Cassiano aponta e com o estrondo do disparo urubus voam, bater de asas, grunhidos, um deles cai mal ferido, e se arrasta, a asa partida, em direção da mata.

– Pega o fogo, Cassiano. Vai buscar depressa.

Belmiro lança querosene sobre o cadáver de Claudiano. Depois sobre os outros três corpos, enquanto Cassiano acende na fogueira um galho seco, as folhas crepitando, e lança fogo sobre os cadáveres. A chama se eleva, os corpos chamam, um odor estranho se espalha no ar, carne humana, em decomposição, incandescente. Em breve se transformam em tochas acesas,

levantando fumo para o alto. A fumaça espanta os urubus, que agora já estão mais longe, alguns voam e revoam, outros pousam nos galhos altos e observam os movimentos humanos.

– Foi uma grande ideia – exclama Cassiano. – Uma grande ideia essa de tocar fogo. Ia ser difícil enterrar.

– Faltam os corpos que estão dentro do barracão.

– É preciso cuidado para não tocar fogo no barraco. Florêncio está lá dentro.

– Florêncio não tem nada. Mostra-se apavorado e cansado.

Dirigem-se para o barracão.

– Os cadáveres aqui dentro estão em melhor estado. Vai ser mais fácil arrastar.

Mesmo assim as náuseas são grandes. Vez por outra Belmiro corre para a orla da mata a respirar ar puro, retira a máscara improvisada, esbaforido. Depois volta à luta, enquanto Cassiano por sua vez se refaz, buscando distância. Com um pedaço de corda conseguem amarrar o pé do cadáver da sala da frente e o arrastam para fora. Belmiro joga querosene e Cassiano atea fogo. Mais uma tocha humana a expelir fumo e fogo, no início algumas chamas, depois só fumo, que sobe, levado pelo vento. A mesma operação se repete com os demais corpos.

– E o índio? – pergunta Belmiro.

– Vamos tocar fogo também, homem de Deus. Vai ficar fedendo e os urubus não largam.

Em breve numerosas tochas humanas lançam fumo para o alto. Cassiano vez por outra despeja um pouco de querosene sobre os corpos, reacendendo as chamas.

– É preciso queimar tudo, senão os urubus vão comer carne assada – brinca Belmiro.

Florêncio conseguiu levantar. Seus olhos acesos ainda estampam o pavor. Vem até à porta e contempla aquele espetáculo. Seus companheiros, todos mortos, os corpos fumegando, a mata só por testemunha de tanto horror. Florêncio sente-se mal, uma tonteira, seu corpo vacila, apóia-se aos portais, respira fundo e lentamente se dirige para dentro, agarrando-se à parede para não cair. Pede água a Belmiro, que logo o socorre. Deita-se no jirau e

ali permanece enquanto Belmiro e Cassiano continuam o seu trabalho. Os urubus agora já são em menor número. A fumaça se eleva na mata em várias direções, tantos são os corpos, e o vento a arrasta sobre a copa das árvores, contaminando o ar com o cheiro forte de carne queimada.

– Vou levar muito tempo sem comer churrasco – diz Belmiro.

– É horrível isso. Nunca pensei ter que queimar defuntos. Mas não havia outro jeito.

Os dois homens estão exaustos. As blusas encharcadas de suor. A pele vermelha, os olhos vermelhos, a fumaça a castigá-los, penetrando pelas narinas mal defendidas por máscara improvisada.

Perto o igarapé, as águas amareladas, mas limpas, os aparelhos da garimpagem todos quebrados pelos índios, restos de tábuas mergulhados, vasilhas partidas, todo o trabalho de alguns meses reduzido a nada pela fúria selvagem.

– Os caiapós não deixaram nada inteiro. Quebraram tudo – diz Cassiano.

– A produção parece não ser grande. Vamos depois perguntar a Florêncio. Isso agora está sem dono. Claudiano morreu. Se for de boa produção podemos ocupar e dividir o lucro com Florêncio.

– Nada disso, Belmiro. Eu estou por conta de Juvêncio. Vim do Rio Grande trazido por ele. Nada disso. Não vou me meter em confusão. Quero fazer um pé de meia e cair fora daqui. Morar em Santarém. Comprar uma propriedade no Baixo Amazonas e viver em paz. Tenho mulher e já vem aí um filho.

– Não custa nada indagar. Vamos ver o que diz Florêncio.

Os homens despidos mergulham na água fria. Ao longe os urubus ainda tingem de preto o céu azul e a mata verde. A fumaça, sempre a fumaça, o cheiro insuportável. Refeitos com o banho Belmiro e Cassiano voltam ao barracão:

– E agora? – pergunta Belmiro. – Que vamos fazer? Estou muito cansado para seguir viagem.

– O jeito é pernoitar aqui. Vamos ver se Florêncio melhora. Não podemos abandoná-lo. Seria desumano.

Penetram no barracão. Procuram restos de comida. Algumas latas de carne em conserva, salsichas, ervilha e leite condensado escaparam ao saque dos indígenas, que as misturaram inteiras com farinha, feijão, tudo molhado

de querosene. Na sua ignorância os indígenas deixaram as latas intactas, apesar de sujas.

– Pelo menos há alguma coisa ainda para comer.

Abrem latas, acendem fogo, em alguns momentos podem comer um pouco. Beber leite condensado, que oferecem a Florêncio.

Belmiro não consegue engolir a carne em conserva. Corre para a janela e vomita.

– Não posso, não passa na garganta. Esse cheiro é horrível. Tenho engulhos.

Cassiano não sente a mesma indisposição. Come pelos dois. Faz ligeiro balanço do que pode aproveitar. Algumas latas de conservas, um pacote de café, restos de um saco de arroz, a um canto, que colhe com as mãos, de mistura com terra do chão e açúcar.

– Passando isso na água ficará bom. É só lavar.

Todos aqueles gêneros são colocados em um saco. Alguns remédios, vários vidros quebrados, comprimidos pelo chão, próprios para febres, disenteria, laxativos.

– Nem tudo está perdido – diz Cassiano. – Ainda se aproveita alguma coisa. Tem óleo de andiroba e copaíba. Um pouco de água oxigenada e mercurocromo.

A farmácia do barracão era um pequeno armário, preso à parede, onde Claudiano guardava as coisas indispensáveis, fechadas com cadeado. Os índios, na sua fúria, haviam arrancado o armário, muitos medicamentos ainda estavam intactos, alguns em seus vidros ou latas, outros espalhados pelo chão, mas aproveitáveis em tal emergência. Florêncio é medicado, a ferida larga, embora superficial, na testa, tratada com água oxigenada e mercurocromo. Colocam emplastro com óleo de andiroba e amarram a testa com tiras de pano. Dão-lhe leite quente. Sorte haver algumas latas. Florêncio sente recobrar as forças, já pode falar, embora pausadamente, e assim narra o ocorrido.

Foi pela noite que os caiapós atacaram. Tudo de surpresa. Havia sempre um homem de sentinela. Nessa noite era Enéias. Estava armado de rifle, faca de ponta, mas o assalto foi inesperado. Os índios andam na mata que ninguém percebe. Sabe-se da sua presença por certo, muitas vezes, mas

ninguém os vê. Misturam-se com a folhagem, seus pés são leves. Alguns entendem o português. Costuma-se, no trabalho de garimpo, falar bem alto, como quem os adverte, dizendo sempre um garimpeiro ao outro: “Temos muita munição”, “Trouxemos muitas espingardas”. Os índios escutam, embora não sejam vistos. E não atacam, com medo. Vez por outra é bom dar um tiro num bicho qualquer. A noite é boa para caçar antas. A carne é gostosa e o animal grande, abastece por muitos dias. Por ocasião do ataque tudo aconteceu repentinamente. Florêncio dormia quando escutou um tiro na escuridão. Era Enéias dando o aviso. Claudiano se levantou e deu ordem para que alguns saíssem com ele, outros ficaram no barracão aguardando os acontecimentos. Os que saíram foram logo atacados pelos índios. Florêncio e os que permaneceram no barracão atiravam pela janela. Mas os índios eram alvos de difícil alcance. Noite escura. Só muito de perto. Havia risco de atingir os próprios companheiros. Nenhuma possibilidade de resistência. Os selvagens eram muitos, incalculáveis. Vinte, cinquenta, cem, duzentos, não se pode dizer. A noite os protegia, em fúria terrível, usavam arco e flecha inicialmente, de longe, mas vieram se aproximando sorrateiramente e atacaram de rijo, com as bordunas à mão, as figuras medonhas, as penas de arara, a pele lisa e escorregadia tinta de urucu, beiços disformes, seres apavorantes. E soltavam gritos estranhos, arrasavam tudo, quebravam os apetrechos que encontravam, levaram sacos com mercadorias, latas, gêneros de toda espécie, e o que não puderam transportar misturaram tudo, feijão, açúcar, café, arroz, ainda jogando querosene, de uma lata aberta. Foi sorte não atearem fogo no barracão. Muitas latas caíram ao chão na fuga desabalada. O acampamento possuía boa reserva de mercadorias e medicamentos, facões, enxadas, pás e outros objetos necessários. Alguns índios foram baleados ou esfaqueados. Fugiram feridos para a mata, onde ficaram mortos. Consta que costumam levar os seus defuntos. Mas aqui ficou um, em luta corporal com Sebastião. Acabaram morrendo os dois.

– Creio que os índios podem reatacar. Ficou o cadáver de um. Dizem que eles voltam para levar o corpo – fala Belmiro.

– Pelo sim pelo não, é preciso cuidado – pondera Cassiano.

– Não podemos viajar hoje. Estamos cansados. Florêncio precisa melhorar. Vai conosco.

– Quero ir, sim. Não fico neste inferno – diz Florêncio.
– E o ouro? – Indaga Belmiro a Florêncio. – Conseguiram muita coisa?
– Começo de produção. Pouca coisa. Levamos muito tempo para construir este barracão e instalar a aparelhagem. Estamos muito longe, quase nas cabeceiras do rio. A informação foi proveitosa para Cassiano. Se estavam quase na cabeceira do rio é porque se haviam desorientado e seguido para leste e não para o sul.

– Sabe regressar à margem? – Indaga Belmiro.
– Sem dúvida. São vários dias de viagens, mas sei voltar.
– Estando à margem do rio saberemos encontrar o nosso caminho. Há desgraças que vêm para o bem. Vamos partir amanhã cedo, não há tempo a perder, antes que os índios ataquem de novo.

Todos três, já mais refeitos, prepararam-se para repousar. A tarde avança para a noite. A mata se torna mais escura, o céu se tingiu de vermelho em direção do poente, visto através da ramaria das árvores. Os rolos de fumaça, menos intensos, ainda se elevam daquelas tochas humanas, menores agora. Já se veem ossos ressequidos, de mistura com cinzas, crânios à mostra. Vez por outra Cassiano joga um pouco de querosene, o fogo levanta, depois cessam as chamas, só o fumo continua a se projetar para o alto. Cai a noite, negra, poucas estrelas no céu, muitos murmúrios na mata, os corpos incandescentes agora são braseiros. Iluminam a clareira, o vento espanta as cinzas e leva para longe o mau cheiro. Cassiano e Belmiro, enquanto Florêncio dorme, lavam o chão de madeira, onde se entranhara o odor dos cadáveres. Não conseguem pregar olho. Repousaram um pouco, mas a excitação do dia os mantém indormidos, até caírem exaustos sobre jiraus rústicos. Noite intranquila, cheia de sobressaltos, ora o grito de uma ave qualquer, os estalos de galhos, baques surdos de ouriços em terra, sons indefiníveis, a orquestra florestal a emitir os mais estranhos ruídos, que mais exasperam os nervos e tumultuam a alma. Cassiano vez por outra levanta, olha em redor, sai do barracão e contempla aquelas fogueiras humanas, agora reduzidas a brasa e cinza, tudo quanto resta de seres que há bem pouco tempo viviam, lutavam e alimentavam esperanças de dias melhores! Quantos sonhos desfeitos! Quantas lágrimas seriam ainda derramadas pelos parentes dos que tivessem família, como Claudiano, a mulher e filhos à espera do seu regresso,

sempre alegre e otimista, carregado de ouro em pó e presentes para todos! Tudo agora se resumia em alguns ossos esbraseados e logo calcinados, as caveiras contemplando a mata que foi a sua atração e a sua desgraça. Cassiano percorre uma a uma as fogueiras, resta ainda no ar um odor de cinza e podridão, difícil de eliminar. Só algumas chuvas amazônicas serão capazes de lavar aquele cheiro, que penetrou fundo pelas narinas dos garimpeiros e perdura na sua lembrança, como se os houvesse contaminado até à alma. Por várias vezes durante a noite Cassiano repete a peregrinação inquieta e macabra por aqueles braseiros como se se sentisse guardião involuntário dos corpos desfeitos, que o destino colocara em suas mãos para serem sepultados ou incinerados. Uma vaga nuvem lhe passava pela consciência, por não ter antes sepultado, naquele ermo, todos os corpos, em vez de incinerá-los. Fora prática a que não estava habituado, vendo sempre os seus mortos receberem sepultura. Nenhum daqueles poderia ter no futuro mãos piedosas que lhes trouxessem flores no Dia de Finados. Nem ao menos uma cruz marcaria com firmeza o lugar da morte. Vem-lhe a ideia ao cérebro. Sepultar os ossos calcinados, as cinzas ao menos, uma pequena cova seria suficiente. Faria tantas sepulturas quantos fossem os cadáveres. Seria um meio de aplacar a voz da sua consciência que o condenava injustamente por não tê-los sepultado. Cassiano vai buscar a enxada no barracão e em plena madrugada cava a terra dura, faz pequenas covas em série, uma para cada despojo, que recolherá ao amanhecer. Lança-se à tarefa com esforço, as mãos nervosas. Belmiro ouve o ruído e desperta.

– Que está fazendo? – indaga.

– Vamos sepultar ao menos os ossos e as cinzas. São cristãos. Essas caveiras não podem ficar assim. Nem tudo foi destruído pelo fogo.

Belmiro ajuda o companheiro. Covas pequenas ficam prontas para receber as cinzas ao clarear do dia.

Regressam ao barracão exaustos, lançam-se sobre os jiraus e dormem.



O sol já está alto quando despertam. A claridade penetra-lhes nos olhos, o vento sacode lá fora a galharia das árvores, o mau cheiro diminuiu de intensidade, resta apenas no ar o odor dos ossos calcinados. O cachorro late para um ou outro urubu remanescente, pousado nos galhos das árvores. Cassiano e Belmiro vão ao igarapé, observam melhor em torno, nada se aproveita das instalações de garimpagem. A devastação dos índios foi impiedosa. Vingaram-se dos invasores de suas terras, os aventureiros exploradores do ouro do Jamanxim. Vieram de longe, atravessaram as matas densas. Os silvícolas escutam à distância, o ouvido colado à terra, e sentem quando os seus domínios foram turbados. Espreitam e fogem. Voltam novamente, observam, ouvem. Fogem. Quando decidem o assalto, esse é fulminante, arrasador, total. Atacam primeiro com arco e flecha, depois com bordunas, abrem crânios de um golpe. Sua força é enorme. Seu corpo liso, a pele untada, escorregadia. Expelem mau cheiro. As feições disformes. Destroem o que podem. Carregam armas, munições e gêneros de alimentação. Já sabem atirar com arma de fogo. Consta que alguns compreendem a língua dos civilizados. A maioria ainda bruta, selvagem, obedece aos instintos.

Florêncio apresenta melhoras, a alimentação da véspera deu-lhe novas energias, o banho no rio e o repouso o recomfortaram. Dispõe-se a abandonar o acampamento e seguir com Cassiano e Belmiro.

A produção do ouro foi pouca, não sei onde Claudiano escondia.

Os homens procuram por todos os lados, dentro e fora do barracão, indícios de ouro enterrado. Nada.

– É difícil encontrar. Claudiano escondia bem. Não ia deixar vestígio.

Florêncio se convencera da honestidade dos dois companheiros. Confienciou-lhes ter ganho algum ouro, muito pouco. Não revelou onde o guardava. Nem Cassiano perguntou. Arrumou a sua trouxinha, o indispensável dentro dos restos daquela penúria. Todas as buscas no sentido de encontrar ouro enterrado foram infrutíferas. Claudiano deveria escondê-lo na mata,



junto a algum tronco de árvore, mesmo assim nenhum sinal ou indício foi encontrado.

Cassiano e Belmiro recolhem os ossos que sobraram à ação das chamas. Crânios, tíbias, fêmures, algumas costelas, tudo o mais calcinado, a cinza a desprender-se fina, soprada pelo vento. Em cada cova recolhem os despojos de uma fogueira, que logo recobrem com terra. Uma pequena cruz tosca, em cada uma, a assinalar a existência de restos mortais de seres humanos. Dois galhos verdes retorcidos, amarrados com cipós são as cruzes improvisadas.

– Assim foi mais fácil – exclama Belmiro. – As covas são pequenas. Enterrar o corpo inteiro era impossível.

– Fizemos o que podemos. Deus os tenha.

Cassiano faz o sinal da cruz e seu pensamento se volta para a infância. Aprendera com a mãe, ainda pequeno a rezar e a fazer o “pelo sinal da Santa Cruz”. Ainda parecem ecoar em seus ouvidos as palavras maternas, balbuciadas com fé e ternura, antes de dormir, no sertão do Seridó: “livrai-nos Deus nosso Senhor dos nossos inimigos”. O vento varre a mata. O sol inspira força e otimismo em todos. Vontade de sair dali, daquele deserto, onde o perigo os ameaça a todo momento. Florêncio acha-se em condições de viajar, embora ainda fraco.

– Prefiro morrer de fome na mata do que nas mãos dos índios – diz ele apavorado. – Voltaremos depois.

Os homens se embrenham pela selva, o cachorro os segue, Florêncio assegura que conhece o caminho até à margem do rio, estreito naquelas paragens. Cassiano, pensando no regresso e na possibilidade de reencontrar o roteiro do acampamento de Juvêncio, vê renascerem as suas forças. Vários dias devassam a mata, os mesmos sobressaltos, os mesmos gritos e estalos indefinidos, as mesmas noites mal dormidas, alarmes falsos, cansaço, solidão. A natureza muda um pouco, antes estavam perto de região montanhosa, agora tudo é plano, a terra mole, úmida, a revelar presença de baixios, igapós, ou margens de furos e igarapés.

– Já estamos perto – diz Florêncio. – Mais um pouco e alcançamos o braço do Jamanxim.

Poucas horas depois se avista o pequeno rio, estreito naquelas paragens, um afluente que deságua no rio maior.

– Vamos seguir pela margem – diz Cassiano. – O ponto em que atravessamos com Juvêncio é fácil de reconhecer. Ficou sinal.

Os pés afundam na terra mole, cheia de folhas podres, galhos se projetam no igarapé, a água amarelada escorre apressada, vê-se o fundo cheio de troncos em decomposição. O rio é um bom guia, seu curso não engana. Foi preciso quase um dia inteiro para atingirem o local em que Juvêncio atravessara. Lá estava um galho cortado, mais adiante vários golpes de terçado no tronco de uma seringueira. Cassiano e Belmiro se haviam desviado muito em direção da cabeceira do rio. Este se alargava à proporção que se aproximava do encontro com o Jamanxim. Ao princípio fora um simples afluente franzino e insignificante, agora abria um pouco mais as margens, mesmo assim não passava de um igarapé, fácil de atravessar, o corpo nu, as vestes sobre a cabeça, as trouxas ou sacos transportados nos ombros.

Não foi suave o regresso ao acampamento de Juvêncio. O cansaço, o pavor, a solidão sempre a atormentarem os homens. O pensamento de Cassiano em Rita, sempre em Rita, o parto, a filha ou o filho, saudades do sertão, apesar da aridez, contraste brutal com tanta mata e selvageria.

Nunca pensara que o destino ainda lhe proporcionaria tanta aventura. Imaginara a Amazônia de outra maneira, não aquela monotonia de rebentar a alma, sempre o mesmo verde por todos os lados, a umidade e o calor, as ameaças das feras e dos índios. Poderiam andar muitos dias na mata sem quaisquer surpresas. Havia até momentos agradáveis, os macacos pulando nos galhos, os tiros em antas ou veados, a apanha de jabotis lentos, os pássaros coloridos, a alimentação fácil, pelo menos naquela zona de muita caça e de castanhais, disseminados pela floresta. Mas de um momento para outro surgia o perigo, a desgraça, a morte. Um gato-maracajá, serpentes venenosas, onças, tribos de índios, tudo isso trazia em constante sobressalto à alma dos garimpeiros, prontos para lutar e morrer. Mas morrer assim, como Claudiano, pensava Cassiano, era terrível. Morte inglória.



Juvêncio já estava quase em desespero à espera de Cassiano e Belmiro. Os olhos presos na mata, sem poder abandonar o garimpo, forçado a ficar, ele também desejoso de sair um pouco, vir a Porto Rico ou a Itaituba e Santarém, respirar outros ares menos carregados. A produção do ouro aumentava, a parte de Cassiano e Belmiro separada, era sagrada, estavam a serviço, mas Juvêncio se sentia responsável pela sorte daqueles homens que mandara vir do sertão nordestino. Acordava alta noite em sobressalto, qualquer ruído parecia-lhe indício de que os dois regressavam, noite e dia seu pensamento divagava à procura de explicação para os fatos.

Florêncio conseguira captar a confiança dos dois companheiros. Homem humilde, ainda apavorado com o que assistira, parecia pessoalmente probo.

A volta ao garimpo foi para Cassiano uma grande vitória, devida à cooperação de Florêncio, conhecedor das brenhas e dos caminhos que levavam até à margem do rio.

A alegria nos olhos, por tornar a ver os amigos, deu a Juvêncio novo alento. Como fora a viagem? Que acontecera? Por que a demora? Cassiano explicava tudo, o olhar a denotar as canseiras e insônias porque passara, as vestes rotas, as barbas crescidas, três figuras de desesperados perdidos na floresta. O episódio do ataque dos índios não surpreendera a Juvêncio. Conhecera Claudiano, sabia-o afoito, habituado a procurar garimpos em regiões interioranas muito distantes, perto dos caiapós. Já passara por perigo semelhante, saindo com vida, no Creporizinho, infestado de tribos. Recebeu bem a Florêncio e com as recomendações de Belmiro e Cassiano resolveu admiti-lo ao garimpo, seria mais um homem a aumentar a produção e a partilhar dela. Ocuparia a vaga de André. O cachorro também seria útil, companheiro de toda jornada, faminto embora, mas atilado e valente, bom caçador.

– Vamos apressar os trabalhos – recomendou Juvêncio.



– Garimpo só é bom enquanto produz muito. Se a terra é pobre, o melhor é abandonar e procurar outro lugar.

Felizmente a média de produção mantinha-se boa, cerca de três a quatro quilos por barranco de dez metros por dez. Havia garimpos que alcançavam até cinco quilos. A produção, portanto, era acima da média. Cassiano encontrou a clareira ampliada, o garimpo em pleno funcionamento, grande área revolta e explorada, com índice razoável. Quatro quilos de ouro por barranco encheriam os olhos a muita gente. Felizmente nenhum aventureiro chegara àquelas paragens. Casos houve de desapossamento à força, crimes de mortes e ocupação à bala. Juvêncio estava pronto para tudo. Dispunha de bom armamento, rifles *Winchester*, revólveres *Taurus* e *Smith*, um *para-bellum*, muita munição, melhorara o barraco e agora, com mais um homem, haveria de levar à frente a empreitada. Florêncio, com as recomendações de Cassiano, consolidara a confiança. E assim passavam os dias. Rogaciano, todas as semanas, continuava despejando do avião as encomendas, com bilhetes para Juvêncio. Notícias, algumas boas, outras más, do que se passava lá fora, escritas às pressas. As mercadorias essenciais eram lançadas do alto, volumes de vinte quilos cada um. A comunicação do ar para terra fácil. Mais difícil se tornava transmitir qualquer pedido ou informação de terra para o avião.



O garimpo se transformara num buraco imenso, a terra revolta, lavada, se acumulando do outro lado do igarapé, cerca de trinta metros explorados, com uma produção aproximada de doze quilos de ouro. Já era alguma coisa. Segundo Juvêncio tenderia a aumentar para cinco quilos por dez metros de exploração, alcançando um dos mais elevados índices já conhecidos. Receava que a notícia se espalhasse em Porto Rico, São Luiz e Itaituba e para lá acoressem milhares de aventureiros, como já acontecera nos garimpos do Come-Vivo, no Baixo do Patrocínio, no Surubim, no Cuiú-Cuiú, na Grota do Joventino. Era incontrolável a avalanche. Chegavam, montavam acampamento, começavam a exploração. Com os primeiros arrivistas havia disputa, luta física, vitória do mais forte. Muitas vezes massacravam o descobridor do garimpo, como aconteceu no Igarapé São Francisco, afluente do Jamanxim. Os seus donos viram-se desapossados e assassinados friamente, ficando impune o crime. Quem poderia lançar mão sobre os criminosos? Onde a Justiça, a tantas léguas de distância de uma precária comarca judiciária com sede em Itaituba? A mata, as cachoeiras, tudo se transformava em obstáculo à ação das autoridades. Não havia Justiça nem polícia. Cada homem era ao mesmo tempo legislador, juiz e executor. Impossível o controle da população, vigorando a lei do mais forte ou do mais ágil no manejo das armas de fogo e das facas e cacetes. Mesmo que fosse escalado algum comissário para a região, não teria condições de policiar milhares de seres humanos disseminados pela floresta, todos armados, homens bons de mistura com facínoras, ambiciosos e aventureiros, reunidos nos locais de trabalho, ou garimpos, ou, aos sábados e domingos, nos rústicos portos da margem do Tapajós, à busca de negócios e de prostitutas. Numa só bateada Juvêncio conseguira oitenta gramas de ouro, recorde poucas vezes atingido. A assistência de Rogaciano, a escolha cuidadosa dos homens com quem trabalhava, o seu comportamento pessoal honesto, mas enérgico, bastavam para evitar dissabores. Por ocasião do trabalho permi-



tia uns goles de pinga, ou de uísque para animar os garimpeiros. Mas não admitia excessos. Mesmo assim mantinha-se vigilante, a fim de evitar o que acontecera a outros garimpos, como o do São Francisco e o do Rio Novo. O descobridor deste foi eliminado em Itaituba, sem jamais encontrar-se o criminoso. Todos os afluentes do Jamanxim produziam bom ouro: o Tocantins, o São Francisco, o Rio Novo, o São Domingos. Encontrara agora um filão, lombo de pedra mole, que era preciso quebrar em pilão de ferro e depois lavar na dala. Só usava azougue francês, muito branco e pesado. Queimava o azougue no fogo, em lata de querosene, formando-se uma bola branca. Com folhas de arumã e imbaúba sobre o azougue quente separava o ouro do azougue. Um trabalho primário, mas que requeria perícia e essa perícia todos já haviam adquirido. Juvêncio atribuía a existência do filão à proximidade de zona montanhosa. Do igarapé, no sentido sul, começavam as elevações, o terreno se tornava pedregoso, a vegetação menos densa, tudo indicava que a matriz do ouro deveria estar nas distantes montanhas que se ligavam com a serra do Cachimbo. Havia outros rios também ricos, como o Crepori, cujo afluente, Marupá, apresentava bom índice de produção, no garimpo dos Sudários, a cerca de quinze dias de viagem da boca do Crepori. Viagem em motor de popa, canoas, batelões. Região infestada pelos índios caiapós, verdadeiros gigantes, que certa vez destruíram o barracão do Maene, matando o cozinheiro a golpes de borduna. Também o Rio Pacu, onde sobressaía o garimpo do Mário Francês, a sete horas de caminhada da margem daquele rio. Mário trabalha no regime de salários com os seus empregados. Não distribuía ouro. A produção era levada para longe. O apelido provinha da sua origem. Todos os meses Mário viajava, levando o ouro da região não se sabe para onde. A cerca de três horas de Nova Aurora o garimpo do Inocêncio. Pouca produção. E assim muitos outros, espalhados por toda a imensa região: o do Assaizal, o Buritizal, o Cantagalo, a Grota do Joventino, o do Pinheiro de Cuiú-Cuiú, o Jatuarama, no rio de igual nome. Perto do Tapajós também havia alguns acampamentos, como o do Abisnael. As grotas cresciam, recebiam um nome, concediam o seu ouro aos aventureiros, a terra revolta e lavada explorada diariamente, nervosamente, por mãos vindas de longe. Centenas de quilos oriundos de centenas de garimpos se escoavam por Itaituba e Santarém, sem qualquer

controle ou fiscalização, e se transportavam via aérea diretamente para São Paulo, Rio de Janeiro, lugares desertos em Minas Gerais, Mato Grosso, e outros estados brasileiros ou ainda para Caiena. Consta que alguns o conduziam pelos ares para a Venezuela via Roraima, zona de diamantes, com campos de pouso de difícil acesso. Ouro, muito ouro, nunca menos de duzentos quilos por mês, ou seja, dois mil e quatrocentos quilos por ano, à razão de um dólar cada grama. Alguns entendidos avaliavam a produção em trezentos quilos por mês, quase quatro toneladas por ano. Nada de fiscalização. Nem sequer coletoria. Para as autoridades criou-se uma versão consoladora: a fiscalização sairia mais cara do que a evasão do ouro. De boa-fé isso era repetido em relatórios entrevistas e discursos. A evasão se processava de qualquer forma, em malas, canos de espingardas, cartuchos de metal. Saía todo. Nem precisava muito cuidado. Os aviões o transportavam para Cuiabá e outros lugares, um tanque sobressalente adaptado para garantir maior raio de voo. Muitas fazendas possuíam pequenos campos de pouso. Fácil seria aterrisar e deixar o ouro, até mesmo lançá-lo do alto, amarrado em sarrapilheira. Juvêncio conseguira aumentar a produção adaptando instrumentos mais eficientes, a “cobra está fumando”, aparelhagem para garimpar usada por cinco homens, sem parar. Enquanto um traça a terra, outro coloca no ralo, outro lava, outro lança água no cocho, e assim o ouro desce, as faíscas pequenas se depositam no “para-quedas”, ficam retidas numa sarrapilha. Outro garimpeiro retira a terra que se acumula no rabo da máquina. Depois de cheia a estopa param a máquina e fazem a despesca. Finalmente, recolhido todo o ouro, ainda de mistura com um pouco de terra e esmeril, procede à queima ou apuração com azougue, ou, não havendo azougue, soprando. O ouro fica no tapiri, guardado em latas de leite ou de manteiga. É enterrado nessas latas ou de preferência em garrafas. Com o uso da “cobra está fumando” os trabalhos cresceram de intensidade, a produção tornou-se maior e a euforia dominou a todos. Juvêncio descobrira aquele garimpo depois de muita pesquisa e graças a longa experiência. Sabia que era preciso apressar-se antes que aventureiros soubessem da reserva ali existente. Rogaciano, por sua vez, continuava fiel em sua tarefa, lançando mercadorias, medicamentos, jornais e revistas, que traziam um pouco do noticiário do mundo para aqueles exilados. Fez anexar

bilhete em que comunicava que os preços haviam subido. Tudo estava mais caro em Porto Rico e São Domingos, em toda zona do garimpo. Inflação. O dinheiro brasileiro valia cada vez menos. O dólar subindo frequentemente, numa disparada incontrolável. Fora criada uma Associação para assistir os garimpeiros, mas esta, em vez de favorecer, concorrera também para a alta de todos os preços. Tudo custava o dobro dos preços de Santarém. Por isso resolvera abastecer-se diretamente em Santarém ou Belém, mas, devido ao pequeno porte do avião, precisava às vezes dispensar passageiros, o que equivalia em aumentar o frete. Juvêncio lembrava-se que fora convidado para tomar parte na tal Associação e via agora os resultados negativos. Longe da civilização e do governo, tornava-se impossível qualquer controle. A sociedade, em vez de receber dinheiro, exigia o ouro, procurava envolver-se no negócio dos garimpeiros, e aquilo acabaria em monopólio e crime de morte. Muita gente se queixara amargamente. Felizmente, os homens do garimpo do Juvêncio agora estavam todos com saúde, em plena produção. Queixavam-se da falta de mulheres naqueles ermos, nem mesmo prostitutas, que pudessem passar uma semana, como acontecia em outros locais. Juvêncio não queria. Mulher trazia encrenca, briga, crime, cachaçadas, o rendimento do trabalho diminuía. Depois saíam abrindo a boca no mundo, falando nas boates e nos cafés o que sabiam, dando pistas a desconhecidos. Não, era melhor continuar assim, fazer sacrifício. Vez por outra iriam dois ou três a São Domingos como acontecera com Cassiano e Belmiro. Florêncio se adaptou logo. Nordeste como os demais, possuía os mesmos hábitos, não lhe foi difícil aceitar as tarefas e o regime de Juvêncio. Além do mais, com a morte de Claudiano, não desejava mais regressar ao velho garimpo, a não ser por pouco tempo, para dar mais uma batida em busca do ouro enterrado. Propôs a Juvêncio fazê-lo. Dividiriam o que encontrassem em partes iguais. Poderiam ir quatro: Florêncio, Juvêncio, Cassiano e Belmiro. Um quarto do que fosse encontrado para cada um. Afinal de contas seriam vários dias de viagem pela mata, com risco de ataque dos índios, mas esse risco estava presente em toda a parte. Ninguém sabia ao certo onde andavam os indígenas. Locomoviam-se com rapidez, conheciam a selva palmo a palmo, donos da situação. Mesmo em São Domingos, ou no garimpo do Juvêncio, poderiam chegar a qualquer momento e arrasar tudo. Também

não adiantava resistência. Pelo seu número suplantavam os garimpeiros, isolados na floresta. A proposta de Florêncio pareceu tentadora. Havia possibilidade de encontrar o ouro enterrado e aproveitar o barracão, restos de instrumentos e materiais das instalações deixadas por Claudiano embora destruídas. Na região o que chegasse primeiro seria o proprietário e manter-se-ia dono pela força. Não havia título de propriedade, nem licença do governo, pelo menos naquele trecho ainda inóspito e abandonado. Que lei chegaria tão longe e que meirinho se atreveria a cumprir mandados na mata, com risco de ficar ali mesmo estripado e devorado pelos urubus?



Os jornais que Rogaciano lançara traziam notícias alarmantes de revolução, iniciada em Jacareacanga. Juvêncio não entendia bem o noticiário. Teria havido o sequestro de um avião, que fora para a Argentina com oficiais brasileiros. Sabia que havia qualquer coisa no ar, boatos, mas o seu desligamento do mundo não lhe permitira acompanhar com lógica os acontecimentos. Jacareacanga, embora na mesma região, ficava muito longe, mais ao sul, à margem do Tapajós, abaixo do Crepori e do rio das Tropas, defronte da foz do Cabitutu, pouco antes do Cajariri. Imensa a região, difícil seria o acesso ao Jamaxim, pelo menos naquelas paragens. Este deságua no Tapajós, já nas proximidades de São Luiz. Juvêncio lia o relato nos jornais com curiosidade. Interessava-lhe saber como iam as coisas no país, mas não conseguia concatenar bem os fatos. Só recebia jornais vez por outra, trazidos por Rogaciano, que os conseguia em Santarém. As revistas nem sempre eram novas. Leitura para algumas horas da noite, à luz dos candeeiros ou de lamparinas. Seria conveniente instalar ali pequeno gerador, uma despesa a mais, depois teria talvez que abandonar o local. Muitas vezes o veio de ouro se esgota. O trabalho se torna pouco rendoso, decresce a produção e o melhor é levantar acampamento e procurar outro pouso. Talvez o próximo fosse o de Claudiano, nas cabeceiras do Tocantinzinho. Iriam bem armados. Havia adquirido um *parabellum*, pertence de algum oficial reformado estrangeiro. Já vira alguns por ali. E com uma arma dessas liquidaria a indiada toda. Nem sequer havia, naquelas lonjuras, Serviço de Proteção aos índios para protestar. Ficaria tudo sepultado no silêncio da floresta. A falta de conforto castiga também a Juvêncio, apesar de sua longa experiência. Mas a alimentação, com caças de fácil obtenção, mantém os homens rijos todo tempo. O maior perigo, felizmente, ainda não surgido, é o da malária. Impaludismo brabo, em certas épocas do ano. Quase desaparece no verão, mas ressurge virulento no inverno, com milhões de mosquitos a perseguirem os seres vivos. Os piuns e as mutucas também os castigam, dia e noite, mais na época



invernosa, que ainda não atingiram. Aproveitaram bem o estio em obras eficazes, o garimpo aumentado, a terra lavada se amontoando, a clareira cada vez maior, o destacamento, o que permite a Rogaciano lançar as suas cargas com mais desembaraço. No verão as manhãs se mantêm claras, o sol ardente, muito vento, as tardes abafadas e as noites frescas, frias mesmo, pela madrugada. Dispõem agora da cooperação de mais um guarda: o cão, herança de Claudiano, bem tratado, que desperta a qualquer ruído e ladra contra estalos e vaga-lumes.



Cassiano sonha à noite com o fim daquilo tudo, o regresso, a compra do sítio em Santarém, talvez uma viagem ao Seridó, o nascimento do filho que prefere homem, já imagina, balbuciando as primeiras palavras, depois mais crescido a caminho da escola, pela mão. E se for menina? Rita assim quer. Uma companheira quando crescer. Pareceria com quem? Cassiano imagina como seriam os seus traços, gostaria que fosse parecida com a mãe, bem-feita de corpo, os olhos claros. Tudo aquilo lhe passa pelo pensamento, em devaneios noturnos, antes de dormir, depois desce o sono, pesado, as pálpebras não aguentam mais, a faina do dia traz um agradável cansaço, que convida ao repouso. Quantas coisas já ocorreram depois que deixou o sertão! Sua imaginação se volta para o passado. Em poucos meses é como se tivesse vivido decênios. Meses de surpresas, trabalhos, canseiras, emoções, vindas quando menos esperava, de todos os lados. Já se habituara àquela vida, àquela monotonia, o frio da noite, o calor abafado e úmido do dia, as manhãs claras e ventiladas, a selva, os bichos, as cobras sobretudo, que andavam por ali às dezenas, de todos os tamanhos. O que mais receava eram as onças, a pintada e a negra, luzidia, os olhos acesos, pronta para o assalto. Vira Juvêncio derrubar uma no ataque, o animal caindo pesado ao solo, se estorcendo, mas ainda com vida, depois se arrastando, soltando urros terríveis, tingindo de sangue o verde das folhas largas e rasteiras. Apesar das lutas e preocupações, tudo aquilo tem o seu sabor para Cassiano, a certeza de que está formando um pecúlio para o futuro, a base para empreendimento mais tranquilo, sonho de todos os que emigram. Felizmente encontrou bons companheiros, todos da mesma origem, os mesmos ideais, e um patrão compreensivo, amigo de longa data, honesto. Poderia ser pior. Já ouvira contar histórias de garimpeiros assassinados pelos próprios companheiros, enquanto dormiam. Saqueados, os seus corpos às vezes vilipendiados. Havia criminosos guianenses, crioulos, bolivianos, venezuelanos, franceses, italianos, gregos, gente de todas as procedências.



Outras oportunidades lhe surgiram, como a de trabalhar com japoneses na plantação de juta de Parintins ou com americanos em serrarias, plantações e outras explorações na Amazônia. Até propostas para fazer contrabando através de Caiena. Recusara todas as sugestões por ser fiel à palavra empenhada a Juvêncio. Rita sabia esperar, assistida de Mara mostrava-se mais tranquila agora, sabendo que a cada retorno de Cassiano correspondia uma certa quantidade de ouro, bem enterrada, para evitar os ladrões. Florêncio possuía muita experiência a ser aproveitada. Agora, que o conhecia melhor, verificava não ser homem fraco, como julgara à primeira vista. O ataque inopinado dos caiapós o deixara com um trauma, dada a surpresa e brutalidade do acontecimento. Mas já ia se recuperando, demonstrando as suas qualidades, a sua longa prática da selva e dos trabalhos na Amazônia. Estivera em balatais de Monte Alegre, em seringais do Acre, em castanhais, em explorações na Vila Franca com americanos. Contava estórias fantásticas de cenas que presenciara, lutas em que tomara parte, e que lhe haviam marcado a personalidade. Nos balatais, contava, era hábito, em vez de sangrar a árvore para extrair o látex, poupando o vegetal, cortar-se pelo tronco, sem piedade. O abate das árvores fornecia maior quantidade de seiva, mas destruía-se a reserva, fadada a desaparecer. Um trabalho predatório em plena floresta, sem qualquer controle ou fiscalização. Nos jutais vivera dentro d'água, como um búfalo, à margem do Amazonas. Fugira quando surgiram os primeiros sintomas de beribéri, as pernas tornando-se fracas dia a dia e a recomendação do enfermeiro de que deveria ir para o centro, terra mais enxuta, longe de muita água e tomar comprimidos de vitamina B, em doses maciças. Melhorara. Trabalhara em Vila Franca, no Tapajós, longe da margem, em plena selva, um trabalho que não sabia bem explicar, os americanos não se abriam muito com os brasileiros, a não ser com os capatazes. Via muitas máquinas conhecidas, como tratores e plainadeiras, mas outras que lhe eram totalmente estranhas. Havia uma lama que pegava fogo, escura, escorregadia, diziam ser petróleo. A pesquisa se operava em lugar longínquo, de difícil acesso. Corriam boatos desconhecidos. Alguns diziam que se tratava de plantação de gemelina, para exploração de celulose; outros falavam em serraria, mas a zona não era muito boa para madeiras. Serrarias grandes de americanos e holandeses só para o lado de Breves,

Portel, e outros municípios da foz do Amazonas, como as de Boris McGleen e de holandeses vindos do Surinam. Havia muito americano por todo o lado, mas não se sabia bem o que faziam nem o que queriam. Muitos montavam serrarias, plantavam plantas desconhecidas da região, como no rio Jary, extensão quase do tamanho de Portugal. Outros cavavam a terra. Florêncio se lembrava bem de um casal, ainda jovem, ambos louros, ele meio calvo, ar de pateta, ela magrinha, sardenta, viviam misteriosamente no meio da mata, onde passavam as noites escavacando o chão. No dia seguinte só se viam buracos por todo lado. Conduziam aparelhos pequenos e desconhecidos. Certa vez ouviu uma conversa de que se tratava de dois professores de universidades americanas. Ambos esquisitos. Novos ainda. Não comiam carne. Ele almoçava só vegetais, a colher na mão, a melancia entre os joelhos, como fazem as crianças. Vegetarianos exóticos. De vez em quando sumiam do local. Constava que viajavam para os Estados Unidos ou Canadá, depois apareciam de novo, com os mesmos hábitos primitivos, como se fossem dois bichos, de necessidades precárias. Que faziam, ninguém conseguiu saber. Estudavam, diziam alguns. Procuravam minerais, afirmavam outros. O aparelho que conduziam na mão era um contador *Geiger*, revelador de minerais atômicos. Florêncio escutava aquilo tudo, mas não entendia nada. Repetia as histórias para Cassiano, mesmo durante o trabalho, entre uma baforada e outra de fumo, a terra lavada escorrendo, o ouro aparecendo, o azougue ardente separando os grãos dourados. Fora despedido pelos estrangeiros não sabia por que, um aviso seco, sem explicações. Coincidira com a conversa que escutara, na véspera, entre dois gringos e um brasileiro, quanto a uma lama negra colhida no meio da mata. Felizmente a assistência médica permanecia boa entre os americanos. De vez em quando surgia um barco moderno, que diziam ser de adventistas, com injeções, remédios, ataduras, tudo muito novo, até aparelhagem para extração de dentes e antibióticos. O barco penetrava por um furo estreito que os levava ao interior da floresta, a duas centenas de metros do acampamento. Uma sirena dava o aviso da chegada. Era uma alegria para todos, pois além de remédios traziam mantimentos, tudo do bom e do melhor, carnes em conserva, leite e sopas em pó, vitaminas, chocolates, coisas a que os nordestinos e caboclos não estavam muito habituados.

Juvêncio ouvia também aquelas estórias de Florêncio, muito curioso, mais inteligente e com melhor nível de instrução, e ponderava:

– Florêncio parece que está aumentando um pouco. Está “floreando” muito, ou “florenciando” a estória. Isso de terras quase do tamanho de Portugal não pode ser verdade. Já ouvi meu advogado dizer que a lei brasileira, parece que a Constituição, proíbe a estrangeiro ser dono de terras além de um limite.

– Isso é estória de Trancoso – diz Belmiro. – Eles não têm o título, mas arranjam testa de ferro brasileiro. Está tudo por aí cheio de serrarias, plantações de pimenta, indústria de pesca, pau-rosa, o diabo. Tem mais americano do que pium nessas matas. É que ninguém vê de longe. Tem muito avião teco-teco voando aí por riba.

– Mas é preciso não esquecer – pondera Juvêncio – que eles despejam muito dinheiro aqui. Trazem trabalho, remédios, assistência, dão de comer a muitos caboclos que, em outras circunstâncias, não teriam de que viver. Fazem até hospitais luxuosos. Vocês não conhecem Belterra e Fordlândia, bem aqui perto?

– Ouvi dizer que fracassou – diz Cassiano. – Quem contou foi Rogaciano.

– Fracassou, sim, mas ficou muita coisa, seringais enormes, escolas, creches, hospitais, residências, onde antes tudo era só floresta.

– Mas por que fracassou? – indaga Cassiano.

– Foi a borracha do oriente, primeiro; agora a sintética. A fabricação estrangeira derrubou a borracha natural. É o que dizem.

– Depois que passou para o governo brasileiro andaram cortando os seringais de Fordlândia. Botaram abaixo.

– Isso foi o diretor do Agrônômico. Queria criar boi ali, em vez de explorar a seringa. Um negócio meio maluco, muito combatido. Li nos jornais. Queria trazer toda a população da zona bragantina para o Baixo Amazonas, depois pretendia alagar o Baixo Amazonas com um lago imenso, no mesmo lugar, a partir de Óbidos, onde desejava botar o pessoal da bragantina. Meteram a ripa no homem.

– Falam tanto dos americanos, mas afinal de contas eles estão montando indústrias e desenvolvendo.

– Desenvolvendo nada, só trabalham para eles. Não dão bola para brasileiro. Aqui mesmo nos garimpas eles quando chegam montam acampamento. Trazem desde mosquiteiro até penicilina. Ninguém pode concorrer. As aparelhagens são modernas. Descobrem num tapa o metal onde a gente leva anos passando por cima sem se aperceber.

– Quem manda a gente ser burro...

– O alemão também não anda por aí?

– Sim, mas o alemão faz obra social, escolas, como a missão do Cururu e outras. Amansam os índios, ensinam muitas coisas. E estudam.

– Sim, mas carregam as deles também.

– Já os padres americanos estão em todas.

– Os italianos também são inofensivos, só cuidam da paróquia, missa, escolas.

– E os japoneses?

– Ah! Os japoneses trabalham duro, pé descalço, pernas dentro d'água, chapéu de palha na cabeça dia e noite, morando em barracos de cavaco. Caras de patetas às vezes são formados em Universidades. Um belo dia estão ricos, levantam acampamento e vão para São Paulo ou Rio abrir loja de comércio, venda de televisão, rádios de pilha, motos, nem parecem mais os que cultivavam a terra. E de onde tiraram dinheiro nem se lembram. O que fica não vale nada: barracas de palha, a terra cansada, canteiros velhos, não constroem no local. Em compensação tiram tomate da areia, não sei como. Não constroem em definitivo, a não ser em Tomé-Açu, grande produtor de pimenta, obra notável. Mas não se misturam.

– Bom mesmo é o arigó. Mas é pobre, não tem instrução, nem recursos. O governo não ajuda. Larga a gente na mata, feito bicho.

– Vocês não veem esse negócio do ouro? É um salve-se quem puder. Brasileiro e estrangeiro, está tudo em cima da carne-seca. Ninguém lá fora sabe o movimento que isso faz. O ouro sai todo pelo ar.

– O mais gozado é que nos jornais li certa vez – diz Juvêncio – uma entrevista de um figurão, governador não sei de quê. Provava que o custeio da fiscalização saía mais caro do que o perdido com a evasão. São burros mesmo. Trezentos quilos de ouro, sendo a grama a um dólar, por mês, estando o dólar atual a um conto de réis, representa trezentos milhões por mês,

quase quatro bilhões por ano... é muita gaita. Gente burra. Já vi um dizer que entra mais ouro do que sai. Nas estatísticas não aparece nem a décima parte. Nós trabalhamos aqui no duro, mas no final vai tudo para as mãos dos *Blumenschlang*, dos *Farbgesang*, dos *Rotgoldberg*, de São Paulo, Rio, Nova Iorque, Londres, Paris. Parece ser uma só família. Eles se entendem lá por cima. E não é só o ouro. As pedras preciosas e semipreciosas. Diamante do Roraima, como sai ...

E Juvêncio para de trabalhar, abre os braços escandalosamente. Depois continuava:

– Sai diamante pra burro. Há campos de aviação na montanha. Ninguém chega lá. Ninguém pega. As semipreciosas, essas os aviadores comerciais levam, as aeromoças, os pilotos, levam em pacotinhos, nos bolsos, escondidos nos porta-seios, até no rabo... Conheci um italiano de Roma, viajando pelo Brasil. Me deu o cartão. Ele se dizia especialista em pérolas (falava *perle*). Vinha ao Brasil de vez em quando acertar os negócios. Depois ficava em Roma, numa loja bem no centro, creio que Praça Veneza, só recebendo as remessas. Sai tudo, o Brasil é um país muito rico, mas carregam tudo. É a verdade.

Os outros garimpeiros abriam os olhos assombrados. O mais letrado deles, Cassiano, ainda podia sustentar a conversa com Juvêncio. Florêncio também. Os demais só viam as suas necessidades imediatas, o seu garimpo, o seu salário ou a participação, o dia de hoje, o uísque a beber, mais fácil de encontrar do que a cachaça, de produção nacional.

E assim corriam os dias nos garimpos do Jamanxim, a produção aumentando, a terra violada, a alegria voltando aos olhos macerados dos garimpeiros, saudosos da civilização e do conforto.



Faz duas semanas que Rogaciano não aparece. Que teria acontecido? Na primeira segunda-feira, pela manhã, Juvêncio não tirava os olhos do céu esperando ver surgir o pequeno avião, duas cores, branco e azul, trazendo boas novas, gêneros, remédios, jornais, revistas, cartas. Nos dias subsequentes, sempre a mesma expectativa, agora de todos os garimpeiros, olhando continuamente para o alto, na esperança da surpresa do amigo que traz pelos céus a tranquilidade e a subsistência. Nada de Rogaciano. Juvêncio consola os companheiros. Talvez houvesse algum defeito no motor; isso é assim mesmo, paciência. Na segunda semana de ausência, Juvêncio já não escondia a inquietação. Havia gêneros e medicamentos diversos, mas alguns começavam a escassear, como o sal, tão necessário naquelas remotas paragens. Com sal garantia-se o bom almoço: bastava abater um veado ou uma anta, levantar o fogo do braseiro e em poucas horas teriam o churrasco à disposição. Mas sem sal, como tragar a carne, embora fresca e gorda? O céu continuava em silêncio, nenhum ronco de motor, nuvens, só nuvens, se deslocando para o sul, o verde da mata, a solidão cada vez maior. A comunicação através de Rogaciano parecia retirar aos garimpeiros a ideia de isolamento, de distância, de divórcio do mundo. O aviador era o vínculo com a civilização. Ninguém se apercebia bem do insulamento total a que se haviam dedicado. Mas agora, sem sinal sequer da aeronave, as distâncias pareciam maiores, uma angústia se insinuava a pouco e pouco no coração de todos, desejosos de receber notícias, mesmo triviais, ver caírem os pacotes embrulhados em sarapilheira, abertos com alegria, aqui munição, ali sal, feijão, arroz, latas de conservas, caixas de comprimidos, alguma ferramenta ou arma nova, abastecimento inteligente e completo. As noites claras, a lua imensa, a vigília, os ruídos da mata, que parece falar, exprimir sofrimento através de gritos e estalos estranhos. Há mensagens nesses ruídos indefinidos: árvores que caem, troncos que desabam, galhos que partem, frutos que despencam, grilos, vaga-lumes, carapanãs, piuns, besouros, mutucas,



silvos de bichos desconhecidos, talvez de serpentes, grunhidos de onças. A imaginação dos homens soma aos sons reais outros sons imaginários que a angústia lhe inspira. Não, não é medo, mas a sensibilidade exacerbada, os olhos bem abertos na atitude de defesa contra o meio hostil. Todos aqueles homens confiam em Juvêncio. São vidas. Seres de carne e osso. Com aspirações, desejos, ambições, planos de melhor futuro, com mulher e filhos alguns, solteiros outros, todos com sonhos de existência mais tranquila, em meio civilizado, longe de feras, doenças e selvagens. É bem possível que, algum dia, ao saírem dali, venham a ter saudades daquela empresa rude e brava, o sol a queimar-lhes as faces, a chuva a castigá-los, o ouro nascendo das bateias, caça na mata, os churrascos, os perigos, as noites tenebrosas, um quadro que, ornado pelas recordações, poderá deixar reminiscências coloridas. Florêncio aderiu totalmente à disciplina imposta por Juvêncio, aos novos amigos que o salvaram da morte, tão certo estava de que seria fatalmente devorado pelas aves de rapina, mesmo moribundo. Os urubus atacam estando ainda a vítima com vida, mas indefesa, como se encontrava Florêncio, sobre um jirau, cercado de cadáveres em putrefação. Ficara grato a Cassiano e Belmiro. Narrara-lhes coisas estranhas que aprendera na longínqua paragem, até estórias de índios, aparições, duendes, serpentes gigantescas. A cobra-grande apareceria, dizia ele, em noite de lua do mês de setembro, imensa, quinze metros de comprimento, grossa como se fora um pneu de trator. Surgia dos pântanos, onde vivia, no fundo. Outras estórias semelhantes Florêncio narrava, nas noites escuras, para matar o tempo. Nas noites de lua, Belmiro tocava viola, cantava, matava as saudades do sertão. Gostava de contar a estória do sanfoneiro que foi tocar no inferno, que ouvira no Nordeste, ou “O grande exemplo da moça que dançou com a imagem do Padre Cicero Romão”: era a estória de certa moça filha de Pedro Simão, que morava em Baixa Verde, no Rio Grande do Norte, filha de um fazendeiro, “por dar crença à lei católica ele tinha muita sorte”.

*Eu peço a meu Jesus Cristo
Que me dê inspiração
pra eu falar de uma moça
que não tinha coração*

*dançou com a santa imagem
do Padre Cícero Romão.*

E mais adiante entonava:

*Pois ele tinha esta moça
Que dançava por castigo
Um dia o rádio cantando
ela foi disse consigo:
venha cá meu Padre Cícero
dançar uma parte comigo.*

E continuava:

*Eu tenho toda certeza
que você nunca dançou
mas hoje dança comigo
seja de que forma for
amuleça este corpinho
Cicinho do meu amor.*

A estória era longa, aprendidos os versos de cor no Sertão do Seridó, poema popular de Gilberto Francisco, cantador famoso.

*A moça foi castigada:
no mesmo dia seguinte
depois que o sol saiu
deu uma febre na moça
que toda a boca feriu
ferida de toda espécie
no corpo dela se abriu.*

Cantava também o “conselho aos solteiros” do cantador Manoel Camilo que trazia na lembrança, desde os dias de sertão:

*Moça não queira rapaz
que tenha na goela um nó
testa curta? é pensativo
e se andar falando só
todo trabalho estranha
e o dinheiro que ganha
perde todo no bozó.*

E assim as horas passavam, a saudade enchendo as lacunas do coração. Todos sentiam falta de mulheres. Só quando fossem a Porto Rico, São Domingos ou São Luiz. Juvêncio devia permitir que trouxessem algumas caboclas, afinal de contas era necessidade, não era luxo. Mas a distância incomum constituía para eles motivo de recusa. Preferiam os garimpos perto do rio, a um dia no máximo de viagem. O de Juvêncio era muito longe, vários dias de caminhada, ameaças por todos os lados, até as prostitutas tinham receio de se aventurar. Não vinham de forma alguma, com tantos outros acampamentos bem perto, de fácil acesso, e com dinheiro, ouro a valer, muita bebida e sem a disciplina imposta por Juvêncio. Davam preferência ao Come-Vivo, ao Baixão do Patrocínio e à Grata Rica.

A ameaça da falta de gêneros e a ausência de Rogaciano traziam novas preocupações. Juvêncio chama Cassiano e o previne: precisa viajar. Irá a Santarém e Belém ver o que aconteceu a Rogaciano. Providenciar, se necessário, a vinda de outro avião. E ultimar negócio que deixara encaminhado com seu advogado. Um empréstimo no Banco das Minas, com agência em Belém, para ampliar o acampamento, comprar aparelhagens mais modernas, contratar empregados, dar novo impulso ao garimpo. Seu advogado ficara de falar com o gerente, o empréstimo seria investido todo no acampamento, com a abertura do campo de pouso, compra de novos aparelhos, construção de barracões e depósito de gêneros. Previa até a implantação de pequena agricultura para abastecimento local, livrando-se dos mercados de Santarém e Belém, que vendiam a preços altos, agora aumentados com a tal Associação. Plantaria feijão, milho, verduras, gêneros de primeira necessidade, que aquela terra virgem deveria produzir bem. Seria, quem sabe, o início de uma futura e próspera fazenda, quando acabasse o ouro. Legalizaria

as glebas e para isso fornecera elementos ao advogado. Precisava partir. Cassiano assumiria a gerência do garimpo, em sua ausência. Levaria dois companheiros até Porto Rico, que trariam gêneros de fácil transporte ou medicamentos que faltassem. Uma grande empresa de mineração do sul, com capitais estrangeiros, estava interessada no ouro do Tapajós, podendo surgir dos entendimentos um imenso lucro, que seria a independência de todos. Era preciso não dormir no ponto. Os exploradores do Rio das Tropas e seus afluentes e do Crepori, do Cabitutu, do Cajariri e outros rios também estavam interessados. O Jamanxim oferecia, no entanto, qualidades excepcionais. Juvêncio iria a Belém resolver todos esses problemas, enquanto Cassiano ficaria à frente da garimpagem.

Todos ficaram cientes da viagem de Juvêncio, marcada para o dia seguinte, levando em sua companhia dois garimpeiros: Ernestino e Zé Fidélis. Ficava o acampamento entregue a Cassiano, Belmiro, Bento e Florêncio. Os trabalhos não sofreriam solução de continuidade. Nem as preocupações.



Juvêncio partiu de manhã cedo, o sol mal raiando, a mata fria, despediram-se os companheiros, largaram viagem, o cachorro latindo para o alto, como se tivesse visto alguma coisa. Seguiram-se dias de expectativa silenciosa, muito trabalho, dedicação, Cassiano controlando tudo, o ouro separado do azougue, recolhido a uma lata, depois o esconderijo, pois mesmo havendo confiança convinha ter cuidado. A ambição às vezes cegava e ninguém estava livre de traição. Os quatro garimpeiros manejavam bem a cobra-está-fumando, aparelhagem relativamente simples, de atividade contínua e eficiente. A terra explorada para o lado, aos montes, o barro mole, cheio de ouro, lavado, lavado, continuamente, o igarapé turvo, os homens de calção, as pernas na água, dias inteiros, a enxada, as pás, picaretas, ferros-de-cova, todo o conjunto de apetrechos necessários às escavações sempre à mão. E as espingardas também, quatro, municadas, perto de seus donos, prontas para entrarem em ação.

Mais uma semana sem Rogaciano, as preocupações aumentam. Agora já não escasseia apenas o sal, faltam o açúcar e alguns remédios necessários, como os preventivo contra malária, de uso permanente. Durante todo o tempo vinham utilizando os comprimidos, mas a ausência de Rogaciano alterou tudo. Gêneros minguam, medicamentos se acabam, a angústia começa a se estampar em todos os olhos. Juvêncio longe, providenciando sem dúvida o abastecimento, mas tudo muito demorado, fora de qualquer previsão.

A natureza, por sua vez, prepara para os nordestinos nova surpresa. Durante a noite desaba uma chuva incomum, a dar chicotadas nas palhas e cavacos, trovões descomuns, relâmpagos aclarando momentaneamente o negrume da floresta.

– Nunca vi chuva assim – diz Cassiano. – Virgem!

– Isso é o primeiro sinal do inverno. Dora por vante vosmicê vai ver o que é pé-d'água – afirma Florêncio.



A previsão de Florêncio, experiente conhecedor da região, haveria de se realizar. Toda a noite a água a fustigar as árvores, o vento a balançar as copas mais altas, o estrondo de galhos ou de troncos desabando, uma festa da natureza sem controle. Pela madrugada a chuva foi diminuindo, diminuindo, até que no abrir do sol só restava mesmo a mata molhada, a terra encharcada, escorregadia, mosquitos por todos os lados a zunirem nos ouvidos, um frio úmido de penetrar até os ossos. Voejavam numerosas borboletas amarelas, vindas não se sabe de onde. O sol surgiu timidamente, embaciado, nevoeiros a encobri-lo vez por outra, e durante toda a manhã um chuvisco fino, com tréguas de sol e luz. Mesmo assim os homens não deixaram de trabalhar, era preciso avançar, aumentar a produção, sair quanto antes daquele degredo. A chuva facilitara apenas a extração da terra, agora mais mole, boa de cortar e lavar. O fogo aceso, as panelas fervendo. Para sanar a falta de sal usavam os últimos pedaços de charque, sem lavar, tempero para o feijão. E o braseiro servia para assar a carne de veado. A falta de sal trazia outros problemas. Quando abatiam uma anta ou um veado, comiam logo o necessário e o restante salgavam, para muitos dias. Havia sempre reserva. Penduravam em pontas de vara, ao sol, como faziam no sertão do nordeste. As mantas assim expostas atraíam urubus, que o cachorro espantava, com latidos intermináveis. Aqueles urubus, pensava Cassiano, talvez fossem os mesmos que beliscavam as carnes podres de Claudiano. Afastou logo a ideia, senão iria enjoar de carne-seca.

Logo depois do almoço repousavam. A mata permanecia úmida. Cassiano na rede dentro do barracão, os demais em jiraus ou pelo chão, conversavam. A natureza mudara completamente. Nem parecia a mesma. Aquele sol ardente da manhã, os ventos frescos varrendo a floresta, o céu azul enfeitado de nuvens em movimento, tudo aquilo se transformando subitamente com a chegada do inverno. As nuvens se acumulavam escuras, o sol quase sumira, amortecera os seus raios, a mata molhada, sempre molhada, a terra lamacenta, moscas, mutucas, mucuins, piuns, lacraus, carapanãs, milhões de insetos de todos os tipos surgiram como por encanto. Era preciso defender-se deles com fogueiras, muita fumaça, de dia e de noite, mais de noite que de dia, para poderem dormir.

– Isso está ficando um inferno! – pragueja Belmiro.

– Está tudo tão diferente! – exclama Cassiano. – Muito mosquito, água dia e noite, até o céu parece outro.

Ouvem um ronco nos ares. Os homens pulam de seu repouso, mal ecoa o barulho denunciador do avião, que se aproxima.

– Lá vem – diz Cassiano. – Mas não é o avião de Rogaciano. É outro.

– Mas vem vindo para cá.

Em minutos a pequena aeronave, cor verde e branca, sobrevoa o acampamento, muito baixo, uma cabeça se projeta, braço acena, no momento de manobrar.

– Parece Rogaciano, o avião é que é outro.

Em momentos começam a cair embrulhos estrondando no chão, ou nas folhas das árvores, quando há erro de pontaria.

Em breve o avião faz mais uma volta nos ares. Braços acenam aqui embaixo, o ronco diminui, a aeronave se afasta, rapidamente, em direção de Santarém.

Cassiano e os demais garimpeiros recolhem os embrulhos: gêneros diversos, sal, arroz, farinha, latas de leite em pó e condensado, charque, cartuchos de balas, jornais, fósforos, num dos embrulhos, com uma grossa proteção de sarapilha, um garrafão plástico com querosene. Por fora, um engradado defendia da melhor forma possível. Vieram alguns cobertores grossos de lã, prevendo a chegada do inverno. Um bilhete:

CASSIANO:

Falei com Juvêncio em Santarém. Seguiu para Belém. Voltará na próxima semana. Meu avião pifou, razão do atraso. Não foi possível vir antes, fretei este a um colega para não falhar esta semana. Aterrissei em São Domingos. Rita vai bem, manda lembranças. Boa sorte.

ROGACIANO.

Boa sorte. Aquelas últimas palavras de Rogaciano, lidas em voz alta, ecoavam aos ouvidos de Cassiano durante todo o resto do dia. Logo começou a chover, primeiro uma chuva fina, que foi engrossando, os homens sempre no trabalho. Agora era preciso usar a pinga em maior quantidade. Os pés frios, as pernas no igarapé, as mãos em contacto com a lama na

lavagem da ganga, convinha molhar a língua de vez em quando. O uísque Cavalo Branco e a cachaça eram servidos em copos de alumínio, puros. Felizmente havia bom saldo de bebidas. Juvêncio nos primeiros dias mandara passar em Santarém várias garrafas de uísque e aguardente para botijões plásticos. Assim foi fácil lançá-los do avião, sem perigo de estourar. Uísque não faltava. Consolava naquelas distâncias. Bento preferia a cachaça, mais brasileira, com limão ou pura, de estalar a língua.

– Todos os dias à tarde vai haver chuarada – dizia Florêncio.

– Como é que você sabe? – pergunta Cassiano.

– Sabendo. E na hora certa. As manhãs vão ser limpas, é preciso aproveitar para trabalhar. Na parte da tarde vai haver muita chuva. Chuvão, de lavar até os ossos a alma.

O vaticínio se realizava, não com tanta fidelidade. As manhãs permaneciam ensolaradas, não com o ardor do verão, mas com chuviscos apenas. Às tardes o céu despejava sobre a mataria os seus temporais. Chuvas descomuns, que penetravam pela noite, com trovões e relâmpagos apavorantes. O igarapé crescia, as águas aumentavam, a própria disposição da aparelhagem teve que ser mudada, era preciso subir mais, acompanhar o nível das águas. A terra sempre escavada, lavada, posta de lado, se acumulando, o ouro a brilhar, o índice de produção alto. À noite o cansaço dominava a todos, cansaço físico, moral, total, o abatimento. No verão, ao menos, quando estavam exaustos, poderiam distrair-se com a caça. À noite costumavam derrubar antas enormes e durante o dia atiravam em tudo o que fosse bom para a alimentação; ou agarravam com as mãos os jabotis lerdos. Agora a mata se tornava inamistosa, toda molhada, as roupas encharcadas, os galhos lisos, escura, povoada de milhares de insetos, que assaltavam os homens, invasores de seus domínios. Durante o dia, vez por outra, passavam no alto, em fileiras paralelas, bandos de aves, aos gritos, aves multicores, algumas voando distantes, fora do alcance dos tiros. Cassiano ensaiava atingi-las. As fileiras se desfaziam rapidamente, algumas voavam para a direita, outras para a esquerda, reagindo ao estampido, desfaziam a formação, para reunir-se adiante, novamente em duas, três ou quatro fileiras, como se fossem pequenas esquadrilhas de guerra. O instinto dava-lhes as defesas naturais, as reações rápidas, instantâneas, a qualquer ruído.

Os gêneros, os medicamentos, os cobertores, o bilhete tudo aquilo trouxe um pouco de conforto e confiança. Sabiam que não lutavam sozinhos. Rogaciano os protegia de longe e, por isso, tinha direito à sua cota de ouro, à remuneração condigna. Diziam-no sócio de Juvêncio, um sócio que não garimpava em terra, garimpava no ar. Com a chegada do inverno até as águas mudavam, o igarapé, crescendo, subindo, ficava com a cor mais escura, amarelo-âmbar, como se fosse um chá a escorrer indefinidamente. Doenças novas surgiram. Uma disenteria que atacou a quase todos ao mesmo tempo, alguma comida ruim, carne estragada talvez, outros diziam ser próprio das águas do inverno, a mudança do tempo sempre dava disenterias. Felizmente na pequena reserva de medicamentos havia muita coisa para disenterias, enteroviofórmios, mexafórmios e outras drogas que Cassiano se habituara a manipular. Em caso de dúvida lia duas vezes a bula e aplicava a medicação. Vinha dando resultado. Haveria de acertar o fim.

O bilhete de Rogaciano não dizia o que Juvêncio fora fazer em Belém. Mas Cassiano sabia. Era o negócio de que falara o advogado, o empréstimo no grande Banco das Minas, um gerente amigo, agência nova. Levantaria alguns milhões para desenvolver o garimpo, que naquela marcha ronceira levaria muito tempo. Traria melhores aparelhagens, mais uns vinte homens e todos enricariam. Quatros quilos de ouro por barranco não era para qualquer garimpo. Juvêncio levava a prova de tudo, fotografias do local, algumas da pesagem do ouro fino, amostras da qualidade, atestados, cartas de recomendação, um pequeno mapa da região, com indicação da área que pretendia requerer. O gerente do banco haveria de arranjar o dinheiro. Esse negócio era necessário para não continuarem sempre naquele ramerrão, com regular produção, é verdade, mas que poderia multiplicar-se por cem. Cassiano recolhia o ouro todos os dias, pesava e guardava em garrafa ou lata. Quando a garrafa ou a lata estava cheia, a enterrava em lugar de difícil identificação. Só ele sabia. Tinha que fazer o serviço com cuidado, fingindo que “ia no mato” satisfazer necessidade, os outros homens na certa sabiam de tudo, mas um se tornava fiscal do outro. Era preciso confiar desconfiando. A ambição cega. Cada um deles tinha já o que perder, a sua parte, que também era escondida da mesma forma. Existia pacto tácito entre todos. Naquele garimpo ainda não ocorrera desgraça. Narravam histórias terríveis

de outros faiscadores, no Cuiú-Cuiú, no Rio das Tropas, no Creporizinho, onde houvera assaltos à mão armada, latrocínios, crimes horripilantes, praticados em plena selva e que ficaram impunes. Juvêncio escolhera bem os seus homens e o que aderira afinal, Florêncio, por força das circunstâncias, estava sempre sob vigilância.

Os dias corriam. A chuva cada vez aumentava mais de intensidade. O inverno dominara a região fazendo desabar permanentes cargas-d'água sobre a floresta. O trabalho tornou-se mais difícil, as noites mais tristes, a mata escura parecia de chumbo, silenciosa e fria. Bento desperta à noite aos gritos, pesadelo, os olhos vermelhos. Cassiano o socorre. Calafrios percorrem todo o seu corpo, pede cobertores, tantos quantos haja, bate o queixo, se estorce, diz asneiras, delira. Cassiano procura medicamentos. Que seria?

– É a maleita, – afirma Florêncio. – Não tenho dúvidas. Esse calafrio é o primeiro sinal.

– Pode ser infecção intestinal. Deve ter comido alguma coisa estragada, – pondera Cassiano.

– Qual o quê! Isso é malária, da braba. Parece terçã – reafirma Florêncio.

Cassiano procura sofregamente remédios para malária. Recorda que, com a falta de viagens de Rogaciano, acabaram os preventivos. Fora isso! Bento era a primeira vítima. Procura na última remessa. Lê as bulas. Não encontra as drogas que vinha usando como preventivo, à base de aminopiridinas. Uma falta grave! Juvêncio, com a preocupação da viagem a Belém, esquecera o medicamento. Rogaciano por sua vez, às voltas com o defeito no avião, não mandara toda a mercadoria necessária. O peso era muito, justificava-se, o avião pequeno, não dava para tudo. Mas afinal de contas algumas caixas com pílulas não pesariam quase nada. Encontra, aflito, um antitérmico. Lê a bula. Dois comprimidos iniciais. Bento agora está com febre alta, o rosto vermelho, os olhos esbugalhados, falando bobagens. Toma sofregamente o remédio que Cassiano lhe oferece, cai para o lado, exausto. Os homens o observam, aparentemente serenos diante da desgraça, mas apreensivos com o que poderá acontecer se, na próxima viagem de Rogaciano, não vierem medicamentos para malária. E se não for malária? Pensa ainda Cassiano. Não há médico, nem enfermeiro, nem hospital, nem ambulância, nem posto, nem nada, numa distância de centenas de quilômetros de selva. A mata

em torno não oferece socorro, nem esperança, àquela hora, tudo escuro. Florêncio insiste:

– É terçã. Na passagem do verão para o inverno a malária aqui é comum. Dá até em pé de pau. Quando amanhecer vou procurar ervas e fazer um chá. Vai melhorar. Mas se vai ficar bom só com isso não sei. Já vi muito garimpeiro com esses sintomas. Frio, febre. Depois passa a crise. Mais tarde vem outra. Se for terçã há perigo de vida, ela castiga em crises periódicas, até matar o cristão.

Cassiano se apavora. Bento é tão novo, o mais jovem de todos! Cheio de esperanças, falava sempre a respeito dos pais, que ficaram no Ceará, no sertão.

– Acordei com ele delirando – diz Belmiro. – Falava numa Teresa, o tempo todo. Quem seria essa Teresa? Uma noiva, talvez. É preciso salvar o rapaz.

A noite avançava, ninguém podia dormir. Os carapanãs zuniam nos ouvidos, aos milhares.

– É preciso cuidado, agora – recomenda Cassiano. – Esses mosquitos vão contaminar todo mundo. Vou me defender deles passando óleo na pele. Não encostam.

Toma um vidro de óleo de andiroba e passa sobre os braços, no rosto, nos pés, lugares mais visados pelos carapanãs. Os demais o imitam.

– Que seja tudo como Deus quiser! – diz Florêncio. Foi a noite mais longa de todas. Bento sobre o catre, ardendo em febre, depois serenou um pouco, efeito do antitérmico, quando raiou o sol já quase não ardia, mas o seu rosto estampava um profundo cansaço. Olheiras, palidez, desânimo.

– É preciso alimentar o homem – dizia Florêncio. – Senão bate o patau. O corpo tem que estar forte.

Cassiano oferece café quente e leite condensado, que o enfermo sorve sem vontade. Tudo que derem bebe, joga a cabeça para o lado, exausto. O dia traz novo alento, o sol brilha sobre a mataria molhada, os serviços prosseguem, o ouro sempre surgindo da lama lavada, tanto ouro inútil diante da doença avassaladora, que não espera, toma de assalto o organismo, debilitando-o, arrastando-o para a morte. Vez por outra Cassiano manda Florêncio olhar o enfermo, dar-lhe um pouco da bebida feita com ervas da mata que só ele conhece. Durante toda manhã Bento passou bem,

embora debilitado. Levantou um pouco, não aguentou, queria trabalhar – dizia – precisava ganhar dinheiro para sair dali. Cassiano levou outras bulas, muito remédio para disenterias, febres diversas, dores, gripes infecções, inflamações, hemorragias, algumas amostras grátis, mas para malária, nada. Acabara o estoque, tomado como preventivo. Cassiano dá ao doente alguns comprimidos de vitamina. Deve fazer bem. Fortifica. Complexos B e C e outros complexos, anunciados como maravilhosos, em todas as bulas. Caldo de feijão é a dieta de doente pobre no meio da mata. Cassiano lembra quando era criança, os purgantes de mamona, a dieta forçada, caldo de feijão com arroz, mais nada. Naquele ermo, que poderia dar para Bento além de feijão e pirão de farinha-d'água? Carne-seca não podia, ao certo. Só mesmo leite quente, condensado ou Ninho, de que havia boa reserva, para sustentar o enfermo na esperança da chegada de Rogaciano com medicamentos mais apropriados.

À tarde o céu começou a escurecer, ventos, muitos ventos, nuvens, muitas nuvens, migrando para o sul, depois a chuva grossa, dando aviso de longe, com a zoadá estrondando na mata até chegar perto. O igarapé enchendo mais, a lama aumentando, as roupas molhadas, a pinga, o uísque em doses maiores, vez por outra uma olhada no doente, alquebrado, agora dormindo um pouco, depois de um chá quente de ervas do mato com comprimidos antitérmicos.

– Você mata esse homem com tanto comprimido pra febre – advertia Florêncio, fazendo-se de entendido.

– Deixe para quando vier o acesso, senão baixa a pressão e ele vai embora.

Cassiano se apavora com a ideia da morte. Vira o pai e a mãe morrerem, num átimo, acordarem vivos e anoitecerem defuntos, queria atalhar logo, com os remédios disponíveis, lendo quantas bulas encontrava.

– A beberagem da mata parece que fez bem.

– É erva. Há muito remédio perdido nessa floresta – dizia Florêncio. – Já trabalhei com padres alemães, que faziam remédio de folhas. Curavam tudo, desde malária a reumatismo. Chás e infusões para os rins, com samambaias do mato, e folhas de canarana. Para a pressão alta erva de jaboti, curavam dor de garganta e qualquer abscesso com óleo de copaíba, o óleo puxava

o carnegão para fora. Para as inflamações usavam a andiroba, para tosse ipeca, para os nervos guaraná ralado em língua de pirarucu, para paralisia o curare, veneno horrível que os índios põem na ponta das flechas. Para o fígado, água de ouriço de castanha, chá de boldo e muita coisa mais. Há muito remédio perdido por essa mata a fora. Ninguém vê essa riqueza. Os padres alemães curavam doenças com muitas plantas. Para o impaludismo usavam a quina.

A verdade é que Bento passara melhor com as infusões de Florêncio.

– Isso é feitiçaria – dizia Belmiro. – Veja lá o que dá pro doente... Não vá matar mais depressa.

Bento rolava no jirau, às vezes dormitava, um dia mais tranquilo, embora com as forças abatidas pela febre noturna. Ao cair da tarde começa a subir a temperatura. Basta colocar a mão na testa, o rosto avermelhado, Cassiano apelando para os antitérmicos, com fases de abrandamento e outras de recrudescência. Os olhos no céu. “E Rogaciano virá amanhã? Será a última esperança de salvamento de Bento, caso a malária lhe dê os acessos periódicos, mortais, sem defesa.”

Cassiano contempla penalizado aquele quadro desolador. O jovem sem forças, roído pela enfermidade. Ao lado a mala rústica de couro cru. Roupas grosseiras, toda a sua fortuna consiste numa garrafa com ouro de mina enterrada não se sabe onde. Uma vida desabrochando para o mundo. Os pais longe, no sertão. Deixara talvez mulher, ou noiva, ou amante, aquela Teresa, cujo nome balbuciava, entre dois gemidos, altas horas, enquanto a chuva e o vento davam chicotadas na cobertura de cavacos. Todos estavam solidários com o enfermo, mas coisa alguma sabiam fazer além do caldo quente, o consolo da presença a todo o momento, uma palavra de incentivo, um aperto de mão, o pensamento, a prece, aprendida na infância, já esquecida nos porões da memória, mal recordada, aos pedaços.

Pela noite adentro o estado de Bento foi se agravando, a febre subindo, com quedas forçadas pelos antitérmicos, o delírio maior, as forças da natureza reagindo com heroísmo na batalha entre a morte e a vida, a mata em torno indiferente, úmida, impiedosa, prisão sem grades, contra a qual não adiantava gritar, protestar, vociferar. Era um doente apenas, com amigos para vigiarem, darem água, remédio, alimento. Mas se adoecesse outro

(ou todos), pois a malária está presente, transmite-se pelos mosquitos, aos milhares, na floresta? Aquela hora já podem estar contaminados, o germe circulando no sangue, pronto para a arremetida às defesas do organismo. Florêncio se apavora só em pensar numa segunda cena semelhante à do garimpo de Claudiano, todos enfermos de impaludismo, com frio e febre, delirando, Belmiro, Florêncio, Cassiano e Bento, deitados em jiraus ou em redes, sem um poder ajudar o outro, semiloucos, e os urubus rondando lá fora, batendo as asas, bicando os corpos ainda quentes e com vida! Sacode a cabeça para afastar a ideia, mas ela volta de vez em quando, insinua-se, penetra lentamente, morbidamente. Florêncio já se imagina estirado em uma rede, tremendo de frio, os punhos e as franjas balançando, os demais em delírio, todos com sede, sem terem quem lhes dê água no momento crucial. Intimamente preferia ter morrido logo de flechada ou de um golpe de borduna na luta com os caiapós, uma morte heroica, brava, como homem, do que no fundo de uma rede, comido por urubus. Bento quer levantar, ir fora do barracão satisfazer necessidade fisiológica. Chovisca, não pode molhar-se, insiste, tem que fazer ali mesmo, em vaso improvisado, uma lata de querosene vazia, com duas tábuas paralelas. Negra noite de desespero, de espera, de angústia mal disfarçada por uns, como Cassiano, que procura conservar o sangue-frio, mas não dorme, o pensamento ora em Bento, ora em Rita, o amigo delirante, a esposa grávida, tão longe, sozinha, abnegada, paciente. Nessas horas inquietas tem saudades do sertão, do sol ardente, queimando a cara, a areia em brasa, tostando a planta dos pés, o vento leve, morno, a pele ressequida, não aquela umidade doentia, que parece apodrecer as carnes e penetrar nos ossos doloridos. Os dois extremos. Deixara a terra assolada à procura de água e verdura que lhe enchessem os olhos! Encontrava agora o extremo oposto, de mistura com a dor, a solidão e a penúria. Àquela hora, em outros garimpos, milhares de seres viviam o mesmo drama, perdidos no deserto florestal. Só no Come-Vivo havia cerca de duas mil pessoas. No Nova Aurora, no do Fagundes, no do Eleutério, no Baixão do Patrocínio, no Cuiú-Cuiú, no Rio Cabeça, Rio das Tropas, no Crepori, por todos os lados, garimpos grandes e pequenos. O de Juvêncio limitava-se àqueles homens por ser muito dentro da selva, desconhecido, descoberta pessoal, não revelada. Mas havia outros em que a multidão de ambiciosos vinha chegando e

montando acampamento, ninguém podia conter, começavam com cinco, em breve eram cinquenta, quinhentos, mil a explorarem os mesmos veios, na ganância da vitória final. Tudo desgarrado do mundo, a selva, e ainda mais, as cachoeiras, que impediam a navegação e isolavam Itaituba do Jamanxim, do Crepori, do Rio das Tropas e demais afluentes do Tapajós. Só por avião seria possível o acesso pleno, ou por terra em alguns trechos, fugindo das cachoeiras. Pelos rios a viagem seria incômoda, bárbara, quase impossível.

As chuvas continuam, mais à noite e às tardes. As manhãs às vezes limpas, o sol brilhando um pouco, ou com leves chuviscos, tudo alagado. Aves, muitas aves surgem de várias direções. Borboletas e besouros, alguns imensos, negros, começam a aparecer, vêm da mata, penetram no barracão, zunem nos ouvidos, batem nas paredes, caem no chão, especialmente à noite, atraídos pela luz da lamparina. Voejam em torno da flama, tontos, besouros grandes e pequenos, um cai no ouvido de Bento, zunindo, como que querendo entrar. Bento se assusta e dá um pulo da rede, meio tonto, despertara com o zunido no ouvido, sem entender, tenta correr, tropeça, cai com estrondo. Levanta, abre a porta e corre em direção da mata. Cassiano e Belmiro logo o socorrem. Bento delira, é a febre alta, os olhos vermelhos, debilitado, quase sem forças para reagir. Os dois amigos o colocam na rede, não sem algum esforço, dão-lhe antitérmico, pingado no chá de ervas de Florêncio. Uma compressa fria sobre a testa, dentro de algumas horas volta à serenidade, o sono, Bento ressona intranquilo, vez por outra fala, só coisas do sertão, chama parentes, amigos, dá gargalhadas, e sempre aquele nome, balbuciado com ternura especial: Teresa, Teresa, Teresa.

– Quando ele ficar bom vamos descobrir quem é essa Teresa, – diz Belmiro, procurando quebrar um pouco a gravidade do momento.

– Alguma dona que ele deixou no sertão. Tá na cara. Mais uma noite de sono intranquilo para todos, entrecortada de gritos, estalos, sussurros, Bento a falar sozinho, a febre, os antitérmicos, a umidade ambiente, os mosquitos, malditos mosquitos, os besouros, malditos besouros, atraídos pela luz, entram de surpresa no barracão, pelas frestas largas da janela ou das portas, talvez pela cobertura de cavaco, mas entram, perturbadores, sempre batendo nas paredes e caindo ao chão.

Surge mais um dia com mensagens de esperança, o sol a brilhar na copa das árvores, recomeça o trabalho, Bento, cada vez mais fraco.

Florêncio adverte:

– Se tiver mais um acesso morre. Terça é assim: dá as crises, cada qual a mais violenta. Em geral na terceira o cristão morre. O chá parece que está fazendo bem, a crise de ontem até durou pouco, mas não é tudo. Bom mesmo para cortar é quinino ou remédio moderno. Ainda não encontrei a quina na mata.

A fogueira acesa com dificuldade levanta fumaça, muita fumaça, os gravetos úmidos, as folhas molhadas. Com um pouco de queresone conseguem, a muito custo, que as chamas subam, depois diminuem, surge mais fumaça. Cassiano divide o tempo entre a garimpagem, o barracão e as panelas com feijão, água quente para o arroz, o espeto com carne de anta. Entregou a Deus a sorte do amigo enfermo. Rezou muito à noite, por Bento e Rita, ambos dignos de socorro, ele quase agonizante, ela distante, um filho a parir, corajosa e dedicada. Já no sétimo mês, será preciso, no início do nono, dar sinal de partida, levá-la a Itaituba ou Santarém, ter o filho com boa parteira, ou com algum médico. Naqueles garimpos não havia sequer enfermeiro, nem médico, nem parteiras competentes, apenas mulheres que se julgavam parteiras, aparando criança de qualquer maneira, forçando os abortos com violência, matando muitas vezes a mãe, o feto ou os dois. Cassiano ouvira coisas terrificantes. Era preciso cuidado. Não entregar Rita a qualquer uma, correria perigo de vida. Juvêncio teria compreensão. Poucos dias apenas, o suficiente para ir de teco-teco a Itaituba ou Santarém. Fora informado de que Itaituba não oferecia condições, nenhum hospital, um posto apenas, mal equipado, simbólico, melhor procurar Santarém, cidade maior, com hospital novo, acabado de construir, inaugurado com estrondo. Levaria recomendações de Juvêncio para seus amigos, o delegado, o prefeito e outros. Juvêncio conseguira bom círculo de relações, fiéis na hora difícil.

Belmiro sente-se mal. Dor de cabeça, pela manhã, insiste em trabalhar. Mergulha os pés no igarapé e recomeça a faina diária cavando a terra mole, lavando, lavando, a água suja escorrendo, aos poucos despescando o ouro, a produção sempre aumentando. Mas vem-lhe a dor de cabeça, depois a dor nas costas, uma moleza geral. Não aguenta mais.

– Não sei o que tenho, Cassiano. Vou pro barracão, diz Belmiro.

Larga tudo e se dirige para o barranco, trôpego, e se joga na rede, que deixara armada. Cassiano, depois de alguns momentos, vem ver Bento e Belmiro. Este se deitara como estava, o calção molhado, a blusa com salpicos de lama, a barba grande, a rede vibrava com os tremores do corpo, calafrio, sinal aterrador da malária, que alcançara nova vítima. Belmiro balbucia algumas palavras:

– Agora é a minha vez. Porcaria de vida! Me dêem um cobertor.

Cassiano desdobra sobre o amigo um cobertor de lã, dos últimos enviados por Rogaciano. Logo mais Belmiro retira bruscamente o cobertor, está agora com febre alta, o corpo quente, escorre-lhe o suor da testa pelo rosto. Pede água mais água. Muita sede. Não aguenta. A febre cresce. Cassiano recorre aos antitérmicos, não há outro jeito. Encontrou um remédio qualquer que na bula indicava conter quinino, percentagem pequena. Mas de qualquer forma servia. Deu aos dois doentes. Dose grande.

O que Belmiro diz nos acessos de febre ninguém entende. Palavras confusas, exclamações, ordens, como se estivesse dirigindo algum serviço. É o delírio.

Um avião passa ao largo, não é o de Rogaciano. Possivelmente alguma aeronave militar, de pequeno porte, maior todavia que os aviões comuns, que sobrevoam a região. Logo faz manobra para a esquerda, aproximando-se, como se o aviador houvesse percebido a clareira e a fumaça que sobe da fogueira acesa e úmida, em linha reta para o céu. Não, não é Rogaciano. Mas a fogueira foi vista. A aeronave contorna o acampamento, voando baixo, os garimpeiros levantam os braços, fazem sinais que o aviador responde, sem entender, no entanto. Como pedir remédios? Difícil a comunicação. Impossível a aterrissagem. Por várias vezes o avião sobrevoa nos ares o local, como a observar aquele garimpo até então desconhecido. Numa das investidas o aviador lança um pacote pequeno, que cai em plena clareira. Os homens avançam pressurosos. Talvez fossem remédios. Abrem nervosamente, cortando os fios com as facas de ponta, surge uma caixa de papelão e dentro cigarros e fósforos. Uma cortesia apenas dos aviadores, julgando que naquele ermo os cigarros fossem mais úteis do que os remédios. E mesmo como poderiam adivinhar? Por acaso teriam medicamentos disponíveis?

Tudo indicava que a aeronave se dirigia para o Rio ou São Paulo, rumo sudeste, rota certa, ou para a serra do Cachimbo.

Depois se distancia, retoma a rota inicial e desaparece entre as nuvens. O abatimento se estampa nos olhos de todos. Belmiro delira. Bento, mais calmo, está profundamente debilitado, a pele a cobrir as carnes magras, agora jogado ao fundo da rede, como quem espera pacientemente a morte. Os demais, à falta de solução, voltam ao trabalho do garimpo, a terra mole cedendo à pressão dos pés, o barranco fácil de cortar, a terra lavada se amontoando, o ouro surgindo, sempre à mesma proporção, com bateadas até de oitenta gramas. Não fora a doença e o acidente com André e a colheita seria muito maior. Tudo iria muito bem. Poderiam sair dali ricos, recomeçar a vida na cidade, longe de tanto sofrimento. Florêncio penetra na mata à procura das ervas medicinais, das folhas e raízes que aprendeu a manipular com padres alemães e que produziam bons medicamentos para várias doenças. A verdade é que Bento ainda não morreria, como seria de esperar. As drogas até então fabricadas por Florêncio, as infusões e chás aplacavam um pouco as crises, sem debelar o mal, no entanto. As chuvas continuavam a castigar o acampamento, a amolecer o barranco, a aumentar a umidade da mata, especialmente à noite, os carapanãs, piuns, mutucas e besouros a perseguirem os garimpeiros. O ambiente hostil se agravava com a água abundante.

– Qualquer chuveiro desses, no sertão, é chubarada, – diz Cassiano.

Os sertanejos já se habituaram com a região e o clima agressivo. Nos primeiros tempos gostaram, nunca tinham visto tanta chuva, divertiam-se até tomando banho em pleno temporal, a água e o vento lambendo-lhes o corpo nu, a pancada dos pingos fortes nas costas e na cabeça, coisa rara no Nordeste. Mas com os meses aquilo tudo já parecia excessivo. O inverno no verão. Era demais.

– Vá chover tanto assim no inferno! – praguejava Florêncio. – E com hora certa.

Tudo corria dessa forma, a riqueza e a desgraça de parelha, o ouro se acumulando nas latas e garrafas, sepultado avaramente nos troncos das árvores e a malária a abater os homens, dois já prostrados, os demais ameaçados. A luta contra a morte distraía os garimpeiros do trabalho, obrigados

a interrompê-lo para atender os doentes em delírio, dar-lhes beberagem e antitérmicos, café quente ou um pouco de caldo de carne de anta. Todos estão exaustos. Dura é a vida assim, sem conforto, os pés sempre na água, a chuva a castigar-lhes o corpo, as roupas úmidas, dias seguidos, como condenados. As barbas cresceram e não tiveram a preocupação de tirá-las, embora dispusessem de aparelhos para isso. Já estavam habituados à vida selvagem e desconfortável, mas agora o mal maior os atacava, a doença, acompanhada da preocupação, que tira o sono e assalta a alma. Dias de angústia se desdobravam, noites piores ainda. Era preciso estar sempre alguém de sentinela, atento nos doentes e nos ruídos que vinham de fora, podia ser um ataque de índios ou alguma fera, onça, gato-do-mato ou civilizados mesmo, que houvessem localizado o novo garimpo e lentassem tomá-lo, à força. Aquele avião desconhecido sobrevoando baixo a região, tão longe da margem do rio, parecia coisa fora do comum. Geralmente voavam alto, sem dar atenção ao que se passava na floresta. Talvez as distâncias das últimas povoações civilizadas, com aquela fumaça indicando vida humana, houvessem despertado a atenção e a curiosidade do aviador, surpreso por encontrar, tão dentro da selva, sinais de existência de homens brancos.

Sinais de vida naquele deserto, depois de longas horas de voo, era estarrecedor. Embaixo apenas a floresta, o verde variegado da folhagem, ora mais densa, ora mais rala, as elevações se insinuando para o alto, a planície se transformando em planalto e logo mais o planalto se fazendo serra e montanha, na direção do Cachimbo. Só a coragem humana, aliada à ambição, seriam capazes de devassar todo aquele tapete verde de emaranhadas galharias e cipós, para arrancar da terra os grãos de ouro, poeira luminosa que enriquecia os homens e as nações. Nem ao menos seria possível, a quem ali estivesse, regressar todos os sábados para o contacto com gente nova, para as bebedeiras das pensões e boates, a jogatina e a prostituição da margem do rio. Não, ali era como um degredo, longe de tudo e de todos, trabalho só, tendo em volta a selva, as tribos indígenas e a malária. Nos momentos de lucidez Bento chamou Cassiano e revelou-lhe onde escondia a sua parcela de ouro: junto ao tronco de uma castanheira, numa garrafa. Previa a morte, confidenciou-lhe alguns informes sobre a sua família, no Nordeste, a cidade em que nascera e pessoas com quem Juvêncio poderia

comunicar-se. Cassiano guardou segredo do que ouvira, apenas informando aos demais que sabia onde encontrar parentes de Bento. Esperava, contudo, salvá-lo da enfermidade, apesar de profundamente debilitado. Em manhã clara, sem chuvas, o sol abrindo forte, Florêncio se aventurou pela floresta, foi mais longe um pouco, o rifle a tiracolo, macacos pulando nas copas das árvores, assustados. Dentro em pouco voltava radiante, trazendo nas mãos cascas de alguma planta que encontrou e que há tanto procurava.

– Cassiano! Cassiano! – grita ao sair da mata. – Encontrei quina! É quina! E levantava a mão para o alto mostrando um feixe de cascas.

– Ferve água depressa. Vou preparar um chá. Desta vez vão melhorar.

Belmiro e Bento bebem a droga que Florêncio lhes oferece. Bebem tudo. O que lhes derem aceitam, as forças a faltarem, o corpo amarelo dominado pela terrível enfermidade. Para satisfazer necessidades fisiológicas Bento precisa levantar-se, é ajudado por um companheiro, para não cair. Sente tonteiras, agarra-se às paredes. A beberagem de quina feita por Florêncio parece produzir bons resultados. Noite mais tranquila, menos febre, é preciso alimentar os doentes para não perecerem de inanição. Felizmente há carne fresca, caldo de feijão e algumas frutas do mato. A chuva, sempre a chuva à tarde ou em plena noite, trovões a estalarem, relâmpagos clareando a bre-nha, e a pancada d'água escorrendo nos cavacos e nas palhas. Sucedem-se os dias e as noites, felizmente a produção não cessa, embora em menor proporção, pela falta de dois homens enfermos. Mas o ouro sai da terra para as mãos ansiosas que o recolhem. Com a beberagem de quina, preparada habilmente por Florêncio, os doentes melhoram, embora abatidos. Numa das manhãs ouve-se ao longe o roncar de hélices, todos à escuta, a esperança nos olhos, eis que surge a pequena aeronave, é Rogaciano, manobrando com cautela, voa baixo, começa a lançar os embrulhos que caem com estrondo sobre a terra, alguns rolam sobre a folhagem e se depositam na orla da clareira. Adeuses do alto, não há tempo a perder, o avião não permite outras manifestações de alegria, é preciso regressar. Florêncio e Cassiano começam a recolher os pacotes, gêneros de alimentação, num medicamentos, noutro, um rádio de pilha, pequeno, bem protegido com muito recheio de papel e algodão e as pilhas novas, numa caixa à parte. Cassiano procura entre os medicamentos algo para malária. Logo encontra. Será a salvação daqueles

pobres enfermos, com certeza de Belmiro, talvez de Bento. Este já muito fraco, a pele pálida e o organismo debilitado. Florêncio é o enfermeiro do grupo, lê as bulas com cuidado, dá logo dois comprimidos a cada um, com chá quente de casca de quina. Cobre-os com cobertor de lã.

– Vão suar pra cachorro. A febre vai passar. Não cura logo, mas melhora. Num dos embrulhos vinha um bilhete de Rogaciano:

CASSIANO:

Juvêncio já está de regresso. Demorou mais do que previra com os negócios do banco e a doença de Procópio, mordido de cobra no Creporizinho. Tivemos que levá-lo para Belém onde ficou hospitalizado. Caso grave, mordida na perna direita, quase morre. Demorei porque precisei ir a Belém levar Procópio. Mando com este o necessário, inclusive remédios. Rita vai bem, mas com muitas saudades. Abraços do

ROGACIANO

Rita vai bem, mas com muitas saudades. Cassiano não aguenta mais aquela vida. Os dias se escoando céleres, o drama vivido na mata a esgotar todas as forças, Belmiro e Bento às portas da morte, as chuvas, os atrasos de Rogaciano, tudo junto, desgraça acompanhada, como se dizia no sertão, nunca vem só.

Parece que todas as forças do mal se aliavam para combatê-los. Ainda mais, agora, Procópio mordido de cobra, alguma surucucu-pico-de-jaca, venenosíssima. Eram amigos desde a infância, no Nordeste, viajaram juntos até Santarém, estavam com os seus destinos ligados, pela amizade pelos eventos, num drama que se tornou de todos. Felizmente haviam encontrado um patrão humano e bom, Juvêncio, que sacrificava dias de trabalho para socorrer os doentes, evitando-lhes a morte. Havia casos terríveis de donos de garimpo desprezando os enfermos, deixando morrerem à míngua, ou liquidando-os à bala, com um tiro de misericórdia para não sofrerem tanto na selva. Eliminavam assim pesos mortos, os doentes, pela forma mais desumana. Um estampido em plena mata e o assunto estava resolvido. Ainda ficavam com o ouro, se houvesse. Juvêncio trouxera gente conhecida, da mesma terra sertaneja, filhos de amigos, que vira meninos, como se fossem

seus filhos, e não os desprezaria. Era bom mesmo, sem afetação, tão bom que nem se apercebia disso. Tudo nele se tornava natural, espontâneo, nascera assim. Não aprendera na escola. Atrasara o regresso para transportar Procópio ferido, não esquecendo o amigo na hora do infortúnio. Pelo menos isso dava a Cassiano uma certa tranquilidade ao pensar em Rita em estado avançado de gravidez e na necessidade de transportá-la a Santarém, no tempo devido.

A vida no garimpo prosseguia em sua destruidora monotonia.

Destruidora da alma, da esperança, dos melhores sentimentos humanos. Com os medicamentos novos lançados pelo aviador os dois enfermos melhoraram, quando já estavam às portas da morte. Estiveram na fronteira do império dos mortos. Por muitos dias ainda deliraram, Bento mais que Belmiro, não tanto pela febre, que a medicação aplacara, mais agora pela fraqueza em que se prostrara. Juvêncio já os encontrou salvos, deu-lhes toda assistência, medicamentos para levantarem as forças, vitaminas, uma outra vida se abria ante seus olhos. Juvêncio trazia muitas notícias novas, nem todas boas, que só transmitia, em minúcias, a Cassiano. Deixara encaaminhados em Belém os empréstimos com um gerente de banco. Fora inicialmente patrocinado pelo advogado, Dr. Anísio, probo, amigo, apresentado ao gerente, com um pedido de cinquenta milhões e possibilidade de elevar para cem, oferecia várias garantias, estava requerendo as terras, mostrou as plantas, possuía numerosos bens em Santarém, casas residenciais e de comércio uma em Belém, as escrituras em ordem. O gerente tomou nota de tudo, pediu fotocópias dos registros, quis ver os mapas da região aurífera, prometeu escrever para a matriz, em Minas Gerais. Faria todo o possível, dizia o gerente Meroveu Nogueira, ainda mais que o banco estava ali para financiar boas iniciativas, apresentadas por advogado tão idôneo.

No dia seguinte Juvêncio, ainda cedo, no Hotel Central, recebe um chamado telefônico do banco. O gerente Meroveu queria falar-lhe, pedir outras informações, não precisava ir o advogado, que fosse só, era coisa sem muita importância, algumas palavras apenas.

Juvêncio procurou o gerente Meroveu, baixa estatura, nariz adunco encobrindo bigode negro, e espesso, olhar ágil miúdo, o qual foi logo falando:

– Vou encaminhar sua proposta para a matriz. Mas tenho uma sugestão melhor a fazer.

Acendeu o cigarro, deu longa baforada para o alto e prosseguiu:

– Possuo cópia da carta para a matriz. O senhor pode ler.

Passa a Juvêncio a cópia carbonada, em papel muito fino. Sugere um negócio, com garantia hipotecária de todos os bens de Juvêncio, taxa de juros, despesas, comissões, prazo.

Todo muito minucioso.

Juvêncio devolve-lhe a folha e aguarda a outra novidade.

– Minha proposta é a seguinte – diz Meroveu. – O senhor tira o advogado da jogada. Ele é muito bom, mas vai atrapalhar o negócio, quer tudo muito legal e, às vezes, para ganhar dinheiro, é preciso sair um pouco da lei.

Entra um servente com café. Meroveu aguarda que o empregado saia. Continuam os dois a sós. Juvêncio permanece em silêncio.

– Proponho entrar no negócio também. Fazemos uma sociedade. Em vez de realizar a operação com o banco, faço-a eu com o senhor, oferecendo maiores vantagens. Tenho dinheiro para isso e o senhor não fica preso ao banco.

– Quais são as vantagens? – indaga Juvêncio.

– Juros menores, prazo maior. Aumento o limite do empréstimo. Mas tem que afastar o advogado. E seremos sócios. O senhor ganhará muito dinheiro, ou melhor, nós dois ganharemos. Será bem melhor para os dois.

Meroveu puxava pelos rr quando falava.

– O senhor, que já é rico, ficará mais rico ainda. Mas tem que afastar o advogado.

– Preciso pensar. O senhor sabe que negócio nenhum se faz assim de surpresa, na bucha.

– Está bem – retruca Meroveu. – Pense e traga a resposta com urgência. A carta para a matriz está pronta, mas ainda não a incluí no malote de hoje. Pense, mas não vá contar nada ao advogado. Diga que mudou de ideia.

Os olhos miúdos de Meroveu brilham, seus modos agitados revelam a ambição em todos os gestos.

Juvêncio saiu do banco meio estonteado, sem saber o que concluir daquela conversa. Estava habituado ao trato franco e aberto. Dr. Anísio confiara tanto naquele gerente. Não poderia esconder o que se passara. Tinha

que lhe revelar o que estava ocorrendo. Procurou o profissional em seu escritório, muita gente na sala de espera, homem ocupado, conceituado, consegue entrar.

– Já havia escutado coisas ruins a respeito desse gerente, mas não acreditava. Afinal de contas trata-se de um grande banco, um dos maiores do Brasil. Diziam que esse Meroveu veio para o Pará com uma das mãos à frente e a outra às costas e que já está rico. Financia contrabando. Usa o dinheiro do banco como seu. Desvia negócios. É o que dizem. Não acreditava, mas agora acredito.

– Pois é, doutor, ele propôs tirar o senhor da jogada. O advogado pensou por alguns momentos e respondeu:

– Juvêncio, sempre fui seu amigo. Quero sê-lo mais uma vez. Se você acha que o negócio é bom, faça-o. Eu saio da jogada. Não me deve nada. Apenas lhe aconselho uma coisa: cuidado com Meroveu. Se é capaz de enganar o próprio banco de que é gerente, não terá escrúpulos com mais ninguém. Se a minha pessoa constitui embaraço, saio do negócio. Não vá assinar contratos sem que eu leia, ou outro advogado de sua confiança. Meroveu quer ficar solto, sem a fiscalização de profissionais, para fazer o que bem entende.

– Prefiro mudar de banco. É pena porque este é poderoso, financia indústria e lavoura, mas esse Meroveu é um cachorro. Ele diz que tem advogado bom.

– Está podre de rico. Quando veio de Minas não podia com um gato pelo rabo. O Pará é terra boa para aventureiras. Esses homens chegam aqui acabam milionários, isso quando não conseguem ser deputados, prefeitos, governadores, senadores e outras coisas mais. Passam por cima dos homens da terra e vencem rapidamente, pela falta de escrúpulos. Quantos vêm enriquecem, depois desaparecem. Deixam atrás de si os traços dos desfalques, negociatas, negócios escusos de contrabando e outros. Carregam até os lustres das repartições. Afinal quem leva a fama de contrabandista é o paraense, o pobre caboclo, flagrado no mar ou nas praias desembarcando automóveis, bebidas e eletrodomésticos para os homens de Minas, São Paulo e Rio. Estes ficam por trás, financiam o contrabando e depois pagam advogados para soltarem os que são apanhados.

– A parada é dura, doutor. Só sei ganhar honestamente.

– É isso, Juvêncio. Os jornais do Rio noticiam que o Pará é paraíso do contrabando. No entanto, quem financia esse contrabando, quem está por trás de tudo e não aparece são os ricos do sul. O gerente desse banco é um deles. Dizem que vai até comprar outro banco. Onde já se viu gerente, que é empregado, comprar banco tão depressa?

Dr. Anísio não esconde a sua indignação. Mas os fatos são reais, Meroveu pretendia afastá-lo do negócio por sabê-lo probo. Não queria testemunhas nem fiscalização.

– Vamos procurar outro banco, doutor.

– Se você concorda poderemos procurar outro. Há tantas agências novas e ainda os bancos locais pequenos embora, mas onde se pode fazer negócio correto.

Meroveu Nogueira recebeu resposta negativa, mas não desistiu. Manda chamar Juvêncio novamente. Examinara os documentos dos imóveis a hipotecar em Belém e Santarém, os mapas da região das minas, as certidões dos registros de imóveis e pensara em melhorar a proposta.

– Posso interessar um grupo do sul na exploração dessas minas. Entro eu e mais gente forte para desenvolver a mineração.

A proposta é a seguinte:

Para compra de ouro, dinheiro em espécie – 30.000.00

Para compra de mercadorias e fretes – 15.000,00

Para aumento da pista, com destacamento, terraplenagem e construção de barracões – 5.000.000

Um total inicial de 50.000.000, podendo ser aumentado à proporção que a mina for produzindo.

Semanalmente seria entregue o ouro à firma, para o que instalariam um escritório em Itaituba. As mercadorias seriam também pagas em ouro. De Itaituba seria mais fácil transportá-lo via aérea para o sul.

O orçamento total excedia cem milhões, porquanto seriam necessários:

Para despesa de exploração das regiões adjacentes do Jamanxim – 5.000.00

Construção do campo de pouso para aviões pequenos – 90.000.000

Outras despesas e benfeitorias – 10.000.000

Um total geral de cento e cinquenta e cinco milhões.

Havia uma alternativa, dizia Meroveu. Fazer sociedade com Juvêncio. Em vez de financiamento, relação de devedor e credor, uma sociedade. Isso daria prestígio a Juvêncio, salientava Meroveu. Ficaria sócio de uma grande empresa, inicialmente limitada, depois transformada em anônima. A parte de Juvêncio seria integralizada com os bens imóveis de Belém, Santarém e Itaituba, inclusive os garimpos em exploração.

Na hipótese de financiamento, a percentagem de Juvêncio seria de dez por cento na produção. Constituindo a sociedade, ficaria com trinta por cento dos lucros. Multiplicado o movimento do garimpo esses trinta por cento seriam muito mais do que o total ganho no momento, com exploração primária e primitiva.

E outras minas poderiam surgir. A sociedade se ampliaria com todos os garimpos explorados por Juvêncio. O do Creporizinho e o do Rio das Tropas, onde trabalharam Procópio e Avelino. Incorporaria outros de terceiros. Seria uma potência.

Juvêncio volta ao advogado. O banco local só financiava até dez milhões. Limite pequeno. Mil garantias. Gerente amarrado, dava preferência a parentes e amigos. Banquinho. Os demais bancos com matriz no Sul queriam toda a documentação para estudar o assunto, enviar relatório às matrizes e aguardar, pelo menos, um mês. Do banco local contavam, com ironia, que no mês de setembro de cada ano o gerente mandava verificar se os lucros já davam bons dividendos. Se a percentagem era alta, suspendia novos negócios até o final do exercício. A proposta de Meroveu parecia mais positiva, rápida. O mineiro possuía golpe de vista, mostrava-se inteligente. Um pouco safado, mas isso, afinal de contas, pensava o sertanejo, ajudava o negócio. A pouco e pouco Juvêncio foi cedendo terreno e se inclinando a aceitar a proposta de Meroveu, habilmente exposta, forçando mais no sentido de organizar sociedade, trinta por cento para Juvêncio e setenta por cento para o tal grupo do sul especialista em mineração.

Precisa resolver com brevidade. As notícias do Tapajós não são boas. Procópio mordido de cobra, a perna inchada, livre da morte pelo socorro rápido que lhe foi prestado no próprio garimpo, com aplicação de injeções, mas não livre do bisturi. A perna tendia a infeccionar.

– Diabete – dissera o médico. – A perna corre perigo. Não está querendo cicatrizar e, se der gangrena, pode morrer, se não cortar.

Tudo isso afligia Juvêncio. Sabia que não podia contar por muito tempo com todos aqueles amigos, vindos do sertão. Procópio inutilizado, Cassiano aflito com a mulher quase a parir, os demais exaustos, magros, esgotados física e moralmente. Ser-lhe-ia muito difícil conservar tantos homens presos à escravidão do garimpo, em plena brenha, sem as mínimas condições de conforto. As palavras de Metoveu Nogueira ecoavam em seus ouvidos, principalmente à noite, dominado pela insônia:

– Com uma grande empresa os lucros serão de mil por cento. Compraremos os outros garimpos. Os seus trinta por cento serão dez ou vinte vezes mais do que está ganhando atualmente. E não precisa preocupar-se com empregados, salários, doenças. Numa sociedade anônima tudo corre às mil maravilhas, os acionistas podem viajar, fazer outros negócios, passear, sem ficarem presos ao garimpo. É só recolher os dividendos. Dariam a Juvêncio uma função executiva, que ele escolheria. No garimpo ou no escritório em Itaituba, ou um emprego até em Minas Gerais, junto à matriz. Banco nenhum ofereceria tanta vantagem, ao mesmo tempo e em tão curto prazo.

Dr. Anísio, ciente das novas propostas, balançou a cabeça e exclamou:

– Tudo isso é muito bonito agora. Mas não acredito nesse Meroveu. E a primeira condição para um bom negócio é confiar em quem vai fazê-lo. Você, Juvêncio (e pôs a mão sobre o seu ombro), tem liberdade de ação. Sempre teve juízo. Fica liberado para fazer o que quiser. Não me aborrecerei. Mas não se queixe de mim no futuro. Eu, no seu lugar, não faria esse negócio. Não por ser mau, em si. A proposta, à primeira vista, é ótima. Mas não confio em Meroveu e no futuro ele achará meios de prejudicá-lo.

Juvêncio queria atender o advogado, seu protetor e amigo em várias oportunidades, mas afinal de contas o negócio proposto por Meroveu seria reduzido a escrito, o preto no branco. Leria bem antes de assinar. E se livraria de uma porção de preocupações. Receberia seu lucro limpo, sem ter nos

ombros a carga da responsabilidade sobre vidas de tantos companheiros. Pela primeira vez iria discordar do advogado e jogar-se à aventura.

Tudo indicava que na região do Jamanxim havia muito ouro em outros veios ainda não localizados. Juvêncio não se sentia com forças para defender, por muito tempo, a sua descoberta, se outros aventureiros soubessem do alto índice de produção de quatro quilos por dez metros de terra lavada, com bateadas de setenta a oitenta gramas. Só uma empresa, que investigasse nos arredores, até as cabeceiras, onde se localizara Claudiano, trucidado pelos índios, poderia defender e ampliar a exploração. Além do mais uma empresa apresentaria condições para construir um campo de aterrissagem para pequenos aviões, que os recursos individuais não permitiam. Pelo menos trezentos e cinquenta metros de pista seriam necessários, pista aberta na mata, onde havia árvores grossas, raízes profundas, castanheiras, seringueiras, toda espécie de madeiras, só removíveis com máquinas. A terraplenagem, a deposição de piçarra e cascalhos, outras obras próprias só se realizariam com tratores, raspadeiras, rolos compressores, tudo muito caro, além das possibilidades financeiras de Juvêncio e seus pobres companheiros. Conhecia casos de homens que enriqueceram assim, pulando no escuro, no destino, e acertando no alvo. Cícero Melena, por exemplo, fizera-se no contrabando. Além do mais os anos estavam avançando, já não era novo, aos poucos sentia que as energias diminuía, precisava dar mais atenção à mulher e aos filhos, ela abnegada, eles estudando, mas quase sempre distantes do carinho paterno. Construía um bom patrimônio, casas, terrenos, comércio, suficiente para ter vida sossegada, lançaria agora os bens e os garimpos na sociedade e receberia o lucro limpo, pronto para dedicar-se à agricultura ou à pecuária, seu velho sonho. Pediria a Meroveu, em vez de trinta, quarenta por cento nos lucros, se a sociedade não fosse anônima. Sendo anônima teria quarenta por cento no capital e mais um cargo, com remuneração a combinar, o suficiente para viver com desafogo.



Juvêncio precisava regressar. Pensou toda a noite. Amanheceu resolvido a fechar negócio com Meroveu, se este aceitasse a base de quarenta por cento. Aceitou. Firmou logo documento provisório, apresentado pelo gerente, que já o tinha pronto na gaveta, com uma linha em branco para a percentagem. tão certo estava da aceitação. Em várias vias. O banco ficava por fora, só em caso de precisarem de levantar dinheiro dariam preferência ao Banco que Meroveu gerenciava, no mais todo negócio contratado com testas de ferro, parentes de Meroveu, reservando-se este para entrar com o nome quando transformassem em anônima. Por enquanto entravam os primos, Juvêncio podia estar tranquilo, era gente séria e rica de Minas Gerais. Tinha procuração de todos eles. Amplos e ilimitados poderes. Quando voltasse novamente a Belém já encontraria as escrituras prontas para serem assinadas. Tudo em ordem, a sociedade seria Mineração Jamanxim, Ltda., capital inicial de cem milhões, a transformar-se a seguir em Mineração Jamanxim S.A. Se Juvêncio quisesse poderia até levar seu nome: Juvêncio Borba, Mineração S.A. Não, não precisava tanto. Juvêncio não queria ver seu nome em editais, como costumava ler nos jornais os de outras sociedades. Mineração Jamanxim S.A. ficava bem. Quarenta por cento, a sua parte, concordou Meroveu, o olhar sempre brilhando, o nariz em bico, o bigode preto, baixo de estatura, ágil de movimentos físicos e mentais.

Concretizado esse sonho Juvêncio poderia planejar vida mais tranquila. Comprar uma fazendola de gado, criar os filhos, meter-se em outras atividades mais suaves talvez até na política, para a qual já fora convidado duas vezes. Seria vereador ou talvez deputado. Possuía bons amigos prefeitos do interior que o ajudariam.

Com tais pensamentos regressou ao hotel quase noite. Ali encontrou seu amigo Secundino, representante do prefeito, muito zangado. Passara a manhã inteira à procura das verbas para o porto de Santarém e verificara que a repartição desviara os materiais e recursos para obras no Marajó.



– É incrível – dizia o representante Secundino. – O senado vota as verbas, elas vêm no orçamento da União e na hora de aplicar vão para Marajó. Estão abrindo canais na ilha, vão irrigar terras de figurões, com influência política. Também... o chefe dos Portos e Canais foi nomeado a pedido de um senador... ninguém pode com ele. O certo é que as verbas são de Santarém, os materiais já comprados, estacas de aço, cimento, arames, etc., e na hora de aplicar vai tudo para Marajó... Cachorrada!

– O chefe não dispensa: dinheiro dos candidatos, a cota. Dez por cento dos negócios do Plano. O do Banco Regional é doutro partido. Puxa a sardinha para o lado de lá. Mas tem ainda muita coisa por aí, muita repartição e ainda o jogo do bicho. Santo Deus! Só o jogo elege cinquenta por cento de qualquer chapa.

– O negócio está no rodízio. Pegar bons municípios na distribuição. A eleição se faz antes. Na organização do rodízio. Santarém para Fulano, Castanhal para Sicrano, Bragança para Beltrano. É pegar os melhores. O dinheiro entra depois. Distribuir bem. E se faltar voto para inteirar é só recorrer ao Dr. Agenor, dá um jeito, fabrica mapa novo, troca no Tribunal, faz desaparecer urna, substitui por outra. Faz miséria. É um gênio. O chefe ainda não pensou e ele já está agindo. Por isso até já se diz por aí que “enquanto a cidade dorme o doutor Age... no.” Tira votos da oposição e coloca nos mapas do pessoal do partido. Quem vai reconferir aquele mundão de mapas, número pra burro? E na recontagem ele ainda rouba mais.

Dizem que no Maranhão um candidato comprou votos de outro e mandou passar procuração para transferir no Tribunal...

– E conseguiu?

– Sei lá, homem. Só indo ver.

– Essa não. Transferir voto de eleitor por procuração é muito forte. Pode não. O Tribunal não ia deixar lavar o termo. Tanto jurista reunido. Isso é anedota.

– A situação mudou, o pessoal que vinha fazer a tal redenção parece que acabou de avacalhar tudo.

– Falam cada estória por aí.

E o prefeito da zona do Guamá aponta para um edifício, em construção, em frente ao hotel:

– Vocês estão vendo aquele edifício? Ia ser uma praça naquele lugar. O governo anterior desapropriou muitas casas, gastou um dinheirão, fez projeto. Pois agora deram o terreno para construir o edifício “Jardim das Amoreiras”. Há um figurão que recebeu apartamento de graça para arranjar a concessão. Também pudera! Edifício bacana! Mais de dez andares! Até eu entrava nessa boca.

– Quando morreu o prefeito do meu município, na zona do Guamá, fui convocado como substituto. O cofre estava vazio. Guardava todo o dinheiro em casa. E a viúva, inquirida, negou tudo... Ficou por isso.

– Tudo é igual. Muda a orquestra, mas a música é a mesma. São de carne e osso. A eleição é feita na base do dinheiro, do mapismo e do porrete. Quem botar a cabeça de fora leva chumbo.

– É por isso que já estão falando em revolução – pondera um prefeito do Alto-Tocantins.

– Ora, quem está bancando o puritano! O homem de Marabá... terra da castanha. E os negócios dos castanhais? O pobre do castanheiro está na miséria. Os castanhais são requeridos por testas de ferro. Estão podres de ricos os donos. Dá uma batida na Secretaria de Obras...

– Vou ver se arranjo um navio na companhia do porto para as eleições. Eles dão um jeito. Fazem os mapas e as prestações de contas de viagens redondas. Belém-Acre, Acre-Belém. O navio nem sai daqui, mas no papel a viagem é toda lançada, despesa de óleo, tripulação, rancho... são milhões.

– Melhor do que isso, para eleição, é contrabando, meu velho. Manda buscar automóvel, uísque, televisão e perfumes em Caiena, entra tudo. Os barcos ora desovam na Vigia, ora em Marajó, ora em Breves, até em Abaetetuba, por todas essas margens de rio. Não há fiscalização capaz de controlar. Os automóveis ficam no meio do mato, depois se tira. São os cutias... Dinheiro pra isso se arranja no sul. São Paulo, Rio, Bahia, Minas. Há muito milionário por aí a fora. E aqui mesmo.

– Quer dizer que no final de contas – arrisca um jovem secretário de prefeitura de Marajó – o que decide a eleição é a gaita? É uma luta entre o Banco Regional S.A., o Plano, o jogo do bicho, o governo do estado, as prefeituras e o contrabando! Tudo comandado pelo partido! Parece jogo de futebol. Mas quando a gente ouve os candidatos dá para ficar emocionado

com tanto idealismo. Querem salvar a lavoura, a indústria, promover o saneamento, dar instrução. Caramba! Só faltam dar a... camisa.

– Você é muito moço, menino – pondera um velho político do Tocantins, a voz grossa e arrastada. – Quando tiver a minha idade você vai achar isso tudo normal. O mundo é dos mais sabidos. O mais é conversa. Eu nasci em 1900, já estou com quase sessenta anos...

A corrente elétrica, que se interrompera, volta a acender as lâmpadas da sala. Apagam-se as velas aos sopros. Um rádio anuncia, descontrolado, a “Hora do Brasil”, com a notícia da irrupção de um movimento armado, dado sem grande importância, e logo subjugado, no Rio de Janeiro. Todos se entreolham. São os olhares apavorados dos donos do destino do Brasil em grande área da região amazônica. “Governo duro”, diz um. “Abafou logo.”

Chegam mais outros prefeitos do interior. Todos já se conhecem. Houve reunião no partido. Sentam à vontade, bebem algo, conversam desinibidos sobre assuntos de seus municípios, a política sempre presente, narram segredos, voz baixa, anedotas, coisas de partido e da administração. A luz se interrompe por alguns momentos. Empregados do hotel trazem velas acesas.

Januário, prefeito da zona bragantina, comenta:

– E a nova usina? Vive pregando. Também compraram um motor usado de submarino...

– De submarino? – indaga um prefeito do Tocantins.

– Então você não sabe a estória? é divertida. O senador Ariolino foi aos Estados Unidos comprar uma nova usina, assessorado por um tal Dr. Calvo. Arranjaram uma negociata de valer. Compraram geradores tirados de um submarino, que estava parado na zona do Canal do Panamá. São dois geradores grandes, já instalados. Vivem dando o prego. Não duram um ano. Ferro velho.

– E custou uma fortuna! Dizem que o Dr. Calvo meteu-se na gaita. Cobrou uma comissão que não tem tamanho.

– E a gente dando murro aqui... – critica Ernesto, prefeito do Baixo Amazonas.

– É verdade, Leocádio? Diz que o governo vai dividir o seu município em dois? Como pode? Um só não se aguenta das pernas...

– É verdade, não tem mil habitantes a região que quer transformar em município. Prainha dividido em dois! Sabe o que é: a verba do Imposto de Renda. Cada município novo entra na verba. E a eleição vem aí, é preciso arranjar dinheiro de qualquer forma. Como vocês sabem essas verbas do Imposto de Renda a gente não tem para quem prestar contas. A Câmara Municipal é nossa. Está tudo em casa. Em Minas Gerais estão criando municípios às dezenas...

E deu uma sonora gargalhada.

– Eu no meu município - pondera o prefeito Alírio, magro, alto, da zona do Xingu – vou me pegar com o Banco Regional S.A. O diretor quer se eleger de qualquer forma. Vai deixar o Banco. Faço tudo dentro da lei. Dos financiamentos para a minha região, cada financiado abre mão de dez por cento. Eu manobro a gaita, o diretor não pode aparecer. No fim, com tanto dinheiro, ele se elege e eu também. Ele só dá o financiamento depois que eu tenho o compromisso do produtor.

– Melhor que o Banco é o Plano de Reconstrução. Dez por cento nos financiamentos, meu velho. É gaita a não mais acabar. Tem estrada aí pra burro pra abrir. Mede-se a ida e a volta. – fala um prefeito da zona do Salgado, magrinho, pretinho, olhos muito brancos, ar matreiro.

Todos querem se eleger, essa é a verdade. Mas quem leva a melhor é o pessoal do Banco Regional S. A. e o da Reconstrução.

Juvêncio ouvia aquilo tudo e achava que era exagero de descontentes. Não estava metido em política, mas intimamente bem que tinha vontade. Ela dava prestígio. Força. Amizades. Conseguiria o que bem quisesse. Mas era honesto demais para meter-se em trapalhadas. Aproximavam-se as eleições e já o rondavam, queriam-no pelo menos vereador. Com o ouro já em seu poder financeira bem uma eleição. No último pleito assinara uma lista para o partido. O candidato a prefeito era seu amigo, homem bom, honesto, dedicado aos pobres, não podia negar. Lembrava-se bem do corre-corre na semana anterior ao pleito, todos os candidatos pedindo votos, o dinheiro escorrendo para as mãos dos cabos eleitorais. Havia alguns na ilha do Tapará que recebiam dinheiro dos dois lados. Depois davam o voto para quem bem entendiam. Gastavam a metade do dinheiro recebido na aquisição de bois para abate no dia da eleição, compra de bebidas, foguetes para os comi-

cios. O saldo metiam no bolso. Apareciam mais adiante comprando casas e até fazendolas com dinheiro assim amealhado. Candidato que não soltasse dinheiro não teria vez. E o partido era o primeiro a exigir, além da renda do jogo e dez por cento nas compras das repartições. Juvêncio conhecia bem todas aquelas artimanhas, pois conversava muito com prefeitos do interior, vereadores, chefes políticos, que nunca perdiam eleição. O prefeito sempre lhe dizia:

– Eleição, amigo Juvêncio, se ganha é no dia.

Ele queria dizer com aquilo ser decisivo no pleito o troca-troca na hora de votar, perto das secções eleitorais, grupos de moças treinadas, que abecavam os caboclos enfiados a caminho da urna. Pediam para ver a chapa em que votariam. Num passe de mágica trocavam-na por outra. Às vezes o eleitor nem dava pela substituição. Ou então perto da mesa eleitoral, respeitada a distância da lei, uma casa aberta, com muitas bebidas. O eleitor passava na porta, era convidado a entrar, tomar um licor. Bebia e logo recebia a chapa. Se portasse outra, às vezes muito escondida nos bolsos, pediam para ver e iam trocando. E os que votassem depois do almoço já saíam municiados dos verdadeiros currais, onde se distribuía a comida gratuita. Panelões enormes com feijão e arroz, carne cozida ou a churrascada, tudo aquilo de mistura, de dar engulhos. Só almoçava quem votasse no partido. Os mais rebeldes ou mais espertos comiam de um partido e votavam noutro. A caboclada gostava do foguetório, dos dançarás, das cachaçadas e dos tarubás, votava na animação, na farra, para quem desse mais. Mentalidade esportiva, nenhum idealismo. O certo é que o vitorioso era sempre aclamado, arrotava prestígio, alguns se faziam deputados, por tais processos.

Juvêncio, aliado ao prefeito, iria longe. Um pouco do ouro em pó ajudaria bastante. Quem sabe se agora, com a constituição da sociedade com Meroxeu, não iria soar a hora de sua liberdade, podendo dedicar-se a outras atividades, inclusive a política? Já fora apresentado ao chefe do partido em Belém, que lhe garantiu vaga de vereador, com possibilidade futura de ser candidato a prefeito. Pensava em desdobrar o município, restabelecendo o de Aveiro.

Tudo isso passava pela cabeça de Juvêncio, depois de regressar do banco, sentado na poltrona da recepção do Hotel Central.

E ao voltar ao garimpo narrava a Cassiano o que acontecera, as propostas do gerente, os projetos de constituição da nova sociedade, a garantia de um lugar para Cassiano, talvez até uma parte em ações, um futuro novo, os planos políticos, tudo lhe fervia na cabeça, enquanto o amigo escutava, meio perturbado e aflito.

Cassiano prestou contas de todo o produto arrecadado durante a ausência de Juvêncio. Belmiro e Bento permaneciam enfermos, mas fora de perigo. Bento ficara como criança que precisava de auxílio a toda hora.

Cassiano pressentia que os acontecimentos iam mudar de rumo, sacudidos por novos ventos. A viagem de Juvêncio alteraria todos os planos iniciais. Dono de vários garimpos, patrão e garimpeiro ao mesmo tempo, abastado, mas habituado à vida bruta e rude, Juvêncio não perdia contacto com os garimpos, nem com os garimpeiros. Era homem de trabalho, afeito à luta, capaz de enfrentar a lama e a chuva, o índio e a fera, mas repleto de boa-fé, agora lançado em outros círculos, a tratar de negócios com outras feras, agentes de banco hábeis e experimentados, vindos das bandas do sul.

As semanas e os dias continuaram a correr com a mesma monotonia, Belmiro recuperado da enfermidade, Bento ainda fraco, a cobra-está-fumando funcionando celeremente, extraindo ouro da lama lavada e relavada, as chuvas vespertinas a varrerem a mata, o inverno ainda presente, pássaros em revoada, e borboletas de várias cores, polvilhando no ar o verde da paisagem. O índice de produção sempre o mesmo. Quando saíssem dali levariam boa reserva e, se tivessem juízo, poderiam recomeçar nova vida.



Ronco de avião pela manhã. Todos param as tarefas, correm pressurosos, o olhar para o alto. Não, não é Rogaciano. A aeronave sobrevoa o acampamento, contorna duas vezes, perde altura, é o mesmo avião que semanas antes passara por ali, misteriosamente, e lançara alguns pacotes de cigarro. Acenos com os braços, um embrulho é projetado, adeuses, e a aeronave desaparece na distância, enquanto o seu ruído se extingue lentamente dissolvido na amplidão. Juvêncio manda abrir o pacote, são cigarros, ainda cigarros uma carta, envelope timbrado:

AMIGO SR. JUVÊNCIO BORBA:

Rogo o seu comparecimento em Belém a fim de assinar a escritura de constituição da sociedade e Mineração Jamanxim S. A., nos termos do compromisso firmado anteriormente. Poderá aproveitar o avião do comandante Curt, portador desta. Cordial abraço do

MEROVEU NOGUEIRA.

Era chegada a hora de dar novos rumos aos garimpos. Cassiano, por sua vez, estava no exato momento de regressar a São Domingos, juntar-se a Rita e levá-la a Santarém, no mês do parto.

Viajariam os dois: Juvêncio e Cassiano. Ficaria na chefia do garimpo Belmiro, já recuperado e em condições de dirigir o trabalho. Pela longa convivência era, depois de Cassiano, o que mais confiança inspirava para missão de chefia. Recebeu instruções minuciosas sobre o recolhimento do ouro e sua guarda para posterior prestação de contas. Durante os nove meses de exploração a colheita fora bem razoável, apesar das doenças e dissabores. Conseguiram lavar uma média de um metro de terra por dia, embora, em alguns dias, lavassem dois, e até três, e em outros, quase nada. Um metro por dia em nove meses foram cerca de duzentos e setenta metros no total. A produção fora em média de quatrocentos gramas por metro, atingindo a



soma de cento e oito quilos de ouro em pó e muitas pepitas. Mais ouro em pó. Parte fora vendida para despesas nas viagens de Cassiano e Juvêncio. A cota dos garimpeiros muitas vezes Juvêncio a comprava, ele próprio, a fim de evitar que fossem explorados em São Domingos e Porto Rico. Cassiano saía com vinte quilos de ouro em pó, ao câmbio da época vinte milhões de cruzeiros antigos, limpos, sem contar o que já gastara anteriormente em compras. Era um bom começo de vida. Adquiriria a sonhada propriedade à margem do Amazonas, no Ituqui ou no Tapará, região plana, sempre verde, na frente do rio aberto, o vento, as ondas em horas de maresia, por trás a mata, o frio, o colorido permanente a encher-lhe os olhos, alimentação abundante, frutas, caça, mercadorias para vender e comprar, no trapiche o pequeno porto de atracação de canoas e até navios, o rio fundo permitindo que embarcações e grandes atraquem no barranco cortado em vertical.

– Tenho um amigo que possui boa propriedade na costa do Tapará. Uma beleza! Quer vender. Casa de comércio na frente, moradia atrás, depósito. Está bom para você Cassiano – disse-lhe certa vez Salim, o libanês.

Conhecera Salim na Pensão dos Viajantes, quando viera a Santarém vender ouro. Boa conversa, amável, ofereceu-lhe a propriedade. Era fácil de ver. Só atravessar o rio de barco, havia muitos motores disponíveis, pela manhã fariam a viagem. As terras do Tapará se avistam ao largo, defronte de Santarém, debruando o horizonte.

Seu sonho agora ia realizar-se. Não queria mais trabalhar em garimpo. Pretendia ficar junto de Rita, reiniciar vida nova. Nem lhe interessava a empresa em constituição, a Mineração Jamanxim S.A., a não ser com a participação de algum dinheiro como acionista, nunca para trabalhar naquele inferno. Apesar de tudo não podia queixar-se da sorte. Sairia com uma boa margem de lucro, duas latas de manteiga cheias de ouro em pó, pesando, cada uma, dez quilos! Juvêncio, no cômputo final, recebia cerca de oitenta quilos, em apenas nove meses, daquele garimpo. Somando-se ao do Rio das Tropas ao do Creporizinho e ao do Cuiú-Cuiú, sua receita total naquele período se aproximava dos duzentos quilos, à razão de um dólar o grama, dólar de um cruzeiro, seriam duzentos milhões! Não era à toa que Meroveu Nogueira abrisse os olhos argutos e percebera, num lance, todas as vantagens do negócio, que propôs àquele homem habituado aos garimpos. Tinha infor-

mação de tudo. Mandara realizar aerofotogrametria de todos os garimpos de Juvêncio, localizados de acordo com as plantas e demais documentos em seu poder. Levantara o patrimônio e o crédito de Juvêncio e bem viu da possibilidade de constituir a sociedade anônima, com o capital inicial de cem milhões, dos quais quarenta por cento seriam de Juvêncio.

– Não posso dar mais – disse Meroveu. A renda do garimpo é boa, mas requer trabalho, despesas enormes. Se parar, nada produz. O seu patrimônio, sem exploração, vale pouco. Temos que tomar por base o valor real venal e não a reserva que está inexplorada. O seu grande lucro estará na participação em quarenta por cento dos resultados. Os dividendos serão muito altos e as ações se valorizarão. O senhor as subscreve à base de mil cruzeiros e poderá vendê-las a três, quatro, cinco ou mais. Se derem cinco cruzeiros os seus quarenta milhões valerão duzentos. Certo? E os dividendos? E o senhor vai deixar de se sacrificar. Se não quiser o cargo da firma poderá dedicar-se a outra atividade.

E Meroveu a pouco e pouco convencia Juvêncio. Na verdade, além do valor das ações, havia os dividendos e, ainda mais, o ordenado do cargo oferecido. E a possibilidade de dedicar-se a outra atividade o empolgava. A política, um pouco de agricultura. Chegavam. Nada mais de garimpos. Lembrava-se do seu amigo Murtosa, de Natal, riquíssimo, com uma sociedade anônima trabalhando para ele. Era uma máquina de fazer dinheiro. Passava meses na Europa.

Com tais pensamentos Juvêncio partiu do garimpo, em companhia de Cassiano. Mata sempre molhada, carga pesada de ouro nas sacolas de couro, a espingarda de Cassiano carregada, Juvêncio armado de *parabellum*.

– Com esta arma – dizia ele – Ninguém encosta.

Fizera uma experiência atirando em macacos nos galhos das árvores. Pusera o bando em pulos desesperados e derrubara três em poucos minutos. Procurara onça grande. Só conseguira abater uma pequena, malhada, o que considerava aventura de pouco porte. Dormiam na floresta. Noite clara de lua a filtrar-se pelas folhagens, menos aterrador, assim, com a luz a aclarar em parte o negrume, sombras aqui e ali, estalos, chiados, a sinfonia permanente das florestas indevassadas. De três em três horas se revezavam na vigília, olhos bem abertos, o que dormia deitado no chão sobre folhas,

a cabeça apoiada na sacola, um cobertor, que sempre traziam, a proteger o corpo dos carapanãs, mais adiante a fogueira, primeiro pequena, depois ardendo em braseiro de troncos devorados, de mistura com cinza quente.

– Fogo bom para assar paca – diz Juvêncio.

Habituaados àquela vida, em momentos conseguem caçar alguma coisa, a arma poderosa a cooperar contra a adversidade. Noite plácida, sem chuvas, a umidade da floresta a entranhar-se no corpo, especialmente pela madrugada, tudo envolto em solidão.

Manhã cedo levantam para retomar a caminhada. Pássaros variados, de todos os tamanhos e coloridos, percorrem as copas das árvores; a mata, naquele trecho, apresenta amplos anfiteatros cobertos de folhagens, espécies de vegetais altas, muitas castanheiras com seringueiras nativas de permeio, em arrumação desordenada pelas forças a natureza, de mistura com árvores grossas, madeira de lei inexplorada. Os dias se sucedem e as noites, rumo certo, atingem a margem do rio, procurando logo a canoa que deixaram escondida no meio da folhagem, difícil de ser vista por quem não soubesse do local exato. E o pequeno motor de popa, mais adiante, em saco de couro, dentro de uma caixa própria de madeira, enterrada, junto ao tronco de uma grande seringueira. Já era tarde quando conseguiram colocar a canoa no rio, o motor bem ajustado, funcionando, o estouro da explosão a perturbar a tranquilidade do deserto. Cortam as águas lentamente, o olhar atento nas margens escuras, o receio de uma emboscada, comum nos garimpos, quando os homens descem carregados de ouro. Cassiano segura o cabo do motor de popa, dirigindo a embarcação para o rumo da foz. Anoitece lentamente. As margens vão se alargando a pouco e pouco. Primeiro só se via, de ambos os lados, a mata debruçada sobre as águas, não se divisava o chão, a correnteza penetrando pelos troncos e galhos recurvas. Água e mata apenas. À proporção que avançam o rio alarga, surgem pequenas praias de areia alvíssima, riscando aqui e acolá a paisagem, a vegetação se torna menos densa, o rio, quanto mais largo, mais lisa a água limpa, refletindo, na noite alva de luar, céu, nuvens e vegetações. Estende-se à frente dos viajantes um espelho liso e brilhante, como se floresta, num passe de mágica, ficasse de cabeça para baixo, tudo às avessas, duas matas, dois blocos de nuvens visíveis ao luar, duas luas, uma no alto e outra como se estivesse no fundo

do rio. As águas quase sempre lisas, por vezes trêmulas, nas curvas ou parte de corredeiras. Quando a água começa a encrespar-se é sinal de pedras no fundo, aviso de existência de corredeiras, pequenos trechos encachoeirados, que é preciso evitar ou ultrapassar. Juvêncio, mais experiente, toma o comando da embarcação, desviando-a das pedras. Toda a noite viajam assim, revezando-se no comando do motor. Enquanto um dirige, pela madrugada, outro dormita, a arma sempre ao lado, a sacola à guisa de travesseiro, as margens se afastando, os braços abrindo para o rio límpido, por vezes alvas manchas brancas na paisagem penumbrosa.

No outro dia chegam a São Domingos. Rita, aflita, já esperava, fora avistada pelo aviador de Meroveu, era preciso providenciar tudo. Juvêncio iria encontrar-se com amigos em Santarém, pedir a Rogaciano para vir buscar Cassiano e Rita, deixaria recomendações com o prefeito e reserva na “Pensão dos Viajantes”, para os dois. Se Rita preferisse poderia morar na casa dele, Juvêncio, e lá mesmo ter o filho. Sua mulher, Arminda, daria toda assistência. Conhecia boa parteira, amiga, competente, pois em Santarém, de médicos, só o prefeito e o diretor do hospital inaugurado ou algum funcionário público, que por ali estivesse de passagem.

Os amigos se separaram. Promessas de novo encontro em Santarém. Juvêncio deixou logo carta de apresentação para o prefeito, era médico, homem bom, num caso de aperto poderia ajudar. Tudo iria sair bem. Seria o padrinho de Riomar, Arminda aceitava ser a madrinha. Só falava nisso. Gostava muito de crianças. Partiu assim, cheio de alegria no avião mandado por Meroveu, um aviador desconhecido, mas de boa conversa, tipo estrangeiro, rosto vermelho, olhos azuis, nariz afilado, apelido “Alemão”, de nome Curt. Voaram logo, havia pressa de chegar, Meroveu precisava também deslocar-se para o sul, a negócios, não tinha tempo a perder, escrituras prontas.

Cassiano e Rita vêm com Rogaciano, dois dias depois da partida de Juvêncio, viagem serena, céu limpo pela manhã, apesar do inverno, um pequeno verão, que se abriu. Todo aquele mundo verde se estendia aos olhares curiosos de Rita, agora mais afeita às vicissitudes, enrijecida no contacto com a natureza e com as preocupações, saudades de Mara, boa amiga, dedicada, fiel, irmã como poucas, que bem poderia ter vindo. Foi um abraço longo o de sua despedida, ambas choravam. Mara dizia que tudo correria

bem para Rita, esta tremia e chorava, tinha medo, primeiro filho, talvez morresse, saudades de tudo, de Mara, da casa pobre, mas em que vivera tantos meses, saudades também do sertão, que jamais esquecia, guardado num recanto do seu coração.



Santarém se movimentava. Era ano de eleição, alguns meses mais. Escolha de chapas, candidatos por outro lado, comícios, rádios, alto-falantes aos berros, cartazes, alguns coloridos, não se falava noutra coisa. Juvêncio recebera também chamada do chefe do partido. Seria candidato, iriam desdobrar o Município de Itaituba, muito grande. Maior que São Paulo... Milhares de quilômetros quadrados de terras ricas em minas, rios, madeiras, castanhas, seringueiras, riquezas inexploradas. Só criando um município. Chamar-se-ia São Luiz do Tapajós, ou talvez Jamanxim, um município novo, cheio de esperanças, Juvêncio seria o primeiro prefeito ou, se não houvesse tempo de criar o município, seria vereador, ou deputado estadual, que para sê-lo não havia necessidade de muitas letras. Indispensável a contribuição para o partido, em dinheiro, nada de cheques, que era perigoso, porquanto um candidato já dera cheques na última eleição e não havia fundos. Emitiu o cheque antes do pleito, mas com data posterior. Quando apresentado ao banco os votos já estavam na urna e não havia dinheiro em conta. Elegeu-se. Inteligente, diziam alguns. Deu um golpe certo. Conseguiu se eleger sem gastar dinheiro. Safado, diziam outros, enganou todo mundo. Roubou os votos dos cabos eleitorais. Mas afinal de contas os cabos eleitorais também depenavam candidatos, roubavam a metade do dinheiro, justa e merecida foi a lição. “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.” Eram os comentários em todas as rodas. Nos cafés. Na boate da Milonga. No trapiche. Até na porta da igreja, depois da missa, um padre estrangeiro rezando missa com igreja toda de luto, por motivo político. O padre chamado a Belém. A polícia queria investigá-lo. Que história era aquela de missa-negra? Cartazes por todos os lados, falando em redenção do Pará, libertação do estado dos ladrões, do jogo do bicho, do mapismo eleitoral, uma porção de coisas, que Rita não entendia, e Cassiano começava a entender.

Primeiro na Pensão dos Viajantes. A visita de Arminda. Não, não podiam ficar ali, no meio de tanta gente estranha, e ainda mais Cassiano com ouro.



Fossem para a casa de Juvêncio, Arminda cuidava de tudo, arranjava parteira, o ouro ficaria mais bem guardado no cofre grande. Na pensão entravam e saíam pessoas de toda espécie, viajantes comerciais, corretores, japoneses plantadores de juta, americanos silenciosos, libaneses e judeus no comércio do ouro e no regatão, cearenses também no negócio do ouro, principalmente os de Juazeiro. Rita precisava de um pouco de conforto, só em casa de família, aceitou o convite, feito tão boamente; já chamava até de “Comadre Arminda” e “Compadre Juvêncio” os futuros padrinhos de Riomar, fosse homem ou mulher. O enxovalzinho pronto, tudo pequenino, os sapatinhos felpudos, as camisinhas bordadas, o talco, o sabonete, as toalhas com bichinhos, que tirara de uma revista, a cestinha coberta de cetim cor-de-rosa, pois esperava fosse mulher. Para homem o cetim devia ser azul. Se nascesse macho usaria o bercinho assim mesmo, cor-derosa, não tinha importância, que recém-nascido não repara essas coisas. Arminda lhe reservou um quarto amplo e claro, janela dando para a paisagem aberta do rio, onde podia ver o movimento das águas azuis do Tapajós empurrando as águas barrentas do Amazonas e em outras horas as do Amazonas vencendo as do Tapajós, afastando-as com força, naquela luta milenar, que jamais acaba, entre as duas correntezas, ainda sob a influência distante da maré, que penetrando pela foz se faz sentir até a garganta de Óbidos.

Juvêncio viajando, Arminda fica mais à vontade, dispõe de tempo para cuidar da amiga; conseguiu a parteira, de sua confiança, pode ter a menina em casa mesmo, todas têm, Santarém nunca possuiu grande hospital, a não ser o antigo “São José”, edificado pelos padres em 1930, mas em fase de extinção, transformado em colégio. Antes de 1930 não havia hospital, e o de São José fora construído até com a ajuda de Henry Ford, quando realizou as obras de Belterra. Além do mais, não havia separação, isto é, maternidade no exato sentido. As mulheres não deixavam por isso de ter filhos. Eram as parteiras as chamadas. Partejavam em casa mesmo, algumas tesouras desinfetadas em água fervente, bacias enormes, e o resto Deus ajudava.

– Tive cinco filhos em casa, com a parteira. O menor tem um ano, Joãozinho. – dizia Arminda. – Nunca precisei de médico, nem de hospital. Só um custou, o primeiro. Os outros nasciam depressa, num esfregar de olho. Mas também eu trabalhava até o dia das dores. Subia escada como quê,

carregava peso, andava muito, fazia as compras do mercado todos os dias. Isso ajudava. Na hora de nascer era depressa. Zás!

Rita ficava mais tranquila. Porém não tivera aquela experiência toda de Arminda. Pelo contrário. Vivera quase sedentariamente numa choupana em São Domingos, sem poder sair, com medo de tudo. Mesmo que quisesse não tinha para onde ir. Sua vida consistia em costurar, lavar roupa, nem mesmo conseguiu criar algumas galinhas, que criação por ali não havia, vinha tudo de fora. Só garças e mutuns. Comiam carne enlatada, leite condensado, e não havia verduras. Muita fruta da mata, sim, principalmente bacuris, cupuaçus, abios e castanhas. Alimentação forte, mesmo assim, com carne de anta, tracajás, tartarugas, caça de toda espécie. Comida pesada. Talvez por isso engordara. Arminda não achava aquilo bom. Rita estava engordando, isso atrapalhava o parto. Devia comer menos, ficar fininha como quando viera do sertão.

Dias bons, aqueles, de alguma calma, a vista do rio movimentado, barcos motores pipocando para cima e para baixo, as águas em luta permanente, ao longo as terras do Tapará, onde Cassiano fora ver a propriedade do amigo de Salim, para comprar. Não voltaria mais ao garimpo. Com o ouro que trouxera adquiriria as terras e a casa indicadas por Salim. Depois do parto se mudaria para lá, a fim de criar a filha, fazer negócios, exportar borracha, balata, castanha e comprar sal, charque, arroz, feijão, para venda aos caboclos. Só voltaria ao sertão rico, pronto a ajudar os amigos que por lá ficaram, asfixiados pelo acocho da seca nunca vista.

Arminda se desdobrava em atenções. Chamara a parteira. Estava tudo bem. Convinha esperar as dores, quando chegassem era só avisá-la. Rita aproveitava o dia para andar um pouco, comprar algumas coisas que faltavam para a criança, conhecer a cidade, gostava de ir ao mercado, que lhe parecia farto, em comparação com os do sertão, no tempo da seca. Foi à igreja de São Sebastião rezar. À noite repousava olhando a água lisa do rio, banhada pela luz da lua em declínio e milhares de estrelas salpicando de fulgurações o firmamento. Ali não havia os rumores a que se habituara na selva. Já começava a ter saudades dos gritos das araras, dos guinchos dos macacos pulando nas copas densas, os besouros malucos batendo nas paredes, menos dos carapanãs zunindo a noite toda nos ouvidos; agora escutava

o barulho dos motores, os barcos passando ao largo em várias direções, uns grandes, outros pequenos, navios transatlânticos ancorados lá fora, depois levantando ferros, seguindo para Manaus ou Belém, depois para a América, Inglaterra e outros países. O choro do filho caçula de Arminda, a mucama velha cantando para ninar:

*Cala a boca, molequim
Cala a boca e dorme já,
Se não nego calhambola
Vem de noite te busca.
Calhambola tá na porta,
Tá querendo te levá.*

O menino cessava o choro por alguns momentos. Logo mais recomeçava, esquecia o negro Calhambola, que, segundo a crença popular, de origem africana, carregava as crianças para os seus domínios. Por vezes a cantoria mudava e a mucama, cantando baixinho, invocava o murucututu:

*Murucututu
De cima do telhado
Vem buscar o Joãozinho,
Que está muito malcriado.*

Joãozinho tinha medo também do Murucututu e na sua imaginação devia concebê-los bem feios, o Murucututu e o Calhambola. Um, bicho do mato, uma espécie de coruja, o outro o negro misterioso, ladrão de meninos tolos.

Cassiano regressou eufórico da Costa do Tapará.

– É uma beleza, Rita, o sítio! A casa de comércio na beira do rio, como sempre desejei. Atrás a casa de morada.

Tudo de madeira, mas limpo. As estacas são de maçaranduba, o tabuado de piquiá e acapu. Dura uma vida toda. Na frente do comércio o trapiche onde atracam as canoas. Atraca tudo, até navio se for preciso, que o rio é fundo ali. Os olhos de Cassiano brilhavam. A mulher tinha a impressão de que estava vendo, tão viva era a descrição, o trapiche alto, as estacas saindo da água escorregadia e barrenta, a mercearia na frente – CASA ESPERANÇA – nos fundos o depósito, depois a morada, afinal o quintal, já em terra firme, a mata ao redor, árvores altas ao longe, em torno às terras baixas e verdes, misto de água, capim, canaranas, uma infinidade de espécies vegetais. – “Bom para criar patos”, dizia Cassiano. “E búfalos, que vivem dentro d’água”. Mais adiante daria para roçados, nos tesos, onde a água não alcança. Rita já se via ali, o marido à frente do negócio, Riomar crescendo, engatinhando primeiro, depois menina, brincando de bonecas, mais tarde mocinha, as preocupações, os primeiros namorados. Rita a imaginava travessa, um laço de fita nos cabelos, enchendo a casa e os corações. Agradecia a Deus tanta bondade, depois de todo o sofrimento por que haviam passado. O salto no escuro. O perigo dos garimpos onde Cassiano poderia ter ficado morto, pela febre ou por alguma bala traiçoeira dos criminosos. Deus fora bom e lhe dera ainda duas grandes amigas, primeiro Mara, distante agora, e depois Arminda, tão dedicada e bondosa.

As preocupações só voltaram quando Rita começou a sentir pontadas na barriga, estava perdendo sangue, chamaram depressa a parteira. Ofélia, muito gorda, baixa, braços grossos, um riso aberto, soltava gargalhadas cristalinas que ecoavam ao longe. Quem ouvisse as gargalhadas ficaria encantado. Deveria ser muito bonita para rir assim. Mas era só risos. O rosto largo e redondo, os ombros cheios, enxundiosos, andar pesado, com

sapatões que pareciam de homem. Ofélia pediu água quente, bacia grande, mandou fechar a porta do quarto para criança não abelhudar. Só ficou mesmo Arminda. Examinou bem Rita, esta aflita, inexperiente, balançou a cabeça um tanto preocupada e exclamou:

– Tem problema aqui. O parto não vai ser normal. É bom chamar o Dr. Natanael.

– Dr. Natanael é capaz de estar no interior, em propaganda política – pondera Arminda.

– Chegou hoje, diz a parteira. Falei com ele na prefeitura. É homem muito bom, amigo de todos, um santo. Quando a coisa complica costume pedir ajuda ao Dr. Natanael. É melhor. Ele é médico, eu sou apenas uma parteira prática.

A sinceridade de Ofélia convenceu a todos. Cassiano foi procurar Dr. Natanael. Já estava de posse, há muito tempo, da carta de recomendação, que Juvêncio escrevera em São Domingos. Queria mesmo conhecer aquele prefeito, de quem tanto se falava bem. Médico humanitário, sacrificado no interior, fazendo política e medicina de graça, atendendo todo mundo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Dr. Natanael estava ocupado, despachando expediente, mandou entrar Cassiano. Homem de poucas falas, mostrava a bondade no olhar. Ia interromper o serviço. Atenderia logo. Ficasse sem cuidado. Era amigo de Juvêncio e até brincou com Cassiano:

– Juvêncio vai ser prefeito de São Luiz do Tapajós. Vão criar o município. Não tarda. Ou então deputado.

Dr. Natanael largou tudo para atender o chamado. Foi entrando no quarto, pediu bacia para lavar as mãos, vidro de álcool ou éter. Só ele, Rita e Arminda. Cassiano não quis assistir. Examina a parturiente. Corre o tempo. Dr. Natanael começa a transpirar, lê-se em seus olhos a preocupação:

– Esse parto não pode ser feito aqui. A criança está atravessada. Só em hospital. Em casa não há condições, não há aparelhagem própria, nada para uma emergência, nem higiene.

– Que fazer então, doutor? – pergunta timidamente Cassiano.

– É levar para o hospital. Acabaram de inaugurar um, luxuoso. Nele não posso trabalhar, que é federal, mas dou a apresentação.

– E se levasse para Belém? – pergunta Arminda.

– Não dá tempo. – responde Natanael. – O caso é de urgência. Até conseguir avião, voar muitas horas, pedir ambulância, chegar ao hospital, é muito tempo. Tem que socorrer logo para não perder a criança.

Natanael pede papel e caneta, senta à mesa e escreve carta de apresentação para o diretor do Hospital.

– Chamem um carro depressa. Levem-na para o hospital, quanto antes. Aqui a criança não nasce. Está atravessada. É caso grave.

Rita apavorada está lívida, vez por outra chora, passa as mãos pelos olhos, não entende o que conversam, às dores atenuam um pouco, depois voltam com violência, perde sangue. Arminda socorre. Cassiano socorre. As vizinhas, àquela altura, já entram pelo quarto. Todos socorrem. Chamam um carro de praça, um velho Chevrolet preto estremecendo, transporta Rita, Cassiano e Arminda, esta apoiando a cabeça da parturiente sobre as coxas, as mãos apertadas nas suas, vez por outra passa um lenço sobre a testa de Rita, que transpira, se estorce, geme, chora e soluça ao mesmo tempo.

Quando passam pela praça da igreja há uma grande aglomeração de gente. Gritos, vivas, um foguete vem explodir bem perto do vidro do automóvel, assustando a todos. Outros foguetes explodem no ar e gritos histéricos de “viva à Redenção”, “viva o Partido Renovador”, “viva o general Rebordão”, viva isso, viva aquilo. O trânsito interrompido pelo povo impede a passagem, que só a muito custo se consegue, não há policiais no local. O carro encontra obstáculos, valas enormes cavadas pela erosão, a terra vermelha esburacada, a poeira no ar, o sol escaldando, Rita transpira fortemente, Arminda a consola, enxuga o suor, Cassiano pensativo e nervoso, à frente, leva a carta de Dr. Natanael na mão, pronto para entregá-la no hospital. Ainda não perdeu de todo a calma, afinal de contas parto é assim mesmo, depois passa, o hospital é uma tranquilidade, ainda bem que o governo construiu um moderno, bonito, luxuoso mesmo, bom demais até para a cidade amazônica.

– Não aguento mais, – balbucia Rita. – Dói muito. Está voltando, vo-l-t-a-n-d-o a doooooer, solta um grito e quase desfalece. Arminda, com o lenço embebido em álcool, dá para Rita cheirar.

– Calma, Ritinha. Já vai passar. Já tive assim. Deu que fazer, mas está aí vivinho da silva.

– É demais, é demais, é demais... que doooooooooor ...

Cassiano tem vontade de chorar, ele também não aguenta mais. Passa tudo em seu pensamento. Está vivo, como presente, em sua memória, o sertão, a casa antiga, o pai, a mãe, os amigos, a fartura do inverno, tudo; sente falta de alguém daquelas pessoas que morreram. Cercado do carinho de Arminda e outros amigos, abre-se, apesar disso, um vazio em seu coração. O pai e a mãe, enterrados, tão distantes, no sertão do Seridó, estão vivos agora, parece que ressuscitaram, tem a impressão de tê-los ao seu lado, consolando, aconselhando, confortando, vivendo com eles, ali, companheiros de desdita. Já não é a primeira vez que lhe acontece isso, na hora de sofrimentos, conversar com o pai em pensamento, rever a mãe, os olhos fechados, tem a impressão de que está presente, inicia diálogo, ela responde, os dois conversam longo tempo até que abre os olhos e verifica ter sido tudo ilusão. Mas era a voz da mãe, era a voz do pai, como se sussurrassem em seu ouvido, conversando baixinho, a entonação bondosa, como quem assiste e orienta. Durante todo o tempo, no automóvel, Cassiano foi conversando mentalmente com os pais e se revia no sertão, o alpendre da casa, as lajes grandes e duras, avermelhadas, a telha vã onde chorava o vento à noite.

Cassiano desperta de seu devaneio quando o automóvel para à porta do hospital. Portão grande semiaberto, tudo novo, ainda cheirando a tinta, pergunta pelo diretor, quer falar-lhe, traz uma carta para ser entregue pessoalmente.

– Dr. Galeão está muito ocupado. Termina serviço com um doente do Instituto.

– É caso urgente – pondera Cassiano.

Dentro de alguns minutos aparece um homem alto, meio calvo, voz vigorosa, apressado.

– Que há? – indaga.

– Este moço quer falar com o senhor – diz a funcionária.

Cassiano dá bom dia e estende a carta do Dr. Natanael.

– Trago esta carta para o senhor. Minha mulher ficou na porta, no automóvel. Está com dores de parto.

Dr. Galeão lê em segundos a carta, parecendo só ter visto a assinatura. Balança a cabeça e devolve a missiva a Cassiano.

– Não posso atender. Este hospital não é da prefeitura. Aqui não recebo ordens do prefeito.

Cassiano quer ponderar algo.

– Não adianta, moço. O prefeito também é médico. Ele que resolva o problema. Eu não sou subordinado dele. Nós aqui não recebemos ordens do prefeito. Já disse. Se atender o primeiro vão fazer fila na porta. É tempo de eleições, vão querer explorar o meu hospital para fazer política. Não posso atender.

E vira as costas, penetra noutra sala, batendo a porta com estrondo.

Cassiano gostaria de reagir. Seu sangue sobe-lhe à cabeça. Mas como fazê-lo? Como obrigar o Dr. Galeão a aceitar a doente? De que serve protestar, gritar, quebrar as vidraças, enlouquecer? Quem ouviria os seus brados? Quem? Mandá-lo-iam pôr fora, expulsar, como um desordeiro. As paredes frias receberiam o eco de seus gritos sem nenhuma resposta. A porta de luxo, pintada de branco, escondera a figura corpulenta do Dr. Galeão, o dono da casa, sem a calma necessária e a humildade suficiente para descer até Cassiano, olhar a enferma e socorrê-la.

Ecoaram por muito tempo nos ouvidos de Cassiano as palavras tonitruantes do médico:

– Não posso atender! Não recebemos ordens da prefeitura!

Cassiano regressa, cabeça baixa, para o automóvel. O hospital não recebe ordens do prefeito. Dr. Galeão ficou zangado. É voltar. Comunicar ao Dr. Natanael. Este talvez dê um jeito, sendo médico, fazer nascer a criança. Cassiano prefere mesmo que seja o Dr. Natanael, em quem confia, não aceitaria mais aquele Dr. Galeão, bruto e agressivo.

Voltam todos para casa. Rita carregada nos braços do marido, de Arminha, das empregadas, se estorcendo em dores, vez por outra grita, depois se entrega em desfalecimento, sangue, muito sangue a tingir os panos. Cassiano sai como louco à procura do Dr. Natanael. Não está na prefeitura, não está em casa, tivera um chamado urgente, informam, de Vila Franca, onde ocorrera um crime, correligionário assassinado a facadas, era preciso estar presente. Viajara certo de que Rita fora atendida no hospital, dizia a esposa, a recusa seria uma grande decepção para ele ao regressar. Cassiano vai buscar Ofélia, esta muito aflita, dizendo que não pode fazer nada, o caso é

grave, só médico mesmo, não há outro na cidade. Talvez encontrasse algum no hotel, embora de passagem, seria bom Cassiano procurar.

Ofélia iria tentar alguma coisa no hospital. Cassiano sai aflito, mal enxerga as pessoas, como um autômato, desce as ruas cheias de ladeira, buracos e valas, os sapatos já empoeirados, o cabelo em desalinho, o hotel, o hotel, o hotel, algum médico, algum médico, algum médico, há de encontrar, seu pensamento confuso, ora lembrando Rita em dores, ora pensando no pai morto, a mãe morta, tão distantes, o sertão, a casa. os pássaros madrugadores, a paisagem que enchia o seu coração. O dia avança, a tarde caminha para a noite, sombras começam a cobrir o Amazonas emoldurado, do outro lado, pela Costa do Tapará. No Hotel Santareno não encontra nenhum médico. Só há criadores, fazendeiros, aviadores, gente de garimpo. No Hotel Mocarongo estivera um médico na véspera, seguira par a Alenquer. Quem sabe não poderia ir buscá-lo em Alenquer! No Obidense nenhum. Todas as luzes se acendem na cidade, Cassiano na peregrinação, de um hotel a outro, depois a Pensão dos Viajantes, não, nenhum médico, na cidade só parteiras ou o Dr. Natanael, no momento ausente, e o Dr. Galeão com seus funcionários, no hospital.

Fecham-se todas as portas do destino a Cassiano. Não quer voltar para casa sem a companhia de um médico. Entra na primeira casa comercial, procura o proprietário, português atarracado e vermelho por trás do balcão, discutindo política com desconhecidos. Pergunta se conhece algum médico. Não, nenhum além do prefeito e do diretor do hospital. Nada. O comércio começa a fechar as portas. Cassiano retrocede, vencido, há que regressar para junto de Rita, sobre o leito, se esvaindo em sangue. Logo à esquina divisa a casa toda iluminada, um movimento inusitado, gente entrando e saindo, corre, sobe os dois degraus da entrada, muita gente, ouve soluços, Arminda se abraça a Cassiano, chorando muito, mal entra no quarto, muita gente em torno da cama, mais para olhar do que para ajudar, Rita inerte, a parteira com o rosto vermelho, se abraça também a Cassiano, só tem voz para balbuciar:

– O coração não resistiu, o coração não resistiu. Bem que eu avisei, que chamassem um médico. Eu disse que era grave, só no hospital. A criança estava atravessada. Ela não resistiu, coitadinha.

Um extenso lençol cobria todo o corpo, só aparecendo a cabeça, os cabelos soltos e longos caindo sobre os panos muito alvos, a expressão de tristeza, aquela mesma tristeza que tantas vezes Cassiano encontrou no rosto de Rita, quando se despedia. Um dos braços para fora dos lençóis, caía frouxo. Aquela mão que costumava apertar os seus braços em garra, como quem não quer largar nunca mais, pressentindo que um dia havia de deixá-lo. Cassiano se lança sobre a cama, o olhar em desespero, o corpo todo treme, seu pensamento é um vulcão, apenas exclama em revolta:

– Bandido, aquele médico! Bandido!

Amigos o puxam brandamente pelos ombros, Arminda ajuda, Ofélia também, manda saírem as crianças, velas acesas, gente estranha entrando, vinda de todos os lados, amigos de Juvêncio, pensando que fora alguém da família, era a mesma coisa, tão ligado estava a Cassiano e seu pai, desde a infância, no sertão. E ainda mais Juvêncio ausente, que golpe rijo iria sentir, quando chegasse, alegre, julgando estar tudo em ordem na casa. Choravam todos, a parteira, Arminda, as empregadas, as amigas, as luzes da casa todas acesas, os círios, como se lagrimassem, o vento forte batendo nas janelas, logo mais as preces, as flores, o fim de tudo para Cassiano.

De que lhe servia agora aquele ouro, guardado no cofre, se não pudera sequer salvar a vida da mulher? Quem sabe, se tivesse levado um saco cheio dele e jogado na mesa do Dr. Galeão, ele o tivesse atendido e salvo Rita! Talvez nem isso, é provável que não soubesse salvá-la, por incompetência, médico burro, sem experiência de partos complicados, ou despreparado, desses que só sabem assinar atestado de óbito. Talvez tivesse morrido do mesmo jeito, por falta de assistência, em mãos inábeis. Era o destino. Deus a levava por ser boa demais, diziam todos. E tão nova, na flor da idade, arrastando com ela Riomar, que nem sequer nascera! Daria o enxovalzinho a alguma criança pobre, que viesse ao mundo por aqueles dias. Ficaria apenas a lembrança.

– *Maktub* – consolava Salim. – *Maktub*. Está escrito.

Lá fora a noite ainda é escura, pessoas curiosas põem a cabeça à janela, chegam visitas estranhas que Cassiano jamais vira. Estouram foguetes no ar. É na praça da igreja, não muito longe, foguetes de comício político e o eco de vozes que gritam “vivas”, em coro, depois cessam, para recomeçar mais

tarde, com maior alarido. Cassiano sente-se sucumbido. Sai um pouco para respirar, não suporta mais aquele ambiente dentro do quarto, tanta gente indiferente e curiosa, a perguntar o que foi, como foi, quando foi, por que foi, tantas mãos a apertar sem entusiasmo, e a figura de Rita, inerte, sem poder dizer-lhe nada, ela, a companheira, a sua metade que desaparecia. Ventos sopravam do rio lambendo as faces de Cassiano. Barcos, sempre barcos, com os motores martelando o silêncio, um grande navio ancorado ao trapiche, em trabalho de descarga, todo iluminado. O escuro da noite não permitia divisar o outro lado do rio, a Costa do Tapará, onde comprara o trapiche do amigo de Salim.

Quando tudo terminasse, no dia seguinte, Cassiano fugiria daquela cidade para o outro lado do rio. Iria para a Costa do Tapará, recomeçar nova vida, mas levando sempre no coração a lembrança de Rita. Viveria sozinho, tendo-a no pensamento, qual fosse viva. Conversaria com ela, como fazia às vezes com o pai e a mãe, mal se apercebendo que já estavam mortos e que aquele diálogo absorto era pura fantasia.

Entravam e saíam hóspedes apressados no Hotel Mocarongo. Algo anormal havia acontecido. Rumores estranhos. Cassiano se aproxima de um grupo em que se encontrava Salim, indaga, curioso, a razão do movimento inusitado. Fora um acidente, explicaram-lhe. Um avião caíra no Tapajós, salvara-se a tripulação, o avião também, embora com alguma avaria. O mais importante é levava dinheiro do Banco do Brasil para uma agência do Amazonas. Dinheiro muito. Desaparecido.

– Foi de manhã cedo. – explicava Gilberto, um caixeiro-viajante. – O avião vinha de Belém, descera em Santarém. Ao levantar voo desgovernara, depois de algum tempo de voo, fizera pouso forçado.

– E a tripulação, como conseguiu salvar-se?

– Foi muita sorte, havia um descampado, campo de criação de gado, um campo de pouso feito pela natureza. Deu para pousar o avião. Bateu nalgum toco, está meio avariado, mas não deu para explodir.

– E o dinheiro? – Pergunta Salim.

– Não se sabe. Dizem que não acharam o dinheiro. Parece que pegou fogo. É o que se diz.

– Era muita grana?

– Ora, que pergunta besta, homem! Dinheiro para abastecer banco pode ser pouco?

– Isso vai dar em inquérito.

– Dá nada! São três dias de jornal. Depois é fato consumado.

Cassiano vê passar em alguns homens apressados, inquietos, a fisionomia congesta.

– São os tripulantes. – Fala Salim baixinho. – Estão agoniados.

– Se o avião explodiu, o dinheiro desapareceu... não tem jeito.

– Também podem ter alijado carga. É normal. O dinheiro foi jogado na mata. A estas horas, se der uma chuvarada, molha tudo, com mais alguns dias está todo estragado.

– Mas o que dizem é que sumiu mesmo. A cobra grande comeu. Cobra danada essa, só aparece nas horas mais inconvenientes.

O grupo dos faladores se desfaz. Cassiano se afasta. Não quer confusão. Já chegam as amarguras de sua vida. Evita aumentá-las com as amarguras alheias. Os pobres rapazes do avião estão intranquilos, numa hora dessas acontecem coisas de difícil explicação. E a vida prossegue. O mundo não para. Cassiano volta aos seus problemas e inquietações.



Os anos passaram sobre as vidas de todos. Juvêncio acionista da Mineração Jamanxim S.A., com quarenta por cento do capital, reiniciou nova vida. Um ano depois surge aflito em Santarém, Arminda preocupada, o que é que tem Juvêncio? Anda calado, triste. Ele, que agora vinha tão satisfeito com tudo, a sociedade, a mineração feita pela sociedade, Meroveu Nogueira sempre tão atencioso, padrinho até de Joãozinho. Não aceitara o lugar em Itaituba, queria ficar mesmo em Santarém. Meroveu, vez por outra, vinha à cidade, almoçava em casa de Juvêncio, trazia presentes para as crianças, sempre falando muito agitado. Mas Juvêncio estava triste.

– Não tenho sorte, não, mulher, de um ano para cá. A política levou um pedaço, agora é a mineração.

Juvêncio fora candidato. O partido lhe exigira forte quantia, vinte milhões, para incluí-lo na chapa. Todos davam, dizia o chefe. Era uma ordem e corre-ligionário disciplinado não discute. Todos davam. Sem recibo, entregavam o dinheiro antes do pleito, mas iam buscar dez vezes mais depois de eleitos. Ele não. Sempre fora honesto. Não tinha jeito para avançar na coisa pública. Mas forneceu o dinheiro para o partido. Dinheiro para os cabos eleitorais. E mais para comprar boi, farinha, para transporte, barcos para propaganda, cartazes, chapas, pagar moças encarregadas do troca-troca. Quando abriu os olhos estava com quase quarenta milhões gastos, à toa, afinal de contas, que só conseguiu uma suplência de deputado estadual.

– Eleição é assim mesmo. – dizia o chefe. – Na próxima você entra para a federal. Isso de saber fazer discurso é potoca. Para ser deputado não precisa. Basta que um tenha cabeça, o líder. Os demais acompanham. É só votar com o líder. E quem não vai votar é traidor. Basta um inteligente para dirigir.

Juvêncio nunca pensara em ser traidor de coisa alguma. Queria era vencer. Ter força, ajudar os amigos, trabalhar pela terra, e a política o atraía. Sua família havia dado muitos políticos no sertão, os famosos Borbas, com nome



na história. Era o sangue que puxava. Mas perdera. Os cabos eleitorais, com o seu dinheiro, trabalharam para outros candidatos, e embolsaram a metade.

Agora Juvêncio estava mais reservado. Meroveu, em sua passagem por Santarém, anunciara que a sociedade precisava aumentar o capital, de cem para quinhentos milhões. Devia ampliar, crescer, tornar-se uma potência. A cada sócio o direito de subscrever ações para integralizar esse capital. Os que não quisessem abriam mão para os outros ou para estranhos, capital aberto, explicava Meroveu. Todas fazem assim. Em quinhentos milhões Juvêncio teria direito a duzentos, como já possuía quarenta, deveria entrar com cento e sessenta milhões para integralização total.

– Onde vou buscar cento e sessenta milhões, mulher? – Perguntava Juvêncio aflito. – Onde? Diz Meroveu que, se não aumentar o capital, a sociedade não desenvolve. O grupo dele vai entrar com muito mais, justifica. Tem sessenta milhões atualmente. Vão ter que subscrever duzentos e quarenta para integralizarem trezentos milhões. Meroveu explica bem a coisa. Ele também vai levar a facada. Mas tem muito dinheiro, eu não tenho, como posso competir?

– Mas você não é obrigado, homem – consola a mulher.

– Sim, não sou obrigado. Mas se não entrar com os cento e sessenta milhões vou permanecer com quarenta num capital de quinhentos, isto é, oito por cento apenas. Já pensou? o-i-t-o p-o-r c-e-n-t-o... E Juvêncio frisava bem, oito por cento em tudo, no capital, nos lucros, em tudo.

– E por que não desfaz o negócio? Saia com o seu – pondera a mulher.

Meroveu não quer comprar. Diz que já tem muito dinheiro enterrado nisso e não interessa comprar a minha parte. Os estranhos também não querem. As ações são de mil cruzeiros, mas ninguém quer pagar esse valor. Um comerciante em Belém me disse que o máximo que dava eram quinhentos cruzeiros. Estão desvalorizadas. Não têm cotação na Bolsa. Ação, disse ele, só serve para quem tem controle acionário e é diretor. O acionista comum entra pelo cano. Se eu vender a quinhentos cruzeiros vou receber apenas vinte milhões, perdendo vinte. Bonito negócio! O dobro disso gastei eu na eleição.

E Juvêncio enterra a cabeça nas duas mãos, o desespero no olhar. Ele que fizera o seu patrimônio a pouco e pouco estava agora reduzido àquela

situação. Casas, terrenos em Belém e Santarém, numerosas propriedades, tudo agora era da sociedade, só salvara a casa da residência, isso mesmo por insistência do Dr. Anísio, que o aconselhou muito a deixá-la de fora.

– É da família – dizia Dr. Anísio. – Salve a casa. Vou fazer dela Bem de Família, Juvêncio. Você ainda tem filhos pequenos.

– Bom homem, o Dr. Anísio. Por que não escutei seus conselhos! Ele sempre dizia que Meroveu iria me enganar. Que não confiasse muito nele. Meroveu, para atender qualquer cliente no banco, exigia vinte por cento. Afinal de contas Meroveu também vai desembolsar muito dinheiro. Tem suas razões. Mas vai ficar com tudo. Os sessenta por cento são dele, com os parentes como testas de ferro. Com o aumento do capital possuirá noventa e dois por cento de todo o patrimônio, casas, terrenos, garimpos e, se lançar outro aumento de capital para um bilhão, vou ficar reduzido a quatro por cento e ele a noventa e seis!

– Mas esses quatro por cento podem valer mais do que os seus quarenta do começo ...

– Sim e não. Os lucros ele reinveste, tem fundo de reserva grande, tranca os dividendos, força a baixa das ações, ninguém pode com ele. É um demônio. Já é conhecido, ninguém compras minhas ações por dinheiro nenhum.

– Fé em Deus, Juvêncio. – consola a mulher. – Ninguém faz mal em vão. Fé em Deus.

Era a última esperança. Deus e a sua fé não deixavam Juvêncio desesperar de todo. Mas já estava cansando daquilo tudo. Tantos aborrecimentos. Os amigos tresmalhados. Cassiano sem Rita, do outro lado de rio, no seu pequeno comércio do Tapará, não queria mais nada com os garimpos. Procópio inutilizado, tivera que cortar a perna. Estavam ainda vivas na memória de Juvêncio as cenas do hospital, a perna cortada, era preciso enterrar. Tinha que obedecer a formalidades, sepultar uma perna é mais difícil do que um corpo inteiro. Atestado médico-legal, guia, taxas, autorização da saúde pública e da polícia uma infinidade de exigências. Um dia inteiro passou Juvêncio pelas repartições a obter autorização, não havia sepultura própria, porquanto não se gasta uma sepultura com tão pouco. Juvêncio com a perna do amigo embrulhada em panos e esparadrapos, para cima e para baixo, cheirando clorofórmio. Um problema novo no cemitério, ninguém sabia

resolver. Depois de muita luta conseguiu sepultar a perna de Procópio, o homem fazendo despesas no hospital, tinha reservas do garimpo, suficientes para o tratamento, mas depois viveria nova vida, compraria uma perna mecânica, trabalharia noutra coisa. Teria que adaptar-se em suma. Juvêncio sofria pelos amigos. Avelino com vida pacata, ainda no garimpo, empregado da nova sociedade, recebendo salário, que a empresa de Meroveu não partilhava ouro com garimpeiro. Construíra campo de pouso, casas, instalações, maquinaria moderna, comprara outras minas. Meroveu estava podre de rico, diziam todos. Adquirira até um banco, no qual possuía também o controle acionário, podendo fazer e desfazer.

Vivesse cem anos haveria de se lembrar sempre das palavras do Dr. Anísio:

– O negócio, como está apresentado, parece bom. Mas não tenho confiança em Meroveu. E a primeira coisa, em negócio, é confiar em quem vai fazê-lo. Um dia esse Meroveu vai dar-lhe prejuízo.

Dito e feito. Homem de visão, Dr. Anísio. Não sabia nem como encará-lo, agora.



Correm mais anos sobre as vidas e as coisas. A enchente. A grande enchente. Cassiano do alto de sua pequena casa de comércio observa as águas do Amazonas, sempre a crescerem, a se encresparem ao sopro do vento tempestuoso da tarde. Formam-se redemoinhos, descem galharias boiando, vindas de longe, dalguma terra caída no Alto Amazonas. Nesta época do ano o rio costuma crescer, com o degelo dos Andes; há marcas nas árvores, nos trapiches, nas casas, de cheias anteriores. Todas as marcas já foram ultrapassadas. A água submerge o trapiche de Cassiano, penetra pela habitação adentro, os porcos foram retirados de debaixo da casa, levados para o teso, a água amarela cobre os troncos das árvores, as galinhas e papagaios se penduram nos galhos, é preciso suspender o assoalho, construir marombas para o gado.

Cassiano dirige as obras, tábuas, mais tábuas, fizera serviço semelhante uma semana antes, elevara o nível do assoalho, agora já recoberto pela correnteza. Olhados de longe a casa de comércio, o barracão de depósito e a moradia pareciam uma estranha embarcação boiando sobre as águas. Enchente como nunca aconteceu, pelo menos nos últimos trinta anos! Bichos apareciam. Aranhas imensas, negras, muitas aranhas, subiam pelas paredes, caíam do telhado, cobras de todos os tamanhos afugentadas pelas águas, os búfalos se refastelando na lama, o céu ameaçador. Chuva, muita chuva, grossa, de não deixar ver nada diante dos olhos. Cassiano tem a montaria sempre pronta para fugir, se a enchente continuar assim terá que sair dali, procurar outro lugar, Santarém talvez.

As estações transmitiam informações alarmantes. O pequeno rádio de pilha de Cassiano vibrava, pendurado num prego na parede de madeira caiada. Notícias de casas desabando na beira do rio, famílias inteiras desabrigadas, cerca de cento e cinquenta mil pessoas, somente no Pará, região do Baixo Amazonas, atingidas pelas águas, em todas as suas consequências. Homens e crianças com as casas inundadas, mergulham a fim de salvar al-



guns pertences. Os toscos móveis cobertos, levantam-se soalhos, em vão, porque logo a enchente os cobre. Constroem-se marombas para o gado. A peste dizima bois, vacas e cavalos, que são arrastados pela corrente, boiando, com os urubus em torno, num cortejo macabro em direção do mar. Para salvar o que sobra do rebanho, os seus proprietários viajam, remando, por muitas horas, à procura de capim, que transportam diariamente, as canoas abarrotadas, para o gado insulado em tesos ou marombas improvisadas.

O governo, diz o noticiário, dará ajuda na “medida do possível”. A área é imensa, uma faixa de cerca de mil quilômetros de flagelados a socorrer. As águas continuam a crescer. Na véspera subiram quinze centímetros, ameaçando ultrapassar a amurada do pequeno porto de Santarém. Peste nos animais, epidemias de tifo e varíola nos seres humanos, os moradores da várzea se veem perseguidos por cobras e aranhas, que surgem de todos os lados. Ninguém dorme tranquilo, as redes penduradas sobre as águas, as aranhas caindo dos tetos ou se insinuando nos calçados e nas brechas das habitações. Setenta por cento da safra de juta da região estão perdidos, o gado condenado à fome e à peste, as pequenas culturas de milho, feijão, mandioca, já destruídas, só poderão ser replantadas depois da enchente. Campeia a desolação, a fome, o dano à lavoura, plantada com tanto sacrifício. Para muitos será preciso recomeçar tudo de novo.

O rio continua a subir, o novo assoalho feito por Cassiano está submerso. Só levantando estrados. É preciso retirar as mercadorias do depósito. Armam-se jiraus, colocam-se sobre eles sacas de farinha, arroz, café, feijão, mantas de charque, a água à noite os atingiu, contra todas as expectativas. Muitas mercadorias inutilizadas, as sacas tufadas, tufando, estourando a farinha escorrendo em papa, o feijão inchado, era difícil entrar no depósito, o nível do rio subira muito. Nenhuma noite mais poderiam ficar ali seres humanos, a vida em perigo, sem condições de sobrevivência. A água arrastava tudo, invadira até áreas nunca dantes atingidas no povoado, mais adiante; no cemitério, arrancando sepulturas, cadáveres putrefactos à mostra, ossos, tudo de mistura com folhas e galhos vindos de longe. Pouco faltava para submersão total. O trapiche de Cassiano desaparecera submerso. Tinha que sair, fugir dali, o barco como motor amarrado à estaca, pronto para partida, precisava salvar alguma coisa, as de mais valor, algum dinheiro guardado.

O pequeno cofre ficava, era pesado. Salvaria ao menos as mercadorias enlatadas, carnes, leites, se houvesse tempo para colocar na canoa, o máximo possível, de mistura com malas de roupa e miudezas.

– E as galinhas! – grita alguém.

“Não esqueçam o louro, o papagaio”, àquelas horas triste e murchinho. Cassiano salva o que pode, é muito pouco, diante do prejuízo enorme, a correnteza cantando nos esteios da casa, tentando arrancá-la, o que forçosamente iria acontecer, tendo já desabado com estrondo parte do depósito, apoiado em madeira mais fraca, ou talvez devido ao peso das mercadorias e o repuxo da corrente fluvial. Fardos de juta, muito brancos, e peles de borracha, boiavam sobre as águas. Eram os salvados daquele naufrágio *sui generis*, em que a natureza fazia subir o nível das águas, alagando e arrasando sem piedade. Todos aguardavam socorro da prefeitura, do governo do estado, do governo federal, os jornais noticiavam a abertura de créditos, mas ninguém via auxílio algum, as águas sempre crescendo, a região imensa, não podiam atender a todos ao mesmo tempo, carecia de paciência e fé em Deus. Cassiano tirou da parede o crucifixo de Rita, que trouxera do sertão, relíquia de família, última recordação da morta, que o acompanhava. Fora presente dos avós, nos bons tempos. O vento açoitava as águas, ondas se elevavam pontiagudas, o rio largo, mais parecendo um mar, do outro lado a fita estreita das matas no horizonte, aqui e ali uma ilha, como se estivesse boiando, solta, sobre a superfície amarela do Amazonas. As doenças atacam as populações, principalmente a malária e as disenterias, o tifo, a varíola, crianças em desconforto, centenas de pessoas se deslocam para a sede do município, ficam ao desabrigo, sem casas, sem emprego, algumas vivendo da caridade pública, nem sempre solícita. Muitos, à falta de habitações, moram nas próprias canoas, com uma cobertura de palha improvisada para defender do sol e da chuva, ali vivem e dormem, o fogareiro do barco aceso para preparo das sobras que conseguem obter, um pouco de pirarucu, de feijão ou de café.

Cassiano não pode mais resistir à força da natureza. Arrumou na canoa as poucas coisas que poderia salvar. Como um comandante, só deixaria a nau no último instante. Ali estava a sua vida, o seu passado, o seu presente e o seu futuro. A água atingia as pessoas pela cintura, meia casa tomada,

perigo de desabamento total, convinha desatracar, antes que a embarcação se desligasse da amarra e fosse arrastada. A chuva vem de longe fazendo zoadá sobre a mata, dificulta os movimentos, uma imprudência largar dessa forma, mas não há outro recurso. Muito pior será ficar atracado ao trapiche, as ondas a sacudirem a embarcação, forcejando a amarra, melhor será deixar tudo e buscar Santarém. Sob forte chuva a canoa se põe em movimento, o motor roncando, uma esteira a protegê-lo parcialmente, Cassiano, o caboclo Bailão, seu empregado e a mulher Nenê, cozinheira, os amigos que encontrou, seus companheiros nos últimos anos. Rompe as ondas, as chuvas, mal divisa o horizonte, a cortina maciça de água não permite olhar a distância, horas de viagem e de agonia, à procura de Santarém naquele imenso dilúvio. Seus olhos tornam por vezes para trás, rompendo a escuridão, em busca da paisagem que só vê na imaginação.

Quando Cassiano chegou à cidade a noite já ia alta. O vento, a chuva, a correnteza forte atrasaram a viagem, perigosa àquela hora. Estava encharcado, todo o tempo sob a intempérie, o cuidado para não deixar a canoa alagar de todo, a preocupação com as mercadorias que transportava. O velho caboclo o orientava, dando a mãozinha no leme, a mulher retirando água com lata, o motor sempre vibrando e, em torno, a escuridão, chuva e frio. Longa viagem de volta, deixando na Costa do Tapará toda a sua riqueza, as suas economias, o seu trapiche, a casa de comércio, a residência, tudo coberto pela água, sendo arrastado aos poucos. Que sobraria daquilo tudo? Quase nada. Apenas algum gênero; e o dinheiro que guardava no cofre conseguiu salvar. Pequena sobra de ouro. Assim mesmo vinha amarrado à cintura, tentando protegê-lo do vento e da água, que tudo alagou, inundando a camisa, a calça, tudo molhado, inclusive o dinheiro, que deveria pôr para secar, quando raiasse a aurora.

Santarém dormia profundamente. Barcos ancorados. Um transatlântico fora, porquanto o trapiche não oferecia condições de atracamento. Barcos motores em movimento, aos poucos a chuva foi cessando, o céu se mostrava mais limpo, uma lua em quarto crescente aclarava todo o cenário, o rio brilhando, mais adiante a cidade, as igrejas, o mercado, o casario antigo da rua da frente contemplando o Amazonas, vento, leve e frio, constante. Cassiano se aproxima da margem, atraca entre o trapiche e o bar, está exausto. Bailão

e a mulher não demonstram fadiga, afeitos àquela vida ao ar livre, à chuva e ao frio da madrugada. Que fazer àquela hora? Despertar Juvêncio, Arminda, a família toda, em pleno repouso? Não seria justo, muito embora soubesse que o amigo abriria os braços para recebê-lo. Mas iria rever aquela casa em que contemplara Rita prostrada, envolta em lençóis, os cabelos longos esparramados sobre a colcha. Não, não acordaria Juvêncio. Deixaria para de manhã, quando raiasse o sol e a impressão ainda viva da que morrera, apesar do tempo decorrido, se desvanecesse um pouco com a luz do dia. Mas ficaria assim encharcado, sujeito a adoecer? E os dois empregados? A maleta de couro protegera as roupas, não deviam estar molhadas, pelo menos algumas peças ficariam enxutas, prontas para vestir. Cassiano pôs o pé em terra, pediu a Bailão a maleta e se dirigiu para o bar do Meschede. Trocaria a roupa ali, o bar deserto àquela hora, as luzes acesas, mas as portas cerradas, uma apenas semiaberta, por onde entrou. Roberto, o garçom, paraibano de Sousa, foi logo reconhecendo:

- Que te aconteceu, Cassiano? A estas horas por aqui?
- A enchente, Roberto. Cobriu tudo.
- Santarém está cheia de gente que veio dos interiores. Dá uma espiada na janela.

E aponta para outro lado do prédio. Cassiano se aproxima e contempla, na noite agora clara. Numerosas canoas atracadas, umas maiores, outras menores, todas com gente dentro, cobertas de esteiras.

- Tem muita gente doente. Tifo e varíola. Está grassando. Já chegou uma turma de enfermeiros para aplicar vacinas.

- Para o lado de Alenquer, no Capintuba, foi um escangalho. No Ituqui também. Está tudo alagado. A maior enchente que já se viu. Vem gente de todos os lados. Na praça da frente há famílias abrigadas até na igreja.

Ouvem-se, vindos das canoas, choros de crianças, resmungos das mães, de mistura com o ruído de barcos motores em movimento, ao longe. Toca o sino da igreja. Seis horas. A cidade desperta aos poucos, debruçada sobre as águas, o busto sobre o Amazonas e as pernas sobre o Tapajós.

O sol desfaz as sombras. Surgem pessoas de todos os lados. O trapiche se povoa, o mercado regurgita de caboclos, as mercadorias expostas, a vida que renasce todos os dias. A vida! Como ela é bela aos olhos de Cassiano,

quando iluminada pela aurora, o céu enfeitado de nuvens, o rio largo, a mata ao longe, as praias alvíssimas, a cidade despertando para a faina diária, as crianças a caminho da escola, o movimento do porto, os pássaros nas árvores, ou em revoada, toda a natureza aberta na alegria de renascer com a aurora.

É tempo de procurar Juvêncio. O amigo ficará zangado se souber que Cassiano está na terra e não o visitou. A mesma rua de anos atrás, o mesmo barro vermelho, as mesmas valas profundas provocadas pela erosão, nenhum progresso, sem qualquer melhoria que alcançasse a vista de Cassiano. Lembrava as promessas que ouvira, naquela mesma praça, dos oradores e candidatos que prometiam fazer “a redenção do estado”, sob gritos e foguetórios. Que redenção fora aquela, em que tudo parecia pior, a vida mais cara, o dinheiro mais podre, a produção estagnada, a cheia destruindo tudo, quase nenhum socorro, a não ser no noticiário do rádio e dos jornais? Ninguém fora redimido de coisa alguma. Corriam até notícias estranhas, de boca em boca, de negociatas homéricas, anedotas picarescas, os homens querendo apenas os postos, prestígio, a exploração, o povo na mesma miséria, votando a troco de comida, os cabos eleitorais embolsando as verbas, as eleições ganhas com mapas falsos, a agricultura e a pecuária em decadência. Ao atravessar a praça da igreja, Cassiano teve a impressão de ainda escutar os ecos do vozerio dos oradores, um deles os olhos em brasa, as veias do pescoço quase a estourarem, invocando textos bíblicos e a palavra sagrada para anunciar a redenção do estado. Oh! Redenção às avessas que ainda não chegara! O ouro saindo de avião para São Paulo, Caiena e Nova Iorque, as verbas desviadas, descontentamento, índice de inflação de quase cem por cento, notícias de rebelião no sul, governo ameaçado. Cassiano desperta de seu devaneio. A casa de Juvêncio ainda fechada. Espera. Passam crianças para as escolas, a farda azul e branca, toca o sino da igreja, o sol se abre, as fachadas iluminadas. Ruídos no interior da casa, escancara-se uma das janelas da frente. Cassiano se aproxima, é Juvêncio, que, surpreso, contempla o amigo e logo a seguir, espontâneo, abre-lhe os braços e exclama:

- Você por aqui, Cassiano! E a estas horas! Que é que há?
- É a enchente, Juvêncio. Arrasou tudo.
- Entra, homem! Vem tomar café!

Juvêncio abre a porta, Cassiano sobe os dois degraus, a casa ainda escura, quase todas as janelas cerradas, aquela mesma sala, logo ao lado o quarto, aquele mesmo quarto em que pela última vez contemplara Rita. O coração apertou, Cassiano não escondeu a expressão de mágoa que lhe ia na alma. O amigo notou, levou-o para dentro, afetivamente, e logo chamando a mulher:

– Arminda! Oh Arminda! Olha quem está aqui. O Cassiano. Vai tomar café conosco.

Arminda sempre bem-humorada, tendo pela mão Joãozinho já crescido, com uniforme escolar.

Os dois amigos sentam à mesa.

– Mas que é que há, Cassiano? – Pergunta Juvêncio. – Teu prejuízo é grande?

– Enorme, quase total. As águas cresceram muito, entraram pela casa, pelo depósito, estragaram as mercadorias. Pouco se salvou. O trapiche ficou coberto, deve ter sido arrastado. Parte do depósito cedeu e foi levada pela correnteza. Queira Deus não vá desaparecer tudo. Se subir mais um pouco não sobra nada.

– Ali a corrente é forte. É uma ponta de terra. O rio tem uma energia que ninguém pode dominar. Subiu muito este ano, como nunca. Ultrapassou as marcas as maiores enchentes dos outros anos. Dizem ser o degelo dos Andes.

E mudando de assunto:

– Que vai fazer da vida, Cassiano?

– Estou pensando em voltar para o Seridó. Tenho notícia de que está chovendo por lá, já existe fartura.

– Pois eu vou recomeçar – diz Juvêncio, o rosto sombreado. Pensativo.

Juvêncio vai recomeçar. O que previra aconteceu. Meroveu duplicara, triplicara, quadruplicara o capital da empresa de mineração, tudo na base de integralização em dinheiro. Quase não distribuía lucros. Dera apenas uma vez bonificação em ações, de pequeno porte. Sempre alegando precisar comprar máquinas, mercadorias, ampliar as instalações, inversão, mais inversão. O dele estava assegurado, recebia grande remuneração como presidente. Deixara até o banco. Os demais parentes foram eleitos diretores.

Mais comissões, gratificações, percentagens. Juvêncio estava reduzido a um por cento de todo o capital social.

– Desejo vender as ações, mas não acho preço. Só querem pagar a metade do valor. É papel apenas.

– Que vai fazer da vida? – indaga então Cassiano.

– Vou recomeçar. Não me deixo abater. Já localizei um novo garimpo, desconhecido, no Rio Cabeça. Abrirei nova frente de trabalho nesse rio. Quer vir comigo?

Cassiano recebe o convite e recorda o tempo de sofrimento que passou no garimpo, a solidão, o desespero, a enfermidade de Belmiro e Bento. Procópio de perna cortada, Avelino ainda lutando. Não. Não aceitará. Também não estava se sentindo muito bem de saúde. Palpitações, insônia. Prefere voltar para o sertão. Para a sua gleba tórrida, mas acolhedora. Para os seus amigos, se é que ainda vivem alguns. Recomeço, sim, no Seridó, ou na Serra Negra, nunca ali, naquele deserto verde e úmido, repleto de tentações e de desgraças.

Juvêncio tem muita fibra. Precisa de homens de confiança. Dispõe apenas de Avelino, Belmiro e Bento. Os demais se tresmalharam, foram para o trabalho da juta, para a castanha, para os seringais, para o Amapá ou a região do Rio Jary, onde os americanos prometiam pagar bem.

– Tenho ainda um restinho. – dizia Juvêncio. – Resto de dólares guardados, restos de ouro em pó, um saco de pepitas, jóias da mulher. Vou reduzir tudo a cruzeiros e recomeçar. Ainda quero ver a caveira de Meroveu, padrinho de Joãozinho.

E o homem passou a mão pela cabeça do filho, afetuosamente.

– Padrinho da peste. Você merecia coisa melhor, meu filho.

O menino sai para a aula, Cassiano levanta, despede-se do amigo, um abraço espontâneo, sincero:

– Vou pensar no convite, depois dou a solução. Mas é quase certo voltar para o sertão. Quero antes ir ao Tapará ver o que sobrou da enchente, arranjar comprador para as terras e para o que ainda houver por lá.

Passaram alguns dias, Cassiano precisava voltar ao Tapará, rever a casa, o trapiche, fazer o balanço dos prejuízos.

Restava-lhe a embarcação, pequena embora, mas meio de transporte normal na região. A enchente lhe deixara marcada a alma. Repassavam em seu pensamento, à noite, as cenas que vivera, tão reais, em sua brutalidade, a água subindo sempre, o trabalho de construção de marombas, o levantamento do nível do assoalho, o deslocamento das mercadorias, o salvamento dos bichos, tudo feito sob coação irresistível dos acontecimentos avassaladores. Deixara-lhe também vestígios nos nervos, uma palpitação no coração, que antes não sentia, a necessidade de consultar o médico, quanto antes.

Depois do que acontecera a Rita ficara com receio dos médicos. Afinal de contas nem todos seriam como o Dr. Galeão, havia os bons, o Dr. Natanael era um exemplo, tão humanitário e generoso. Mas Natanael, sempre absorvido pela política, eleito deputado, mal parava na cidade. A enchente, agora, o arrastara à capital à procura de auxílio do governo, e depois tivera que percorrer parte do município, levando o medicamento, o gênero alimentício ou a palavra de conforto às populações desvalidas.

Começara a descer o nível do rio. Cassiano, em manhã de sol, regressa ao Tapará, o motor martelando os ares, o ruído se diluindo na distância, água e céu, ao longe as margens, manchas cinzentas, que a pouco e pouco se fazem verdes, crescem, como se a mataria se aproximasse num movimento gigantesco de mágica. De longe Cassiano divisa os restos de sua antiga morada. O trapiche, inclinado, resistira. A casa de comércio se fora quase toda, na frente, arrastada pela correnteza. Ao fundo a casa de morada sobrevivera, e parte do depósito, ainda de pé, as telhas a brilharem a distância, iluminadas pelo sol, a madeira firme vitoriosa da avalanche. Cassiano não esperava que a casa resistisse tanto. Fora-se o curral, atrás, tudo com marcas de lama, a água subira a alturas nunca jamais alcançadas, deixando a sua camada de lodo nas paredes de madeira. Nenhum móvel. Nenhuma mercadoria. O

chão viscoso. Ficara pelo menos a casa de morada. Ainda seria alguma coisa. Procuraria comprador, acharia bom preço e com o produto regressaria ao Seridó, não tão pobre quanto viera, pelo menos com uns restos de economia para recomeçar vida nova.

Mas o coração o arrastava e prendia a Santarém. O coração palpitava vez por outra. Não sabia se palpitava de recordação do drama da enchente, ou se palpitava ainda pela mulher, que deixara sepultada. Teria que regressar dias depois, levar aquilo tudo, mandar pintar a fachada da casa, se possível refazer a de comércio. Mas onde obter dinheiro? O pouco que salvara do cofre era o seu sustento daqueles dias. Sem trabalho e sem renda devorava a pouco e pouco os salvados da desgraça.

Novo regresso a Santarém. À procura do Dr. Natanael, sempre ocupado. Uns dias de repouso, recomendara. Cassiano estava abalado mais dos nervos do que do coração. Uns remédios calmantes seriam suficientes, dizia o médico. Recomendava repouso, uma semana pelo menos sem ir ao Tapará, hóspede de Juvêncio, talvez, mas preferindo a pensão, onde não tinha a rever aquele quarto, aquela sala, aquelas paredes, que viram Rita pela última vez.



Uma semana depois Cassiano volta ao Tapará. Levava dois homens para o serviço de limpeza, lavagem da lama endurecida, colocação de algumas portas e janelas, a fim de evitar invasão. Já tinham avisado que precisava tomar cuidado com suas coisas. O povo, vendo tudo abandonado, toma posse logo. De longe Cassiano procura no horizonte o seu trapiche, a casa de morada que deixara uma semana antes. Seus olhos buscam em vão. Estaria enganado na rota? Não, o caminho certo era aquele mesmo, o rumo exato, tantas foram as vezes que fizera aquela mesma viagem no passado. Seu coração palpita ainda mais. Não vê nada. Apenas o esqueleto do trapiche que ninguém poderia arrastar com facilidade. Alguns restos de construção da casa. Tudo fora roubado. As telhas. Os caibros. As portas. As janelas. As vigas. O assoalho. Tudo arrancado e furtado, não se sabe quando, não se sabe por quem, não se sabe como.

Um caboclo que passa na igarité grita para Cassiano:

– Levaram tudo, Seu Cassiano. O puvo.

O povo. Expressão indefinida que ecoa nos céus da Amazônia como se fosse mágica. O povo. Mas que povo? João, Manoel, Francisco? Não, o povo não tinha nomes, era simplesmente *o povo*. E como dizia o caboclo: “o *puvo*”. Aquelas palavras ecoavam nos ouvidos de Cassiano como se fossem marteladas:

– O puvo levou tudo. Carregu tudo.

Cassiano não previra mais esse infortúnio. A casa de morada ainda estava perfeita, uma semana antes, grande parte do depósito em condições de ser recuperada. Homens e mulheres famintos, vindos do povoado, foram levando aos poucos, primeiro algumas telhas, de noite; depois alguns caibros, finalmente as tábuas, esteios, tudo o que puderam arrancar. Apenas o esqueleto do trapiche furava as águas, como último vestígio de domínio daquelas terras.



E agora, que iria fazer? Já oferecera a propriedade a vários compradores, dizendo-lhes que havia um trapiche, casa de morada, depósito com possibilidade de reconstrução da casa de comércio! Valia menos agora. Sobravam apenas as terras, que não podiam ser transportadas. Tudo o mais se fora roubado pelo rio ou pelos homens.

Cassiano regressa acabrunhado. Já se acostumara com tanta desgraça acumulada. Mais uma vinha, agora, aumentar a carga que lhe pesava sobre a alma.

– Não! – pensava, nunca mais voltaria àquele lugar. Ali vivera tantos anos, julgara ter feito amigos. Socorrera muitas vezes a população, com remédios, mercadorias e algum dinheiro. Onde estavam os amigos? Onde estava Zezito? Onde estava o Varela? E o Cosme? Todos aqueles que conhecera, com quem convivera anos a fio, como se fossem irmãos? E os afilhados, alguns já crescidos, se pondo homens e moças?

Seu pensamento divagava assim. Não regressaria jamais ao Tapará. Venderia as terras, apenas as terras.

Juvêncio procura comprador. Encontra um, Ibrahim. Quer ver os documentos. Cassiano procura no baú o recibo que lhe dera o antigo vendedor. Vão ao cartório. O tabelião balança a cabeça:

– Não, esse documento não vai servir. Ele se refere às benfeitorias. Fala em casa de comércio, depósito, morada. Essas benfeitorias não existem mais.

– E virando-se para Cassiano:

– Preciso do título. O documento das terras.

– Só tenho esse documento, – exclama. – Quando comprei me deram isso.

– Sim, – explica o notário. – Esse documento tinha valor quando existiam as casas e demais benfeitorias. Agora está tudo limpo. O senhor devia ter um título das terras concedido pelo governo do estado, a Secretaria de Obras Públicas. Não tem?

Cassiano não possuía título algum. Comprara mediante escritura feita em cartório, apenas as benfeitorias, com direito de ocupação das terras.

– É bem verdade – explica o tabelião – que o senhor tem o direito de ocupação das terras. Mas agora, que está tudo limpo, a coisa complica um pouco. É preciso refazer as benfeitorias.

Ibrahim não quer mais comprar. Cassiano não é mais dono de nada. As terras são do governo. Um pensamento diabólico passa-lhe pela cabeça:

– Seu Cassiano, não pode fazer negócio. Senhor não tem o que vender – exclama Ibrahim.

Fora a última pá de terra no infortúnio irremediável. Como obter, agora, o título, se nem sequer possuía mais benfeitorias? Teria que ir a Belém, requerer diretamente, explicaram.

Dias depois chegam notícias de que estavam construindo nas terras de Cassiano. Vários caboclos, em igarités, providos de frutas para a feira do mercado, avisam:

– Estão construindo nas suas terras! É seu Ibrahim. Já fez um trapiche e uma casa nova. Diz que ninguém tira ele de lá. Requereu as terras ao governo.

Cassiano procura Juvêncio. Juvêncio consulta o prefeito. O prefeito aconselha:

– Procurem a Justiça. Isso é caso de justiça. Eu não sou advogado, nada posso fazer. As terras não são da prefeitura, pertencem ao estado.

Alguns avisam:

– Cuidado com Ibrahim. É homem da situação. Gastou muito na eleição. Tem amizades lá em cima.

Cassiano e Juvêncio procuram o juiz. Não havia juiz.

Há três anos a comarca estava vaga. O escrivão aponta melancolicamente para uma enorme pilha de processos e exclama:

– Esta comarca há três anos não sabe o que é ter um juiz.

Justiça parada. Vida parada. Morte em vida. Ninguém para apelar, para recorrer, para ouvir ao menos um grito que seja de protesto ou de desespero! Cassiano perdera as benfeitorias, perdera as terras, perdera quase tudo, só lhe sobravam a canoa, o motor e uns restos de dinheiro e de ouro que salvara do cofre, à última hora. Dariam ao menos para a passagem de volta. A volta, sempre a volta, para a casa, para o sertão, a morada dos ancestrais, acolhedora e generosa.

O sertão, no seu peito quente, haveria de aconchegá-lo.

Obras do autor

1. Livros

A. Literatura

A Conquista do Rio Amazonas. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1963.

A Epopéia do Acre. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1964.

Fausto de Goethe (Tradução do original alemão). Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1968; 2ª ed., São Paulo, Editora Três, 1974.

Guilherme Tell de Frederico Schiller (Tradução do original alemão - Prêmio Odorico Mendes da Academia Brasileira de Letras em 1970). Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1974.

Meditações sobre o Fausto de Goethe, separata in *Revista do Conselho Estadual de Cultura do Pará*.

Antologia Poética (Inédito).

Mato-Grande (Romance inédito).

Os Heróis do Amapá (Inédito).

Antologia de Poetas Alemães - De Heine a Gunther Eick (No prelo).

O Ouro do Jamanxim (Romance - Menção honrosa do concurso do INL/1972). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1974.

B. Jurisprudência

Alguns Casos Forenses. Belém, Editora Barra, 1943.

A Lei das XII Tábuas, Fonte de Direito Público e Privada. Belém, Editora Barra, 1958; 2ª e 3ª edições, Rio de Janeiro, Cia. Editora Forense, 1964 e 1972.

Instituições de Direito Romano. 1ª, 2ª, 3ª e 4ª edições, São Paulo, Editora Max Limonad, 1962, 1964, 1968 e 1970.

Processo Civil Romano. Roma, Trippi & Di Maria, 1962; 2ª ed., Belém, Gráfica Falangola, 1964.

História e Fontes do Direito Romano. São Paulo, Edição da Universidade de São Paulo - Editora Saraiva S.A., 1963; 2ª edição, São Paulo, Editora Saraiva S.A., 1974.

Novos e Velhos Temas de Direito. Rio de Janeiro, Cia. Editora Forense, 1973.

2. Discursos, conferências, teses, pareceres, estudos, ensaios e artigos

A. Literatura

“Frederico Schiller”, in Suplemento Literário do *Jornal do Comércio*, tomo IV, vol. 3, Rio de Janeiro. 25 dez. 1938.

“Ecos do Concílio Ecumênico”, in *Folha do Norte*, Belém, 1962.

“Oração Acadêmica” (Discurso de posse na cadeira nº 40 da Academia Paraense de Letras), in *Revista Acadêmica*, Belém, 1964.

“Panorama Nacional” (Comentários), in *Folha do Norte*, Belém, 1964 a 1966.

“Cartas da Alemanha”, in *Folha do Norte*, Belém, 1968.

“Oração na Academia Brasileira de Letras pelos premiados de 1970”, in *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio, 1970.

“Saudação a Dom Alberto Ramos, Arcebispo do Pará, na Academia Paraense de Letras”, in *Revista da Academia Paraense de Letras*, Belém, 1971.

“As Flores do Mal de Baudelaire” (Prefácio à tradução de Ignacio – Souza, Moitta). Belém, edição do Conselho Estadual de Cultura, Gráfica Falangola, 1973.

“O Centenário de Augusto Meira” (Conferência em sessão conjunta da Academia: Norte-Rio-Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do RGN, a 11 de dezembro de 1974.). (No *prelo*.)

“Pareceres no Conselho Federal de Cultura” publicados no *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, 1971 a 1974.

“Saudação a Josué Montello” (Discurso), in *Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº 12, Rio de Janeiro.

“Verão que se vai” (Tradução de Heine), in *Humboldt*, nº 13, Hamburgo.

“Oração de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará”.

B. Jurisprudência

- “Oração patriótica, como orador da turma de Oficiais da Reserva”. Belém, 1941.
- “A Legislação Social-Trabalhista” (Discurso de orador da turma de bacharéis). Belém, 1942.
- “A Ordem Econômica na Constituição Política do Estado”. Belém, Imprensa Oficial, 1947.
- “Esboço de um plano de Valorização Econômica da Amazônia”, in *Diário Oficial*, Belém, 1948.
- “Organização Judiciária do Estado, com Projeto de Código do Ministério Público” (Parecer apresentado à Assembléia Legislativa do Estado), in *Diário Oficial*, 1948.
- “Rui Barbosa e a Constituição Republicana” (Conferência). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.
- “Belterra, sua situação jurídica” (Monografia). Belém, Editora Barra, 1949.
- “Isenção de Impostos às Indústrias Novas”. Belém, Editora Barra, 1949.
- “O caso do Tribunal de Contas” (Parecer). Belém, Editora Barra, 1950.
- “O Município e a Valorização Econômica da Amazônia” (Tese apresentada ao II Congresso Nacional de Municípios de Petrópolis). Belém, Gráfica Falangola, 1952.
- “15.280 pareceres jurídicos como Consultor-Geral da Prefeitura Municipal de Belém – 1955 a 1967”, in *Arquivo da Consultoria-Geral da Prefeitura Municipal de Belém*.
- “A Margem de uma Recensão”, in *Label*, Catania (Itália), 1961.
- “A reestruturação na Universidade Federal do Pará” (Parecer). Belém, Editora Sagrada Família, 1969.
- “Júlio César e a Codificação do Direito Republicano”. São Paulo, *Revista dos Tribunais*, 1970.
- “Sobrevivência do Direito Romano no Brasil”, in *Etudes Offertes à Jean Macqueron*, Aix-en-Provence (França), 1969, e in *Revista Forense*, nº 234, Rio de Janeiro, 1971.
- “Oração da Hora Presente” (Discurso como orador da Turma Rodrigues Alves, dos diplomandos da Escola Superior de Guerra – Rio de Janeiro, 1970), in *Revista de Cultura do Pará*, nº 2, Belém, 1971.

- “Mandato-Comissão-Representação”, in *Revista Forense*, nº 236, Rio de Janeiro, 1971.
- “O pensamento criador de Teixeira de Freitas” (Conferência no Instituto dos Advogados Brasileiros), in *Revista do Instituto dos Advogados Brasileiros*, vols. XIII-XIV, Rio de Janeiro, 1971.
- “Direito Tributário Romano”, in *Revista Romanitas*, ns. IX e XI, Rio de Janeiro, 1971 e 1972.
- De Jure Vectigali Romano* (Direito Tributário Romano). (Conferência no I Colóquio Internacional de Direito Romano e Língua Latina – Rio de Janeiro, 1970), in *Revista Romanitas*, ns. X e XI, Rio de Janeiro, Romanitas Livraria Editora Ltda., 1971 e 1972.
- “A reforma do Código Civil Brasileiro” (Sugestões apresentadas à Comissão presidida pelo Prof. Miguel Reale em 1969), in *Revista Forense*, nº 243, Rio de Janeiro, 1973.
- “A Revolução de L. Junius Brutus e o horror dos Romanos pela Realeza” (Conferência na Universidade de Sassari). Sassari (Itália), 1973.
- “O caso do Cemitério de N. S. da Soledade” (Parecer), in *Boletim do Instituto dos Advogados do Pará*, nº 5, Belém, 1967.
- “Embargos ao Acórdão do Tribunal de Justiça do Estado do Pará” (Embar-gante Instituto Medicamenta Fontoura S.A.). São Paulo, 1969.
- “O Ato Adicional de 1834” (Discurso no Conselho Federal de Cultura), in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1973.
- “O Germanismo Precursor de Tobias Barreto” (Menção especial no concurso Thomas Mann, promovido pela Embaixada da Alemanha e União Brasileira de Escritores), in *Revista Jurídica do I.A.A.*, nº 123, Rio de Janeiro, 1974.
- “Tobias Barreto als Vorläufer des Germanismus in Brasilien” (Versão alemã), in *Revista Jurídica do I.A.A.*, nº 123, 1974.
- “Três Décadas de República – de 1930 a 1960” (Ensaio jurídico-histórico inédito).

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Silvio Meira foi um dos primeiros escritores brasileiros a dar voz literária à Amazônia profunda, longe dos estereótipos exóticos ou idealizados. Sua escrita nasce do chão da floresta e das histórias silenciadas dos que nela vivem e resistem. Advogado, professor, jornalista e romancista, Meira dedicou sua obra a iluminar conflitos sociais, ambientais e humanos esquecidos pelo centro do país.

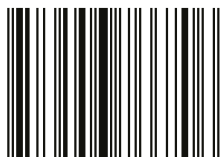
Com *O Ouro do Jamanxim*, ele construiu um romance de rara força narrativa, que expõe, com lirismo e crueza, os dilemas de uma região marcada pela cobiça e pela luta pela sobrevivência. Ao lado de *Os Bala-teiros do Maicuru* e *Os Náufragos do Carnapijó*, este livro integra a Trilogia de Romances Amazônicos, conjunto premiado que marcou a literatura brasileira com sua densidade ética e literária.

Mais que um retrato do passado, esta obra nos lança ao presente — um presente em que a Amazônia ainda arde e precisa ser ouvida. Meira nos convida, com lucidez e beleza, a não desviar os olhos.

A TRILOGIA DE ROMANCES AMAZÔNICOS DE SILVIO MEIRA

Silvio Meira, com sua escrita profundamente enraizada na realidade amazônica, nos presenteia com a Trilogia de Romances Amazônicos, composta por *O Ouro do Jamanxin*, *Os Balateiros do Maicuru* e *Os Náufragos do Carnapijô*. Cada obra oferece uma janela única para o universo amazônico, destacando as riquezas, os desafios e as histórias humanas que emergem desse cenário de beleza e contrastes. Esses três romances formam um conjunto literário indispensável, que dialoga com as questões contemporâneas sobre a preservação da Amazônia e os impactos da exploração sobre as comunidades locais. A trilogia se consolida como um marco na literatura brasileira, lembrando-nos da urgência de proteger tanto os recursos naturais quanto as histórias humanas que moldam essa região única.

SILVIO MEIRA: Professor Catedrático e Emérito da Universidade Federal do Pará. Membro Fundador da Academia Brasileira de Letras Jurídicas (ABLJ). Prêmio Machado de Assis (ABL). Prêmio Teixeira de Freitas (IAB). Prêmio Pontes de Miranda (ABLJ). Medalha “Verdienstkreuz”, em 1ª classe, da República Federal da Alemanha. Diploma “Ami de Paris” (Conselho Municipal de Paris). Jurista. Jurisconsulto. Advogado.



9 786556 766706



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

